



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

María Alejandra Godoy Roa

A variabilidade em construções fraseológicas do espanhol:
um estudo cognitivo baseado no uso

Florianópolis
2022

María Alejandra Godoy Roa

A variabilidade em construções fraseológicas do espanhol:
um estudo cognitivo baseado no uso

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leandra Cristina de Oliveira

Florianópolis

2022

Godoy Roa, María Alejandra

A variabilidade em construções fraseológicas do espanhol : um estudo cognitivo baseado no uso / María Alejandra Godoy Roa ; orientadora, Leandra Cristina de Oliveira , 2022.

194 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Construções fraseológicas. 3. Fraseologia. 4. Linguística Cognitiva. 5. Gramática do uso. I. , Leandra Cristina de Oliveira. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

María Alejandra Godoy Roa

A variabilidade em construções fraseológicas do espanhol:

um estudo cognitivo baseado no uso

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^ª. Dr^ª. Edair Maria Gorski (UFSC)

Prof. Dr. Heronides M. M. Moura (UFSC)

Prof^ª. Dr^ª. Luizete Guimarães Barros (UEM)

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes (UFCE)

Prof^ª. Dr^ª. Carla Regina Martins Valle (UFSC)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística

Prof^ª. Dr^ª. Leandra Cristina de Oliveira (UFSC)

Orientadora

Florianópolis, 2022.

Para María Antonia e María Helena.

AGRADECIMENTOS

Sou quem sou hoje pelos passos andados e os caminhos percorridos.

Pela aprendizagem que cada minuto vivido me traz.

Por cada coisa que ganho e cada coisa que perco, por cada escolha e cada renúncia.

Por estar formando uma vida longe da minha família.

Por saber que, algum dia, saberei voltar...

Sou o resultado dos meus maiores medos e certezas, combinados com uma Fé que me move, e o resultado de ter tido ao meu redor os melhores exemplos de vida que alguém poderia ter.

Sentir-se grata depois de um processo tão desafiador parece que faz o coração se sentir pequeno. Nele, não cabe a imensa alegria de ter finalizado este trabalho, que estive cheio de momentos pelos quais jamais imaginei passar, menos ainda durante uma pandemia que me fez ver, a partir de outra perspectiva, meus objetivos e desejos. Isso me levou a ter certeza de que, sem Deus, não há sentido neste mundo. Hoje, vejo que apesar de tudo – ou talvez por conta de tudo – minha eterna gratidão está com Quem nunca me deixou desfalecer.

Ao meu pai, meu maior exemplo de disciplina e trabalho duro...

À minha mãe, meu maior exemplo de Fé...

Ao meu irmão, meu maior exemplo de superação...

Às minhas sobrinhas, Maria Antonia e Maria Helena, meus maiores exemplos de amor, para as quais também espero ser um exemplo.

À Marisol, minha querida psicóloga, por me ajudar a recuperar minha saúde mental durante este processo. Certamente, eu não teria chegado ao final desta etapa sem sua ajuda. Sem terapia eu nada seria!

À Andrea, por ouvir os desabafos, por me encorajar, por reconhecer, ver e me mostrar meus próprios esforços, conquistas e fortalezas quando, em meio ao desânimo, nem eu mesma conseguia ver. Obrigada por cada palavra de apoio, cada momento, cada conversa... enfim... obrigada por ser amiga de verdade!

Ao Felipe, presente desde o início da minha vida acadêmica no Brasil, por seu imenso carinho e apoio ao longo de todos estes anos, por estar sempre presente, por me encorajar a ficar e não sair correndo. Por festejar comigo a finalização desta etapa.

Às minhas queridas *Liyvias* – Lyvia e Livia –, por compartilharem cada momento e etapa da vida acadêmica, principalmente as alegrias e as conquistas.

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Leandra Cristina de Oliveira. Não tenho palavras para expressar o que você significa na minha vida. Obrigada por sua paciência infinita, por cada “puxão de orelha”, por sua confiança, por sua amizade.... Por acreditar na minha pesquisa e por não desistir de mim, quando eu mesma teria desistido.

Aos professores membros da banca, presentes ao longo da minha trajetória desde o mestrado, que me guiaram e inspiraram quando eu não sabia nada sobre Linguística, quando na verdade nem eu sabia exatamente os rumos que tomaria.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*Arriba morocha, que nadie está muerto,
vamos a punguearle a esta vida amarreta un ramo de sueños.
Avanti morocha, no nos llueve tanto,
no tires la toalla que hasta los más mancos la siguen remando.
No tires la toalla que hasta los más mancos...*

Avanti morocha
Los Caballeros de la Quema

RESUMO

Com base nos resultados da pesquisa de mestrado (GODOY ROA, 2017), apresenta-se esta tese, que pretende ampliar a pesquisa do fenômeno fraseológico sob uma perspectiva a partir da qual se busca descrever o objeto de estudo como um fenômeno cognitivo-construcional, que varia na sua estrutura devido a uma possível identificação das suas partes internas, razão pela qual se decidiu chamá-las de construções fraseológicas (CFs). Assim e tomando como ponto de partida o debate entre os postulados da Fraseologia e conceitos ancorados na corrente da Linguística Cognitiva – tais como a corporização, o conhecimento enciclopédico, a categorização, a analogia, a memória, a associação e o *chunking* –, o presente trabalho busca contribuir com os estudos sobre o fenômeno que vêm mostrando a existência de variabilidade, colocando em dúvida a natureza fixa dos fraseologismos como descritos na tradição da teoria fraseológica. As análises se sustentam em dois tipos de amostra: (i) dados extraídos de três *corpora* do espanhol – CREA e CORPES, da Real Academia Espanhola, e o *Corpus del Español*, da Universidade Brigham Young; e (ii) a aplicação de um instrumento com dois testes de aceitabilidade gramatical. Os resultados mostraram que as duas CFs selecionadas para a análise – *tirar la toalla* e *poner el grito en el cielo* – licenciam a variabilidade na sua estrutura interna sem comprometer o conteúdo idiomático, principalmente no que tange à substituição do núcleo verbal da construção. Os dados da CF *tirar la toalla* apresentam mais frequência de ocorrência nos *corpora* consultados, assim como mais variabilidade, licenciando tanto a modificação do verbo empregado quanto a modificação do material lexical utilizado no complemento da construção – sendo este último caso menos frequente, mas não inexistente. Essa CF mostrou que a troca do verbo é realizada por verbos de semântica similar. Nessa direção, a CF *poner el grito en el cielo* mostrou que permite a variação no que diz respeito à troca no seu núcleo verbal, apresentando usos com nove verbos diferentes. No entanto, a segunda CF em análise não apresentou variabilidade no material lexical na posição de complemento da construção. Na análise das duas CFs, foi possível observar que a troca ou substituição no núcleo verbal da estrutura se dá por relações semânticas entre verbos semelhantes, que vão estendendo a rede de relações construcionais e formando as possíveis variantes das CFs através de mecanismos cognitivos, como a analogia e a associação transmodal. Considerando os resultados da análise dos 1.100 dados, a hipótese de que as CFs possuam uma certa composicionalidade, ou seja, de que sejam estruturas formadas por uma sequência de componentes, é confirmada e se sustenta não apenas na perspectiva da Linguística Cognitiva, mas, também, na análise do uso.

Palavras-chave: Construções fraseológicas. Fraseologia. Linguística Cognitiva. Gramática do uso.

RESUMEN

A partir de los resultados de la investigación de maestría (GODOY ROA, 2017), se presenta esta tesis que pretende ampliar la investigación del fenómeno fraseológico bajo una perspectiva desde la cual se busca describir este objeto de estudio como un fenómeno cognitivo-construccional que varía en su estructura debido a la posible identificación de sus partes internas, por lo que se decidió llamarlas construcciones fraseológicas (CFs). De este modo y partiendo del debate entre los postulados de la Fraseología y conceptos anclados en la corriente de la Lingüística Cognitiva – como corporeización, conocimiento enciclopédico, categorización, analogía, memoria, asociación y *chunking* –, este trabajo busca contribuir a los estudios del fenómeno que han mostrado la existencia de variabilidad, poniendo en duda el carácter fijo de los fraseologismos tal y como se describe en la teoría fraseológica. Los análisis se apoyan en dos tipos de muestras: (i) datos extraídos de tres corpus de español – CREA y CORPES, de la Real Academia Española, y el Corpus del Español, de la Universidad Brigham Young; y (ii) la aplicación de un instrumento con dos pruebas de aceptabilidad gramatical. Los resultados mostraron que las dos CFs seleccionadas para el análisis – *tirar la toalla* y *poner el grito en el cielo* – le dan licencia a la variabilidad en su estructura interna sin comprometer el contenido idiomático, principalmente en lo que se refiere a la sustitución del núcleo verbal de la construcción. Los datos de la CF *tirar la toalla* presentan una mayor frecuencia de aparición en los corpus consultados, así como una mayor variabilidad, permitiendo tanto la modificación del verbo empleado como la modificación del material léxico utilizado en el complemento de la construcción, siendo este último caso menos frecuente, pero no inexistente. Esta CF demostró que el cambio del verbo se realiza con verbos de semántica similar. En la misma dirección, la CF *poner el grito en el cielo* mostró que permite la variación en lo que respecta al cambio en su núcleo verbal, presentando usos con nueve verbos diferentes. Sin embargo, esta segunda CF en análisis no presentó variabilidad en el material léxico en la posición de complemento de la construcción. En el análisis de las dos CFs, se pudo observar que el cambio o sustitución en el núcleo verbal de la estructura se produce por relaciones semánticas entre verbos similares, que amplían la red de relaciones construccionales y forman las posibles variantes de las CFs a través de mecanismos cognitivos, como la analogía y la asociación transmodal. Teniendo en cuenta los resultados del análisis de los 1.100 datos, la hipótesis de que las CFs tengan una cierta composicionalidad, es decir, sean estructuras formadas por una secuencia de componentes, se confirma y apoya no solo desde la perspectiva de la Lingüística Cognitiva, sino, también, en el análisis del uso.

Palabras clave: Construcciones fraseológicas. Fraseología. Lingüística Cognitiva. Gramática del uso.

ABSTRACT

Based on the results of the master's research (GODOY ROA, 2017), this thesis is presented, with the intention of expanding the research of the phraseological phenomenon from a perspective in which it seeks to describe this object of study as a cognitive-constructional phenomenon that varies in its structure due to the possible identification of its internal parts, which is why we decided to call them Phraseological Constructions (CFs). Thus, and starting from the debate between the postulates of Phraseology and concepts anchored in the field of Cognitive Linguistics – such as embodiment, encyclopedic knowledge, categorization, analogy, memory, association and chunking –, this work seeks to contribute to studies of the phenomenon that have shown the existence of variability, calling into question the fixed nature of phraseologisms as described in Phraseological theory. We support our analyses on two types of samples: (i) data extracted from three Spanish corpora – CREA and CORPES from the *Real Academia Española*, and the *Corpus del Español* from Brigham Young University; and (ii) the application of an instrument with two grammatical acceptability tests. The results showed that the two CFs selected for the analysis – *tirar la toalla* and *poner el grito en el cielo* – license variability in their internal structure without compromising the idiomatic content, especially regarding the substitution of the construction's verbal nucleus. The data from CF *tirar la toalla* present more frequency of occurrence in the corpora consulted, as well as more variability, licensing both the modification of the verb used and the modification of the lexical material used in the complement of the construction, the latter less frequent, but not inexistent. This CF showed that the change of the verb used is observed with verbs of similar semantics. In the same way, the CF *poner el grito en el cielo* showed that it allows the variation in terms of exchange in its verbal nucleus, presenting uses with nine different verbs. However, this second CF under analysis did not show variability in the lexical material in the position of the complement of the construction. In the analysis of the two CFs we observed that the exchange or substitution in the verbal nucleus of the structure occurs through semantic relations between similar verbs, which extend the network of constructional relations and form the possible variants of the CFs through domain-general cognitive processes such as analogy and cross-modal association. Considering the results of the analysis of the 1,100 data points, the hypothesis that CFs have a certain compositionality, that is, they are structures composed of a sequence of components, is confirmed and supported by the perspective of cognitive linguistics, as well as, in the analysis of usage.

Keywords: Phraseological constructions. Phraseology. Cognitive Linguistics. Usage-based grammar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Inventário de variantes das UFs	48
Figura 2 – Relação dos idiomatismos com seus componentes lexicais: <i>pull strings</i>	78
Figura 3 – Relação dos idiomatismos com seus componentes lexicais: <i>spill the beans</i>	78
Figura 4 – Representação da análise de <i>spill the beans</i>	79
Figura 5 – Relação do idiomatismo <i>poner el grito en el cielo</i> com seus componentes lexicais e gramaticais.....	80
Figura 6 – Relação de componentes em uma ocorrência de <i>poner el grito en el cielo</i>	81
Figura 7 – Relação entre a Fraseologia e a Gramática de Construções.....	91
Figura 8 – <i>Continuum</i> do léxico à gramática.....	91
Figura 9 – Relação da CF <i>tirar la toalla</i> com seus componentes lexicais e gramaticais	135
Figura 10 – Relação dos componentes com variabilidade de material lexical na CF <i>tirar la toalla</i>	139
Figura 11 – Relação da CF <i>tirar la toalla</i> com componentes lexicais e gramaticais possíveis.....	141
Figura 12 – Rede de construções da variabilidade da CF <i>tirar la toalla</i> no nível lexical	144
Figura 13 – Relação entre a variabilidade dos componentes da CF <i>tirar la toalla</i>	145
Figura 14 – Relação da CF <i>poner el grito en el cielo</i> com componentes lexicais e gramaticais possíveis	155
Figura 15 – Rede de construções da variabilidade da CF <i>poner el grito en el cielo</i> no nível lexical	157
Figura 16 – Relação entre a variabilidade dos componentes da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	158

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fraseologismos: tipos e designações	42
Quadro 2 – Tipos de idiomatismos comparados com expressões sintáticas regulares.....	76
Quadro 3 – Comparação de seqüências sintáticas em uma ocorrência de <i>poner el grito en el cielo</i>	81
Quadro 4 – Comparação das principais características do fenômeno idiomático	86
Quadro 5 – Convergências na comparação da classificação do fenômeno	87
Quadro 6 – Codificação da variável “construção fraseológica” (V1)	104
Quadro 7 – Codificação da variável “tipo de construção” (V2).....	105
Quadro 8 – Codificação da variável “ordem dos componentes” (V3)	107
Quadro 9 – Codificação da variável “núcleo verbal” (V4)	107
Quadro 10 – Codificação da variável “material lexical utilizado” (V5)	107
Quadro 11 – Codificação da variável “verbo utilizado” na CF <i>tirar la toalla</i> (V6).....	109
Quadro 12 – Codificação da variável “verbo utilizado” na CF <i>poner el grito en el cielo</i> (V7).....	110
Quadro 13 – Codificação da variável “[X2]” (V8).....	111
Quadro 14 – Representação dos complementos adverbiais	111
Quadro 15 – Codificação da variável “material lexical utilizado” na CF <i>tirar la toalla</i> (V8).....	112
Quadro 16 – Codificação da variável “material lexical utilizado” na CF <i>poner el grito en el cielo</i> (V9).....	112
Quadro 17 – Codificação dos países.....	113
Quadro 18 – Comparação de construções fraseológicas com variabilidade	116
Quadro 19 – Teste de aceitabilidade: ocorrências selecionadas da CF <i>tirar la toalla</i>	117
Quadro 20 – Teste de aceitabilidade: ocorrências selecionadas da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	117
Quadro 21 – Teste de Cloze: ocorrências selecionadas da CF <i>tirar la toalla</i>	120
Quadro 22 – Teste de Cloze: ocorrências selecionadas da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição do número total de dados encontrados nos <i>corpora</i>	96
Tabela 2 – Distribuição do número de dados nos <i>corpora</i> por construção fraseológica.....	96
Tabela 3 – Opções de busca no CORPES para a CF <i>tirar la toalla</i>	98
Tabela 4 – Opções de busca no CORPES para a CF <i>poner el grito en el cielo</i>	99
Tabela 5 – Número total de ocorrências por construção fraseológica.....	101
Tabela 6 – Número total de ocorrências por tipo de construção	103
Tabela 7 – Distribuição dos dados dos participantes nos testes aplicados	125
Tabela 8 – Total de combinações sintáticas encontradas na análise	126
Tabela 9 – Ordem esperada vs. modificada	127
Tabela 10 – Verbo esperado vs. modificado.....	128
Tabela 11 – Material lexical esperado vs. modificado	128
Tabela 12 – Distribuição de países nos dados em <i>corpora</i>	128
Tabela 13 – Ocorrências com variabilidade das CFs em análise	131
Tabela 14 – Tipos de variabilidade nas CFs analisadas	133
Tabela 15 – Distribuição da CF <i>tirar la toalla</i> nos <i>corpora</i>	135
Tabela 16 – Combinações sintáticas encontradas na análise da CF <i>tirar la toalla</i>	136
Tabela 17 – Verbo esperado vs. modificado na análise da CF <i>tirar la toalla</i>	136
Tabela 18 – Verbo utilizado nas ocorrências da CF <i>tirar la toalla</i>	137
Tabela 19 – Ordem esperada vs. modificada na análise da CF <i>tirar la toalla</i>	139
Tabela 20 – Material lexical esperado vs. modificado na análise da CF <i>tirar la toalla</i>	139
Tabela 21 – Material lexical nas ocorrências da CF <i>tirar la toalla</i>	139
Tabela 22 – Material extra encontrado na análise da CF <i>tirar la toalla</i>	140
Tabela 23 – Distribuição dos países nas ocorrências da CF <i>tirar la toalla</i>	146
Tabela 24 – Distribuição da CF <i>poner el grito en el cielo</i> nos <i>corpora</i>	148
Tabela 25 – Combinações sintáticas encontradas na análise da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	148
Tabela 26 – Verbo esperado vs. modificado na análise da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	149
Tabela 27 – Verbo utilizado nas ocorrências da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	150
Tabela 28 – Ordem esperada vs. modificada na análise da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	151
Tabela 29 – Material lexical esperado vs. modificado na análise da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	151
Tabela 30 – Material lexical nas ocorrências da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	152

Tabela 31 – Material lexical dentro do [SPREP] da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	152
Tabela 32 – Material extra encontrado na CF <i>poner el grito en el cielo</i>	154
Tabela 33 – Distribuição dos países nas ocorrências da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	159
Tabela 34 – Aceitabilidade de uso da CF <i>tirar la toalla</i> com sua estrutura esperada	160
Tabela 35 – Aceitabilidade de uso com variabilidade no verbo principal da CF <i>tirar la toalla</i>	161
Tabela 36 – Aceitabilidade de uso com variabilidade no inventário de componentes da CF <i>tirar la toalla</i>	161
Tabela 37 – Aceitabilidade de uso com mais de um tipo de variabilidade no inventário de componentes da CF <i>tirar la toalla</i>	162
Tabela 38 – Aceitabilidade de uso com variabilidade no inventário de componentes do complemento da CF <i>tirar la toalla</i>	163
Tabela 39 – Contexto 1: Teste de Cloze para a CF <i>tirar la toalla</i>	164
Tabela 40 – Contexto 2: Teste de Cloze para a CF <i>tirar la toalla</i>	164
Tabela 41 – Contexto 3: Teste de Cloze para a CF <i>tirar la toalla</i>	165
Tabela 42 – Contexto 4: Teste de Cloze para a CF <i>tirar la toalla</i>	166
Tabela 43 – Contexto 5: Teste de Cloze para a CF <i>tirar la toalla</i>	166
Tabela 44 – Aceitabilidade de uso da estrutura esperada da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	168
Tabela 45 – Aceitabilidade de uso com variabilidade no inventário de componentes da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	168
Tabela 46 – Aceitabilidade de uso com variabilidade no inventário de componentes da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	169
Tabela 47 – Aceitabilidade de uso com variabilidade no verbo principal da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	169
Tabela 48 – Aceitabilidade de uso com variabilidade na ordem dos componentes da CF <i>poner el grito en el cielo</i>	170
Tabela 49 – Contexto 1: Teste de Cloze para a CF <i>poner el grito en el cielo</i>	171
Tabela 50 – Contexto 2: Teste de Cloze para a CF <i>poner el grito en el cielo</i>	172
Tabela 51 – Contexto 3: Teste de Cloze para a CF <i>poner el grito en el cielo</i>	172
Tabela 52 – Contexto 4: Teste de Cloze para a CF <i>poner el grito en el cielo</i>	172
Tabela 53 – Contexto 5: Teste de Cloze para a CF <i>poner el grito en el cielo</i>	174

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Exemplo do livro <i>El porqué de los dichos</i>	33
Imagem 2 – Enumeração de exemplos e características do CREA.....	100
Imagem 3 – Enumeração de exemplos e características do <i>Corpus del Español</i>	102
Imagem 4 – Enumeração de exemplos e características do CORPES	101
Imagem 5 – Testes de aceitabilidade e Cloze: coleta de dados do perfil do participante	115
Imagem 6 – Teste de aceitabilidade: exemplo de pergunta.....	118
Imagem 7 – Teste de Cloze: exemplo de sentença a ser preenchida.....	122
Imagem 8 – Resultados de busca no Google Imagens para a CF <i>tirar la toalla</i>	175
Imagem 9 – Resultados de busca no Google Imagens para a CF <i>poner el grito en el cielo</i> ..	175

LISTA DE SIGLAS

CA – Complemento adverbial

CF – Construção fraseológica

GC – Gramática de Construções

LC – Linguística Cognitiva

UF – Unidade fraseológica

SUMÁRIO

1	Introdução	19
1.1	Nossos estudos antecedentes e configuração da pesquisa	22
1.2	Especificações da pesquisa: objetivos e hipóteses.....	25
1.3	Organização da tese	28
2	Universo fraseológico: da compilação de frases feitas ao nascimento de uma disciplina independente.....	31
2.1	Breve panorama histórico da Fraseologia.....	31
2.2	Unidades fraseológicas como expressões fixas: a tradição fraseológica.....	38
2.2.1	Fixação	39
2.2.2	Idiomaticidade	40
2.3	Classificação das unidades fraseológicas	42
2.4	Aproximações ao estudo da variabilidade	44
2.4.1	O problema das variantes	46
2.5	Entre a fixação e a variabilidade: testando os critérios da Fraseologia tradicional.....	49
3	Linguística Cognitiva como paradigma que fundamenta a perspectiva de análise.....	55
3.1	Princípios da LC para uma análise cognitiva do fenômeno idiomático	56
3.2	Concepção de um modelo baseado no uso: entre a Gramática Cognitiva e a Gramática Construcional.....	63
3.3	Idiomatismos como ponto de partida de uma nova perspectiva de análise linguística.....	70
3.3.1	Características dos idiomatismos na perspectiva cognitivista.....	73
3.3.2	Variabilidade nas construções: frequência, processamento e <i>entrenchment</i>..	83
3.4	O fenômeno sob o diálogo teórico: convergências e divergências entre a Fraseologia e a Linguística Cognitiva	85
4	Aspectos metodológicos	93
4.1	Constituição da amostra em <i>corpora</i>	94

4.1.1	Corpora e realização da busca	96
4.2	Análise dos dados da amostra em <i>corpora</i>	101
4.2.1	Programa estatístico	103
4.2.2	Variáveis de controle para a análise sintática das CFs selecionadas	104
4.2.2.1	<i>Grupos de fatores</i>	105
4.3	Desenho dos testes de aceitabilidade e Cloze	113
4.3.1	Teste de aceitabilidade	116
4.3.2	Teste de Cloze.....	119
5	Descrição e representação das CFs em análise: um olhar sobre a variabilidade	123
5.1	Visão global dos resultados	124
5.1.1	Características das unidades fraseológicas na amostra em <i>corpora</i>	130
5.1.2	Características dos idiomatismos na amostra em <i>corpora</i>	132
5.2	Descrevendo as CFs da amostra à luz da perspectiva cognitivo-construcional...	133
5.2.1	Variabilidade de <i>tirar la toalla e poner el grito en el cielo</i>	133
5.2.2	Grau de aceitabilidade por parte de falantes	160
5.3	Respondendo às perguntas e testando as hipóteses	176
6	Considerações finais	181
	Referências	186

1 INTRODUÇÃO

Quando se trata do fenômeno fraseológico, existe a curiosidade de falantes nativos das línguas e também de estudiosos da Linguística, Lexicografia, Semântica e Tradução, por citar alguns. Os pesquisadores têm se voltado a analisar, a partir de diversas perspectivas, um fenômeno que está presente no dia a dia da linguagem e que faz parte do conhecimento enciclopédico dos falantes de qualquer idioma (LANGACKER, 1987; CORPAS PASTOR, 1994; 1996; 2003; GARCÍA-PAGE, 1995; 1999; 2001; 2007; GARCÍA BENITO, 1997; RUIZ GURILLO, 1997; BYBEE, 1998; 2006; 2010; 2016; GOLDBERG, 2003; 2006; ALVARADO ORTEGA, 2008; CROFT; CRUSE, 2008; PERAMOS SOLER; BATISTA RODRÍGUEZ, 2008). As coloquialmente denominadas expressões idiomáticas representam um desafio quando o pesquisador interessado busca explicar seu comportamento, sua frequência de ocorrência, seus significados semânticos, as variantes sociolinguísticas que evidenciam a presença da variabilidade e, por fim, também existe a tentativa de responder à pergunta: os idiomatismos fazem parte da gramática?

Por razões como essas, o universo dos idiomatismos representa um campo amplo, que pode se servir de diferentes correntes de estudo, dentro e fora da Linguística, para tentar encontrar seu lugar nas línguas. A maioria dos trabalhos que estudam o fenômeno se encontra dentro da Fraseologia – disciplina que explicaremos, detalhadamente, no Capítulo 2. Outros estudos, no âmbito da Tradução ou da Linguística, vêm oferecendo há algumas décadas visões que expandem esse pensamento e que conseguem estabelecer inter-relações entre as disciplinas, proporcionando olhares e análises que vão além da Lexicografia (LANGLOTZ, 2006; WULFF, 2008; RUIZ GURILLO, 2010).

Os estudos do fenômeno fraseológico têm percorrido décadas e levantado o interesse de vários pesquisadores ao longo do tempo. Trata-se de um fenômeno recorrente na língua em uso. Esta última, porém, às vezes é deixada de lado no panorama dos estudos descritivos das diferentes línguas naturais. É nesse cenário que nasce a Fraseologia como a disciplina linguística que se especializa no estudo, mais especificamente na descrição, das chamadas unidades fraseológicas (UFs), com trabalhos focados principalmente no registro e descrição de UFs de idiomas como o russo, o alemão, o inglês e o francês, e que serviram de base para que pesquisadores da língua espanhola passassem a olhar para o fenômeno (CORPAS PASTOR, 1994; 1996; GARCÍA-PAGE, 1995; 1999; 2001; 2007; GARCÍA BENITO, 1997; RUIZ GURILLO, 1997; ALVARADO ORTEGA, 2008; PERAMOS SOLER; BATISTA

RODRÍGUEZ, 2008). Nesse campo de estudo, pesquisadores apontam a dificuldade de descrever UFs, pois se trata de um fenômeno que durante vários anos foi considerado uma forma peculiar presente na fala de diferentes culturas, não fonte de pesquisas em âmbito científico (RUIZ GURILLO, 1997).

Em tal cenário, especificamente sobre a língua espanhola, encontramos estudos fraseológicos desenvolvidos por autores como Corpas Pastor (1996), Ruiz Gurillo (1997), García-Page (1999), entre outros, cujas pesquisas buscaram descrever de modo amplo os fraseologismos, ao mesmo tempo que trazem uma caracterização das propriedades das UFs e destacam a importância de analisar o fenômeno fora da periferia da gramática.

Considerando essas questões, a presente pesquisa busca contribuir com a análise do fenômeno fraseológico a partir de uma perspectiva cognitiva, utilizando ferramentas de análise da Gramática de Construções Baseada no Uso. Recorre-se, também, à corrente teórica da Linguística Cognitiva (LC) (LANGACKER, 1987; BYBEE, 1998; 2006; 2010; 2016; GOLDBERG, 2003; 2006; CROFT; CRUSE, 2008), pois não foi possível encontrar embasamento teórico suficiente dentro dos estudos fraseológicos que expliquem o comportamento das unidades fraseológicas, principalmente no que tange à variabilidade. Essa questão é encontrada e levantada na descrição que a Fraseologia realiza sobre o fenômeno, mas não é sustentada como característica inerente. Pelo contrário: nesse campo teórico, as UFs são consideradas “unidades que se comportam como um lexema, embora assumam a forma de uma combinação de palavras, isto é, de um sintagma ou de uma estrutura superior” (RUIZ GURILLO, 1997, p. 14, tradução nossa¹). Assim, nesse campo, as UFs são discretizadas e classificadas não como “essencialmente idiomáticas, mas como primordialmente fixas” (RUIZ GURILLO, 1997, p. 14, tradução nossa²).

Os estudos assentados na Fraseologia contribuem com a análise do fenômeno ao descrevê-lo tendo como centro e principal argumento a fixação, encontrando no caminho uma série de variações para as quais a teoria não oferece uma explicação satisfatória. Ela se concentra em afirmar que todas as variantes que se apresentam no uso das unidades fraseológicas são, por sua vez, fixas. Nesse sentido, mesmo quando a corrente fraseológica traz evidências de variabilidade, ela não inclui esta última como parte das suas características, ou seja, não problematiza a existência de variação no uso do fenômeno. O presente trabalho se vincula, justamente, a essa questão. Em outras palavras, buscamos contribuir com os estudos

¹ “unidades que se comportan como un lexema, aunque presentan la forma de una combinación de palabras, esto es, de un sintagma o de una estructura superior”.

² “las UFs no son esencialmente idiomáticas, sino primordialmente fijas”.

sobre o fenômeno, já que concentramos nossa análise na variabilidade de tais unidades para tentar responder a “como” essa variabilidade acontece. Cabe mencionar, também, que os estudos fraseológicos que fundamentam a teoria e que trazem à tona a variação não fazem uma descrição a partir de dados reais do uso da língua.

Essa observação também justifica o fato de recorrermos à Linguística Cognitiva como apoio para o estudo, levando em conta algumas razões. Primeiramente, porque partimos do pressuposto de que o comportamento fraseológico deve ser considerado não apenas uma parte importante da gramática, mas também ser visto como um fenômeno cognitivo, já que ele ativa na cognição humana vários elementos importantes – os domínios cognitivos, por exemplo. Segundo, porque acreditamos que os mecanismos proporcionados pela Gramática de Construções (GC) são mais adequados para a descrição do comportamento sintático do fenômeno fraseológico, pois a Fraseologia parece se situar em âmbito lexicográfico, sem olhar para o fenômeno como parte da gramática. Por fim, porque a corrente cognitivista tem como fundamento de análise os modelos baseados no uso, os quais se baseiam em dados reais da língua.

Assim, busca-se expandir a pesquisa sobre o fenômeno fraseológico sob a perspectiva da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987; BYBEE, 1998; 2006; 2010; 2016; CROFT; CRUSE, 2008), entendendo-a como a corrente teórica que oferece um ambiente oportuno para a análise da variabilidade dentro do fenômeno idiomático. Recorremos a conceitos como a corporização do significado, o conhecimento enciclopédico e sua relação com a expressão metafórica, bem como domínios cognitivos de categorização, analogia e associação. A intenção é contribuir com os estudos dos idiomatismos como algo que faz parte da gramática e que pertence a um emaranhado de redes e de construções, as quais são atravessadas e geradas por mecanismos cognitivos que se formam, estabelecem e permitem a variação e a mudança dentro da língua, quando utilizada de modo constante pelos falantes.

Seguindo esse direcionamento teórico, chegamos às construções fraseológicas (CFs)³, que, sob o escopo da Fraseologia (CORPAS PASTOR, 1996; 2003; RUIZ GURILLO, 1997; GARCÍA-PAGE, 1999), são conhecidas como unidades fraseológicas. No referido campo teórico, define-se o fenômeno como “unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas no seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração

³ Termo adotado desde estudos anteriores para fazer referência ao fenômeno considerando uma interface entre os estudos fraseológicos e a Gramática de Construções (GODOY ROA, 2017).

composta” (tradução nossa⁴). Trata-se de um tipo de fenômeno existente nas diferentes línguas, o qual costuma aparecer da mesma forma quando utilizado pelos falantes.

O fenômeno fraseológico tem sido objeto de diversos estudos nos últimos anos e em diversas áreas: no âmbito da Linguística, podemos citar Beckhauser (2014) e Costa (2014); e no âmbito da Tradução, Xatara (2001), Noimann (2007), Carvalho Rios (2009). São estudos que, na sua maioria, concentram-se em explicar a complexidade da tradução desse tipo de estrutura, fechando sua lente para correspondências de significado, mais do que para o nível gramatical. Há vários trabalhos sobre o fenômeno, mas poucos consideram uma perspectiva que relacione forma e significado. Apesar disso, é possível encontrar pesquisas que buscam contribuir preenchendo a lacuna de estudos mais gramaticais sobre o fenômeno, realizando análises com a lente mais focada na variabilidade em contraposição à fixação e ancorados dentro da Fraseologia (CORPAS PASTOR, 1996; 2003; RUIZ GURILLO, 1997; GARCÍA-PAGE, 1999; MENA MARTÍNEZ, 2003; DOBROVOL'SKIJ, 2016). No âmbito da Linguística, há estudos voltados a unidades fraseológicas da língua inglesa, que utilizam como ferramenta de análise a Gramática de Construções (WULFF, 2008) e conceitos como esquemas imagéticos, prototipicidade e a metáfora conceitual da Linguística Cognitiva (LANGLOTZ, 2006), retomando as primeiras discussões levantadas por autores como Nunberg, Sag e Wasow (1994) e Fillmore, Kay e O'Connor (1988), quando se começava a pensar na estrutura da construção como base da estrutura da gramática.

1.1 NOSSOS ESTUDOS ANTECEDENTES E CONFIGURAÇÃO DA PESQUISA

A situação que marcou o ponto de partida dos meus estudos sobre o fenômeno fraseológico ocorreu em 2015, quando no início da pesquisa de mestrado e da Semana de Letras, da Universidade Federal de Santa Catarina, comecei a observar a amostra fílmica utilizada no CEEMO⁵, com especial atenção à tradução das expressões idiomáticas do filme *Rio* nas versões em espanhol peninsular, espanhol neutral⁶ e português brasileiro. Nessa amostra coletada, a diferença tradutória entre expressões como “vocês são que nem feijão com arroz” ou “dar um ar de sua graça” era muito notável, as quais foram traduzidas como *ustedes son el uno para el otro e unirte a nuestra linda pachanga*, respectivamente. Mesmo

⁴ “(...) unidades fraseológicas (UFs) – objeto de estudio de la fraseología – son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta”.

⁵ *Núcleo de Estudios en Corpus del español escrito con marcas de oralidad*.

⁶ Para mais informações sobre a discussão do espanhol neutral, ver Albano (2015).

tendo conhecimento sobre as duas línguas, esses dois exemplos já são suficientes para demonstrar que explicar o fenômeno não é tarefa fácil. A partir dessa primeira aproximação, foram surgindo perguntas, que aumentavam conforme eu ia me aprofundando no objeto e encontrando estudos que abordam as dificuldades na tradução de idiomatismos (XATARA, 2001; NOIMANN, 2007; CARVALHO RIOS, 2009; BECKHAUSER, 2014; COSTA, 2014; entre outros).

Nessa jornada, percebi que encontrar estudos que abordassem o fenômeno a partir de um viés gramatical não era algo tão simples. Assim, notei que grande parte dos trabalhos que olham para esse objeto e recorrem a estudos linguísticos datam, principalmente, da década de 1960, quando nasce a corrente da Linguística Cognitiva como uma nova forma de pensar a gramática e os elementos que fazem parte dela⁷. Há pesquisas mais recentes (WULFF, 2013; ZAMORA MUÑOZ, 2015; DOBROVOL'SKIJ, 2016; 2021; DOBROVOL'SKIJ; PIIRAINEN, 2018; GODOY ROA, 2017; OLIVEIRA; GODOY ROA, 2020; CORPAS PASTOR, 2021) e também é possível encontrar estudos realizados entre 2001 e 2010 (CORPAS PASTOR, 2001; 2003; LANGLOTZ, 2001; MENA MARTINEZ, 2002; 2003; ALVARADO ORTEGA, 2008; PERAMOS SOLER; BATISTA RODRÍGUEZ, 2008; WULFF, 2008; RUIZ GURILLO, 2010) que se servem de pressupostos e conceitos da Linguística Cognitiva e do Funcionalismo Linguístico, para analisar os fraseologismos como um fenômeno que faz parte da gramática das línguas e que, portanto, não deve ser classificado como arbitrário.

Paralelamente a tais descobertas e a um despertar de pesquisadora, comecei a observar que, como professora de espanhol como língua estrangeira, não era fácil encontrar um espaço para ensinar esse tipo de expressão, que fosse além das equivalências semânticas nas duas línguas – português e espanhol – ou dos significados em determinados contextos comunicativos. Em outras palavras, não encontrava, entre os estudos e as leituras, trabalhos que conversassem sobre limites gramaticais no uso das expressões. Foi nesse contexto que o caminho da minha pesquisa de mestrado começou a se desenhar, a qual teve como objetivo “determinar como se estabelece a fixação das construções fraseológicas⁸ em termos de Tempo e Aspecto verbal” (GODOY ROA, 2017, p. 27), estabelecendo um diálogo entre a teoria da Fraseologia e os domínios funcionais de Tempo e Aspecto, com o propósito de estabelecer se

⁷ Como veremos no Capítulo 3, é a partir da preocupação em encontrar um lugar para os idiomatismos dentro da gramática que surgem as diversas gramáticas da construção.

⁸ Termo adotado em Godoy Roa (2017) para se referir ao fenômeno em análise.

certas alterações na estrutura das CFs, no que diz respeito a informações temporais e aspectuais, comprometiam o conteúdo idiomático da construção.

Os resultados do estudo de 2017 – em que analisamos as CFs *tirar la toalla, poner el grito en el cielo, echar leña al fuego, hablar por los codos* e *pagar los platos rotos* – mostraram que as alterações temporais e aspectuais não representam, em grande medida, um comprometimento do conteúdo idiomático das CFs examinadas. Por outro lado, comprovamos que existem tendências de uso desse tipo de expressão: há uma preferência pelo uso do pretérito perfeito simples e do presente, no que tange ao Tempo verbal, e uma tendência à variação, no que se refere à aspectualidade. Assim, verificamos que o critério da fixação⁹ é sensível ao uso dos Tempos e dos Aspectos verbais da língua espanhola.

Esses resultados e os diversos dados com variação na estrutura das CFs, existentes na nossa amostra, expandiram a forma de olhar para o objeto. A amostra estudada em Godoy Roa (2017) e Oliveira e Godoy Roa (2020) trouxe evidências das possibilidades de modificação em vários componentes morfossintáticos das construções, tal como podemos ver nos dois dados a seguir, que fazem parte da análise realizada em 2017:

- (1) *Los creyentes que aquellas horas andaban haciendo lo que otros habían olvidado, **pusieron con todas sus fuerzas el grito en el cielo**, despertando hasta los más dormilones, que abandonaron presurosos sus camas para concurrir a la función (CREA; Colombia:1988).*
- (2) *Y a Juan Carlos Rodríguez Ibarra las palabras no son, precisamente, lo que le falta. **Hasta por los codos habla este hombre**¹⁰ (CREA; España:1995).*

Na língua espanhola, entre o inventário de construções fraseológicas, encontram-se *poner el grito en el cielo* e *hablar por los codos*, as quais fazem parte do conjunto de construções investigadas em Godoy Roa (2017). Em (1), vemos que é inserido o sintagma [*con todas sus fuerzas*], o qual cumpre uma função intensificadora sem comprometer a idiomaticidade da construção. Em (2), observamos uma modificação que se refere ao movimento sintático dos componentes, cuja ordem é alterada por conta da inversão da estrutura padrão da CF *hablar por los codos*. Entretanto, essa inversão não afeta o conteúdo idiomático da CF, permitindo vislumbrar que é possível fazer modificações no uso das construções fraseológicas sem haver perdas de sentido ou significado. Em outras palavras,

⁹ Os parâmetros que caracterizam o critério da fixação, entre outros, são explicados detalhadamente no Capítulo 2.

¹⁰ Trata-se de dados contemplados na amostra de análise construída para a pesquisa, os quais foram coletados a partir de bancos de dados da Real Academia Espanhola. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso: mar., 2017.

quando olhamos para a língua em uso, vemos que a fixação – estabelecida, nos estudos de Fraseologia, como característica fundamental desse tipo de estrutura – apresenta particularidades que nos levam a pensar que as chamadas “expressões fixas” não necessariamente têm um alto grau de fixação.

A existência (ou presença) de variação não é um tema alheio aos estudiosos do fenômeno no âmbito da Fraseologia. Os autores que abordam a variação descrevem e estabelecem que as variantes são novos fraseologismos fixos.

É nesse contexto que cresce o interesse em ampliar a lente de análise e se configura a presente tese, dando sequência aos estudos iniciados em 2015. Trata-se de um desdobramento que agora avança a uma análise focada na descrição sintática e semântica de duas das construções fraseológicas analisadas em estudos anteriores – *tirar la toalla e poner el grito en el cielo* –, buscando, a partir dessa caracterização, relações entre os diferentes mecanismos cognitivos envolvidos na variação encontrada na amostra, que foi ampliada com dados de um novo *corpus* e dois testes de aceitabilidade gramatical aplicados a hispanofalantes de duas variedades do espanhol, para, assim, poder vislumbrar caminhos de variabilidade. Os procedimentos metodológicos são detalhados no Capítulo 4.

1.2 ESPECIFICAÇÕES DA PESQUISA: OBJETIVOS E HIPÓTESES

O objetivo principal desta pesquisa é descrever caminhos de variabilidade em duas CFs do espanhol, nos âmbitos morfológico, sintático e lexical, para evidenciar a relação de redes intraconstrucionais que permitam a variação, ancorada em postulados da Gramática de Construções e do Modelo Baseado no Uso, campos de análise da Linguística Cognitiva.

Além do objetivo principal, os objetivos específicos são os seguintes: (i) analisar as características postuladas pela Fraseologia na descrição das CFs; (ii) ampliar a discussão da variabilidade do fenômeno a partir de uma perspectiva cognitiva, à luz da natureza construcional das CFs e assentada na Gramática de Construções Baseada no Uso; (iii) determinar as ferramentas da Linguística Cognitiva que servem para explicar o fenômeno fraseológico; e (iv) recorrer a instrumentos cognitivos que possibilitem refletir o grau de aceitação/rejeição de mudanças nas estruturas das CFs em análise.

Conscientes da amplitude dos objetivos estabelecidos, aventamos quatro perguntas orientadoras para a análise, a saber:

- (i) Entre as características apresentadas pela Fraseologia ao descrever as unidades fraseológicas – fixação, institucionalização e idiomaticidade –, quais se sustentam na análise do uso?
- (ii) Levando em conta o fato de que a corrente cognitivista nasce do desejo de dar um lugar para os idiomatismos na gramática das línguas e, também, sabendo que é a partir da sua análise que surgem as diversas Gramáticas da Construção, como explicar a presença de variabilidade no fenômeno fraseológico à luz de uma abordagem cognitivo-construcional baseada no uso?
- (iii) Considerando ser plausível contestar a fixação como uma característica indispensável de uma CF, fundamentada na Linguística Cognitiva, em que tipo de variação/mudança é maior o grau de aceitabilidade por parte de falantes nativos?
- (iv) Que convergências e/ou divergências é possível estabelecer entre os campos acionados – a Fraseologia e a Linguística Cognitiva –, em relação ao comportamento gramatical do fenômeno em estudo?

Para as perguntas elencadas, formulam-se as seguintes hipóteses a serem testadas a partir da análise proposta:

- (i) A característica da fixação não se sustenta na análise do uso, já que, como apontado por estudos anteriores dedicados à observação temporal e aspectual (GODOY ROA, 2017; OLIVEIRA; GODOY ROA, 2020), as construções fraseológicas apresentam variabilidade no nível morfológico e sintático sem comprometer o significado idiomático.
- (ii) Considerando estudos sobre construções fraseológicas da língua inglesa (LANGLOTZ, 2006; WULFF, 2008), acreditamos que exista variabilidade nas CFs porque esse tipo de estrutura faz parte de um emaranhado de redes e, como tal, é possível que os falantes estabeleçam relações entre os domínios cognitivos – explicados em Bybee (2016) –, tendo como resultado a ocorrência de variabilidade na estrutura básica da construção.

- (iii) Em direção às duas hipóteses anteriores, esperamos observar, por meio da aplicação de um teste de aceitabilidade gramatical, o tipo de variabilidade/mudanças admitido por falantes nativos de dois países da América Latina – Colômbia e Argentina – na estrutura básica e institucionalizada de duas construções fraseológicas do espanhol (*tirar la toalla e poner el grito en el cielo*). Com base nos resultados publicados em Godoy Roa (2017) e Oliveira e Godoy Roa (2020), conjetura-se que sejam aceitas mudanças no nível lexical (troca e/ou inserção de material lexical fora da estrutura base da CF), morfológico (Tempo e Aspecto verbal) e sintático (possibilidade de inversão ou alteração na ordem dos componentes da CF), concluindo, assim, que a fixação desse tipo de estrutura da língua não é uma propriedade absoluta, mas uma qualidade relativa.
- (iv) Por considerarmos dois campos teóricos distintos, as divergências entre a Fraseologia e a Linguística Cognitiva não são uma hipótese, senão uma obviedade. Contudo, esperamos que no debate teórico alguns pontos de confluência sejam identificados, tais como o conceito de *casillas vacías* (CORPAS PASTOR, 2003), que está presente em alguns estudos fraseológicos e sustenta a ideia de construção gramatical dentro da Gramática de Construções (GOLDBERG, 2006).

É importante destacar que nosso objetivo não é oferecer um inventário de variantes possíveis para as construções fraseológicas estudadas, já que, sobre esse ponto, existem pesquisas que podem ser consultadas (GARCÍA-PAGE, 1992; WOTJAK, 1992; CORPAS PASTOR, 1995; 1996; 1998; BURGER, 1998; MOON, 1998; PALM, 1995; VIGARA TAUSTE, 1998; BALS LIEMKE, 2001; entre outros). A intenção não é ir na mesma direção de estudos que estabelecem tipologias, mas indagar sobre o próprio caminho da variabilidade que ocorre quando um falante do espanhol modifica um idiomatismo. Interessa-nos observar como se estabelecem as relações e as redes com a variabilidade, bem como vislumbrar o mecanismo cognitivo que está por trás dessa modificação/variabilidade da própria construção. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa que busca contribuir para um propósito maior: fazer parte de investigações que procuram descobrir ou confirmar como o fenômeno fraseológico reflete estruturas da cognição, levando, então, os resultados das análises para o ensino e

aprendizagem do espanhol como língua estrangeira, assim como para a formação de professores da área¹¹.

1.3 ORGANIZAÇÃO DA TESE

A partir dos objetivos, das perguntas e das hipóteses explicitados anteriormente, desenvolve-se a presente tese, a qual se organiza em cinco capítulos, incluindo esta introdução, além das considerações finais e referências.

Dedicamos o Capítulo 2 à apresentação das bases teóricas da pesquisa no âmbito do diálogo proposto. Começamos o capítulo com a discussão dos postulados teóricos da Fraseologia, para definir e explicar o objeto de estudo. Apresentamos as principais características do objeto, que, nessa disciplina, é abordado com a nomenclatura de unidades fraseológicas. Na ocasião, também sinalizamos ao leitor as classificações das unidades fraseológicas previamente criadas e organizadas por autores como Corpas Pastor (1996), a fim de mostrar uma nova categorização do fenômeno. Também levamos em conta estudiosos como García-Page (1995; 1999; 2001; 2007) e Ruiz Gurillo (1997), teóricos da área que proporcionam um olhar morfossintático para este estudo, bem como as primeiras aproximações entre a Fraseologia e a Linguística Cognitiva. García-Page contribui com análises sobre as possíveis variantes e variações morfológicas e sintáticas das unidades fraseológicas, enquanto Ruiz Gurillo traz noções de protótipo, o papel fundamental de mecanismos cognitivos como a metáfora e a metonímia na emergência das UFs, além de argumentar sobre a relevância da frequência de uso, da repetição e da rotinização.

No Capítulo 3, recorreremos aos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva que se relacionam ao fenômeno em estudo, retomando os trabalhos fundadores dessa corrente para explicar seu funcionamento e, também, as bases da criação de mecanismos gramaticais que se distanciam do Gerativismo nessa concepção da linguagem e nos mecanismos de análise de fenômenos linguísticos. Assim, entramos no diálogo da Linguística Cognitiva como uma

¹¹ Ao longo da minha trajetória como professora de espanhol como língua estrangeira e para fins específicos, tenho percebido a importância de entender a gramática a partir de uma perspectiva cognitivista, assim como a grande contribuição que esse entendimento traz para o ensino de idiomas em adultos. O impacto de pensar cognitivamente a gramática e de explicá-la desse modo é notável, tanto para professores quanto para estudantes, principalmente no que se refere à qualidade do aprendizado dos alunos. Porém, segundo minha experiência, existe um grande vácuo na formação dos professores que enfrentam o desafio de ensinar uma língua sem ter se aprofundado no aprendizado das diversas correntes – e teorias – linguísticas que servem para a explicação do comportamento das línguas naturais, passando a replicar a tradição formalista do ensino – mantendo a divisão artificial entre gramática e uso – no modo de apresentar aquilo que é a gramática de uma língua e como ela se reflete em contextos reais de uso.

grande corrente linguística que desenvolve várias perspectivas gramaticais, embora tenham como traço comum o reconhecimento de que há cargas específicas de significado que estão associadas a modos de conceptualização na formação de estruturas linguísticas. Nessa perspectiva, mostraremos de que modo conceitos como a categorização, a organização de significados e os fundamentos dos esquemas imagéticos, bem como alguns princípios básicos da metáfora conceptual, contribuem para o entendimento da variabilidade dentro do fenômeno fraseológico, conectando seus principais direcionamentos teóricos à ideia de que a linguagem é uma janela que mostra como os falantes de uma língua conceptualizam ou entendem a realidade (FÉREZ, 2016, p. 189).

Entendendo que a linguagem é um fenômeno cognitivo que transporta formas ligadas a significados, as quais são utilizadas pelos falantes em determinados contextos, recuperamos autores como Bybee (2003; 2016), que oferece para a pesquisa os mecanismos cognitivos através dos quais se estabelecem relações entre um *continuum* de construções. Na presente pesquisa, esse *continuum* representa o modo como se estabelecem as conexões entre elementos da língua, permitindo a presença de variabilidade no uso das CFs e originando um *continuum* idiomático. Ainda no Capítulo 3, exploraremos a concepção de um modelo baseado no uso e como a Gramática de Construções coloca os idiomatismos no centro (da gramática), ao definir a construção gramatical como o pareamento entre forma e significado (e/ou função), que muitas vezes são idiossincráticos, no sentido de que sua semântica não pode ser derivada de entendimentos de cada um dos seus componentes (GOLDBERG, 1995, p. 68). Assim, a GC é a ferramenta que permite uma melhor análise sintática – considerando, aqui, a análise lexical e morfológica – dos nossos dados, mostrando como as CFs selecionadas apresentam uma estrutura para identificar tendências de variação, como por exemplo trocas lexicais ou de ordem dos componentes, entre outras.

O Capítulo 3 também traz à tona a relevância de acionar os dois campos – a Fraseologia e a Linguística Cognitiva – no presente estudo, buscando responder à nossa última pergunta de pesquisa, sobre as convergências e divergências das duas teorias em relação ao fenômeno em análise. Nesse sentido, colocamos em diálogo os dois campos teóricos com o propósito de estabelecer comparações diretas que mostrarão como cada área se posiciona em relação ao objeto de estudo – sempre recordando que, a partir das duas perspectivas, contamos com ferramentas de análise diferentes.

No Capítulo 4, são detalhados os procedimentos metodológicos realizados para alcançar os objetivos propostos, apresentando delimitações como: (i) o recorte do objeto de

estudo como desdobramento de pesquisas anteriores; (ii) os *corpora* selecionados e a ampliação da amostra de análise; e (iii) o desenho do instrumento e sua aplicação, delimitando alguns fatores importantes para a análise. O capítulo traz as duas linhas metodológicas adotadas. A primeira se direciona à observação do comportamento sintático/lexical dos dados da amostra em *corpora*, buscando contribuir com os modelos baseados no uso ao detalhar os limites da não flexibilidade. A segunda se interessa pela relação e descrição de um *continuum* fraseológico através de redes intraconstrucionais e os mecanismos cognitivos que estão por trás delas. Além disso, utilizamos o grau de aceitabilidade que a variabilidade fraseológica tem na percepção de falantes nativos da língua para levantar algumas inferências, como por exemplo a diferença entre o conhecimento linguístico real dos usuários e aquilo que eles pensam que constitui tais saberes.

No Capítulo 5, realizamos a análise dos dados das duas amostras, discutindo: (i) a estrutura linguística da amostra, com um olhar sobre a variabilidade; (ii) a percepção de falantes sobre a presença de variabilidade; e (iii) a aproximação a como se estabelece a relação de redes intraconstrucionais de significado na variação das CFs e, também, como essa conexão reflete estruturas da cognição.

Encerramos esta tese apresentando algumas considerações finais sobre o trabalho desenvolvido, sinalizando tópicos e também caminhos que podem se tornar desdobramentos da pesquisa.

2 UNIVERSO FRASEOLÓGICO: DA COMPILAÇÃO DE FRASES FEITAS AO NASCIMENTO DE UMA DISCIPLINA INDEPENDENTE

Como mencionado no capítulo introdutório, o objeto investigado nesta tese é um tema amplo, estudado a partir de diversas perspectivas em diferentes línguas. No entanto, a disciplina que historicamente tem estabelecido as bases da caracterização do fenômeno é a Fraseologia, que poderia ser considerada independente da Linguística ou concebida como o conjunto de estudos que se dedicam à descrição e, mais recentemente, explicação do fenômeno idiomático das línguas. Nesse sentido, a proposta deste capítulo se configura a partir de duas premissas: uma breve história do surgimento dos estudos da Fraseologia espanhola e a apresentação das características do fenômeno, definidas no âmbito dessa disciplina, com os conceitos que mais interessam para determinar o ponto de partida da nossa análise – a fixação, a idiomaticidade e o problema das variantes. É importante mencionar que o presente capítulo, assim como a configuração da nossa pesquisa, fundamenta-se na problematização da variabilidade, ou seja, na presença de variantes dentro do fenômeno em estudo. Nesse sentido, durante a descrição das características e da classificação das unidades fraseológicas, o leitor observará que a Fraseologia oferece, em princípio, características que buscam se estabelecer como absolutas. Porém, ao longo dos estudos sobre o fenômeno, o problema das variantes apresenta desafios à teoria, os quais levam diversos autores a repensar esse “estado absoluto”. Abordaremos esse tópico de modo mais aprofundado na seção 2.4.

2.1 BREVE PANORAMA HISTÓRICO DA FRASEOLOGIA

Em espanhol, os primeiros registros existentes sobre o fenômeno datam do século XV, em obras com uma série de expressões, com o objetivo de fazer uma compilação de refrões que reuniria a forma peculiar de falar de diversas comunidades. É possível ver que o interesse inicial consistia em mostrar que esse fenômeno tinha uma natureza popular, breve, com características estruturais indescritíveis e que transportava conteúdo moral através de metáforas. A obra mais famosa nessa época é *Refranes glosados en los quales qualquier que con diligencia los quisiere leer hallara prouerbios y maravillosas sentencias y generalmente*

*a todos muy prouechosos*¹², que foi produzida pela alta sociedade e despertava o interesse dos chamados “intelectuais da época” (RUIZ GURILLO, 1997).

No século XIX, há um aumento do número de obras sobre o fenômeno, pois o refrão deixa de ser uma peça utilizada apenas por eruditos e começa a ser olhado de um ponto de vista mais popular. Assim, os conhecidos folcloristas iniciam pesquisas e a compilação – registro – de refrões e provérbios, dando origem a dicionários, *refraneros* e monografias. Segundo Ruiz Gurillo (1997), foram publicadas seis obras¹³ entre 1851 e 1899, que marcaram o início de uma série de trabalhos, os quais contribuiriam para que o fenômeno dos refrões e as “frases feitas” comesçassem a ser reconhecidos como pertencentes à oralidade, além de fazerem parte de publicações que buscavam registrar essa forma de se expressar, utilizada pelos falantes.

Podemos considerar que o século XIX é o momento em que o fenômeno dos idiomatismos começa a ganhar um interesse por parte de estudiosos da língua espanhola. Durante o século XX, esse interesse se mantém com a publicação de várias obras que continuavam buscando registrar, em dicionários, o grande leque de expressões desse tipo presentes no idioma.

Entretanto, em 1955, aparece a primeira publicação sobre o tema que vai um pouco além do registro. Nesse ano, o autor de origem espanhola José María Iribarren publica sua obra *El porqué de los dichos. Sentido, origen y anécdotas de dichos, modismos y frases proverbiales*¹⁴, oferecendo um olhar mais curioso e tentando responder à pergunta sobre o significado e a origem de ditos e refrões. O livro explica o significado de cada frase proverbial e sua origem (ver exemplo na Imagem 1, adiante). Esse interesse sobre a origem e a observação do fenômeno se amplia a várias regiões hispanofalantes e continua presente na atualidade. É possível encontrar, por exemplo, casos como o do escritor e jornalista colombiano Juan Gossaín, que publica com frequência no jornal *El Tiempo* matérias que

¹² Obra de um autor anônimo que foi conhecida em 1541.

¹³ As seis obras mencionadas por Ruiz Gurillo (1997, p. 16) são as seguintes: (i) *Diccionario de Refranes, Adagios y Locuciones proverbiales, con su exacta o más aproximada correspondencia en francés y viceversa*. Obra publicada por José María Sbarbi em 1851; (ii) *Refranero general español*. Obra publicada por José María Sbarbi em 1874; (iii) *Monografía sobre los refranes, adagios y proverbios castellanos y las obras o fragmentos que expresamente tratan de ellos en nuestra lengua*. Obra publicada por José María Sbarbi em 1891; (iv) *Diccionario de modismos, voces populares y frases hechas, puramente castellanas*. Obra publicada por Ramón Caballero em 1891; (v) *Diccionario de frases de los autores clásicos españoles*. Obra publicada por José Mir y Noguera em 1899; e (vi) *Mil trescientas comparaciones populares andaluzas*. Obra publicada por F. Rodríguez Marín em 1899.

¹⁴ Obra reeditada em 2013.

buscam analisar idiomatismos – locuções ou palavras com significados idiomáticos –, considerando seu significado, impacto cultural e história¹⁵.

Imagem 1 – Exemplo do livro *El porqué de los dichos*

A donde fueres, haz como vieres

Refrán muy usual que aconseja adaptarse cada cual al modo de ser y a las costumbres del país donde se halle.

■ Debe de provenir del refrán antiguo *Cuando a Roma fueres, haz como vieres*, el cual, a su vez, es una traducción en forma proverbial del verso vulgar latino

Cum Romae fueris
Romano vivito more.

Esto último lo afirma Bastús en su *Memorándum anual y perpetuo*, tomo 2.º, p. 1.028.

Fonte: Elaboração própria.

No entanto, as obras e as matérias de jornal publicadas com esse aprofundamento sobre a história e a origem dos idiomatismos se concentram no elemento folclórico, um viés que direciona suas reflexões para o fator puramente cultural do fenômeno, considerando-o parte do patrimônio cultural imaterial de uma determinada comunidade. Até hoje, é mais comum observar que o interesse despertado por esse tipo de expressão radica na curiosidade de aprender sobre a chamada “sabedoria popular”, bem como sobre sua tradução ou adaptação a uma determinada língua. Vemos, assim, que o fenômeno e também a consciência de que ele existe e tem um papel importantíssimo na linguagem atravessam a história. Há diversos registros de dicionários e monografias que, ao longo dos séculos XIX e XX, evidenciaram não ser possível olhar para as línguas sem perceber que, nelas, existem expressões que falam sobre cultura e costumes.

Também é possível observar que esse interesse em registrar e refletir sobre idiomatismos não vem acompanhado – pelo menos não com frequência – por uma preocupação em estudar o fenômeno de um ponto de vista mais aprofundado na teoria linguística. Um dos primeiros autores a destacar a importância do estudo dos idiomatismos a partir da fraseologia, vista como uma disciplina independente, é Dmitrij Dobrovol’skij, que,

¹⁵ Como o objetivo deste capítulo não é detalhar tudo o que foi desenvolvido e publicado sobre o fenômeno, mas oferecer um panorama que mostre a infinidade de trabalhos e a diversidade do interesse que o tema desperta em estudiosos da linguagem, disponibilizamos, aqui, duas matérias do jornal *El Tiempo* escritas pelo referido autor. Disponíveis em: <https://www.eltiempo.com/colombia/otras-ciudades/que-significa-la-expresion-mamar-gallo-y-de-donde-viene-508172> e <https://www.eltiempo.com/colombia/de-donde-salen-los-refranes-y-dichos-que-invocan-la-ayuda-de-dios-615032>. Acesso: dez., 2021.

na sua obra de 1988, resgata a história dos estudos fraseológicos e menciona que as primeiras pesquisas começaram na antiga URSS entre os anos 1930 e 1940. Os trabalhos da escola soviética são um esforço para direcionar um novo campo da Linguística, que fosse independente da Lexicologia e pudesse potencializar os estudos do fenômeno.

É importante mencionar que essa separação da Lexicografia e da Fraseologia não é muito clara até hoje. Dentro da Fraseologia, encontramos trabalhos que se direcionam aos conceitos e postulados da Lexicografia, principalmente porque, no caso da língua espanhola, Julio Casares, em 1950, começa a falar sobre uma *Introducción a la Lexicografía Moderna* fazendo uma análise de locuções, refrões, idiomatismos e outras estruturas. Trata-se de uma das primeiras aproximações ao fenômeno na língua espanhola que seria conhecida, décadas depois, como a obra que estabeleceria as bases da Lexicografia moderna e se tornaria uma referência para futuros pesquisadores da Fraseologia e da Paremiologia.

No início dos anos 1980, os estudos situados na corrente fraseológica soviética retomam a obra de Casares e começam a direcionar as análises dos fraseologismos a três pontos de vista (RUIZ GURILLO, 1997, p. 17):

1. Examinam-se as propriedades internas da unidade fraseológica.
2. Observa-se o papel da UF no contexto, entendendo-o como a forma mais ampla possível.
3. Estabelecem-se relações que se manifestam em outros subsistemas da língua, como o sistema léxico, levantando questões como por exemplo se o fenômeno fraseológico é um subsistema em si mesmo ou se se trata de um fenômeno que junta vários subsistemas já existentes.

Enquanto os autores soviéticos começam a estabelecer diretrizes de análise, pesquisadores espanhóis focam seus estudos na descrição e classificação das expressões registradas em várias obras – como as mencionadas em parágrafos anteriores. Assim, em 1980, Alberto Zuluaga publica a obra *Introducción al estudio de las expresiones fijas*, incorporando no seu estudo a metodologia de autores como Casares (1950), Coseriu (1977), Isacenko (1948), entre outros. Em tal obra, o autor se refere à idiomaticidade e à fixação das UFs da língua espanhola, apresentando uma classificação e estudando seus tipos¹⁶. Essa contribuição de Zuluaga se torna o primeiro manual sobre Fraseologia espanhola.

¹⁶ A classificação é apresentada no Capítulo 2, além de outras classificações importantes para nosso estudo.

Transitar pelos estudos fraseológicos das décadas de 1970 e 1980 nos leva a ver o movimento e as conexões que vão se formando como resultado de pesquisas sobre o fenômeno em diferentes línguas. Um dos exemplos mais relevantes é o da autora Rosemarie Glässer, que estabelece um dos primeiros contatos entre o bloco anglo-norte-americano e o bloco soviético-europeu. A contribuição de Glässer (1978; 1986) para os estudos fraseológicos está na proposta de uma taxonomia de natureza sintática para o inglês, que classifica os fraseologismos de acordo com as classes de palavras, ou seja, com nomes, adjetivos, verbos e advérbios. No interior de cada grupo, a autora diferencia tipos, como sintagmas nominais com ou sem conjunção constituídos por um adjetivo e um substantivo – como por exemplo *black market/mercado negro* – ou uma combinação de dois substantivos – como *the devil's advocate/abogado del diablo* –, enquanto dentro do grupo de sintagmas verbais a estudiosa distingue verbos com alguma partícula – *to carry on* – e verbos transitivos – *to break the ice/romper el hielo* – e, por fim, a categoria dos advérbios, que se divide em sintagmas preposicionais e sintagmas formados por [preposição + substantivo].

Nessa direção, busca-se determinar se o significado fraseológico constitui uma categoria semântica especial ou se, pelo contrário, trata-se de uma categoria que coincide com o significado lexical. As pesquisas soviéticas foram divulgadas e ganharam visibilidade na Europa, onde linguistas começaram a olhar mais de perto o fenômeno, interessando-se principalmente pela fixação sintática que esse tipo de estrutura apresentava. Assim e com os avanços que a Fraseologia soviética foi demonstrando nos anos 1960, pesquisadores alemães iniciaram suas pesquisas no seu idioma em comparação com o francês, o russo e o espanhol, abrindo um campo de debate na Linguística Comparada, especialmente no que tange ao contraste de significados idiomáticos (RUIZ GURILLO, 1997, p. 18).

A década de 1990 foi marcada pelo auge dos estudos fraseológicos da língua espanhola. Autores como Mario García-Page (1990; 1991; 1995; 1999), Leonor Ruiz Gurillo (1994; 1995; 1996; 1997) e Gloria Corpas Pastor (1994; 1996; 1998) dedicaram suas publicações à análise das unidades fraseológicas do espanhol à luz da descrição que estava sendo realizada em outros idiomas – como o russo e o alemão, por exemplo.

A seguir, resenhamos os estudos citados desses autores. Cabe destacar que selecionamos os trabalhos que consideramos importantes para definir as bases contextuais da presente pesquisa.

No ano de 1990, Mario García-Page marca o que poderia ser considerado o início de uma série de estudos que começaram a olhar para o idiomatismo em espanhol, indo além do

fato de ser um fenômeno do folclore. Com o artigo *Propiedades lingüísticas del refrán I*, García-Page apresenta uma análise fônica de uma pequena amostra de refrões da língua espanhola. Nesse primeiro estudo, o autor afirma que o elemento fônico parece ser o elemento determinante na codificação da maior parte dos refrões, a tal ponto que chega a condicionar a presença e o comportamento de outros elementos, como os componentes léxicos e gramaticais.

Segundo García-Page (1990), os refrões têm uma autonomia fônica que permite que eles sejam inseridos em mensagens longas, diferenciando-se do todo como uma unidade entonativa. O autor passa a descrever o ritmo silábico de refrões como *A Dios rogando y con el mazo dando* ou *Desdichas y caminos hacen amigos*. O pesquisador direciona sua análise considerando a hipótese de que, justamente por conta dessa autonomia fônica, da rima e do ritmo, os refrões se caracterizam por serem um produto essencial da transmissão oral, já que, pela presença desses elementos, eles têm em si mesmos uma espécie de fórmula mnemotécnica, fazendo com que sejam aprendidos e memorizados mais facilmente (GARCÍA-PAGE, 1990, p. 501). O autor traz à tona a reflexão sobre essa mesma característica que, a partir do texto de 1990, começa a despertar a curiosidade pelas variantes:

A existência de variantes de um mesmo refrão por um uso estudado da rima parece obedecer a razões fundamentalmente pragmáticas. O sujeito da enunciação está ciente da poderosa eficácia da rima – assim como a de outros artifícios fônicos – para a fixação e preservação do refrão e, portanto, para a captação e apreensão das informações contidas na mensagem em que o refrão está inserido. Isso explica o processo de modificação contínua que parece ter acontecido em um grande número de expressões simples, carentes de rima até a configuração definitiva do refrão (GARCÍA-PAGE, 1990, p. 506, tradução nossa¹⁷).

Essa preocupação de natureza pragmática notável no texto de 1990 é, sem dúvidas, a preocupação que atravessa os estudos fraseológicos até os dias de hoje, guiando os trabalhos para a análise de características sintáticas e morfológicas dos refrões e idiomatismos sempre colocando como elemento inseparável a idiomatidade. Em 1991, com o texto *Locuciones adverbiales con palabras idiomáticas*, o mesmo autor ressalta a dificuldade na classificação das diferentes formas em que o fenômeno idiomático ocorre nas línguas, já que as que ele chama de “palavras idiomáticas” podem existir em qualquer tipo de estruturas, desde as mais

¹⁷ “La existencia de variantes de un mismo refrán debidas a una estudiada utilización de la rima parece obedecer a razones primordialmente de índole pragmática. El sujeto de la enunciación es consciente de la poderosa eficacia de la rima – así como la de otros artifícios fônicos – para la fijación y preservación del refrán y, por consiguiente, para la captación y aprehensión de la información contenida en el mensaje en que se inserta el refrán. Ello explica el proceso de modificación continua que parece haber seguido un gran número de expresiones sencillas carentes de rima hasta la configuración definitiva del refrán”.

simples até as mais complexas, como é o caso do refrão. Assim como pesquisadores das línguas inglesa, russa e alemã (NUNBERG, 1978; LIPSCHITZ, 1981; GROSS, 1985; 1986), García-Page destaca que há uma dependência recíproca entre as palavras idiomáticas e a locução a qual elas pertencem. Ou seja, para o autor não há palavra idiomática fora de uma unidade chamada locução.

Esse pensamento levou as pesquisas de García-Page a descreverem as particularidades das “palavras idiomáticas” e, em 1991 e 1995, o estudioso publica dois artigos importantes caracterizando as locuções adverbiais com palavras idiomáticas a partir da morfologia e da sintaxe, além de destacar que a presença de uma palavra idiomática pressupõe a existência de uma construção fixa, pois, somente assim, seria possível estar diante de relações de implicação semântica e pragmática. No texto de 1995, García-Page caracteriza as expressões fixas como aquelas que têm a particularidade de constituir enunciados gramaticais completos e que se formam como enunciados sintaticamente autônomos, ou seja, trata-se de unidades comunicativas no nível oracional cujos constituintes estão – todos – formalmente fixados. Estruturalmente, são expressões semelhantes aos refrões e provérbios que não exigem a copresença de outros elementos para se constituir em uma oração.

Nesses mesmos anos, Gloria Corpas Pastor (1994; 1996; 1998) e Leonor Ruiz Gurillo (1995; 1996; 1997) publicam uma série de trabalhos que buscam preencher as lacunas descritivas e de classificação dentro da Fraseologia espanhola. Corpas Pastor (1996) incorpora avanços da Lexicografia, da Pragmática e da Linguística alemã para desenvolver uma classificação que inclui um vasto repertório de locuções, colocações e enunciados fraseológicos. Sua contribuição ajuda a estabelecer as bases daquilo que, até hoje, fundamenta os estudos fraseológicos, pois a classificação realizada inclui um estudo pormenorizado de aspectos formais, semânticos e pragmáticos do fenômeno fraseológico.

Ruiz Gurillo, por sua vez, faz um registro de locuções no uso coloquial da língua (1995) e abre os primeiros pontos de reflexão sobre o ensino da Fraseologia dentro do contexto de uma língua estrangeira (1994), problematizando o fato de que os livros didáticos não levam em consideração esse tipo de expressões como parte fundamental da aprendizagem. Na obra de 1997, Ruiz Gurillo faz uma caracterização do fenômeno, trazendo as contribuições dos seus colegas – já resenhados neste capítulo – para chegar a uma classificação não discreta das unidades fraseológicas, reafirmando algumas características já estabelecidas, como a fixação e a idiomaticidade, e chegando à conclusão de que existe um universo fraseológico não discreto, o qual tem como protótipo sintagmas nominais, verbais e

prepositivos. É possível ver que Ruiz Gurillo começa a transitar entre conceitos da Lexicografia, como por exemplo o entendimento de que os fraseologismos funcionam e têm significados em blocos, além de conceitos da Linguística Cognitiva, tais como a noção de protótipo e o inegável papel da metáfora como processo cognitivo que leva à especificação do significado fraseológico.

Até aqui, o objetivo foi proporcionar ao leitor um panorama histórico sobre a diversidade de estudos que definiram as bases da Fraseologia como uma disciplina independente, que reúne trabalhos sobre o comportamento do fenômeno idiomático. Ao longo dos anos, a diversidade de estudos tem estabelecido inter-relações importantes (como a que propomos nesta tese). O caminho trilhado por esses estudos iniciais é a fundamentação da descrição das características principais do fenômeno, as quais passamos a explicar na seção 2.2, a seguir.

2.2 UNIDADES FRASEOLÓGICAS COMO EXPRESSÕES FIXAS: A TRADIÇÃO FRASEOLÓGICA

Tradicionalmente, a Fraseologia foi catalogada como uma subdisciplina dentro da Lexicografia (GLÄSSER, 1986; CORPAS PASTOR, 1996) e como a disciplina exclusiva que estuda as unidades fraseológicas. Trata-se do ramo da Linguística definido como o estudo das frases convencionais. A frase, conforme definição de Pawley (1998, p. 122), é concebida como qualquer expressão de múltipla palavra até o nível da sentença. Assim, unidade fraseológica é um termo que abrange diferentes realizações – colocações, locuções, refrões e fórmulas rotineiras.

Segundo a teoria da Fraseologia, as UFs são definidas como construções linguísticas formadas pela combinação fixa de duas ou mais palavras, isto é, qualquer sequência de palavras que no uso seja fixa e tenha idiomaticidade (GODOY ROA, 2017, p. 31). Os autores que se destacam na área apresentam, como características principais das UFs, a fixação, a institucionalização e a idiomaticidade.

Em primeiro lugar, encontramos a característica da institucionalização, o comportamento linguístico por parte dos falantes que gera uma certa repetição de combinações já criadas, as quais, com o passar do tempo, vão se transformando em frases pré-fabricadas que ficam disponíveis no acervo cognitivo para serem retomadas e reutilizadas em novos e diferentes atos de fala, sempre conservando a ordem prévia. Assim, a

institucionalização é a ocorrência de uma UF em conjunto, entendendo este último como a presença da unidade fraseológica nos discursos dos falantes, na qual há constituintes que aparecem mais em determinadas combinações do que isolados.

No entanto, dentro dos estudos fraseológicos, a institucionalização só pode ser entendida e analisada quando colocada em relação às outras propriedades mencionadas anteriormente, a saber: a fixação e a idiomaticidade. A estreita relação entre as três propriedades se deve ao fato de que a fixação e a idiomaticidade – esta última conhecida também como especialização semântica – só ocorrem depois que a unidade tenha sido utilizada de modo frequente, sendo, portanto, institucionalizada. A seguir, explicamos a fixação e a idiomaticidade.

2.2.1 Fixação

A fixação é definida como a estabilidade formal e a capacidade de determinadas expressões serem reproduzidas em formas criadas previamente, como resultado de um processo histórico que converte uma frase livre e variável em uma construção fixa que, na maioria das vezes, não segue um padrão estabelecido, mas uma linha de fixação mais arbitrária que se manifesta a partir dos seguintes critérios:

- a) Inalterabilidade da ordem dos componentes.
- b) Invariabilidade de alguma categoria gramatical.
- c) Imodificabilidade do inventário dos componentes.
- d) Insubstituibilidade dos elementos componentes.

Os quatro critérios listados correspondem à justificativa mais conhecida no âmbito dos estudos da Fraseologia, nos quais a teoria se baseia completamente. O critério em (a) se refere às ideias de que, por exemplo, a construção já institucionalizada *voy a tirar la toalla* não permite a modificação da sua ordem e uma frase como *la toalla voy a tirar* não seria produzida por nenhum hispanofalante dentro de um contexto idiomático.

O critério em (b) impediria qualquer modificação de número ou tempo. Em construções como *echa leña al fuego*, por exemplo, não seria possível produzir uma sentença como *eché leñas al fuego* ou *he echado leñas a los fuegos*. Entretanto, alguns autores

justificam e destacam que é impossível não haver variação na flexão verbal, já que na língua espanhola é preciso codificar um determinado tempo verbal para produzir sentenças verbais.

O critério em (c) trata da importância de cada uma das palavras que constituem a construção institucionalizada para sua significação idiomática. Assim, o significado da sentença *puse el grito en el cielo*, por exemplo, não pode ser obtido se modificarmos o inventário de palavras institucionalizadas nessa construção. Ou seja, se algum usuário produzir uma sentença como *puse tres gritos en el cielo*, o sentido idiomático da frase estaria comprometido, gerando uma ocorrência que não seria aceita por um falante nativo da língua espanhola.

Por último, encontramos o critério em (d), que se refere à impossibilidade de substituir algum dos componentes já estabelecidos pela institucionalização da construção. Assim, na UF *haber gato encerrado*, as palavras *gato* e *encerrado* não poderiam ser trocadas por *perro* ou *encarcelado*, porque “uma expressão só é fixa quando determinados elementos do vocabulário entram em combinação” (GODOY ROA, 2017, p. 33).

Em outras palavras, nas expressões reconhecidas como unidades fraseológicas no âmbito dessa teoria, identifica-se a propriedade da fixação através de diferentes manifestações ou “pistas”, com destaque para a fixação da ordem dos elementos integrantes, a fixação das categorias gramaticais e a fixação do número de componentes, o que implica a rejeição de inserção, supressão ou substituição. Resumidamente, significa dizer que há uma restrição na formação de variantes e que esse tipo de estrutura não teria uma sintaxe transparente, bloqueando as transformações sintáticas e a complexidade formal.

Tendo em vista essas características, seria possível afirmar, então, que a fixação estabelece que todas as UFs apresentam sempre os mesmos componentes, na mesma ordem e com a mesma forma, impedindo sua modificação em qualquer grau. Isso porque é a partir da estabilidade na forma que a construção chega até a estabilidade e a especialização semântica, mais conhecida como idiomaticidade, principal característica desse tipo de estrutura.

2.2.2 Idiomaticidade

A idiomaticidade é descrita como a propriedade semântica em que o significado total de uma UF não é dedutível do significado isolado das palavras ou elementos que a compõem. Trata-se de uma característica de ordem pragmática, já que esse tipo de expressão é utilizado com um certo significado apenas em contextos comunicativos específicos. Segundo autores

como Corpas Pastor (1996) e Ruiz Gurillo (1997), existem combinações de palavras que formam uma sentença com uma carga idiomática total, assim como também há sentenças que são totalmente fixas, mas não idiomáticas. As UFs que apresentam idiomaticidade também apresentam fixação e, por sua vez, o grau de fixação está ligado ao grau de idiomaticidade.

Conforme discutido em Godoy Roa (2017), existe e é possível verificar uma certa tendência por parte de teóricos da Fraseologia em considerar como premissa de estudo a estreita relação entre fixação e idiomaticidade, em que uma depende da outra. As pesquisas da área fraseológica estabelecem que não é possível pensar em idiomaticidade sem considerar que ela depende 100% da fixação de determinada unidade e vice-versa. Isso se deve ao fato de que a idiomaticidade é “a propriedade semântica apresentada por certas unidades fraseológicas, pela qual o significado global de tal unidade não é dedutível do significado isolado de cada um dos seus componentes” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 26, tradução nossa¹⁸).

Porém, apesar dessa grande premissa, os mesmos estudos fraseológicos identificam algumas variações que colocam à prova a autenticidade da fixação, as quais foram comprovadas durante a pesquisa de mestrado realizada em 2017. Trata-se de variações que respondem, muitas vezes, às necessidades da língua – ou melhor, dos falantes –, não propriamente a fenômenos que possam ser situados no âmbito do mesmo fenômeno fraseológico.

É relevante destacar que, embora a idiomaticidade seja muito importante na teoria da Fraseologia, alguns autores afirmam que não se trata de uma característica essencial para que uma unidade lexical seja considerada fraseológica. Corpas Pastor (1996, p. 27), Zuluaga (1980, p. 124) e Ruiz Gurillo (2001, p. 22) sinalizam que a propriedade da fixação está acima da idiomaticidade. Também afirmam que uma expressão idiomática deve, necessariamente, apresentar fixação. Segundo os autores, existe um grande número de expressões fixas que não são idiomáticas.

¹⁸ “Aquella propiedad semántica que presentan ciertas unidades fraseológicas, por la cual el significado global de dicha unidad no es deductible del significado aislado de cada uno de sus elementos componentes”.

2.3 CLASSIFICAÇÃO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Levando em conta que a Fraseologia é um universo que engloba diversas formas de realização, o intuito desta seção é caracterizar, a partir da perspectiva fraseológica, as unidades que nos interessam e que serão objeto de análise: as locuções verbais.

As locuções são definidas por vários autores, entre eles Corpas Pastor (1996, p. 132), como unidades fraseológicas do sistema da língua que apresentam traços de fixação interna, unidade de significado e fixação externa. Segundo a autora, esse tipo de unidades não constitui enunciados completos e funciona como elementos oracionais. São exemplos *matar dos pájaros de un solo tiro* e *echar leña al fuego*.

Na classificação e descrição realizadas pela autora, as locuções têm várias características em comum com as combinações livres de palavras e com outras unidades complexas. Porém, o que diferencia as locuções de outro tipo de unidades, como as colocações, é sua institucionalização, ou seja, sua estabilidade sintático-semântica. Segundo Corpas Pastor, a estabilidade é a propriedade mais relevante. No campo semântico, ela é demonstrada pela unidade de significado constituída pelas UFs, enquanto a estabilidade morfossintática se verifica através de uma série de testes, como por exemplo a substituição, a eliminação e a aplicação de certas operações transformativas que mostram a resistência das locuções em relação a determinadas alterações na sua estrutura. Cada um desses critérios será explicado, discutido e exemplificado na seção 2.5.

Buscando oferecer uma síntese das diversas classificações feitas por autores da corrente fraseológica, reproduzimos, a seguir, o quadro dos tipos e designações dos fraseologismos presente em Godoy Roa (2017, p. 43), no qual é possível observar as coincidências entre vários pesquisadores do fenômeno que enfatizam as locuções: Zuluaga (1980), Gross (1996), Ruiz Gurillo (1997), Penadés Martínez (1999), Colado (2004), Navarro (2005) e Sánchez (2005).

Quadro 1 – Fraseologismos: tipos e designações

Pesquisador	Tipo de unidades fraseológicas	Designações
Zuluaga (1980)	Locuções e enunciados fraseológicos	- Fraseologismo
Gross (1996)	Locução	- Locuções
Ruiz Gurillo (1997)	Locuções ou modismos	
Penadés Martínez (1999)	1. Ditos – 2. Expressões idiomáticas – 3. Frases – 4. Modismos – 5. Gírias – 6. Idiotismos – 7. Locuções – 8. Modos de dizer – 9. Frases feitas – 10. Refrãos – 11. Provérbios – 12. Colocações – 13. Expressões unidades pluriverbais – 14.	- Fraseologismo

	Unidades léxicas pluriverbais.	
Pérez (2000)	1. Combinações de palavras – 2. Provérbios – 3. Refrãos – 4. Aforismo – 5. Fórmulas fixas – 6. Frases feitas.	- Fraseologismo - Unidade fraseológica
Colado (2004)	1. Locuções nominais – 2. Locuções adjetivas – 3. Locuções verbais – 4. Locuções adverbiais – 5. Locuções casuais – 6. Locuções preposicionais	- Locuções
Montoro (2004)	Somente trata da variação fraseológica e sua relação com o dicionário, não classificando os tipos de unidades fraseológicas.	- Fraseologismo
Navarro (2004)	1. Locuções – 2. Enunciados fraseológicos – 3. Colocações	- Fraseologismo ou unidade fraseológica
Welker (2005)		Fraseologismo
Sánchez (2005)	1. Locuções: nominais significantes e conexas	- Fraseologia - Unidade fraseológica (UF) - Locução e unidade sintagmática verbal - Expressão fixa
Iliná (2006)	1. Fraseologismos idiomáticos – 2. Combinatórias lexicais	- Frasesmas - Unidades fraseológicas - Combinações

Fonte: Adaptado de Noimann (2007, p. 28).

A classificação que oferece mais clareza e vantagens – tendo em vista os propósitos desta tese – é a de Corpas Pastor (1996; 1998), porque, ao distribuir o universo fraseológico em várias esferas, ela delimita critérios de classificação e, conseqüentemente, permite-nos identificar melhor algumas características para as CFs analisadas (*tirar la toalla e poner el grito en el cielo*). Segundo Corpas Pastor, as locuções fazem parte da Esfera II – a autora menciona três¹⁹ –, caracterizando sua estrutura como uma estrutura de sistema fixo. Assim como ocorre com as colocações, as locuções não constituem enunciados completos e o fator que diferencia estas últimas das primeiras é a estabilidade e a consolidação. As locuções são caracterizadas a partir do núcleo do sintagma que elas constituem, sendo classificadas como de tipo nominal, adjetivo, adverbial ou verbal.

Os sintagmas verbais fraseológicos expressam processos formando predicados com ou sem complementos e apresentam uma grande diversidade morfossintática. Na maioria das vezes, eles são suscetíveis a formar, por si mesmos, predicados oracionais dentro dos contextos em que aparecem, conforme vemos no exemplo em (3):

- (3) *Te han robado todo lo que les ha dado la gana y no tienes un duro en la cuenta corriente. '¿Y ahora qué?', te preguntas. Hasta los amigos desaparecen. Te quedas absolutamente sola. '¿Y*

¹⁹ Em consonância com os objetivos desta tese, concentramos o trabalho de descrever e explicar a classificação nas locuções. Para ampliar os conhecimentos sobre a classificação e as diversas categorias e esferas do universo fraseológico, ver Corpas Pastor (1996).

ahora qué?'. Te dan ganas de tirar la toalla, de pegar fuego al capote, lo cuenta ella (CORPES; España: 2016).

As locuções verbais podem se apresentar também em forma de binômios, como *llevar y traer*, ou como um verbo com uma partícula associada, como *dar de sí*. Também é possível encontrar combinações entre um verbo copulativo e um atributo, como em *ser el vivo retrato de alguien*, ou uma construção verbal, como *costar un ojo de la cara*, que tem um verbo com seu complemento direto, justamente o caso do exemplo em (3).

2.4 APROXIMAÇÕES AO ESTUDO DA VARIABILIDADE

Como vimos anteriormente, a Fraseologia é uma disciplina linguística que tem como foco a análise do amplo território representado pelo fenômeno de que estamos tratando. No momento em que a Fraseologia passa a ser mais independente como disciplina e se concentra na estrutura fraseológica, surgem várias classificações dos tipos de estruturas fixas, ou relativamente fixas, presentes nas diferentes línguas naturais.

Assim, a trajetória de estudiosos da Fraseologia consistiu em realizar uma descrição desse objeto, gerando classificações, definições e critérios para apoiar um olhar voltado ao fenômeno fraseológico como uma parte importante da gramática. No entanto, esses estudos (HEALEY, 1968; MAKKAI, 1972; GLÄSSER, 1978; 1986; 1998; ROOS, 1985; 1989; CORPAS PASTOR, 1995; 1998; GARCÍA BENITO, 1997; RUIZ GURILLO, 1997; 2010; GARCÍA-PAGE, 2001) desenvolveram análises com base na Lexicografia e surgiram como resultado da comparação das estruturas fraseológicas com as demais estruturas das línguas, conhecidas como estruturas ou combinações livres. Assim, no contraste entre as estruturas “regulares” da língua, os teóricos perceberam que as unidades de interesse tinham dois traços que se destacavam e pareciam inerentes a todas e cada uma delas: a fixação e a idiomaticidade.

Entretanto, muitos autores – como por exemplo Zuluaga (1980), García-Page (1990; 1999) e Corpas Pastor (1995; 1996), entre outros – perceberam que, mesmo no caráter fixo das unidades fraseológicas, existia uma certa variabilidade. Alguns chegaram a esse tipo de conclusão através de pesquisas empíricas (TÓTHNÉ-LITOVKINA, 1992; SCHINDLER, 1993) e de análises de dados em diversos *corpora* (CORPAS PASTOR, 1998; MOON, 1998). Após analisar um *corpus* de 18 milhões de palavras, Moon (1998) observou que mais de 40% da amostra apresentaram variação lexical ou transformações estruturais significativas e,

também, que cerca de 14% mostraram duas ou mais variantes da sua forma canônica (MOON, 1998, p. 120).

Mesmo nesse cenário de análise, teóricos da Fraseologia acabaram ampliando o conceito de fixação como uma característica essencial, constituída por uma série de critérios através dos quais ela pode ser testada. Esses testes podem ser feitos em estruturas como as locuções ou as parêmysias, para identificar o quanto a variabilidade intervém na estabilidade das unidades e mantém sua integridade semântica.

O primeiro critério, chamado de substituição, refere-se à troca de um elemento da UF por um sinônimo, hipônimo ou hiperônimo, tendo como resultado a manutenção da sequência da unidade e do número de elementos gramaticais na coesão semântica. Em outras palavras, o teste deve resultar em uma unidade que, mesmo após sofrer modificações, mantenha sua carga idiomática intacta. Sendo assim, uma unidade fraseológica como *tirar la toalla* – contemplada na amostra desta tese – teria que manter seu sentido idiomático de “desistir” mesmo se sua estrutura sofrer modificações, como por exemplo uma troca de verbo, [*arrojar*] por [*tirar*], ou uma troca no sintagma nominal, [*la toalla*] por um sintagma nominal como [*el guante*].

O segundo critério traz à discussão a eliminação de algum elemento das unidades, que, mesmo sem comprometer a gramaticalidade, afeta sua significação como um conjunto: ao remover um elemento, a unidade deixa de ter o mesmo significado. Tomemos o seguinte exemplo: em um determinado contexto, alguém decide produzir a UF *buscarle cinco patas al gato* como *buscarle patas al gato*. Nessa unidade fraseológica, a eliminação do numeral *cinco* tem como consequência a perda do significado idiomático de “procurar coisas além do que seria possível na realidade sobre algum lugar ou assunto”, já que não há como encontrar cinco patas em um gato que pode ter apenas quatro. Por outro lado, sem o numeral, pode ser que a pessoa esteja procurando aquilo que é real e/ou esperado encontrar.

O terceiro e último critério é o da transformação, entendido como “deficiências transformativas”. Ele aborda todo e qualquer tipo de transformação que uma locução pode ter. Nele, encontramos as possibilidades de reordenação dos elementos de uma UF ou a inserção de algum material lexical que modifique o valor completo da unidade, como por exemplo *haber gato encerrado* por *haber un gato encerrado* ou *haber perro encerrado*. Nas duas modificações da UF de base, existe perda total do sentido idiomático, sobre existir algo oculto ou segredos em alguma situação. Trata-se de uma UF com conotação negativa: as suspeitas (sobre algo oculto) estão ligadas a algum tipo de corrupção, por exemplo.

Esses critérios já definidos e estendidos ao longo da teoria fraseológica são explicados como testes nos quais dificilmente uma UF passaria, não sendo possível realizar mudanças, trocas e eliminações sem gerar perdas de significado. No caso de estudos descritivos, os trabalhos geralmente buscam coletar e mapear a forma como as UFs são utilizadas em diferentes regiões dialetais e, a partir dos dados alcançados, começa-se a falar de variação²⁰.

2.4.1 O problema das variantes

Nesta seção, o termo variante diz respeito às realizações das UFs que podem ser encontradas em registros da língua. Significa dizer que uma variante é a unidade fraseológica que resulta da modificação de qualquer item da estrutura institucionalizada da UF.

Com essa percepção da variação, autores como García Benito (1997) e García-Page (1999; 2001; 2007) realizaram diversos estudos descritivos e perceberam a necessidade de olhar para a variabilidade como um fenômeno recorrente dentro da Fraseologia. Seus estudos se concentram mais na descrição dessa presença variável e, também, em trazer reflexões sobre o problema de como considerar as variantes dentro do inventário de expressões de uma língua. Isso se deve ao fato de que considerar uma escala de fixação – ou de variação – não parece ser uma questão de caráter universal. Assim, García-Page publica em 1999 o trabalho *Variantes morfológicas y unidades fraseológicas*, texto em que o autor classifica e descreve como as unidades fraseológicas podem variar no nível morfológico. O pesquisador menciona duas classes de variantes morfológicas: constitutivas ou flexivas; e derivativas ou afixais. García-Page destaca que as mudanças flexivas são as mais comuns, pois elas acontecem no núcleo de um predicado verbal. O núcleo das locuções verbais sofre mudanças, frequentemente, nas desinências de tempo, modo, pessoa e número de acordo com as necessidades do discurso – existe uma tendência de uso, conforme vimos em Godoy Roa (2017). Em certas ocasiões, tais mudanças também ocorrem nos elementos nominais, de gênero e de número.

Em 2001, García-Page abre de modo direto o debate *¿son las expresiones fijas expresiones fijas?*, em um texto que traz à tona a relatividade e gradualidade da fixação (GARCÍA-PAGE, 2001). O autor descreve, no trabalho em questão e também em posteriores,

²⁰ Nesta tese, os termos variação, variabilidade e variante aparecem como sinônimos, na tentativa de mostrar as alterações ou modificações encontradas na amostra. O leitor notará a troca de termos ao longo do trabalho, escolha feita para evitar repetições na escrita e que não têm impactos teóricos.

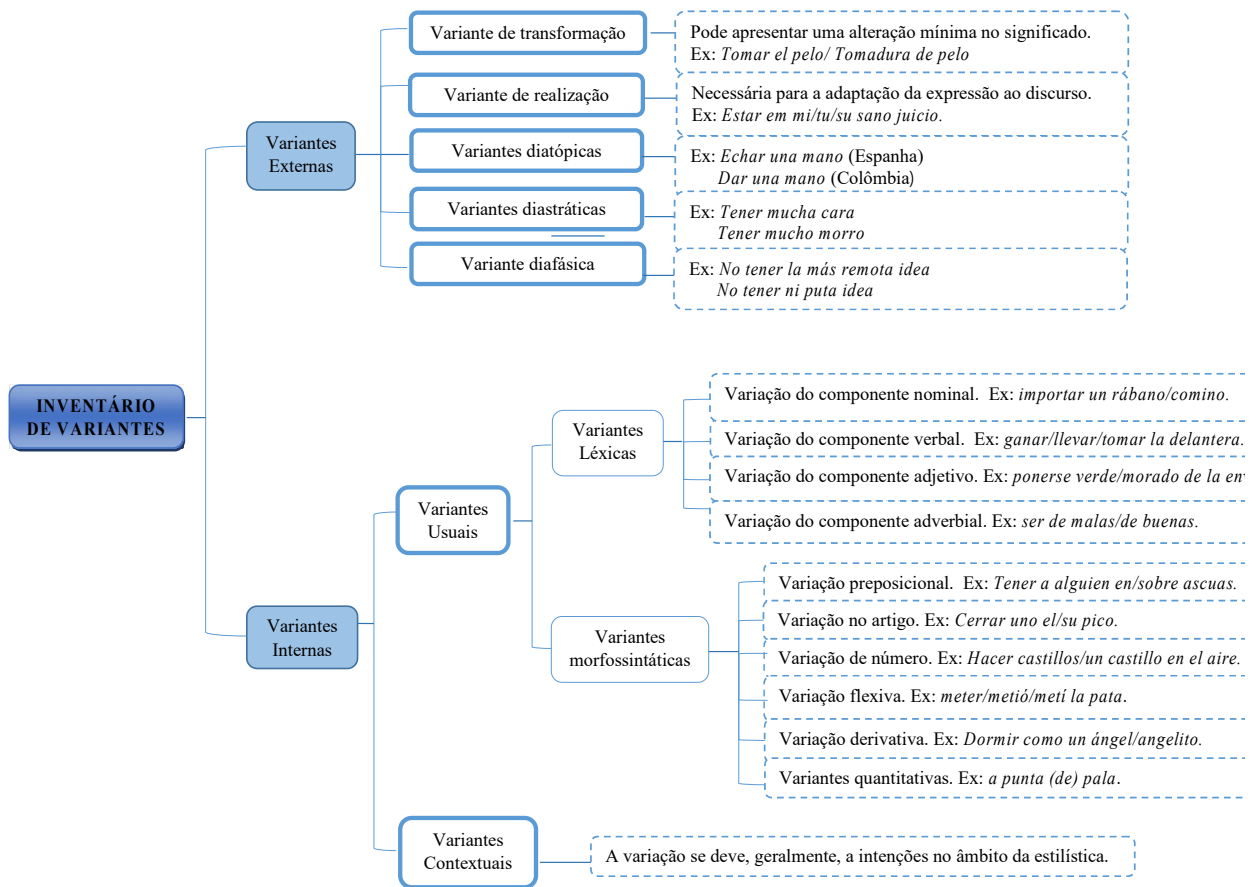
mudanças morfológicas (flexivas e derivativas) e variantes léxicas, além de discutir transformações gramaticais e a existência de esquemas sintáticos de formação de locuções adverbiais idiomáticas (GARCÍA-PAGE, 2007).

As aproximações à variabilidade vão aumentando conforme surgem mais estudos que se aprofundam no fenômeno. Teóricos clássicos da Fraseologia começaram a refletir sobre a possibilidade de uma tríade entre a fixação, a idiomaticidade e a variabilidade. Embora não existam dúvidas ao sinalizar a fixação como a primeira e principal propriedade das unidades fraseológicas, cabe abrir um espaço para a variabilidade. Não se trata de deixar de reconhecer que a fixação e a idiomaticidade sejam essenciais para o fenômeno e, além disso, que elas sejam as responsáveis pelo fato de parte das combinações de palavras permanecer inalterada, o que permitiria identificar a forma original da UF da qual se partiu como base. Nas palavras de Corpas Pastor (2003, p. 183), “a variabilidade é possível justamente porque as UFs têm uma forma estável e marcas bem definidas” (tradução nossa²¹). Por essa razão, é necessário ter uma parte da forma inalterada e reconhecer que, mesmo minimamente, existe uma base sobre a qual é possível rastrear alguma variação.

Nessa mesma direção, autores como Peramos Soler e Batista Rodríguez (2008) afirmam que a manifestação da fixação, em um ponto de vista regular, é tão comum como a presença da variabilidade em termos de variantes sistemáticas. Isso ocorre porque estamos diante de um fenômeno da oralidade, que, portanto, não pode ser estritamente fixo. Sob esse prisma, entendemos que não é possível ignorar a presença de variação dentro do sistema fraseológico, tal como já resenhamos até aqui. Para sintetizar as variantes encontradas na literatura fraseológica, apresentamos, na Figura 1 adiante, um inventário de variantes que evidencia as diferentes modificações que os fraseologismos podem apresentar, sendo consideradas variantes internas – que se referem a variantes léxicas e morfossintáticas –, bem como variantes externas – dentro das quais encontramos, por exemplo, as variantes sociolinguísticas.

²¹ “La variabilidad se hace posible justamente porque las UFs tienen una forma estable y unas marcas bien definidas”.

Figura 1 – Inventário de variantes das UFs



Fonte: Extraído de Godoy Roa (2017, p. 52).

Como vemos na Figura 1, as variantes léxicas são formas fraseológicas já estabelecidas no sistema da língua e, portanto, institucionalizadas, que se originam pela substituição léxica de um ou mais componentes. Esse tipo de variante se estabelece no sistema da língua através de processos que mantêm relações semânticas, tais como a sinonímia (total ou parcial), a antonímia ou a metonímia, gerando nas variantes resultantes uma relação de antonímia ou sinonímia, razão pela qual é possível distinguir entre variantes léxicas antonímicas e variantes léxicas sinonímicas. Um exemplo é a UF *importar un rábano/comino/pepino*, na qual é possível ver que esse tipo de variante apresenta uma congruência estrutural completa, uma identidade semântica completa e uma identidade léxica parcial (CORPAS PASTOR, 2003).

As variantes estruturais representam o segundo bloco de UFs institucionalizadas que diferem, unicamente, em aspectos morfossintáticos. O significado fraseológico desse tipo de unidades permanece intacto, enquanto certas mudanças de número, ordem de constituintes, na forma de negação e no uso de preposições, artigos e conjunções permitem identificar a

existência de variantes. Por um lado, se nas variantes léxicas a variabilidade se origina pelo componente léxico das UFs, nas variantes estruturais ela surge pelo componente morfossintático, que se torna o responsável pela alteração das unidades. Isso não implica que a fronteira entre umas e outras possa ser delimitada nitidamente, pois é possível afirmar que, muitas vezes, as substituições lexicais conduzem a mudanças estruturais. Por exemplo: *Quién te ha dado velas en/para este entierro, nadie te dio velas en este entierro.*

A literatura também reconhece as variantes estruturais antonímicas, que, diferentemente das que apresentamos antes, correspondem a variantes em que é possível ver de modo claro as combinações, já que se trata sobretudo de mudanças de sentido da frase, como por exemplo em *de buenas en el juego, de malas en el amor/de malas en el juego, de buenas en el amor.*

Outro tipo possível é o das variantes perspectivas, que fazem referência às variantes que apresentam mudanças aspectuais, de causatividade e resultatividade, bem como mudanças no número ou no tipo de agentes da UF. Trata-se, portanto, de efeitos estruturais e semânticos que, conseqüentemente, dão origem a lógicas de mudanças realizadas dentro do constituinte verbal.

Assim, vemos que as variantes podem ser encontradas na descrição do fenômeno, mesmo quando elas não representam uma propriedade ou característica fundamental na perspectiva da Fraseologia – fato que nos leva a observar, na literatura e nos diversos estudos sobre o assunto, termos como os que utilizamos nesta tese – variação, variantes e variabilidade – e, também, denominações como modificação, alteração e manipulação.

2.5 ENTRE A FIXAÇÃO E A VARIABILIDADE: TESTANDO OS CRITÉRIOS DA FRASEOLOGIA TRADICIONAL

Para iniciar esta seção, observemos o seguinte dado extraído da nossa amostra:

- (4) *Esos días pensaba que jamás sería capaz de rodar más de 10 minutos seguidos. Pero allí estaba mi marido para animarme. Me decía que todo lo que me sucedía era normal, que debía de tener paciencia y **no tirar la toalla**, y que, aunque me pareciera una auténtica locura, con constancia, un día conseguiría correr media hora (CORPES; España: 2014).*

O dado em (4) é um exemplo claro de unidade fraseológica canônica, apresentada em um contexto de uso: uma matéria de jornal que apresenta uma entrevista feita com uma atleta.

Observamos que aparece a estrutura [verbo + sintagma nominal] e que o verbo está na forma não pessoal de infinitivo. Trata-se da estrutura esperada, a mesma que pode ser encontrada em dicionários de expressões e livros didáticos de espanhol como língua estrangeira, sendo, portanto, a forma considerada canônica. Se decidíssemos observar apenas esse dado, concordaríamos imediatamente com as características gerais das unidades fraseológicas oferecidas pela tradição fraseológica: o dado não apresenta nenhuma variação e é utilizado no contexto idiomático esperado. A atleta comenta que o marido insistiu para ela aguentar, ter paciência e não desistir dos seus objetivos. Até aqui, sem dúvidas, o dado representa os corolários da teoria fraseológica.

Porém, ao longo da análise e estudo sobre o fenômeno, encontramos contextos de uso que evidenciam, na prática real da língua, a existência de variabilidade e que nos servem de insumo para apresentar, nesta seção, cada um dos critérios da Fraseologia mencionados em parágrafos anteriores.

Para ilustrar o primeiro critério, a substituição, observemos o dado em (5):

- (5) *«Los únicos que podemos cambiar la situación somos los profesionales. No se me ha pasado por la cabeza **arrojar la toalla**. Asumo mi responsabilidad, mi parte de culpa, pero no voy a analizar en público las causas no sólo de la derrota sino también de la situación del equipo» (CORPES; España: 2002).*

Novamente, temos um dado inserido em um contexto esportivo, com a ideia de não desistência de um falante que está assumindo uma responsabilidade. Entretanto, como podemos observar, a pessoa utiliza outro verbo dentro do mesmo campo semântico para produzir a expressão. Percebemos a substituição do verbo [tirar] por [arrojar], o que exemplifica a aplicação de um primeiro teste nesse critério, que tem como resultado uma variante lexical verbal (tal como mapeada no inventário de variantes, dentro das variantes internas): são mantidos a sequência da unidade e o número de elementos gramaticais seguindo a ordem canônica [verbo + sintagma nominal]. Além disso, tanto a sequência quanto o número de elementos mantêm a coesão semântica da unidade. Em outras palavras, a troca do verbo não gerou perda do conteúdo idiomático em questão, fazendo com que a variante seja simplesmente uma nova realização da UF.

Após o teste do primeiro critério, vejamos o segundo, que diz respeito à eliminação de algum elemento que compõem a UF *poner el grito en el cielo*:

- (6) *Hasta ahora la sociedad ha permitido y perdonando todo: ladrones, prostitutas, enfermos de cáncer, de sífilis y gonorrea, (...), pero los únicos que no han conseguido un abrazo, ninguna puerta que se les abra son los locos. Solo han conseguido de los médicos que se les cambie de denominación, para pasar de locos a enfermos mentales, aunque en ninguna casa nadie quiere verlos. (...). El mundo lleva milenios vertiendo lágrimas por ellos y hasta ahora la ciencia no ha puesto ni siquiera la primera piedra para la comprensión del fenómeno que causa tanto mal. **El grito en el cielo**, el rechazo, la bronca y la incompreensión están en la calle, mientras en casa de los familiares del enfermo reina la desolación (CORPES; Guinea Ecuatorial: 2001).*

O dado em (6) é interessante, pois traz ao debate a eliminação de um dos componentes de uma UF que cumpriria o segundo critério da Fraseologia. Trata-se de uma eliminação que não compromete a gramaticalidade nem a significação da UF como conjunto, mesmo que o elemento removido seja o núcleo verbal da UF: *poner*, no exemplo considerado. Em princípio, poderíamos pensar que a eliminação levaria a uma perda total da categoria de classificação da UF. Como no presente estudo buscamos olhar para a variabilidade, não podemos descartar o dado. Pelo contrário: devemos tê-lo como evidência de que, mesmo sofrendo a eliminação do núcleo verbal, a UF segue cumprindo sua função idiomática de “reação escandalosa” para uma determinada situação. Certamente, reconhecemos que isso se deve muito ao contexto, mas, como esse papel contextual ou contexto de interação não faz parte dos nossos objetivos, não nos aprofundaremos na questão. Trazemos o dado apenas para oferecer uma análise mais completa e para argumentar sobre o resultado de um teste de eliminação.

Para testar o terceiro e último critério oferecido pela Fraseologia, a transformação, e seguindo com a mesma UF presente no dado anterior, observemos a seguinte enunciação:

- (7) *Viviendo como vivía, en una urbanización de clase media alta, entre niñas sifrinas y la mayor parte bien blanquitas, terminó como era de esperar enamorado de una muchacha rubia. La muchacha había sido muy decente, lo trataba como un amigo, aunque sin ir más allá de eso. No obstante, **el grito en el cielo lo habían puesto los padres**, unos panaderos italianos, que habiendo llegado en la miseria a Venezuela se habían enriquecido trabajando, y ahora, desclasados, no podían permitir que su linda niña anduviera por ahí con un indio negro y salvaje (CORPES; Venezuela: 2004).*

No dado em (7), encontramos a materialização da possibilidade de reordenar os elementos que compõem a UF, uma transformação que tem como resultado a sequência [sintagma preposicional + pronome complemento + verbo + sujeito], invertendo a ordem padrão esperada da UF [sujeito + verbo + sintagma preposicional], que seria *los padres habían puesto el grito en el cielo*. A transformação não interfere no sentido idiomático da

frase, que, mesmo com uma sequência diferente, alterada, continua com seu sentido que expressa uma reação, por vezes exagerada, em forma de reclamação e ostensivamente.

Assim como nos casos de (4) a (7), apresentados anteriormente, é possível encontrar na língua em uso realizações das UFs que testam os critérios de base para a teoria fraseológica. A seguir, no dado em (8), podemos observar outro modo de testar os critérios:

- (8) *Cuando las otras compañías norteamericanas tuvieron conciencia de la jugada, **pusieron, como es lógico, el grito en el cielo** y acusaron de intrigante a la Pan American, pues pretendía utilizar como base de partida San Francisco, y en el reparto de zonas de influencia y líneas aéreas, a esta compañía no le correspondía tal área (CREA; España: 1991).*

Vemos que a unidade fraseológica mantém seu significado idiomático, mesmo após o falante inserir material lexical, [*como es lógico*], entre o verbo e o complemento, além de haver uma separação da expressão com vírgulas.

No seu conjunto, as apreciações realizadas até aqui evidenciam que a fixação, normalmente descrita e sustentada pela estabilidade e a complexidade de forma, a invariabilidade dos componentes léxicos, a impossibilidade de comutação dos componentes e as restrições transformativas permitem, em algumas ocasiões, formas alternativas que não seguem os critérios estabelecidos. Nesse sentido, seria plausível afirmar que a variabilidade não ocorre apesar da fixação e da idiomaticidade, mas se apresenta como uma propriedade que surge pela existência dessas duas características definidoras.

Assim, podemos pensar que a variabilidade é possível justamente porque as UFs têm uma forma estável e marcas bem definidas. Essa inferência lógica é o resultado de um fato extrafraseológico: a possibilidade de variar não está diretamente relacionada à Fraseologia, nem ao objeto de estudo da disciplina, mas ao próprio conceito de variação. A questão fundamental do conceito é que variar implica mudar algum aspecto, sem alterar os demais. Em outras palavras, é algo que consiste em alterar uma parte de uma unidade/estrutura deixando outra parte dela como era antes. Isso se deve ao fato de que sempre é necessário manter uma parte para reconhecer, mesmo que minimamente, a base na qual a variação foi realizada.

No caso concreto das UFs, a fixação e a idiomaticidade não representariam diretamente um fundamento para sua variabilidade. Se assim fosse, as unidades não poderiam admitir essa qualidade em nenhuma situação, porque os fundamentos (fixação e idiomaticidade) deveriam permanecer intactos, o que não ocorre nos casos em que há variações, conforme pudemos observar nos dados de (4) a (8).

Inferese-se que, mesmo que a estabilidade e a não composicionalidade das UFs se apresentem como ingredientes necessários para a concretização da variabilidade, não há dúvidas de que o conceito de fixação, tal como apresentado pela Fraseologia, é bastante questionável. Se a tradição fraseológica descreveu e definiu o fenômeno como unidades estáveis e fixas que mostravam rejeição a qualquer tipo de alteração léxica, semântica e morfossintática, tendo em vista a existência de mudanças reais e potenciais, não parece apropriado falar da fixação como uma propriedade absoluta, mas como uma qualidade relativa (ZULUAGA, 1980; FLEISCHER, 1982; CORPAS PASTOR, 1996) e variável.

Considerando as questões trazidas até aqui, é importante esclarecer que adotamos a variabilidade fraseológica como um termo geral que se refere a qualquer mudança ou transformação, seja de caráter léxico, semântico, morfossintático ou pragmático produzidas nas UFs, respondendo ora a uma livre escolha por parte do falante entre as possibilidades oferecidas pelo sistema, ora à busca de novas formas inovadoras desdobradas de novos efeitos semânticos, estilísticos e pragmáticos não esperados. Logo, consideramos a variabilidade como um traço natural da língua, que deve estar presente em todos os níveis, linguísticos ou extralinguísticos.

Conforme mencionamos em parágrafos anteriores, a questão da variabilidade não é algo novo na Fraseologia, pois, tal como vimos anteriormente na Figura 1, é possível reconhecer um inventário de variantes. Os estudos da área que resenhamos fornecem insumos para observar o foco de interesse desta tese. Nesse sentido, dentro das variantes, podemos classificar diferentes grupos atendendo ao tipo de variação ou mudança que se produz e aos resultados que ela tem. Utilizando critérios mais formais, podemos localizar mudanças léxicas, sintáticas e, portanto, estruturais, que dão lugar às variantes léxicas, variantes estruturais e variantes contextuais, todas categorias presentes em duas das esferas fraseológicas: as locuções e os enunciados fraseológicos.

A partir da descrição e da revisão de literatura que desenvolvemos neste capítulo, assim como uma primeira aproximação aos dados de análise, não é novidade dentro da Fraseologia aceitar que existe um tipo de UFs em que a característica da fixação não é restrita. Com exceção dos refrões que apresentam uma estrutura cristalizada, não se trata de uma fixação inviolável, ou seja, as locuções, enunciados fraseológicos e parêmsias se comportam (estruturalmente) como qualquer outra estrutura da língua, razão pela qual não devem ficar de fora dos estudos linguísticos e gramaticais.

De fato, essa possibilidade de variação é reconhecida por vários autores que já citamos. Entretanto, algo que a Fraseologia não explica (ou não pretende explicar) é o porquê da existência dessas variações, como elas são realizadas e como elas são aceitas pelos falantes. Nesse sentido, consideramos, na presente pesquisa, que a Fraseologia vem a servir como um campo que nos permite registrar estudos sobre o fenômeno, ajudando-nos a compreender suas características, embora ela não nos ofereça argumentos nem ferramentas suficientes para entender seu comportamento. Por esse motivo, conscientes de que esta tese também busca contribuir para amenizar esse vazio deixado pela Fraseologia, dedicamos o próximo capítulo à perspectiva cognitivista que também sustenta o presente estudo.

3 LINGÜÍSTICA COGNITIVA COMO PARADIGMA QUE FUNDAMENTA A PERSPECTIVA DE ANÁLISE

No capítulo anterior, focamos nossa atenção na Fraseologia, com o propósito de delimitar e contextualizar o objeto de estudo. Primeiramente, buscamos mostrar a complexidade e os diversos interesses que o fenômeno desperta para, então, entrar na sua caracterização a partir da disciplina que reúne diferentes estudos sobre as unidades fraseológicas. Estabelecemos que nosso interesse consiste em observar a variabilidade que se apresenta em idiomatismos de núcleo verbal. Após essa delimitação, é imprescindível trazer à discussão as ferramentas que serão úteis para a análise, considerando que a disciplina fraseológica tem se encarregado mais da descrição do fenômeno e do resultado demonstrado pelas variantes – e, portanto, da presença de variabilidade –, não do processo que leva a essa variabilidade.

Assim, nosso olhar para o fenômeno se direciona à relação que existe entre uso e processo, assumindo que a linguagem não é um mecanismo autônomo, mas uma parte da organização cognitiva do ser humano. Nesse sentido, tomamos como ponto de partida a perspectiva que concebe a linguagem como um instrumento de conceptualização, em que as categorias e os fenômenos da própria língua não são mecanismos totalmente autônomos, em relação à organização conceitual geral e aos mecanismos de processamento. Em outras palavras, acredita-se que a língua é um veículo para expressar significados, os quais são representações de mundo codificadas através da linguagem. Vemos, assim, que nosso enquadramento teórico e base a partir da qual realizamos a análise está inserido no guarda-chuva da Linguística Cognitiva.

Como essa perspectiva linguística representa um campo amplo, o presente capítulo não busca oferecer uma revisão aprofundada dos postulados, modelos ou linhas de pesquisa da corrente cognitivista, mas trazer à discussão as ferramentas que o Cognitivismo disponibiliza para o desenvolvimento da análise, as quais não são proporcionadas pela teoria fraseológica.

Consideramos que a Linguística Cognitiva é o paradigma que fundamenta nossa perspectiva de língua e método de análise. Assim, iniciamos o capítulo com uma breve referência à corrente e seus princípios básicos como o lugar em que aconteceram as reflexões e o desenvolvimento desta pesquisa, contextualizando a caracterização dos idiomatismos dentro do cenário de origem da LC. Posteriormente, apresentaremos princípios e conceitos

para uma análise cognitiva da variabilidade fraseológica, tais como a categorização (CROFT; CRUSE, 2008; BYBEE, 2016) e o conceito de protótipo (CUENCA; HILFERTY, 1999; GIVÓN, 2001; BYBEE, 2016), a analogia, a associação transmodal e o *chunking* (BYBEE, 2016), entre outros, bem como as contribuições da Gramática de Construções para nosso estudo (GOLDEBERG, 1995; 2006; DIESSEL, 2019). Nas duas últimas seções, discorreremos sobre o papel da frequência de uso na variabilidade (BYBEE, 1998; 2016) e sobre a construção fraseológica como proposta para abordar o fenômeno a partir do diálogo teórico entre a Fraseologia e pressupostos da Linguística Cognitiva.

3.1 PRINCÍPIOS DA LC PARA UMA ANÁLISE COGNITIVA DO FENÔMENO IDIOMÁTICO

Em linhas gerais, a estruturação da Linguística Cognitiva se dá tomando como base dois compromissos fundamentais. O primeiro é o compromisso da generalização, “em que se espera que os mesmos princípios gerais atuem em todos os níveis de análise linguística” (PINHEIRO; FERRARI, 2020, p. 602). O segundo é chamado por Lakoff (1990, p. 46) de compromisso cognitivo e busca a interdisciplinaridade, ou seja, consiste em não isolar os estudos linguísticos dos trabalhos sobre a mente. A intenção é mostrar a compatibilidade que esses princípios gerais têm em relação aos conhecimentos disponíveis sobre mente e cérebro. Outro propósito é integrar as descobertas acerca da linguagem em todos os conhecimentos empíricos sobre cognição e cérebro (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2016, p. 23).

A Linguística Cognitiva deve ser entendida como uma corrente que tem postulados alinhados com aquilo que se sabe sobre cognição, levando em conta que não se trata de uma teoria linguística unificada. Deve-se pensar a LC como uma corrente ou como um movimento linguístico, uma soma de teorias que abordam diversos aspectos da linguagem, cada uma com objetivos levemente diferentes, mas que compartilham bases de pensamentos sobre o funcionamento da linguagem (PINHEIRO; FERRARI, 2020; IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2016). Trata-se de uma base cognitiva geral em que os modelos de análise devem ser entendidos como um conglomerado de enfoques diferentes, metodologias que buscam oferecer uma “uma visão plausível de um ponto de vista cognitivo sobre o que

significa saber uma língua, como as línguas são adquiridas e como elas são utilizadas” (BUTLER; GONZÁLVEZ-GARCÍA, 2016, p. 362, tradução nossa²²).

A “virada cognitiva” dentro dos estudos linguísticos se dá quando autores da Semântica Gerativa começam a considerar a linguagem a partir de uma perspectiva não modular, integrada – como já mencionado anteriormente – às demais funções cognitivas, buscando, principalmente, dar conta das relações entre semântica, pragmática e sintaxe no seu uso e estudo. Essa perspectiva não modular exigiu um distanciamento dos pressupostos teóricos da teoria gerativa, a qual postula que todos os seres humanos têm um módulo cognitivo que corresponde à linguagem, que “é independente de outros módulos cognitivos (como o raciocínio matemático, a percepção etc.)” e, além disso, “no domínio da linguagem, reivindica-se a primazia do módulo sintático, que apresenta princípios próprios e independentes daqueles atuantes dos módulos fonológico e semântico” (FERRARI, 2014, p. 13).

Em contraposição a esse princípio modular da linguagem, surgem concepções que priorizam a busca por conexões e o entendimento da relação entre forma e significado, com ênfase na compreensão de que a linguagem é baseada no uso. Assim, considera-se que a gramática é um veículo que contribui para a estruturação do conteúdo semântico, por meio de diversas formas. Ou seja, o significado é o protagonista das pesquisas de natureza cognitivista.

Um dos princípios da LC que atravessa nossa análise e perspectiva sobre o fenômeno idiomático é a Hipótese da Invariância, que, nas palavras de Lakoff (1990, p. 54), refere-se a como o mapeamento metafórico preserva as tipologias cognitivas de um domínio-fonte em termos de estruturas de esquemas de imagem. Assim, segundo o autor, todas as inferências do domínio-fonte que se devem à tipologia cognitiva seriam preservadas nesse mapeamento. Isso explicaria a estrutura inferencial das metáforas. Para Lakoff e Turner (1989), os refrões são uma prova da “metáfora de nível geral”, cuja existência é percebida pelos autores nos seus estudos sobre a interpretação de várias formas linguísticas (inclusive os próprios refrões). Embora o objeto desta tese não sejam os refrões²³, é fundamental mencionar que a Hipótese da Invariância se constitui a partir da pergunta sobre as limitações de interpretação de um refrão como *blind blames the ditch*. Trata-se de um refrão de estrutura conceitual geral,

²² “Una visión plausible desde un punto de vista cognitivo de qué significa saber una lengua, cómo se adquieren las lenguas, y cómo se utilizan”.

²³ No Capítulo 2, situamos nosso objeto de estudo no âmbito das locuções verbais idiomáticas.

utilizado em situações nas quais alguém quer atribuir culpa de alguma coisa a um terceiro, como por exemplo quando um ladrão afirma que a culpa do furto é da câmera que o filmou praticando o crime.

Uma estrutura conceitual geral como a mencionada anteriormente é responsável por determinar nosso conhecimento sobre algum refrão específico. Ela define as interpretações possíveis segundo os contextos em que acontece. A metáfora de O GERAL É O ESPECÍFICO é utilizada por Lakoff e Turner para explicar o processo de extrair a estrutura geral de uma estrutura conceitual concreta. Trata-se de um mecanismo que permite ter um entendimento através de algo específico e, de acordo com a Hipótese da Invariância, a metáfora de O GERAL É O ESPECÍFICO é uma metáfora básica e primária, que projeta somente aquilo que é determinado pela hipótese (LAKOFF, 1990, p. 71). Assim, a natureza dos refrões constitui uma prova da existência da metáfora do nível geral e, conforme os autores citados, uma possível prova da validade da Hipótese da Invariância.

A Hipótese da Invariância permite entender por que a palavra *toalla*, na construção *tirar la toalla*, pode ser substituída por *guante*, contribuindo para a criação de uma variante de um enunciado fraseológico que apresenta o mesmo significado idiomático da construção original. Esse tipo de modificações ou variações pode ser explicado por algumas das ideias que estão por trás da Hipótese da Invariância, tais como o entendimento de que todos os mapeamentos metafóricos são parciais. Segundo Lakoff (1990, p. 72), tudo o que é mapeado preserva a estrutura de esquemas imagéticos, embora nem todos os esquemas imagéticos precisem ser mapeados. Além disso, “todas as formas de inferência abstrata, todos os detalhes de mapeamentos de imagens e todas as estruturas de nível genérico surgem por meio da hipótese de invariância” (LAKOFF, 1990, p. 72, tradução nossa²⁴). Assim, o lexema *toalla* conta com alguns atributos para a conceptualização de uma situação em que se tem uma desistência em relação a algo, o que seria uma projeção metafórica parcial. Esses atributos devem se apresentar em outros lexemas, passar a ocupar o mesmo lugar e, também, conservar o significado idiomático da expressão original. Nessa lógica, o lexema *guante* compartilharia alguns atributos específicos com *toalla*.

Considerando que a Hipótese da Invariância nos ajuda a entender a troca de material lexical dentro de um idiomatismo, também é importante pensar que as mudanças devem estar

²⁴ “all forms of abstract inference, all details of image- mappings, and all generic-level structure arise via the Invariance Hypothesis”.

dentro de uma estrutura, podendo ser orientadas por outros princípios que constituem os mecanismos cognitivos nos quais fundamentamos a análise.

Em consonância com as ideias expostas até aqui, podemos afirmar que a base de toda a corrente cognitivista é pensar sobre a natureza simbólica da linguagem e em como essas unidades, desde as mais simples até as mais complexas, podem se combinar para produzir estruturas ainda mais complexas e, assim, gerar novos significados. Na perspectiva que adotamos, o significado das formas linguísticas está relacionado à conceptualização no seu sentido mais amplo, ou seja, estamos falando de uma conceptualização que pode incluir qualquer aspecto da experiência sensorial e motora, da percepção e da compreensão do contexto social, cultural ou linguístico. Por essa razão, a língua é entendida como um inventário estruturado de unidades simbólicas que se organizam a partir do agrupamento de constructos associados a outros componentes da língua. Tal agrupamento se dá, por sua vez, a partir das propriedades que as unidades simbólicas podem chegar a compartilhar.

Essas relações entre estruturas e o uso de expressões e formas da língua são empregadas pelos falantes e, conforme se tornam mais frequentes, vão contribuindo para uma rede de significados que estão inter-relacionados. Para explicar esse tipo de organização natural, Langacker (1987) propõe um modelo de redes semânticas em que cada nódulo da rede corresponde a um significado estabelecido, sinalizando um tipo de relação de categorias que é organizado, não em termos de centralidade e periferia, mas de uma radialidade que vai resgatando os constructos de acordo com o domínio ativado em um determinado momento.

Em tal panorama e no que diz respeito aos objetivos desta pesquisa, vale ressaltar que a base de toda a caracterização conceptual de uma forma linguística é feita sobre os domínios cognitivos, entendidos também como contextos. Isso significa que toda expressão pertence a um contexto em que ela ocorre de uma forma natural e que constitui seu “marco conceptual”. Um domínio cognitivo é uma conceptualização integrada que pressupõe outros conceitos, não uma soma restritiva de traços semânticos (MALDONADO, 2016, p. 220). Trata-se de uma conceptualização entendida como enciclopédica, em que os domínios de uma expressão podem diferir em grau de centralidade. Assim, diante de diferentes contextos, é possível imaginar que um domínio não central seja fundamental para que o falante tenha uma conceptualização específica.

O conhecimento enciclopédico, base da organização dos domínios cognitivos, parte do entendimento de que o significado está na cabeça do conceptualizador. Emerge da interação entre os processos cognitivos e biológicos dos sujeitos conceptualizadores, da

influência do corpo (corporização) e da interação, físico ou social, do indivíduo com o mundo. Por essa razão, no âmbito da LC, a ideia de que o contexto orienta a construção do significado é caracterizada pelo conhecimento enciclopédico, que se manifesta como um sistema estruturado e organizado em rede. Ao enfatizar a corporização do significado, entende-se que a linguagem reflete estruturas conceituais que os falantes constroem se baseando em alguma experiência ou conhecimento, mais ou menos comum, do mundo exterior que os rodeia e da sua própria cultura. Nossos conceitos e ideias são influenciados e formados pela estrutura dos nossos corpos, pela experiência do mundo que nos rodeia (VALENZUELA; IBARRETXE-ANTUÑANO; HILFERTY, 2016, p. 44).

Considerando que a linguagem é reflexo de um conhecimento enciclopédico que se forma, entre outros fatores, pela interação do indivíduo com a cultura, é natural considerar que ele esteja presente em determinadas expressões, tal como as que estudamos na presente tese, já que se trata de estruturas linguísticas carregadas de significado cultural e contextual, de experiências humanas e de expansões de significado em que há processos de correspondência conceitual, como por exemplo modelos de base corporal (MORILLAS, 1997).

Levando em conta que os seres humanos estão em constante interação com o ambiente à sua volta, na visão dos cognitivistas o significado emerge da interação, por um lado, do conhecimento que temos sobre o mundo e, por outro, da manipulação que realizamos sobre essas informações. O primeiro fator que entra em jogo cada vez que utilizamos uma palavra ou expressão linguística é o conhecimento de mundo, pois no momento do uso é necessário invocar aquilo que já é conhecido de uma forma ampla e flexível. Esse conhecimento, uma vez acionado, é organizado em forma de categorias e é estruturado – manipulado – através dos chamados domínios de estruturação conceitual.

Assim, a experiência se transforma em um conhecimento que, ao interagir com o mundo, vai se conceptualizando e dando lugar ao surgimento de novas experiências. As categorias que resultam desse processo são a base do sistema linguístico de qualquer língua, podendo se apresentar na forma de unidades – construções – simples ou complexas, ora como unidades sonoras, ora como unidades sintáticas ou até discursivas. Essas estruturas de conhecimento que temos se estabelecem a partir dos atributos que caracterizam as coisas e estão relacionadas entre si.

Ao realizar a categorização, aparecem os chamados efeitos prototípicos. A ideia é que um exemplar é reconhecido mais rapidamente como membro de uma categoria quando está situado mais ao centro de uma categoria radial. Em outras palavras, um protótipo é o

elemento de uma categoria que compartilha mais atributos com os outros membros da mesma categoria. Ele é o mais representativo e se distingue dentro da categoria, sendo mencionado com mais frequência (CUENCA; HILFERTY, 1999; GIVÓN, 2001; BYBEE, 2016). Assim, toda “organização categorial envolve desde representantes mais centrais, com suficiente similaridade ao protótipo, até representantes muito periféricos, que constituem efeitos do protótipo e apresentam poucos traços em comum com o núcleo categorial” (FERRARI, 2014, p. 41).

Um fator importante a ser levado em conta é que o exemplar mais prototípico de uma categoria pode depender também do contexto, ou seja, a estrutura categorial pode ser influenciada pelas representações cognitivas ligadas a modelos culturais, que, por sua vez, dependem das experiências vividas pelos indivíduos através da interação sensorial e corpórea com o mundo.

No âmbito da Fraseologia, autores como Ruiz Gurillo (1997) e Sancho (1999) utilizaram estudos cognitivistas sobre protótipos para construir modelos não discretos do universo fraseológico. Em linhas gerais, os autores definem a categoria de UF e organizam as unidades de modo individual em torno de um núcleo prototípico. Os critérios para essa organização são formados por diversos traços – como a fixação, a idiomaticidade, a polilexicalidade, a frequência de uso, entre outros –, que podem estar mais ou menos presentes em uma determinada expressão e colocá-la mais no centro da categoria, tornando-a a mais prototípica.

Os traços ou atributos centrais que estão na estrutura fraseológica são a fixação e a idiomaticidade, sendo a primeira uma característica necessária, enquanto a segunda pode não estar presente. Ruiz Gurillo (1997, p. 55) defende que, para que uma UF seja prototípica, ela deve apresentar determinadas propriedades em relação a outras unidades da mesma classe. Segundo a autora, não se deve considerar de modo categórico que uma locução verbal – como é o caso dos idiomatismos escolhidos para nossa análise –, por exemplo, não admite a passivação do verbo. Isso pode acontecer, mas terá como consequência uma rejeição por parte do ouvinte ou resultará em uma UF agramatical (RUIZ GURILLO, 1997, p. 55). Ao caracterizar a prototipicidade do fenômeno, Ruiz Gurillo afirma que uma locução verbal prototípica apresentará fixação e idiomaticidade. A fixação estará no seu nível mais amplo, mostrando uma estrutura estável e com poucas possibilidades de variação. Nesse sentido, a locução idiomática não permitiria trocas ou mudanças que afetem sua estrutura, tais como a comutação ou a extração de componentes, entre outras modificações sintáticas.

No que tange à idiomaticidade, a UF prototípica deverá manter um significado não composicional. A “semi-idiomaticidade” deve estar presente apenas em casos de menor prototipicidade. Além de manifestar as propriedades já mencionadas, a locução prototípica é aquela que tem, entre seus componentes, alguma palavra diacrítica que atua como índice da sua fixação e da sua idiomaticidade.

Observar o fenômeno idiomático e os estudos realizados sobre o tema proporciona uma perspectiva ampla dos conceitos cognitivistas que a ele podem ser aplicados. Assim como os conceitos de categorização e prototipicidade encontram lugar em um fenômeno estudado tão amplamente, parece impossível pensar nos idiomatismos e não se deparar com a ideia de “linguagem figurativa”, entendida em termos de metáfora e de imagem conceitual.

O conceito de esquema de imagem é central dentro da corrente cognitivista, devido à sua relação com a corporização. Os esquemas imagéticos são estruturas mentais abstraídas de situações recorrentes com o ambiente à volta, representações de experiências corporais que ocorrem como resultado da interação (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF; TURNER, 1989). Essas experiências, heterogêneas e aparentemente distintas, compartilham um núcleo comum, um esquema fortemente abstrato que é formado por três elementos: um ponto de origem, uma trajetória e um ponto de destino (VALENZUELA; IBARRETXE-ANTUÑANO; HILFERTY, 2016, p. 46).

O uso de estruturas concretas e físicas para estruturar domínios abstratos é o que se conhece como metáfora conceitual: “A essência da metáfora é entender uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 5, tradução nossa²⁵). Tipicamente, uma metáfora conceitual é construída pela interação de diferentes esquemas de imagem, que tem um papel muito relevante na estruturação do domínio-alvo. As projeções de um domínio-fonte para um domínio-alvo devem ser feitas respeitando a estrutura imago-esquemática de ambos os domínios (VALENZUELA; IBARRETXE-ANTUÑANO; HILFERTY, 2012, p. 47).

Na perspectiva de Lakoff, tanto o pensamento metafórico quanto o entendimento metafórico de determinadas situações surgem em todas as línguas e constituem conceitos abstratos que adquirem seu significado através da cognição coporificada. Por essa razão, segundo Lakoff (2014, p. 3), “a metáfora conceitual se aplica ao conhecimento da imagem, dando lugar ao significado do idiomatismo” (tradução nossa²⁶). Nessa perspectiva, seria

²⁵ “The essence of metaphor is under-standing and experiencing one kind of thing in terms of another”.

²⁶ “The conceptual metaphor applies to knowledge about the image, yielding the meaning of the idiom!”.

possível explicar a correspondência entre a imagem mental de “jogar a toalha” e do conceito/significado de “desistir”.

Segundo Lakoff, existe um sistema de metáforas fixas na mente que são aplicadas naturalmente, de modo automático, rápido e inconsciente, ao conhecimento da imagem do significado do idiomatismo. Conforme Lakoff (2014, p. 3), “se há uma imagem do idiomatismo e o conhecimento sobre a imagem, então é isso que o idiomatismo significa metaforicamente” (tradução nossa²⁷).

Cabe mencionar que nosso objetivo não é apresentar, detalhadamente, toda a estruturação que existe na corrente cognitivista a partir dos esquemas imagéticos e dos pressupostos teóricos da metáfora conceitual. Decidimos trazer apenas alguns pontos dos conceitos básicos das teorias, já que se trata de elementos que nos ajudarão a visualizar melhor o contexto cognitivo a partir do qual é possível pensar principalmente a idiomaticidade, bem como levantar algumas inferências na nossa análise.

3.2 CONCEPÇÃO DE UM MODELO BASEADO NO USO: ENTRE A GRAMÁTICA COGNITIVA E A GRAMÁTICA CONSTRUCIONAL

Conforme mencionado ao longo deste capítulo, a Linguística Cognitiva, como corrente teórica, fundamenta-se em olhar para os fenômenos da língua como fenômenos de conceptualização. Assim e partindo dessa visão geral para delimitar nosso embasamento teórico, veremos, brevemente, os fundamentos para uma Gramática Cognitiva e de Construções que nos ajudarão a avançar em direção aos objetivos da pesquisa.

No entanto, consideramos importante ressaltar que, atravessando todas as explicações anteriores, existe uma concepção de mundo que é importante para toda pesquisa situada na Linguística Cognitiva: a visão de gramática baseada no uso. Esta tese se ancora na perspectiva que analisa a língua como uma atividade corporificada, que ocorre no tempo e em situações reais e que passa por sistemas cognitivos reais. Para Joan Bybee (2016), a proposta de uma teoria baseada no uso é explicar a essência da gramática, tendo como foco de análise o caráter gradiente e variante da língua e entendendo esta última como um instrumento natural, social e orgânico, em que as propriedades de uso dos enunciados na comunicação determinam a representação das unidades gramaticais na mente do falante.

²⁷ “If you have that image for the idiom and that knowledge about the image, then that is what the idiom means metaphorically”.

Autores como Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2016) ressaltam que a ideia de linguagem baseada no uso tem uma consequência muito importante e fundamental, principalmente porque essa noção faz desaparecer dicotomias tradicionais da Linguística, como a separação entre língua e fala e entre competência e atuação. Assim, as abstrações gerais da língua e os conhecimentos gerais do falante partem do seu uso individual e coletivo. Esse princípio é importante para o desenvolvimento de teorias construcionistas, além de “fazer com que, em geral, a Linguística Cognitiva esteja bastante preocupada em utilizar exemplos de uso, ou seja, de *corpora*, para fundamentar as análises” (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2016, p. 23, tradução nossa²⁸).

Esse tipo de abordagem coloca o foco da pesquisa sobre os processos cognitivos dinâmicos e recorrentes que são responsáveis pela criação da gramática, assim como pela mudança da língua e pelo processamento da linguagem, transformando esses três elementos em uma tríade que se mantém em movimento e que se torna interdependente quando se olha para a língua em uso. Em outras palavras, em uma situação de interação de uso da língua, partindo da ideia de que a linguagem é entendida como uma manifestação exterior da conceptualização do mundo, ela não pode ocorrer fora de um contexto em que as estruturas são produzidas, repetidas, recuperadas e replicadas por falantes de uma comunidade. Todo esse cenário é possível por existirem vários processos cognitivos responsáveis pela formação dessas estruturas – que, na nossa perspectiva cognitivista, denominam-se construções. Assim, a partir do agrupamento de palavras, o interesse do Modelo Baseado no Uso é observar a interação entre uso e processo, para analisar como as construções surgem e mudam, possibilitando vislumbrar respostas sobre a origem da gramática.

A teoria exposta por Bybee (2016) traz à tona dois conceitos fundamentais para nossa análise: a frequência e a rotinização das construções da língua. Para explicar como esses dois conceitos estão relacionados, a autora expõe que a linguagem, vista como um sistema adaptativo complexo, é maleável e que a variação se apresenta no campo da pragmática, lugar onde a frequência é colocada como o ponto central da teoria. Desse modo, a cognição se estabelece em certos domínios cognitivos – como já mencionado em parágrafos anteriores – a partir da recorrência motivada pragmaticamente.

Sob esse prisma, assume-se que as motivações pragmáticas do início de uma estrutura vão se perdendo na medida que são utilizadas. Essa perda vai se tornando rotineira,

²⁸ “Ha hecho que la Lingüística Cognitiva en general se preocupe mucho de utilizar ejemplo de uso, es decir, en corpus, para fundamentar sus análisis”.

ou seja, a estrutura vai se convencionalizando e se tornando recorrente. Assim, a partir dessa recorrência motivada pragmaticamente, a cognição vai estabelecendo certos domínios e vinculando a ideia de dinamismo, que reflete no processo de interação. Nesse processo, o falante e o ouvinte negociam e adaptam formas e funções, levando ao surgimento de novos padrões de uso, que, por sua vez, tornam-se recorrentes, fazendo da gramática um *continuum* de formas, de construções. Na perspectiva do Modelo Baseado no Uso, a estrutura linguística, a construção e o surgimento de novos padrões de uso acontecem porque há processos aplicados a domínios cognitivos, que Bybee (2016) chama de processos de domínio geral, a saber: categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal.

O primeiro é a categorização, que consiste em um processo que estrutura a informação na mente do falante, fazendo um mapeamento das representações armazenadas e estabelecendo as unidades da língua, seu significado e forma (BYBEE, 2016, p. 312). A categorização é um dos domínios cognitivos mais relevantes dentro da corrente cognitivista, já que se trata de uma das atividades cognitivas humanas mais básicas. Autores como Croft e Cruse (2008) afirmam que a categorização implica a apreensão de uma determinada entidade individual ou de algum aspecto concreto da experiência que se concebe de modo abstrato.

Essas formas mais abstratas são consideradas constructos mentais e denominadas categorias conceituais. Elas são representações, em forma de palavras ou construções, classificadas dentro de categorias criadas em posições abertas, que permitem sua interação com categorias semânticas que determinam as propriedades das construções. Trata-se de um processo que estabelece semelhanças entre itens lexicais e que ocorre através da frequência: a mente humana organiza em forma de categorias as construções mais frequentes e que servem, por sua vez, para categorizar novos itens, originando naturalmente efeitos de protótipo. Vemos, assim, que a categorização ocorre através de duas dimensões: a da semelhança e a da frequência.

Resumidamente, uma categoria é criada mediante uma classificação de itens com características semelhantes, que podem também ser compartilhadas. Aqueles já categorizados são os mais frequentes e servem de base para a categorização de novos itens.

Após ocorrer a categorização na cognição, entra em cena o processo de *chunking*, cujo papel é agrupar as construções armazenadas em sequências de unidades que vão se combinando conforme são utilizadas e formam unidades de construções mais complexas, como as que estudamos nesta tese. A formação de uma construção fraseológica pode ser explicada pelo conceito de *chunking*, pois as sequências repetidas de palavras se armazenam

de forma conjunta na cognição humana, de modo que o falante processa cada construção e acessa esta última como uma unidade simples. Na teoria baseada no uso, o *chunking* é o domínio geral de maior interesse, já que através dele acontece um encadeamento de palavras, que se dá a partir da organização geral da memória. Esse processo influencia todos os sistemas cognitivos, por ser uma relação sequencial que se desenvolve quando duas ou mais palavras são utilizadas juntas com frequência, fato que gera a habilidade cognitiva de construir estruturas organizadas hierarquicamente, facilitando seu armazenamento e acesso na memória.

No processo de junção e agrupamento, são criados, na cognição, blocos de sequências de palavras frequentes acessadas em conjunto. Ou seja, o *chunking* pode ser entendido como uma capacidade de concatenação que se dá com a repetição e que leva à formação de construções, de sequências formulaicas ou o que Bybee (2016) chama de sequências de palavras pré-fabricadas. No entanto, o fato de certas construções – como as estudadas nesta pesquisa – serem acessadas pelos falantes em forma de bloco não significa que elas não sejam um *chunk* sem estrutura interna. Aqui, o conceito de *chunk* é indispensável para entender o processo do *chunking*, já que ele é a unidade de organização da memória ao juntar *chunks* já formados e soldados em uma unidade maior (BYBEE, 2016, p. 64): o *chunking* é o domínio cognitivo que concatena *chunks* já categorizados, armazenados e estabelecidos na memória, o que significa que todos os *chunks* são independentes.

Nessa lógica trazida por Bybee (2016), as construções fraseológicas têm como base associações formadas a partir daquilo que é pré-fabricado e também outros elementos, que a autora denomina *tokens*. Estes últimos aparecem dentro da construção pré-fabricada. Em outras palavras, a pesquisadora tem uma perspectiva construcionista em que o *chunk* é um elemento semipreenchido de uma construção maior e mais abstrata, que deixa elementos abertos para serem ocupados de diferentes formas e em distintos contextos. Por essa razão, podemos encontrar variabilidade dentro dos chamados fraseologismos, já que eles são construções idiomáticamente fixas na pragmática, que têm *chunks* estabelecidos e formados na memória, mas que abrem os espaços como construção para que elementos entrem ou sejam modificados sem que ocorra perda de significado.

Uma vez que a cognição humana categoriza e agrupa as construções, entra em cena a memória enriquecida. Esse processo faz com que todo tipo de construções seja armazenado nas formas fonéticas e fonológicas, bem como os morfemas que formam palavras dos componentes das construções. Como podemos observar, nesse terceiro processo estão

também todos os detalhes mentais que têm alguma relação com a língua. Isso inclui não apenas os níveis linguísticos mencionados anteriormente, mas também os contextos de uso, os significados e as inferências associadas a eles.

Segundo Bybee (2016, p. 53), a memória enriquecida é constituída por representações de conjuntos de exemplares que se formam (na memória) e que podem ser sequências fonéticas ocorridas nas palavras ou representações por “feixe de exemplares”. Trata-se de representações mais complexas, geralmente esquemáticas, que pertencem ao nível sintático e têm posições que devem ser preenchidas por determinadas palavras ou sintagmas. Para a autora, a possibilidade de os falantes conseguirem realizar essas operações de preenchimento é evidência de que existe o domínio cognitivo da memória enriquecida, já que a mente humana deve ter um mecanismo responsável pelo armazenamento de formas e significados.

Por último, encontramos, na teoria baseada no uso, o domínio cognitivo da analogia e associação, que ocorre na criação de enunciados novos a partir de enunciados e experiências prévias. Esse processo é responsável por viabilizar que as posições esquemáticas das construções sejam utilizadas de modo produtivo na linguagem, ou seja, que as categorias armazenadas na memória estabeleçam relações com novos itens lexicais, gerando mudança e crescimento, além da conexão entre forma e significado por experiências que tendem a ser associadas cognitivamente.

A analogia tem um papel relevante na criação e expansão das construções. Pensemos que, quando um falante produz uma determinada construção e modifica algo na sua estrutura interna, seja para ajustá-la ao seu discurso ou por qualquer outra motivação, a escolha da palavra ou do item será mediada pela analogia: o usuário procura, na sua rede de *chunks* armazenados na memória, o *chunk* ou item que se relacione com o item original da construção. Por exemplo, ao realizar uma mudança no verbo, o falante pode procurar por um sinônimo ou antônimo dependendo da sua motivação discursiva. O usuário cria uma nova construção que se relaciona à anterior, mas que também ajuda na criação de outra construção por meio do processo cognitivo de analogia e associação. Por esse motivo, o principal fundamento de uma teoria baseada no uso é a hipótese de que a gramática é um emaranhado de redes conectadas através de relações entre construções: “um pressuposto básico da

abordagem baseada no uso é que o conhecimento linguístico é organizado em uma rede associativa” (DIESSEL, 2019, p. 2, tradução nossa²⁹).

Vemos, assim, que esse modelo construcional está presente nas explicações que relacionam o processamento da linguagem às construções, entendidas como unidades básicas de análise. A unidade básica de análise, a construção, deu origem a diversas abordagens teóricas, levando a considerar que existe uma família de Gramáticas da Construção, devido à afirmação de que o conhecimento que um usuário tem sobre sua própria língua se articula em uma vasta rede de construções com múltiplas relações entre si (GONZÁLVEZ-GARCÍA, 2016, p. 253).

Nos estudos da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 1995; 2006; DIESSEL, 2019), linha teórica que se desenvolve a partir da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva, a construção é uma unidade simbólica da língua, entendida mediante dois aspectos complementares e inseparáveis: forma e função. Quando nos comunicamos, lançamos mão de uma construção do repertório da nossa língua, estabelecido em redes associativas, motivados por fatores tanto semânticos – como o conteúdo daquilo que queremos dizer – quanto estatísticos, uma vez que o conhecimento linguístico é influenciado, constantemente, por todas as situações de uso do indivíduo e também do grupo.

Assim, os autores citados identificam as instanciações de exemplares – os exemplos concretos de maior frequência e distribuição –, que podem ser centrais ou periféricas, definidas como os casos que ocorrem com menor frequência e estão ligados a uma maior especificidade semântica. Nessa visão, saber uma língua é reconhecer, amplamente, o inventário de construções que ela tem e também aprender esse inventário por meio de processos cognitivos de domínio geral. Essa aprendizagem só é facilitada pela alta exposição repetitiva a dados que são armazenados de modo redundante na cognição. Conforme Diessel (2019):

Linguistas baseados no uso concebem a linguagem como um sistema dinâmico de estruturas emergentes e restrições flexíveis que, em princípio, estão sempre mudando sob a pressão de processos de domínio geral, isto é, processos que não dizem respeito apenas ao uso da linguagem, mas também fenômenos cognitivos não linguísticos, tais como a percepção visual, a recuperação na memória e a automatização (DIESSEL, 2019, p. 5, tradução nossa³⁰).

²⁹ “It is a basic assumption of the usage-based approach that linguistic knowledge is organized in an associative network”.

³⁰ “Usage-based linguists conceive of language as a dynamic system of emergent structures and flexible constraints that are in principle always changing under the pressure of domain-general processes, that is, processes that do not only concern the use of language but also nonlinguistic cognitive phenomena such as visual perception, memory retrieval and automatization”.

Todos os processos e domínios cognitivos mencionados até aqui são considerados, nesta pesquisa, parte fundamental de um modelo de análise cognitivo que permita realizar uma descrição do fenômeno fraseológico. Estamos diante de conceitos de base, que constituem teorias como a Gramática Cognitiva e a Gramática de Construções, as quais são tratadas e explicadas de modo separado por autores como Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2016), entre outros. No entanto, vemos que elas apresentam interconexões que possibilitam relacioná-las e trazê-las, neste momento, de forma conjunta para a discussão.

A Gramática Cognitiva, introduzida por Ronald Langacker (1987; 1991), é definida como um modelo que oferece explicações linguísticas sobre a estrutura da língua, psicologicamente e biologicamente plausíveis, que respondam às manifestações ocorridas no uso real e em contextos naturais de interação que os falantes têm no discurso. No cerne da teoria, a língua é entendida como um inventário estruturado de unidades simbólicas, o que é visto em termos de agrupamentos de constructos associados a outros componentes (da língua) que compartilhem uma ou mais propriedades entre si. Essas unidades simbólicas se apresentam e constituem em evento de uso que, para fins de sistematização, são construídos em formas mais abstratas, cujo peso no sistema linguístico depende do grau de convencionalização que uma forma linguística tem na língua, a partir do seu uso.

Croft e Cruse (2008, p. 360) expõem que a Gramática Cognitiva pode ser considerada uma gramática da construção. Isso se deve ao fato de que o modelo de representação sintática da Gramática Cognitiva constitui, em si mesmo, uma gramática da construção. Em outras palavras, a Gramática Cognitiva de Langacker (1987; 1991; 1999; 2008) atribui um papel central ao significado na análise linguística, assumindo que todos os aspectos gramaticais são associados a uma carga significativa, além de ter como traço distintivo a ênfase sobre as definições simbólicas e semânticas dos constructos teóricos analisados, tradicionalmente, como puramente sintáticos. Langacker (1987) define que as unidades linguísticas convencionais são, como mencionado anteriormente, unidades simbólicas, mas enfatiza que sua principal característica é conter duas partes: a forma e o significado.

Nessa perspectiva, podemos estabelecer uma relação entre autores como Langacker (2003; 2008; 2009) e Goldberg (2005), encontrando coincidências na caracterização da estrutura de representação e da análise sintática da língua. Goldberg define as construções como o pareamento entre forma e função.

Assim, tal como afirmado anteriormente, a Gramática da Construção nasce como uma nova proposta de análise da linguagem. Entende-se que é essencial considerar a linguagem como um sistema cognitivo, um emaranhado de redes que estão em constante mudança, em que todas as partes da gramática têm o mesmo status cognitivo. Trata-se de uma concepção de gramática cuja unidade básica de análise é a construção gramatical, ou seja, “um pacote que reúne, no caso mais geral, informação lexical, sintática, semântica e pragmática” (PINHEIRO, 2018, p. 6).

3.3 IDIOMATISMOS COMO PONTO DE PARTIDA DE UMA NOVA PERSPECTIVA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

Na década de 1970, a Gramática Gerativa havia desenvolvido uma metodologia que não conseguiu oferecer uma explicação satisfatória sobre o comportamento dos fraseologismos, classificando-os como arbitrários e situando-os na periferia da gramática. Em princípio, o modelo gerativo não é apropriado para explicar a estrutura dos idiomatismos, principalmente porque seu comportamento diverge do das expressões livres.

Na referida abordagem, são investigados os processos cognitivos dinâmicos e recorrentes que são responsáveis pela criação da gramática, pela mudança linguística e pelo processamento da linguagem. A atenção se concentra nos processos cognitivos encarregados da formação de construções, a partir do agrupamento de palavras. O interesse dessa perspectiva é observar a interação entre o uso e o processo.

Em uma primeira aproximação, podemos afirmar que a Linguística Cognitiva aborda o fenômeno fraseológico sob o nome de idiomatismos e estabelece uma discussão acerca da composicionalidade desse tipo de construção, retirando-o da periferia da gramática, lugar onde foi colocado pela tradição do Gerativismo Linguístico. Nas palavras de Fillmore (1985):

As pessoas que decidem essas coisas certamente declarariam que os fenômenos que eu venho descrevendo pertencem à “periferia” da gramática e não ao seu “núcleo”, e eles seriam rápidos em informar que, dentro do “núcleo”, as estruturas de deslocamento podem ser descritas, de forma equivalente, por uma via construcional ou por uma via derivacional, de modo que ambas seriam “meras variantes notacionais”. Eu gostaria de sugerir que, uma vez que nos casos “periféricos” a abordagem “construcional” tem, a meu ver, uma série de vantagens, talvez ela deva ser preferida em todos os casos. No mínimo, isso tornaria menos necessária a crença

de que há uma descontinuidade fundamental entre a Gramática Nuclear e A Periferia (FILLMORE, 1985, p. 84, tradução nossa³¹).

A tradição da Linguística Cognitiva parte da ideia de que essa divisão não deveria ser considerada dentro do sistema linguístico, devendo existir uma tentativa de explicar todos os fenômenos da língua. Assim, nasce o interesse da LC em olhar para a “periferia”, com o intuito de que, se for possível explicar esses fenômenos considerados aleatórios pela tradição gerativista, este seria então um caminho melhor para explicar e descrever todos os fenômenos das línguas naturais.

Na Linguística Cognitiva, o ramo que tenta explicar o fenômeno fraseológico é a abordagem construcionista, que tem como centro da gramática as construções gramaticais. Estas últimas são, nas palavras de Goldberg (2006, p. 5), pareamentos convencionalizados de forma e função semântica ou discursiva, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões preenchidos parcialmente pelo léxico e padrões frasais mais gerais.

Na perspectiva construcionista da LC, os idiomatismos são fundamentais para a gramática de qualquer língua, já que eles representam o elemento mais importante do sistema linguístico: a unidade simbólica da língua entendida como uma estrutura. Para Fillmore (1989, p. 34), os construcionistas não apenas entendem que as propriedades das estruturas sintáticas, fraseológicas e léxicas são como um *continuum*, mas também estão convencidos de que padrões fraseológicos constituem a grande maioria das estruturas que entram no discurso cotidiano.

Sobre nosso fenômeno de estudo na tradição cognitivista, Croft e Cruse (2008, p. 297) definem os idiomatismos como unidades gramaticais maiores do que uma palavra, que se caracterizam por serem idiossincráticas em algum aspecto. Esses autores afirmam que a característica essencial dos idiomatismos é a frequência de uso, a qual pode ser considerada algo paralelo à institucionalização descrita pela Fraseologia.

Segundo esses pesquisadores, existe uma série de traços obrigatórios a serem apresentados pelos idiomatismos. O mais importante é a convencionalidade. Outros traços estabelecidos podem ser considerados nos seguintes critérios:

³¹ “The people who decide on such things would surely declare that the phenomena I have been describing belong to the ‘periphery’ of grammar and not its ‘core,’ and they might be quick to tell us that within the ‘core,’ displacement structures are equivalently described constructionally or transformationally, the two being ‘mere notational variants’ of each other. I would like to suggest that since in the ‘peripheral’ cases the ‘constructional’ account has, as I see it, a number of advantages, perhaps a constructional treatment should be preferred throughout. This would at least make it less necessary to believe that there is major discontinuity between Core Grammar and The Periphery”.

- a) Critério da não flexibilidade.
- b) Critério da figuração.
- c) Critério da proverbialidade.
- d) Critério da informalidade.

Destaca-se o critério em (a), que trata da sintaxe restrita desse tipo de estrutura e pode ser correlacionado aos critérios em (a), (b) e (c) da Fraseologia explicados na seção 2.2.1. O critério em (b), figuração, estaria diretamente relacionado a algumas características da idiomatidade da Fraseologia, mas ele se concentra no fato de que os idiomatismos apresentam, frequentemente, usos metafóricos ou hiperbólicos. O critério em (c) é associado à característica da institucionalização.

Na perspectiva da LC, a explicação sobre nosso objeto de estudo corresponde à vertente denominada Gramática de Construções, cujos postulados estabelecem que o modo mais apropriado de representar o conhecimento que os falantes têm dos idiomatismos é compreendendo-os em termos de construção gramatical. Isso significa que os idiomatismos são estruturas esquemáticas constituídas em expressões combinadas idiomáticamente. Ou seja, “em uma expressão combinada idiomáticamente os componentes sintáticos dos idiomatismos podem estar relacionados com determinadas partes de sua interpretação semântica” (GODOY ROA, 2017, p. 60).

Esta última afirmação caminha em direção à caracterização dos idiomatismos como estruturas que não apenas podem, mas devem ser analisadas de um ponto de vista composicional, já que eles não estão completamente isolados das palavras e construções com as quais têm relação. Nesse sentido, Bybee (1998; 2016) afirma que o fenômeno idiomático deve ser pensado a partir de muitos aspectos do seu significado e também de como ele deriva de construções mais gerais e do significado das palavras que o integram, refutando, assim, a premissa da Fraseologia que afirma que o significado total de uma UF não é dedutível do significado isolado das palavras ou elementos que a compõem.

De acordo com Bybee (2016), esse tipo de estrutura gramatical fornece evidências de um armazenamento cognitivo organizado, não arbitrário, em que as sequências de palavras podem ter uma representação lexical enquanto são associadas a outras ocorrências (das mesmas palavras). Para a autora citada, o fato de os idiomatismos serem lembrados como um todo, em bloco, não significa que suas partes, consideradas isoladamente, e sua contribuição

semântica não sejam reconhecidas. Elas apenas têm um significado que é diferente do significado literal da combinação das partes que integram o idiomatismo.

3.3.1 Características dos idiomatismos na perspectiva cognitivista

Nesta seção, abordamos as características e as classificações do fenômeno na perspectiva cognitivista. Para iniciar, devemos retomar a principal proposta da LC: as expressões linguísticas, desde as mais simples até as mais complexas, constituem unidades simbólicas baseadas em um pareamento entre forma e significado nos níveis lexical, morfológico e sintático (FERRARI, 2014, p. 129). Em tal contexto de pensamento, a regularidade da gramática é explicada com base em esquemas abstratos gerais e na representação uniforme de todo o conhecimento gramatical que está na mente do falante. Trata-se de um padrão cognitivo gerado no uso, que tem como centro da gramática as construções gramaticais, as quais, como vimos anteriormente, são pareamentos convencionalizados de forma e função semântica ou discursiva.

Como já mencionamos, ao longo da tradição gramatical da corrente da Linguística Gerativa o problema no tratamento dos idiomatismos é que envolve uma estrutura que, mesmo estando no nível acima da palavra, não podia ser explicada através das regras gerais de princípios e parâmetros que eram aplicadas às outras estruturas da língua.

Olhando para esse fenômeno que o Gerativismo optou por chamar de aleatório, folclórico e que não deveria fazer parte da gramática da língua, os cognitivistas começaram a pensar que o fato de os falantes terem essas estruturas dentro da sua cognição fazia com que ele merecesse não apenas estar na gramática, mas que a explicação desse tipo de estrutura deveria estar no centro dela. Assim, os cognitivistas definiram os idiomatismos como unidades maiores que uma palavra, que têm como principal característica o fator idiossincrático. Seu traço mais sobressaliente é a convencionalidade, que, nas palavras de Croft e Cruse (2008), deve ser entendida do seguinte modo:

seu significado ou uso não é predizível ou, pelo menos, não completamente predizível sobre a base do conhecimento das convenções independentes que determinam o uso dos elementos que os constituem quando eles aparecem separadamente (CROFT; CRUSE, 2008, p. 298, tradução nossa³²).

³² “su significado o su uso no resulta predecible o, cuando menos, no completamente predecible sobre la base del conocimiento de las convenciones independientes que determinan el uso de los elementos que los constituyen, cuando estos aparecen por separado”.

Assim, estaríamos diante de estruturas linguísticas mais complexas, que, de algum modo, devem estar armazenadas como convencionais na mente do falante, razão pela qual, de acordo com pesquisadores cognitivistas, seriam uma parte do conhecimento gramatical do usuário.

O ponto de partida para a classificação dos idiomatismos é o trabalho de Fillmore, Kay e O'Connor (1988). Buscando justificar a necessidade de uma gramática da construção, os autores descrevem dois tipos de idiomatismos: codificadores e decodificadores. Um idiomatismo codificador é aquele que pode ser entendido aplicando as regras que são empregadas para interpretar sentenças, mas que tem um resultado arbitrário – convencional –, no que se refere a essa expressão aplicada a um significado concreto. Esse tipo de idiomatismo, segundo os autores, é aquele que o ouvinte pode compreender sem maiores dificuldades ao ouvi-lo. Isso acontece mesmo quando se trata de um idiomatismo que a pessoa não utiliza com frequência ou de uma determinada combinação de palavras. Assim, o idiomatismo codificador seria aquele que pode ser deduzido a partir do significado dos elementos que o compõem. Por outro lado, um idiomatismo decodificador é aquele que não pode ser decodificado facilmente pelo ouvinte. Nesse caso, a pessoa não consegue entender o significado conjunto a partir do significado de cada um dos elementos que compõem o idiomatismo. As CFs da amostra analisada nesta tese estariam, justamente, entre os idiomatismos decodificadores.

Nesse sentido, Nunberg, Sag e Wasow (1994) classificam dois tipos de idiomatismos: expressões combinadas idiomáticamente e locuções idiomáticas. As primeiras seriam aquelas em que certas partes do significado idiomático podem corresponder a determinadas partes do significado literal, ou seja, seriam expressões que, mesmo com um sentido idiomático, este último pode ser deduzido dos significados literais das suas. As locuções idiomáticas, por sua vez, são aquelas em que é impossível realizar esse processo feito nas expressões combinadas idiomáticamente. Trata-se, em outras palavras, dos idiomatismos decodificadores apresentados no parágrafo anterior.

A distinção entre idiomatismos codificadores e decodificadores, bem como a diferenciação entre expressões combinadas idiomáticamente e locuções idiomáticas, caracterizam os idiomatismos em comparação com as expressões sintáticas regulares, no que diz respeito às regras de interpretação que vinculam o componente sintático ao componente semântico. Para Croft e Cruse (2008, p. 301), o significado idiomático das expressões

combinadas idiomáticamente não pode ser determinado através do uso das regras gerais de interpretação semântica das palavras ou das estruturas sintáticas.

Outra distinção apontada por Fillmore, Kay e O'Connor (1988), resenhada por Croft e Cruse (2008), é a divisão de idiomatismos entre gramaticais e extragramaticais. Os primeiros são aqueles que podem ser analisados sintaticamente, utilizando-se as regras sintáticas gerais de cada língua, mas irregulares semanticamente (GODOY ROA, 2017, p. 58). Os idiomatismos extragramaticais são chamados como tal porque eles não obedecem às regras gerais da língua e têm a característica de serem idiossincráticos. São exemplos de idiomatismos gramaticais *tirar la toalla* e *poner el grito en el cielo*, construções que seguem as regras sintáticas do espanhol apresentando a sequência [verbo + complemento direto]. Já um idiomatismo extragramatical seria *cuando en cuando*. Em resumo, os idiomatismos gramaticais seguem, adequadamente, as regras sintáticas da língua da qual fazem parte e apresentam idiomatidade por algum motivo não atrelado a essa condição. Os idiomatismos extragramaticais, por sua vez, não se adequam às regras sintáticas da língua e sua idiomatidade deriva justamente disso.

Complementando essa distinção, Fillmore, Kay e O'Connor (1988) estabelecem um terceiro parâmetro para caracterizar o fenômeno em estudo: a diferença entre os idiomatismos substantivos e os idiomatismos formais ou esquemáticos. Um idiomatismo substantivo é lexicalmente completo, expressões cristalizadas que tem seus constituintes fixos e que não permitem nenhum tipo de alteração em qualquer nível, incluindo o tempo verbal. É o caso de refrões como *más sabe el diablo por viejo que por diablo*. Os idiomatismos formais ou lexicalmente abertos têm uma estrutura esquemática na qual alguma das partes pode figurar em qualquer um dos elementos que integram a classe usual das expressões e que resultam apropriadas, tanto do ponto de vista sintático quanto semântico. Ou seja, trata-se de idiomatismos mais gerais, que abrem espaços para serem preenchidos por diferentes itens lexicais, como é o caso da construção *[X] no saber [Y], mucho menos saber [Z]*: nos lugares denotados por [X], [Y] e [Z], podem aparecer diversos sintagmas, como por exemplo *[ella] no sabe [cantar], mucho menos va a saber [actuar]*.

Em síntese, as análises realizadas por Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e resenhadas por Croft e Cruse (2008) evidenciam que o fenômeno dos idiomatismos constitui um grupo bastante heterogêneo, no que tange às propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas, de modo que existem desde expressões completamente fixas até aquelas que são mais gerais, podendo resultar mais ou menos opacas do ponto de vista semântico e, inclusive, não se

ajustar às regras sintáticas gerais da língua. Resumimos, a seguir, todas as distinções apresentadas:

- Idiomatismo codificador vs. idiomatismo decodificador.
- Expressões combinadas idiomáticamente vs. locuções idiomáticas.
- Idiomatismo gramatical vs. idiomatismo extragramatical.
- Idiomatismo substantivo vs. idiomatismo formal (esquemático).

Com esses traços, Fillmore, Kay e O'Connor (1988) também estabelecem uma categorização dos idiomatismos em três grandes grupos, que se diferenciam a partir da comparação com expressões sintáticas regulares, conforme o quadro organizado a seguir:

Quadro 2 – Tipos de idiomatismos comparados com expressões sintáticas regulares

Tipos de estrutura	Nível lexical	Nível sintático	Nível semântico
Elementos incomuns dispostos de forma incomum	Irregular	Irregular	Irregular
Elementos comuns dispostos de forma incomum	Regular	Irregular	Irregular
Elementos comuns dispostos de forma comum	Regular	Regular	Irregular
Expressões sintáticas regulares	Regular	Regular	Regular

Fonte: Elaboração própria.

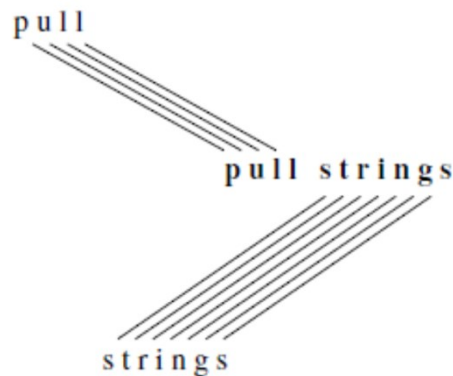
Como vemos no Quadro 2, a primeira categoria é a dos elementos incomuns dispostos de forma incomum, que se refere a idiomatismos nos quais determinadas palavras aparecem formando apenas uma parte, ou seja, há palavras que aparecem somente em um determinado contexto de uso, não em outros. São irregulares do ponto de vista léxico, sintático e semântico. A segunda categoria, elementos comuns dispostos de forma incomum, engloba os idiomatismos que não apresentam palavras singulares, mas são extragramaticais. São regulares do ponto de vista léxico, mas irregulares do ponto de vista sintático e semântico. Essa categoria pode ser situada nas características das expressões combinadas idiomáticamente, de que tratamos anteriormente. A terceira e última categoria, elementos comuns dispostos de forma comum, refere-se ao grupo de idiomatismos que são regulares do ponto de vista léxico e sintático, mas irregulares do ponto de vista semântico. Essa categoria faz parte dos idiomatismos substantivos ou esquemáticos.

Até o momento, esta seção se preocupou em apresentar as características dos idiomatismos, tal como descritos pela tradição cognitivista que deu origem ao pensamento construcional, seja com um foco estrutural ou na mente do falante. Entretanto, consideramos relevante esclarecer que essas duas perspectivas têm um ponto em comum: o fato de entenderem os idiomatismos como sequências de palavras convencionalizadas, que, usualmente, contêm palavras ordinárias e uma morfossintaxe predizível, além de um significado estendido, geralmente de natureza metafórica (BYBEE, 2006, p. 713).

Nessa perspectiva, Croft e Cruse (2008), citando Nunberg, Sag e Wasow (1994), afirmam que, em uma expressão combinada idiomáticamente, os componentes sintáticos podem estar relacionados a determinadas partes da sua interpretação semântica. Como ilustração, os autores analisam o idiomatismo inglês *spill the beans*, que significa “revelar” ou “entregar informações secretas”, o qual pode estar diretamente ligado ao significado literal do núcleo verbal *spill*, “divulgar”. Assim, os autores concluem que as expressões combinadas idiomáticamente não podem ser analisadas apenas no nível semântico, devendo ser consideradas composicionais do ponto de vista semântico.

Em uma análise convergente, Bybee (2006) reitera que os idiomatismos não estão completamente isolados das palavras e construções com as quais eles têm relação, como estabelece a tradição da Gramática Gerativa. O fenômeno dos idiomatismos é pensado a partir de muitos aspectos do seu significado, de como ele deriva de construções mais gerais e do significado das palavras que o integram. Segundo a autora, os idiomatismos fornecem evidências suficientes para o armazenamento organizado, em que sequências de palavras podem ter uma representação lexical enquanto são associadas a outras ocorrências (das mesmas palavras). Bybee afirma que os idiomatismos são lembrados pelo falante como um todo. Porém, isso não significa que as partes que compõem o idiomatismo e sua contribuição semântica não sejam reconhecidas. Para exemplificar sua afirmação e complementando o aporte teórico de Nunberg, Sag e Wasow (1994), Bybee (1998, p. 425) traz o idiomatismo do inglês *pull strings* e explica que, em uma construção como *John was able to pull strings to get the job*, existe um significado que é diferente do significado literal de cada um dos componentes e da sua combinação. Isso não significa que os falantes não identifiquem as palavras *pull strings* dentro da frase, do mesmo modo que as reconhecem quando utilizadas em outros contextos e combinações. A autora apresenta a Figura 2, que reproduzimos a seguir com o intuito de exemplificar como funciona a relação de um idiomatismo com seus componentes lexicais:

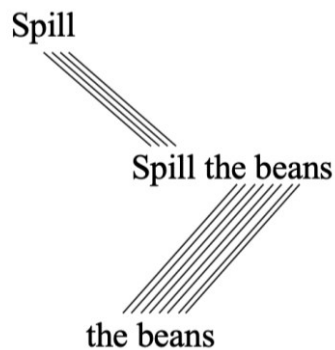
Figura 2 – Relação dos idiomatismos com seus componentes lexicais: *pull strings*



Fonte: Extraído de Bybee (1998, p. 425).

Bybee (1998) ilustra o conceito apresentando a expressão idiomática em posição intermediária e, por sua vez, a ideia de relação entre seus componentes por meio de linhas que se conectam à expressão como tal. Assim, embora a expressão tenha um significado idiomático, figurado, de influenciar uma determinada decisão ou pensamento “puxando as cordas”, esse significado pode ser deduzido dos significados literais dos seus componentes “puxar” e “cordas”. Para apoiar essa análise, observemos a seguir a Figura 3, que ilustra o idiomatismo inglês *spill the beans*, analisado por Nunberg, Sag e Wasow (1994):

Figura 3 – Relação dos idiomatismos com seus componentes lexicais: *spill the beans*

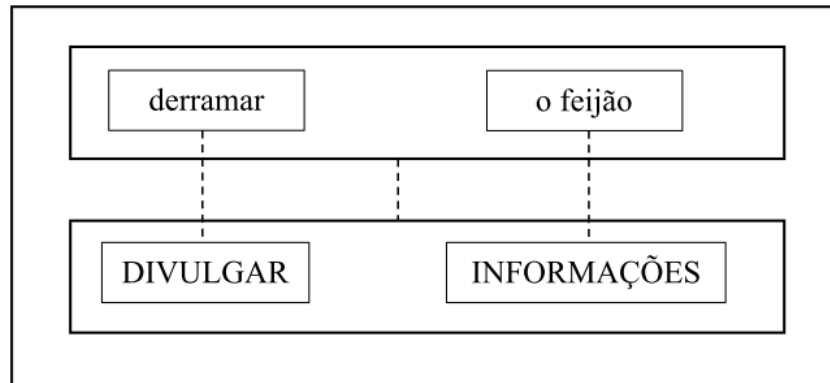


Fonte: Elaboração própria.

Podemos observar a relação, marcada por linhas, entre cada componente do idiomatismo, *spill* e *the beans*, com sua totalidade. Na frase, o núcleo verbal, *spill*, contribui para o significado de “divulgar” ou “espalhar alguma coisa”. O complemento *the beans*, que no significado literal se refere a “feijão”, tem uma transferência metafórica para “informação”. Essa análise que associa de modo biunívoco *spill* a “divulgar” e *the beans* a “informação” é representada por Croft e Cruse (2008) na Figura 4, adiante, que apresenta em letras minúsculas a forma e, em maiúsculas, o significado. Os quadros representam a

construção e as partes que a constituem e, por último, as linhas pontilhadas indicam as relações biunívocas entre a sintaxe e a semântica.

Figura 4 – Representação da análise de *spill the beans*



Fonte: Extraído de Croft e Cruse (2008, p. 326).

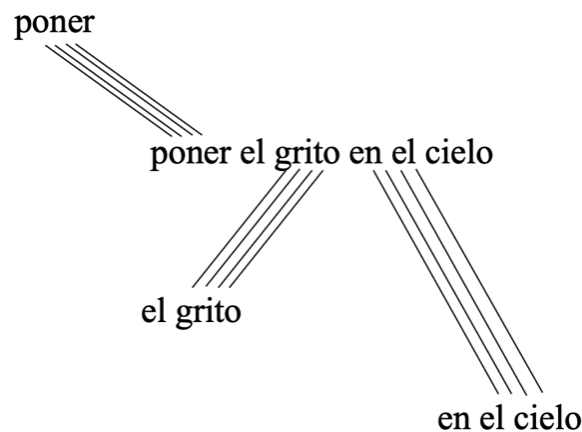
Em resumo, as expressões combinadas idiomaticamente – interesse desta pesquisa – ou idiomatismos são entendidos como composicionais, uma vez que os sentidos dos elementos que constituem a expressão sintática podem estar relacionados, biunivocamente, aos componentes do significado (do idiomatismo). A partir dessa reflexão teórica, podemos afirmar que os significados das partes que constituem os idiomatismos se combinam dando lugar ao significado de uma construção global. Retomando os conceitos expostos por Bybee (2016), trata-se de um agrupamento de palavras, formado através de *chunking*, em que cada um dos *chunks* proporciona um conhecimento ancorado na memória, a partir de uma relação sequencial que, como processo cognitivo, é possível devido à categorização feita previamente na mente do falante.

Observemos o seguinte exemplo: uma construção fraseológica como *poner el grito en el cielo* pode ser vista como um bloco, com uma estrutura interna formada por [verbo + sintagma nominal + sintagma preposicional + sintagma nominal]. Mesmo sendo uma construção com alta frequência de uso na língua espanhola com os elementos nessa ordem, ela não deixa de ser uma sequência de formas estruturadas gramaticalmente. O que acontece é que se trata de uma construção com *chunks* estabelecidos, ou seja, ela apresenta um verbo que é mais frequente (*chunk* [*poner*]), um componente nominal (*chunk* [*el grito*]) e uma parte preposicional exigida pelo verbo – entendendo que “quem põe algo faz isso em algum lugar” – (*chunk* [*en el cielo*]).

Para Bybee (2016), o fato de conseguirmos ver essa estrutura interna é a principal evidência para afirmar que os falantes interpretam as expressões idiomáticas de modo literal e

também figurado. Seguindo a lógica de ilustração proposta pela autora e explorando a mesma análise feita anteriormente, podemos interpretar tal expressão conforme a representação da Figura 5, adiante. São apresentados, separadamente, os *chunks* que fornecem significado e sentido para a formação de um *chunk* maior, que se constitui como uma construção fraseológica.

Figura 5 – Relação do idiomatismo *poner el grito en el cielo* com seus componentes lexicais e gramaticais



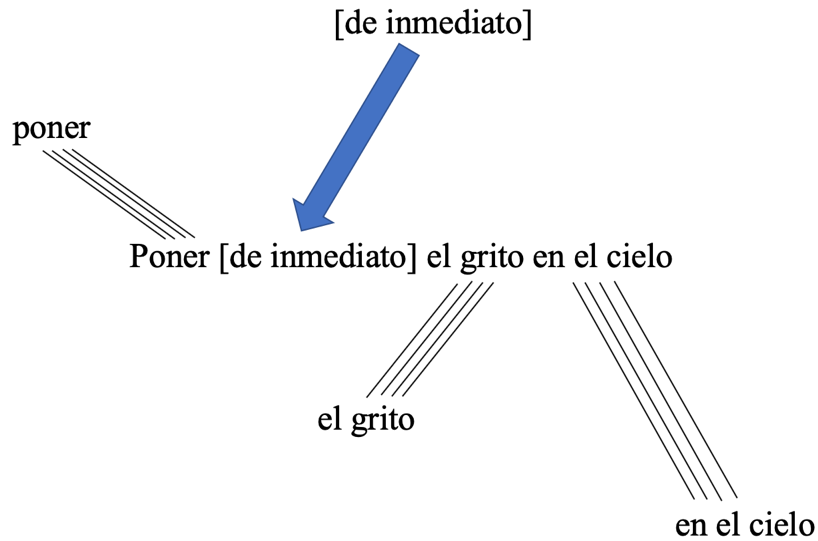
Fonte: Elaboração própria.

Nesse sentido, estamos diante de *chunks* sequenciais da linguagem, que, convencionalmente, são utilizados juntos e podem aparecer com algumas partes fixas e outras soltas, sendo possível preencher com a categoria de itens semanticamente definidos. Ou seja, não necessariamente os *chunks* devem ser contínuos. Eles podem ser interrompidos por classes abertas de itens, como por exemplo advérbios. Pensemos no caso da CF apresentada no parágrafo anterior, a qual, pelo fato de estarmos interpretando como uma construção formada por determinados *chunks*, deveria permitir a inserção de material lexical nos espaços ou partes soltas sem levar a perdas de conteúdo idiomático. Observemos o seguinte dado:

- (9) *La aparición en uno de los libretos del entrenador de un exclusivo club de golf colocando bolsitas con cocaína en los lockers de los socios hizo que las autoridades locales **pusieran de inmediato el grito en el cielo** (CREA; México: 1997).*

O dado em (9) evidencia a quebra da sequência esperada do idiomatismo que ilustramos na Figura 5. Ele demonstra a possibilidade de realização do idiomatismo com a inserção de material lexical que não comprometa seu sentido figurado. A sequência de que estamos tratando é exemplificada na Figura 6, a seguir:

Figura 6 – Relação de componentes em uma ocorrência de *poner el grito en el cielo*



Fonte: Elaboração própria.

Podemos observar não apenas a relação dos componentes esperados na realização do idiomatismo *poner el grito en el cielo*, mas também a relação que existe com o material lexical inserido em uma ocorrência que pertence à amostra estudada nesta tese. A Figura 6 contribui ilustrando que diferentes elementos na mente – ou na memória enriquecida – dos falantes se organizam para comunicar uma certa ideia, com a possibilidade de ênfase na rapidez da ação expressa pelo idiomatismo na sua totalidade, que se constrói a partir de *chunks* ou dos elementos componentes já estabelecidos, proporcionando argumentos para considerar que se trata de um fenômeno esquemático. Resumimos as sequências de análise no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Comparação de sequências sintáticas em uma ocorrência de *poner el grito en el cielo*

Sequência esperada	Sequência realizada	Ocorrência
[verbo + sintagma nominal + sintagma preposicional + sintagma nominal]	[verbo + sintagma nominal + sintagma adverbial + sintagma preposicional + sintagma nominal]	<i>Pusieran de inmediato el grito en el cielo.</i>

Fonte: Elaboração própria.

Até aqui, foram apresentadas noções que fundamentam as características dos idiomatismos na perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, com o intuito de retomar as análises que deram origem à Gramática da Construção. Para a corrente cognitivista, o fenômeno dos idiomatismos é um ponto de partida e, nesta pesquisa, acreditamos que eles devem ser mais que o ponto de partida dos postulados construcionistas, tornando-se parte

ativa da gramática da língua. Trata-se de estabelecer os idiomatismos como construções, ou seja, entender que o modo mais apropriado de representar o conhecimento que os falantes têm sobre o fenômeno é compreendendo-o em termos de construção gramatical.

Fillmore, Kay e O'Connor (1988) afirmam que uma construção é um idiomatismo esquemático. Os autores problematizam a natureza dos idiomatismos comparando suas características com as dos idiomatismos substantivos, que são estruturas cristalizadas e acessadas pelas pessoas em forma de bloco. Assim, eles pertenceriam ao Léxico, por não apresentarem modificações na sua estrutura, tal como afirmava a Gramática Gerativa. No entanto, a extensa análise realizada por Fillmore, Kay e O'Connor (1988) mostrou que a frequência de ocorrência desse tipo de estruturas não é tão representativa quanto a frequência de estruturas que parecem estar “no meio do caminho”: entre as estruturas cristalizadas e as expressões totalmente livres.

Sob essa ótica, os estudiosos asseveram que os chamados idiomatismos esquemáticos não podem ser registrados no Léxico, já que são irregulares do ponto de vista semântico e, provavelmente, também do ponto de vista sintático e léxico. Isso significa que as propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas dos idiomatismos esquemáticos não podem ser previsíveis a partir do uso das regras gerais da Sintaxe e da Semântica, ou das regras gerais que vinculam esses componentes. Pelo contrário: essas propriedades sintáticas e semânticas estão diretamente relacionadas às construções. Uma representação desse tipo ultrapassaria os componentes do modelo da Gramática Universal, levando a questionar o modelo gerativista, pelo menos no que diz respeito ao fenômeno idiomático.

O caso de estudo a partir do qual Fillmore, Kay e O'Connor (1998) defendem a ideia de construção como unidade de representação sintática considera a expressão em inglês *let alone*. No seu significado literal, ela expressaria a ação de “deixar sozinho”, mas seu sentido idiomático pode ser interpretado como “quanto mais”, “muito menos” ou “quem dirá”, a depender do contexto. Os pesquisadores realizam uma análise de todos os tipos de modificação que essa construção pode apresentar no uso e demonstram que ela tem propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas que não podem ser descritas em função das regras gerais da língua inglesa. Além disso, os autores expõem que há regras privativas do contexto da própria construção produzida com *let alone* e de determinadas construções relacionadas a ela.

Fillmore, Kay e O'Connor (1988) concluem que a interpretação de uma sentença com *let alone* – *He doesn't get up for lunch, **let alone** for breakfast* – precisa das seguintes

etapas: (i) o intérprete deve reconhecer, ou construir, uma proposição semântica que tenha relação com a parte constituinte da primeira parte da oração composta – *He doesn't get up for lunch* –, por exemplo; e (ii) o intérprete deve reconhecer, ou construir, uma escala semântica sobre a qual seja possível dispor os elementos contidos em cada uma das proposições. Mais concretamente, trata-se de uma situação em que o intérprete deve realizar algumas operações semânticas, como construir um modelo escalar. Este último deve permitir que as proposições sejam colocadas, justamente, em uma determinada escala. As proposições de ambas as partes da sentença devem se ajustar a um mesmo modelo escalar. No entanto, a proposição inicial é a que denota maior força informativa em relação à escala.

Nesse sentido, é oportuno ressaltar que uma construção é, em síntese, uma configuração sintática que pode contar, dependendo da situação, com um ou mais elementos característicos. Porém, em outras ocasiões, é possível que ela não tenha os mesmos elementos. Ou seja, uma construção possui sua própria interpretação semântica e, às vezes, pragmática, tendo como consequência a ideia de que uma construção, entendida como uma unidade, atravessa o modelo de componentes do conhecimento gramatical (CROFT; CRUSE, 2008, p. 320).

Em tal perspectiva, uma das principais características da construção gramatical é seu caráter heterogêneo ou “de combinação”. Conforme já vimos neste capítulo, entendemos as construções como “conglomerados de diferentes tipos de informação, que se unem para formar uma unidade utilizada pelos falantes para compreender e produzir a linguagem” (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2016, p. 29, tradução nossa³³).

3.3.2 Variabilidade nas construções: frequência, processamento e *entrenchment*

Um fator essencial para uma concepção e análise de língua baseada no uso é o papel da frequência, já que uma expressão utilizada de modo recorrente pertence a uma rede de significados inter-relacionados. Isso significa que a polissemia é uma característica das unidades léxicas e, também, que a teoria deve responder a esse tipo de organização de forma natural (MALDONADO, 2016, p. 217).

Em uma abordagem cognitivista, as construções não são inatas. Elas surgem a partir de regularidades estatísticas na linguagem. À medida que determinadas expressões

³³ “las construcciones son conglomerados de multitud de tipos de información distintos que se unen para formar una unidad que es utilizada por los hablantes para entender y producir el lenguaje”.

linguísticas se tornam frequentes no discurso, as características relacionadas a elas – independentemente da sua natureza – vão sendo associadas e cristalizadas em estruturas de identidade mais ou menos sólida e autônoma, as quais chamamos de construções. Estas últimas nascem “de baixo para cima”: primeiro, temos associações de palavras concretas (como colocações ou expressões idiomáticas) e, conforme outras palavras vão sendo associadas, a construção vai ficando mais abstrata ou esquemática, progressivamente (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2016, p. 29). Nesse sentido, é importante destacar que, sem a frequência de uso das formas linguísticas, a convencionalização estaria comprometida.

A frequência tem um papel indispensável na configuração, porque instâncias particulares de estruturas linguísticas – construções entendidas como exemplares – causam impacto na representação cognitiva da linguagem. Segundo Bybee (2007; 2016), esse impacto pode ser visto de diversos modos, como por exemplo quando falantes são capazes de reconhecer que algo está convencionalizado ou não, além da possibilidade de entender a natureza da mudança linguística. Assim, em cada nível de análise linguística – desde as formas fonológicas até as sintáticas –, é possível encontrar representações na memória como resultado da interação e do processamento no cérebro. O exemplar é o elemento central em uma categoria formada na cognição. Via de regra, ele é identificado por apresentar uma alta frequência e, devido ao processo cognitivo de analogia, costuma ser o elemento que guia a aquisição da categoria na qual ele se encontra.

Segundo Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2016), a estrutura linguística se reduz a padrões de atividade neurológica, sendo primordial o fortalecimento de conexões nas redes neurais. Pela ativação frequente e forte de uma determinada rede, as conexões entre nós se transformam em conjuntos de ativação (BATES *et al.*, 1998; LANGLOTZ, 2006). Esse processo é chamado por Langacker (2000, p. 3) de *entrenchment*.

Os padrões de atividade neurológica podem ser mais ou menos “sedimentados” (*entrenched*), de modo que estejam disponíveis para uso como unidades pré-estabelecidas. Essas unidades são uma espécie de *templates* para a categorização das diferentes expressões linguísticas, adequando-se, mais ou menos, ao seu protótipo. As unidades disputam sua ativação em um determinado momento, de acordo com seu grau de sedimentação (*entrenchment*) e seu grau de adequação à expressão-meta que elas tentam categorizar.

Conforme a explicação proporcionada por autores cognitivistas, vemos que a noção de *entrenchment* se baseia na ideia de que o conhecimento linguístico não é autônomo,

abstrato e estático. Pelo contrário: trata-se de um conhecimento que é atualizado de modo contínuo, o qual vai se reorganizando sob a influência de eventos comunicativos em situações sociais e reais de uso. O *entrenchment* linguístico pode ser considerado um processo de reorganização cognitiva que se dá ao longo da vida, condicionado, por um lado, à exposição e ao uso da linguagem e, por outro, à aplicação dos domínios e habilidades cognitivos gerais (SCHMID, 2017). As rotinas cognitivas são eventos que atingiram um grau de *entrenchment* que lhes confere o status de unidades. Assim, as unidades mentais surgem como “montagens pré-embaladas” ou “hábitos” que não exigem o “esforço construtivo necessário para a criação de novas estruturas”, mas podem ser ativadas diretamente, devido à automação (LANGACKER, 1987, p. 57).

Trata-se de habilidades que já mencionamos, como a memória, a categorização, a analogia e a abstração, bem como a percepção e a atenção. Todas e cada uma dessas habilidades e domínios são fundamentais para que exista uma consolidação, entendida em termos de rotinização e automatização.

Em tal contexto, como a frequência reforça a representação de elementos (linguísticos) na memória, ela facilita a ativação e o processamento de palavras, categorias e construções, podendo ter efeitos duradouros sobre o desenvolvimento da estrutura linguística. Segundo Diessel (2019), diversas pesquisas indicam que a frequência é um determinante importante para o uso, a aquisição e a mudança da linguagem, sendo a organização cognitiva da gramática influenciada de modo crucial pela experiência dos usuários com certos lexemas e construções.

3.4 O FENÔMENO SOB O DIÁLOGO TEÓRICO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE A FRASEOLOGIA E A LINGUÍSTICA COGNITIVA

Em primeiro lugar, devemos retomar a definição padrão das chamadas unidades fraseológicas, que, nas palavras de Sánchez (2005, p. 52), são complexos léxicos memorizados, inventariados e de natureza idiossincrática, no que diz respeito ao seu uso. Retomando a visão construcionista da Linguística Cognitiva, os idiomatismos são concebidos como entidades idiossincráticas não composicionais, com independência própria, que são o resultado de uma série de regularidades ou generalizações. As construções, assim como os idiomatismos, são correspondências convencionais entre uma forma e um significado semântico e/ou funcional discursivo, que origina o significado da construção. Segundo

Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2016, p. 28-30), trata-se de configurações que surgem a partir de regularidades estatísticas: uma determinada sequência é considerada construção se ela for repetida, de modo habitual, no discurso dos falantes.

A partir dessas duas grandes definições, é possível observar que há confluências nos dois campos acerca da concepção do fenômeno. Como primeira convergência, temos as características da fixação formal e o caráter idiossincrático do fenômeno. Vemos que, quando a Fraseologia trata de fixação, a Linguística Cognitiva fala de regularidades ou generalizações. Quando a Fraseologia se refere a esquemas, a LC aborda configurações. Essas similaridades também podem ser vistas ao realizar uma comparação direta das características descritas nas seções anteriores, o que sintetizamos no Quadro 4:

Quadro 4 – Comparação das principais características do fenômeno idiomático

Fraseologia		Linguística Cognitiva	
Característica	Descrição	Característica	Descrição
Fixação	<ul style="list-style-type: none"> - Inalterabilidade da ordem dos componentes. - Invariabilidade de alguma categoria gramatical. - Imodificabilidade do inventário dos componentes. - Insubstituibilidade dos elementos componentes. 	Não flexibilidade	Com frequência, aparecem em um número restrito de estruturas ou construções. Possuem uma sintaxe restrita.
Idiomaticidade	Propriedade semântica em que o significado total de uma UF não é dedutível do significado isolado das palavras ou elementos que a compõem.	Figuração	Com frequência, implicam metáfora, hipérbole ou outros tipos de figuração.
Institucionalização	Comportamento linguístico por parte dos falantes que gera uma certa repetição de combinações já criadas, as quais, com o passar do tempo, vão se transformando em frases pré-fabricadas.	Convencionalidade	Seu significado (ou uso) não pode ser previsto completamente com base no conhecimento das convenções independentes que determinam o uso dos elementos constituintes quando aparecem de modo separado.

Fonte: Elaboração própria.

Essa comparação nos permite observar algumas convergências, como os critérios da fixação e da não flexibilidade, que se alinham na descrição sobre a sintaxe das estruturas idiomáticas. Esta última é caracterizada pela LC como restrita e pela Fraseologia como fixa. Sobre esse critério, consideramos que os dois campos teóricos partem do mesmo princípio,

reconhecendo que as estruturas idiomáticas são, de fato, estruturas que com frequência aparecem de uma determinada forma. Porém, a Fraseologia opta por um termo muito categórico, que leva a pensar que não se está considerando a possibilidade de variação. A esse respeito, a Linguística Cognitiva escolhe uma definição menos categórica e que abre a possibilidade de existirem ocorrências com variação na língua, sem deixar de lado a forma padrão dos idiomatismos.

No que tange aos critérios de idiomaticidade e figuração, que em uma primeira aproximação poderiam parecer totalmente paralelos, vemos que não há uma convergência de definição. O modo como a Fraseologia define a idiomaticidade se assemelha mais à descrição da convencionalidade. Melhor explicitando, para a Fraseologia, a idiomaticidade se refere à característica semântica, ao significado da unidade em conjunto, que não depende dos significados isolados das palavras que a compõem. Para a Linguística Cognitiva, falar de figuração corresponde ao significado, ao caráter metafórico da estrutura. Porém, é o critério da convencionalidade que abordará a imprevisibilidade da estrutura como um todo, a partir das suas partes componentes. Assim, a idiomaticidade, como descrita pela Fraseologia, teria relação com os conceitos de figuração e convencionalidade da LC.

Por último, o critério da institucionalização pode estar ligado, em certa medida, à convencionalidade, quando esta última trata da base do conhecimento das convenções individuais da língua, já que diz respeito à existência de situações convencionais de uso, em que os falantes compartilham uma relação linguística, ocorrida de modo generalizado pela regularidade e uniformidade de formas e significados (NUNBERG; SAG; WASOW, 1994, p. 492).

Uma vez estabelecidas essas relações e as principais características do fenômeno, podemos comparar as classificações propostas nos campos teóricos de que estamos tratando, conforme o Quadro 5:

Quadro 5 – Convergências na comparação da classificação do fenômeno

Fraseologia	Linguística Cognitiva
Colocações	Idiomatismo codificador
Locuções	Expressões combinadas idiomaticamente
Parêmsias	Idiomatismos substantivos
Fórmulas rotineiras	Idiomatismo extragramatical

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos ver, a definição que a Fraseologia atribui às colocações é condizente com a concepção que a Linguística Cognitiva tem sobre os idiomatismos codificadores –

combinações de unidades léxicas de uso frequente e convencionais na língua, que não necessariamente são estruturas idiomáticas, mas podem ter um significado conjunto.

As parêmsias e as fórmulas rotineiras fazem parte de uma classificação maior, enunciados fraseológicos, os quais, segundo a LC, seriam distribuídos em idiomatismos substantivos e idiomatismos extragramaticais, fazendo parte de duas categorias distantes. Para a Fraseologia, a categoria dos enunciados fraseológicos se sustenta na observação de que eles são completos, constituem atos de fala e apresentam uma fixação interna e externa. Nessa categoria, tais enunciados podem se apresentar em estruturas como refrãos e provérbios, consideradas unidades no seu grau máximo de cristalização: as parêmsias. Sobre as fórmulas rotineiras, trata-se mais de sentenças exclamativas e/ou imperativas, convencionalizadas para expressar surpresa, raiva, rejeição ou admiração ou para ordenar o discurso. A característica das parêmsias é a mesma dos idiomatismos substantivos, ou seja, estamos diante de estruturas lexicalmente completas e cristalizadas. Já os idiomatismos extragramaticais correspondem a estruturas que se adequam às regras sintáticas da língua, mas são idiomáticas no seu significado e papel pragmático, tal como é o caso das fórmulas rotineiras.

Por último, encontramos o paralelo entre as locuções – da Fraseologia – e as expressões combinadas idiomáticamente – da Linguística Cognitiva –, que se fundamenta no reconhecimento de partes das combinações livres dentro da estrutura idiomática. São estruturas institucionalizadas, convencionais, que têm componentes que podem ser reconhecidos individualmente pelas pessoas, sem comprometer a função de cada um deles na compreensão do sentido idiomático da frase, que geralmente é composta por um núcleo verbal, como as que analisamos no presente trabalho.

Esse diálogo teórico permite ver que existem mais convergências do que divergências na visão, análise e posição sobre o fenômeno fraseológico dos dois campos trazidos para o debate. Para fundamentar essa afirmação, apresentamos a seguir uma série de considerações e reflexões, no sentido de sustentar que a Fraseologia e a Linguística Cognitiva, principalmente a Gramática de Construções, têm muitos pontos de convergência. Como vimos nas seções anteriores e conforme exposto em Godoy Roa (2017), os idiomatismos – também chamados de frasemas – foram o ponto de partida da LC para a formação de uma Gramática da Construção.

Nessa perspectiva, poderíamos dizer que tanto a LC quanto a Fraseologia são correntes teóricas que compartilham, nos seus princípios, o mesmo fenômeno irregular da língua que o Gerativismo situou na “periferia” do sistema linguístico. Após anos de evolução

nas duas teorias, a diferença estaria na ideia de que a Fraseologia se limita a estudar ou descrever os idiomatismos, enquanto a LC desenvolveu trabalhos com o objetivo de evoluir para uma abstração gramatical. Ou seja, as duas correntes teóricas têm o mesmo fenômeno da linguagem como ponto de partida, mas apresentam diferenças no seu tratamento, estudo e perspectiva de análise: no caso da Fraseologia, a visão é lexicográfica; na Linguística Cognitiva é gramatical. Isso talvez explique o fato de o fenômeno ser chamado de unidade fraseológica na primeira e idiomatismos ou frasesmas na segunda.

A concepção do fenômeno em termos de unidade se justifica por estarmos diante de estruturas que se apresentam em uma sequência frequente de palavras que, em princípio, não parece permitir modificações. Assim, seria possível inferir que se trata de estruturas que funcionam como um bloco fechado, como itens lexicais equivalentes à palavra. No entanto, como pudemos observar no Capítulo 2, a própria Fraseologia reconhece que essas unidades não mantêm uma “unidade” inquebrantável ou resistente à criatividade linguística dos falantes. Pelo contrário: a maioria das unidades, principalmente aquelas que têm características de locução, é modificada pelos usuários, variabilidade motivada por diversos fatores – linguísticos ou extralinguísticos – que já foram mencionados neste trabalho.

Nosso interesse é olhar um pouco além desse fato reconhecido pela Fraseologia e estabelecer que, de certo modo, a concepção de “unidade” e “fixação” da corrente teórica não pretende ser tão categórica como sua nomenclatura sugere. Na verdade, trata-se de uma disciplina linguística que busca realizar descrições do fenômeno. Com essa reflexão em mente, podemos entrever que a discretização realizada por autores como Corpas Pastor (1996), Ruiz Gurillo (1997) e García-Page (2001) tem na sua origem traços construcionistas. Melhor explicitando, quando esses pesquisadores descrevem cada parte, ocorrência (ou possível ocorrência), combinação sintática ou variante lexical, o que eles fazem é estabelecer esquemas estruturais de formas consolidadas de algum modo, que deixam espaços para serem substituídos por outros similares, uma espécie de “porta aberta” para a liberdade e a criatividade do falante. Importa destacar que essa liberdade ou criatividade nunca é trazida à discussão nos estudos da Fraseologia consultados. Ela parece estar subentendida.

Esses aspectos aqui expostos e analisados permitem ver que a ideia de construção já parece estar dentro da perspectiva da Fraseologia, principalmente nos estudos de descrição sintática. Fala-se de *casillas vacías* (ZULUAGA, 1980; 1992; GARCÍA-PAGE, 2001; CORPAS PASTOR, 2003), de estruturas que incluem algum espaço (*casilla*), que pode ser preenchido com diversos elementos. Esse tipo de ocorrências encontradas nas UFs resenhadas

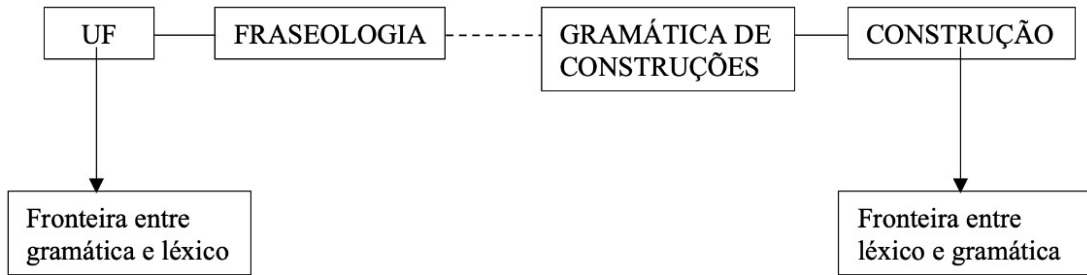
– colocações, locuções e enunciados fraseológicos – tem um certo grau de liberdade, que pode ser visto como se a estrutura oferecesse a variabilidade em forma de espaço a ser preenchido. No entanto, o fato de existirem estruturas que abrem esses espaços não significa que haja a possibilidade de preenchê-los de modo aleatório. A escolha do falante deve ser realizada entre os elementos dispostos na língua que tenham características semânticas compatíveis com os outros elementos da UF, ou traços semânticos compartilhados com o elemento a ser substituído.

As UFs com *casillas vacías* contribuem para as unidades lexicais do sistema linguístico, das quais precisam para poder realizar combinações entre si, não apenas para funcionar no discurso, mas também para adquirir significado. Como afirma Corpas Pastor (2003), as unidades fraseológicas não aparecem nas línguas de modo isolado, mas em conexão com outras combinações fraseológicas através de diferentes relações linguísticas.

Vemos, em tal concepção, a essência do significado de construção gramatical e de redes de construções, tal como exposto por estudiosos da Linguística Cognitiva: Goldberg (2006) e Bybee (2016), por exemplo. A diferença, talvez, estaria na ideia de que construção gramatical vai muito além de unidade fraseológica, conceitualmente falando.

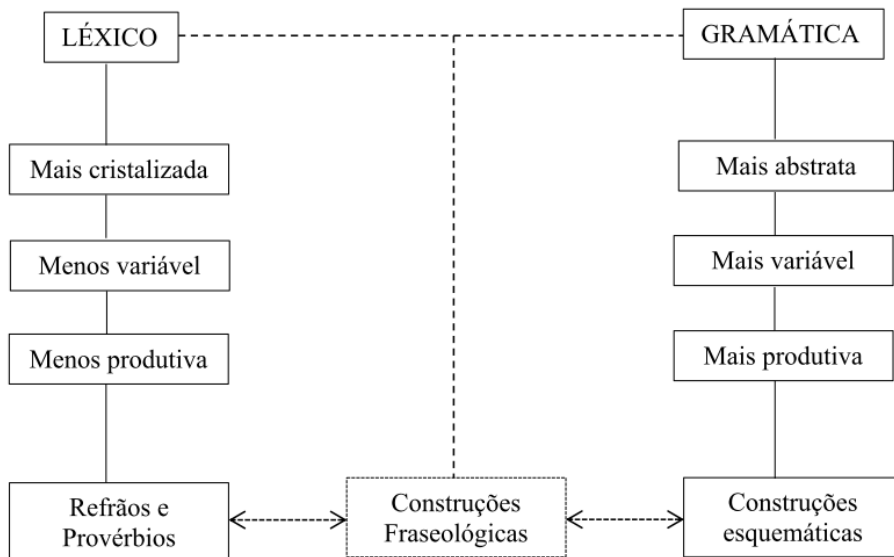
Consideramos fundamental observar que essa relação proporciona uma visão do fenômeno como parte importante da Gramática de Construções, já que entendemos que toda unidade fraseológica é uma construção, embora nem todas as construções sejam unidades fraseológicas. É justamente nesse ponto que recai nossa justificativa para chamar o fenômeno de construção fraseológica. Também porque entendemos que as construções atravessam a totalidade da gramática – como exposto por Croft e Cruse (2008) –, formando um *continuum* que vai do léxico em direção a ela. Temos, assim, uma inter-relação entre a Gramática de Construções e a Fraseologia, que permite considerar que, em um *continuum* de esquematicidade, existem desde construções esquematizadas amplamente abertas até construções específicas e lexicalmente mais fechadas. Porém, todas as construções têm uma característica em comum: elas se situam na fronteira entre o léxico e a gramática ou vice-versa. Podemos ver essa inter-relação do seguinte modo:

Figura 7 – Relação entre a Fraseologia e a Gramática de Construções



Fonte: Elaboração própria.

Assim, é perfeitamente aceitável a ideia de que todas as construções fraseológicas são construções e, portanto, pertencem ao campo teórico da Gramática de Construções. Algumas, com suas características nas sequências de palavras com alta frequência de ocorrência, também podem ser descritas pela Fraseologia, mas de um ponto de vista léxico. Como o léxico e a gramática formam um *continuum*, é possível considerar construções de diferentes tipos, situando-as ao longo do eixo entre os polos: gramatical e lexical. Quanto mais abstrata e mais produtiva a construção, mais perto ela estaria do polo gramatical e mais distante do polo lexical. Quanto mais “frasema”, ou seja, quanto mais cristalizada, mais perto ela se encontraria do polo lexical. A Figura 8 ilustra a discussão:

Figura 8 – *Continuum* do léxico à gramática

Fonte: Elaboração própria.

Vemos que as construções fraseológicas se localizam mais ao centro do *continuum*, já que não estão determinadas ou definidas lexicalmente. Porém, elas têm um padrão regular

geral que as aproxima do polo lexical. Por essa mesma característica, as CFs não seriam totalmente abstratas nem produtivas, devido ao fato de terem um significado léxico no seu conjunto, com certas posições lexicalizadas na sua estrutura sintática, mas com outras posições abertas, que correspondem a espaços que devem ser preenchidos por componentes lexicais livres.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Uma vez assentadas as premissas teóricas da pesquisa e exposto o panorama do objeto de estudo, apresentamos, neste capítulo, os procedimentos metodológicos seguidos para alcançar os objetivos. Cientes da importância da visão de linguagem, a metodologia se fundamenta na análise de dados reais de uso, pois nos enquadrados na perspectiva cognitivista, buscando observar a interação entre o uso e o processo. Assumimos que habilidades de processamento e domínios cognitivos são acionados na língua em uso.

Sabemos que a capacidade linguística não pode ser entendida como autônoma e totalmente independente, ou seja, é necessário explorar as relações entre a linguagem e outras faculdades cognitivas, como a percepção ou aceitabilidade, a memória e a categorização. Por esse motivo, assim como pela intenção de analisar e descrever os caminhos de variabilidade em duas construções fraseológicas do espanhol, optamos por elaborar uma amostra com duas partes: (i) uma com dados extraídos de três *corpora* do espanhol; e (ii) outra com os resultados de dois testes de aceitabilidade aplicados via Google Forms.

Para a primeira parte da amostra, retomamos o recorte de análise advindo de pesquisas anteriores (GODOY ROA, 2017), constituído por dados extraídos dos *corpora* CREA (Real Academia Espanhola) e *Corpus del Español* (Universidade Brigham Young). Para ampliar a base de análise, decidimos utilizar um terceiro *corpus* que complementasse a amostra, já que os dois anteriores apresentavam dados até o ano de 2004. Assim, recorreremos ao *corpus* da Real Academia Espanhola que dá continuidade ao CREA: o *Corpus del Español del Siglo XIX – CORPES*. A segunda parte da amostra, por sua vez, é formada a partir dos dados de dois testes de aceitabilidade aplicados a 73 hispanofalantes das regiões Andina e Rio da Prata.

É importante sinalizar que cada parte da amostra de dados contribui para responder a alguma pergunta de pesquisa. Assim, no caso das perguntas 1 e 2, recorreremos à análise de dados nos *corpora*, conforme detalhamos nas seções 4.1 e 4.2, mais adiante. Já no caso da pergunta 3, lançamos mão da análise dos dados dos testes de aceitabilidade e Cloze, de acordo com o que descrevemos na seção 4.3. Por último, responderemos à pergunta 4 com a análise dos dois tipos de dados que formam a amostra, considerando o debate proposto na seção 3.4 desta tese.

O presente capítulo se organiza em três partes: na seção 4.1, apresentamos de modo detalhado como foi elaborada a amostra de dados em *corpora*, contemplando o recorte para a

análise e também a realização da busca; na seção 4.2, explicamos os grupos de fatores considerados na análise e os cuidados metodológicos levados em conta durante a codificação dos dados; e finalizamos o capítulo com a seção 4.3, que expõe o desenho dos testes de aceitabilidade aplicados.

4.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA EM *CORPORA*

Como mencionado anteriormente, parte da amostra final de análise foi constituída por dados extraídos de três *corpora* do espanhol. Nesta seção, explicaremos como essa primeira parte foi elaborada, a qual busca contribuir para responder às perguntas de pesquisa 1 e 2, reproduzidas a seguir:

- (i) Entre as características apresentadas pela Fraseologia ao descrever as unidades fraseológicas – fixação, institucionalização e idiomaticidade –, quais se sustentam na análise do uso?
- (ii) Levando em conta o fato de que a corrente cognitivista nasce do desejo de dar um lugar para os idiomatismos na gramática das línguas e, também, sabendo que é a partir da sua análise que surgem as diversas Gramáticas da Construção, como explicar a presença de variabilidade no fenômeno fraseológico à luz de uma abordagem cognitivo-construcional baseada no uso?

Em termos metodológicos, entendemos que a análise de *corpus* representa estratégias suficientes para responder a essas questões, uma vez que proporciona dados reais de uso para efetuar a análise proposta. A amostra final também retoma o *corpus* construído por mim para a dissertação de mestrado (GODOY ROA, 2017), com o recorte do fenômeno a partir de dois fatores principais: “(i) a produtividade e a diversidade de CFs na língua em uso; e (ii) a constatação da existência de inúmeros estudos e materiais didáticos que problematizam o fenômeno, apresentando expressões fraseológicas do espanhol atual pouco frequentes no uso” (GODOY ROA, 2017, p. 97). Nesse primeiro momento, os critérios para a delimitação do fenômeno foram os seguintes: a escolha de CFs que apresentassem núcleo verbal; e a consideração de CFs que fossem de uso compartilhado em diferentes variedades da língua espanhola.

Sobre o uso compartilhado, determinamos, em 2017, quais seriam as CFs que constituiriam a amostra a partir da conciliação de dois livros³⁴ de expressões típicas de duas regiões dialetais – a região andina, concentrando-nos na variedade colombiana, e a região peninsular. No primeiro momento, foram selecionadas 20 CFs comuns às duas obras, quantidade que, após uma primeira busca nos *corpora*, foi reduzida a cinco construções fraseológicas com maior frequência de uso, esta última avaliada a partir do número de ocorrências. Assim, na pesquisa de 2017, foram examinados 676 dados compostos pela frequência de ocorrência das CFs *tirar la toalla*, *poner el grito en el cielo*, *echar leña al fuego*, *hablar por los codos* e *pagar los platos rotos*, nas suas estruturas com o núcleo verbal esperado.

Durante a pesquisa de mestrado – em que analisamos a frequência de uso de cinco CFs considerando o Tempo e o Aspecto verbal –, percebemos que existia variabilidade (morfológica, sintática e lexical) na estrutura sintática de alguns dados da amostra, então, para esta tese, decidimos retomar todo o material já compilado e adicionar uma nova fonte que ampliasse o número de dados.

Assim, optamos por utilizar o CORPES para aumentar o número de ocorrências a serem analisadas e, também, decidimos diminuir as CFs de cinco para duas, resultando em uma amostra composta por 1.100 dados das construções *tirar la toalla* e *poner el grito en el cielo*. A escolha dessas duas CFs foi feita com base em dois critérios principais: (i) a alta frequência de ocorrência que elas apresentaram nos três *corpora*; e (ii) a diferença que existe na estrutura sintática das duas. Tendo em vista os objetivos da pesquisa, consideramos importante selecionar duas construções sintaticamente diferentes: uma com estrutura [V + DP], *tirar la toalla*, e outra com estrutura [V + DP + PP], *poner el grito en el cielo*. A seguir, as Tabelas 1 e 2 sintetizam a amostra final de dados nos *corpora*.

³⁴ Os livros dos quais foram extraídas as CFs são os seguintes: *Colombianadas. Colombian English Dictionary* (QUINTERO, 2012); e *Hablar por los codos. Frases para un español cotidiano* (VRANIC, 2004).

Tabela 1 – Distribuição do número total de dados encontrados nos *corpora*

Corpus	Frequência
<i>Corpus del Español</i> (Universidade Brigham Young)	54 (5,47%)
<i>Corpus del Español del Siglo XIX</i> (CORPES)	601 (53,82%)
<i>Corpus de Referencia del Español Actual</i> (CREA)	445 (40,71%)
Total	1.100 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2 – Distribuição do número de dados nos *corpora* por construção fraseológica

Corpus	CF <i>tirar la toalla</i>	CF <i>poner el grito en el cielo</i>
<i>Corpus del Español</i> (Universidade Brigham Young)	13 (2,04%)	41 (8,90%)
<i>Corpus del Español del Siglo XIX</i> (CORPES)	376 (58,84%)	225 (48,80%)
<i>Corpus de Referencia del Español Actual</i> (CREA)	250 (39,12%)	195 (42,30%)
Total	639 (100%)	461 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar, o CORPES foi o banco de dados que retornou mais ocorrências das CFs, contribuindo com 53,82% de toda a análise, com 376 ocorrências para *tirar la toalla* e 225 para *poner el grito en el cielo*, conforme mostrado na Tabela 2.

Para a busca nos *corpora*, não houve delimitação de tema, período cronológico, autores ou qualquer outro fator que pudesse restringir os resultados, com a intenção de que cada *corpus* mostrasse os dados de modo geral. O campo preenchido nos dois bancos de dados foi o de consulta ou palavra, sempre utilizando um ou dois componentes centrais das CFs. Como os critérios de busca são amplos, as ocorrências apareceram com os diferentes períodos históricos e gêneros contemplados pelos três bancos de dados.

4.1.1 *Corpora* e realização da busca

Como já mencionamos anteriormente, uma parte da amostra foi recuperada do trabalho de 2017, a qual é constituída por dados compilados do *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA)³⁵, da Real Academia Espanhola, e do *Corpus del Español*³⁶, da

³⁵ Disponível em: <http://corpus.rae.es/creanet.html>. Acesso: out., 2015.

³⁶ Disponível em: <http://www.corpusdelespanol.org>. Acesso: out., 2015.

Universidade Brigham Young. O aumento de dados ocorreu a partir da inclusão de dados do *Corpus del Español del Siglo XIX (CORPES)*³⁷.

O CREA é um banco de dados composto por uma diversidade de textos que coletam usos da língua oral e escrita de todos os países hispanofalantes. Ele contempla dados produzidos entre 1975 e 2004, considerando quatro parâmetros:

- **Meio:** 90% correspondem à língua escrita e 10% à língua oral. Dos 90% da língua escrita, 49% se referem a livros, 49% à imprensa e 2% a textos como folhetos, e-mails, etc.
- **Cronológico:** a divisão do corpus se dá por períodos de cinco anos (1975-1979, 1980-1984, 1985-1989, 1990-1994, 1995-1999 e 2000-2004).
- **Geográfico:** 50% do material do corpus são procedentes da Espanha e 50% da América. Neste último caso, também há distribuição nas zonas linguísticas tradicionais: Andina, Antilhas, Caribe, Continental, Chilena, Estados Unidos, México e América Central e Rio da Prata.
- **Temático:** foram estabelecidas seis grandes áreas para cada um dos textos que compõem o *corpus*. Elas são especificadas em áreas temáticas mais concretas, que podem servir como critérios de busca (GODOY ROA, 2017, p. 99).

O CREA apresenta ao pesquisador três janelas principais. Na primeira, deve ser definido o perfil da busca preenchendo os campos de *consulta*, *autor*, *obra*, *cronología*, *medio*, *geografía* e *tema*. Na segunda janela, o *corpus* mostra o total de resultados encontrados e apresenta o botão *ejemplos*, que direciona para a terceira janela: os contextos de uso dos dados.

O *Corpus del Español* também permite estabelecer o perfil da busca e delimitar o período cronológico. Diferentemente do CREA, o *Corpus del Español* oferece a opção de sinalizar um colocado da palavra a ser buscada.

Por último, o CORPES é um banco de dados que referencia 25 milhões de formas por ano, distribuindo 70% para textos do continente americano e 30% para textos da Espanha. Trata-se de um *corpus* que considera os seguintes parâmetros:

³⁷ Disponível em: <https://www.rae.es/banco-de-datos/corpes-xxi>. Acesso: out., 2019.

- **Meio:** 90% dos textos correspondem à língua escrita e 10% à língua oral.
- **Geográfico:** 30% do material consistem em formas procedentes da Espanha e 70% da América. As grandes áreas do mundo hispano-americano correspondem às zonas linguísticas tradicionais: Andina, Antilhas (*caribeña*), Continental, Chilena, Estados Unidos, México e América Central e Rio da Prata. Além disso, o CORPES inclui textos procedentes da Guiné Equatorial e Filipinas.
- **Temático:** há blocos temáticos de ficção e não ficção que podem auxiliar nos critérios de busca.
- **Tipologia:** o CORPES inclui uma caracterização do gênero textual, por entrevistas, reportagens, notícias, artigos de opinião, etc.

Diferentemente do CREA e do *Corpus del Español*, o CORPES apresenta uma maior complexidade na realização de buscas, porque, na janela principal, oferece ao pesquisador campos como *lema*, *forma* e *clase de palabra*, além de opções como *concordancias* e *coapariciones*. Esses elementos fazem com que seja necessário realizar a busca de diferentes modos e, também, considerando as especificações do próprio *corpus*. Para este estudo, consideramos que o melhor caminho foi escrever no campo *forma* a CF desejada, registrando apenas a raiz do verbo, seguida de asterisco (*) e complemento. A Tabela 3, a seguir, mostra as diferentes opções para o critério de busca a partir do campo *forma*. Cabe destacar que, no CORPES, as opções de busca foram definidas considerando os dados com variação observados na amostra do CREA.

Tabela 3 – Opções de busca no CORPES para a CF *tirar la toalla*

Construção associada	Critério de busca	Coincidências
<i>Tirar la toalla</i>	<i>tir* la toalla</i>	344
	<i>Tir* la toalla</i>	16
<i>Arrojar la toalla</i>	<i>Arroj* la toalla</i>	50
<i>Lanzar la toalla</i>	<i>Lanz* la toalla</i>	3
<i>Tirar el guante</i>	<i>Tir* guante(s)</i>	0
	<i>Tir* el guante</i>	7
	<i>Tir* los guantes</i>	4
<i>Arrojar los guantes</i>	<i>Arroj* el guante</i>	2
	<i>Arroj* los guantes</i>	2
<i>Lanzar el guante</i>	<i>Lanz* el guante</i>	7
<i>Lanzar los guantes</i>	<i>Lanz* los guantes</i>	0
<i>Tirar la esponja</i>	<i>Tir* la esponja</i>	3
<i>Arrojar la esponja</i>	<i>Arroj* la esponja</i>	0
<i>Lanzar la esponja</i>	<i>Lanz* la esponja</i>	0
Total		438

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 4 – Opções de busca no CORPES para a CF *poner el grito en el cielo*

Construção associada	Critério de busca	Coincidências
<i>Poner el grito en el cielo</i>	<i>pon* el grito en el cielo</i>	209
<i>Pegar el grito al cielo</i>	<i>peg* el grito al cielo</i>	14
<i>Lanzar el grito en el cielo</i>	<i>lanz* el grito en el cielo</i>	1
<i>Levantar el grito en el cielo</i>	<i>levant* el grito en el cielo</i>	0
<i>Estar con el grito en el cielo</i>	<i>est* con el grito al cielo</i>	1
<i>Echar el grito en el cielo</i>	<i>ech* el grito en el cielo</i>	0
Total		225

Fonte: Elaboração própria.

O cuidado metodológico da busca de ocorrências nos *corpora* contou com outra etapa fundamental (e por vezes óbvia): a leitura e a interpretação atenta de cada uma das ocorrências olhando para seu contexto de uso, já que, por exemplo dentro do número de coincidências que vemos nas Tabelas 3 e 4, nem todos os resultados continham o sentido idiomático da CF. Algumas vezes, as construções associadas apareciam em contextos literais ou em contextos idiomáticos diferentes, como por exemplo no caso de *tirar el guante*³⁸. Essas ocorrências foram descartadas, ficando na amostra final de dados (Tabelas 1 e 2) apenas os dados com uso idiomático da CF e também aqueles que se situam entre o literal e o idiomático³⁹, após observar os contextos.

Para ilustrar essa etapa de busca, as Imagens 2, 3 e 4 nas próximas páginas apresentam o modo como os dados aparecem nos *corpora* consultados.

³⁸ A construção fraseológica *tirar el guante* pode ter dois significados: (i) desafiar alguém a um combate; ou (ii) passar uma responsabilidade para alguém.

³⁹ A discussão desses dados é realizada no Capítulo 5.

Imagem 2 – Enumeração de exemplos e características do CREA

Consulta: **la toalla, en todos los medios, en CREA**
 Resultado: **571 casos en 373 documentos.**

OBTENCIÓN DE EJEMPLOS

Recuperar Concordancias. Normal. Clasificación: [v] [v]
 Agrupación: [v] Marcas: [v]

Cómo citar el CORPUS **Concordancias.**
 Pantalla: 1 de 23. Siguiente 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 Ver párrafos

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR
1	uy cuesta arriba para su equipo, pero sin arrojar la toalla, porque "restan 90 minutos y no se puede de	** 1991	PRENSA
2	iendo a la mujer más sensual del mundo. Debajo de la toalla no había nada eso sí te lo aseguro. ¿Harías	** 1997	PRENSA
3	az, presidente del CONAM, estubo a punto de tirar la toalla y de retirarse del cuadrilátero. El que hay	** 1997	PRENSA
4	o considerados. Es como si en un combate de boxeo la toalla no se arrojará desde el rincón sino que la	** 2000	PRENSA
5	2000 2000 10 301 P Gore arroja la toalla MERCEDES GALLEG0. - DV. WASHINGTON El demóc	** 2000	PRENSA
6	és de repetir la ciaboga su tripulación no arrojó la toalla, no se abandonó y tuvo arrestos para ir a p	** 1996	PRENSA
7	isas-. Estamos preocupados. Pero no vamos a tirar la toalla". No se excluye que las cajas negras pudier	** 1996	PRENSA
8	ndependentistas. Bouchard y los suyos no lanzarán la toalla si tampoco hoy, como en 1980, los quebeques	** 1995	PRENSA
9	ba a remontar. No pudo ser y fui yo el que arrojé la toalla." Para Miguel Induráin lo sucedido supone	** 1995	PRENSA
10	nes distintas, por el hecho de que no haya tirado la toalla y haya acudido antes a la consulta electora	** 1995	PRENSA
11	Con este balance, Anibal Cavaco Silva ha arrojado la toalla sin arriesgarse a pasar por un nuevo examen	** 1995	PRENSA
12	governar, que lo mejor que podría hacer es tirar la toalla y convocar elecciones generales. El primer	** 1995	PRENSA
13	o un duro golpe y no sería de extrañar que tirara la toalla, como apuntó el diario "Bild" en su portada	** 1995	PRENSA
14	ar a los militantes socialistas que no va a tirar la toalla en "esta temporada dura de acoso" fue uno d	** 1995	PRENSA
15	pa. CD TENERIFE, 2-FC BARCELONA, 1. El Barça tiró la toalla ante un rival disminuido que supo remontar	** 1995	PRENSA
16	ecedentes y que Rahola estaba "a punto de arrojar la toalla" y aceptar. En los últimos días el secretar	** 1995	PRENSA
17	do investigados por corrupción han decidido tirar la toalla o bien han sido "animados" por sus propios	** 1994	PRENSA
18	debía concluir el próximo mes de julio, ha tirado la toalla después de haber manifestado su impotencia	** 1994	PRENSA
19	llegado a un callejón sin salida. Ghali ha tirado la toalla y deja en manos de EE.UU. la decisión sobre	** 1994	PRENSA
20	4 1994 10 301 P Hosokawa no tira la toalla de la reforma anticorrupción El primer mini	** 1994	PRENSA
21	la próxima semana. Organismos humanitarios tiran la toalla GISENYI, Ruanda.- Todo el personal de organ	** 1996	PRENSA
22	los conservadores, más seguros, se niegan a tirar la toalla. 'Este partido está dispuesto a ganar', ha	** 1996	PRENSA
23	uy vitalista. - ¿Ha pensado alguna vez en arrojar la toalla? - No soy Rothschild y, además, me gusta vi	** 1990	PRENSA
24	mos una gente que no estábamos dispuestos a tirar la toalla o a entrar en otro partido. Ya en el 77, el	** 1990	PRENSA
25	10 301 R Serafín Núñez ha decidido arrojar la toalla. Decepcionado de la política, acorralado po	** 1990	PRENSA

Fonte: Extraído de Godoy Roa (2017, p. 101).

Imagem 3 – Enumeração de exemplos e características do *Corpus del Español*

CORPUS DEL ESPAÑOL M GODOY ROA
 100.000.000 PALABRAS, sXIII-XX historia | listas |

VER CONTEXTO: HACER CLIC EN LA PALABRA (TODAS LAS SECCIONES), NÚMERO (UNA SECCIÓN), O [CONTEXTO] (VARIAS) [AYUDA...]

LISTA	CONTEXTO	FREC
1	PÁJAROS	15

1.422 sec

PALABRAS CLAVES EN CONTEXTO (PCEC) Ayuda / información / contactar

SECCIONES: NO HAY LÍMITES

HACER CLIC EN EL TÍTULO PARA MÁS CONTEXTO [?] GUARDAR LISTA SELECCIONAR LISTA ----- CREAR NUEVA LISTA [?]

Nº	SECCIÓN	CONTEXTO
1	19-F	Los hombres de a caballo A B C presentado y discutido, puede salir perfectamente un libro. Sería ganar tiempo, sería matar varios pájaros de un tiro. Notas, apuntes, reflexiones - - - toquetea
2	19-F	Fábula de las dos Anas A B C con el muchacho, pero puso además en marcha la maquinación que había ideado para matar dos pájaros de un tiro: convertirse en la mujer más hermosa y ca
4	18	Narraciones populares (1) A B C dos pájaros de una pedrada (como dicen Vds. en su afán de matar pájaros hasta de boca), proporcionando a sus campos frescura y esterminadores de insect
5	18	Los caballeros del amor (Me... A B C Catalina de Sandoval, han de quedar bien satisfechos de mí. Esto se llama matar dos pájaros de un solo tiro. [≠] Capítulo LX Ojeada retrospectiva. Las últimas

Fonte: Extraído de Godoy Roa (2007, p. 102).

Imagem 4 – Enumeração de exemplos e características do CORPES

The screenshot shows the CORPES interface with the search term 'poner el grito en el cielo'. The results table lists 20 examples from various countries and years, each with a verb form (e.g., poner, poniendo, pongan) and a brief context snippet. The interface includes navigation and search options at the top and bottom.

REF. (Clasificación, país)	CONCORDANCIA	Ordenar por:
1 2001 Arg.	mientras se aseaba sin maquillaje ni peinado de peluquería, y que le habían hecho poner el grito en el cielo cuando salieron publicadas. "¿Cómo me sacan con esta cara!	Año ascendente
2 2001 Chile	empresarios. No hay más que leer lo que dice alguna prensa, lo que ha dicho Longueira, poniendo el grito en el cielo porque alguien de la izquierda real pueda llegar al parlamento	sin criterio
3 2001 Esp.	Los grupos ecologistas no dudaron en poner el grito en el cielo al conocer la noticia. En este sentido, desde el Grupo Ecologista	
4 2001 Esp.	eso es mucho más difícil que un tango". No le asusta que los puristas del tango pongan el grito en el cielo cuando escuchen sus versiones mexicanizadas. Su secreto es	
5 2001 Esp.	que no mueven un dedo cuando se asesinan a cientos de mujeres en Afganistán pero ponen el grito en el cielo cuando los mismos salvajes destruyen estatuas milenarias de	
6 2002 Méx.	el rostro. Quedamos en silencio largo rato. No podía imaginarme la escena. Papá pondría el grito en el cielo.	
7 2002 Hond.	sacaron a relucir su nobleza fueron algunos españoles de los que más le odiaban, al poner el grito en el cielo diciendo que cómo era posible que un noble se hubiera colocado	
8 2002 Hond.	corregir a tiempo. Si a un médico se le para por casualidad un zancudo en la gabacha, poniés el grito en el cielo diciendo que no hay aseo en los hospitales, pero a vuestros	
9 2002 Arg.	y molinetes de los brazos el equilibrio amenazado. Las interpeladas protestaban, ponían el grito en el cielo, pero, mal que bien, una de cada cinco se solidarizaba, en	
10 2002 Esp.	este asunto. Desde una perspectiva cabal, el nacionalismo no tiene ningún derecho a poner el grito en el cielo si esa reinsertión se cuestiona, y lo lógico es que la planteara	
11 2002 Ur.	Cuándo no, los argentinos fueron los primeros en poner el grito en el cielo: mientras el dólar trepaba a las nubes y sus ahorros quedaban	
12 2002 Arg.	que tienen programas que informan a terceros sobre las páginas Web que visitan, ponen el grito en el cielo. Además estos programas constituyen un agujero de seguridad	
13 2002 Esp.	a principios del siglo XVIII. La gran diferencia es que los conservadores ahora ponen el grito en el cielo ante la sola idea de que Londres y Madrid puedan compartir	
14 2003 Col.	separación? pregunta aterrada Inés. ¿Una separación? pregunta otra vez Myriam. Todas ponen el grito en el cielo. Mrs. Huerta ni hablar, gracias a Dios soy viuda, gracias a	
15 2003 Par.	que siempre relojeó a mi hermana con ojos bastante raros. Sus palabras hicieron poner el grito en el cielo a mi madre, que dijo a ver si estaba loca, que el tipo ese	
16 2003 Ec.	—Me imagino que cuando vuelva nuevamente pondrá el grito en el cielo diciendo que es comunista.	
17 2003 Col.	en la creación de conciencia, ambientalistas, ex ministros, ONG, la Contraloría ponen el grito en el cielo: el medio ambiente no tiene dolientes en este Gobierno.	
18 2003 Arg.	estas líneas un numeroso grupo de creadores de virus va a sentirse aludido y va a poner el grito en el cielo, volviendo a esgrimir la clásica falacia de que sus creaciones	
19 2003 Esp.	estas líneas, ni Josep-Lluís Carod Rovira ni Pere Esteve han salido públicamente a poner el grito en el cielo, pero quién sabe: OT parece alterar la sangre hasta de quien	
20 2003 Esp.	las gentes de la música, como tantos otros estamentos sociales, no han podido sino poner el grito en el cielo ante la des-facha-tez de esta nueva guerra. Uno de los primeros	

Fonte: Elaboração própria.

Uma vez explicadas as etapas de constituição da amostra e considerando que a totalidade de construções examinadas é de 1.100 dados para as duas CFs, apresentaremos a seguir os passos metodológicos seguidos para a análise.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS DA AMOSTRA EM *CORPORA*

As Tabelas 1 e 2, apresentadas em páginas anteriores, mostram o número total de dados encontrados e analisados. Como esta pesquisa se interessa em observar e analisar os caminhos de variabilidade em dados da amostra, é importante mencionar que, dos 1.100 dados, 898 apresentaram a estrutura esperada da CF, enquanto 202 tinham algum tipo de variabilidade, que corresponde a 18,36%, conforme organizado na Tabela 5:

Tabela 5 – Número total de ocorrências por construção fraseológica

Construção fraseológica	Nº total de ocorrências	Nº de ocorrências sem variabilidade	Nº de ocorrências com variabilidade
<i>Tirar la toalla</i>	639	494	145
<i>Poner el grito en el cielo</i>	461	404	57
Total	1.100 (100%)	898 (81,64%)	202 (18,36%)

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar na Tabela 5, foram encontrados 639 dados para *tirar la toalla*, dos quais 494 apresentaram a estrutura padrão esperada da CF, enquanto 145 tinham

algum tipo de variabilidade. Já para a CF *poner el grito en el cielo* o total foi de 461 ocorrências, sendo 404 dentro do esperado e 57 com variabilidade.

A amostra final foi analisada a partir da descrição da estrutura sintática de cada um dos dados, contemplando os diferentes tipos de construções classificadas de acordo com os passos metodológicos de Godoy Roa (2017). Nesse sentido, retomamos, a partir da pesquisa de mestrado, a atribuição de etiquetas para cada um dos fatores de análise, focando na descrição sintática minuciosa dos dados e analisando a diferença estrutural entre os tipos de CF encontrados na amostra, que, segundo as delimitações em Godoy Roa (2017, p. 104-105) são os seguintes:

- (i) **Construções simples:** são aquelas que têm o núcleo verbal conjugado em algum dos tempos verbais do espanhol. Por exemplo: *A pesar de la rocosa resistencia del líder socialista, ni los veteranos ni los barones regionales tiran la toalla.*
- (ii) **Construções perifrásticas:** consistem na combinação de unidades que funcionam do mesmo modo que um verbo em uma construção simples. As construções perifrásticas são classificadas em modais e aspectuais. Por exemplo: *Pedro Sánchez dice no a la gran coalición. Pero Rajoy no quiere tirar la toalla.*
- (iii) **Construções verbais complexas:** são aquelas que resultam de uma combinação verbal que não funciona em conjunto, mas que atuam como a reunião de núcleo e adjacente⁴⁰. Por exemplo: *El esposo fue muy paciente, no se le ocurrió tirar la toalla.*
- (iv) O grupo de **construções nominais** é constituído pelas construções que apresentam o verbo nas formas de infinitivo, gerúndio ou participípio. Por exemplo: *Va a hacer que aumente la probabilidad de tirar la toalla.*

Além desses quatro tipos, foi identificado na amostra o caso de duas ocorrências sem presença do núcleo verbal da CF. Esses dados foram caracterizados como “Construção DP” e considerados na análise, já que um dos interesses desta pesquisa é descrever todos os caminhos de variabilidade presentes na amostra.

É importante destacar que o tipo de construção não constitui um fator de análise, mas um cuidado metodológico para proporcionar maior clareza no momento de levantar

⁴⁰ Seguindo os passos metodológicos da pesquisa de 2017, adotamos, nesta tese, a visão de Alarcos Llorach (2000), assumindo a existência de uma fronteira delimitada pela particularidade semântica de um verbo auxiliar, que, para ser considerado parte de uma perífrase, tem como característica a não conservação da sua referência habitual de sentido. Pelo contrário: ela é modificada ou anulada.

inferências sobre a variação encontrada nos dados e, principalmente, para a caracterização da totalidade dos dados. Assim, ilustramos, na Tabela 6, a quantidade de dados dentro das características de cada um dos tipos de construção:

Tabela 6 – Número total de ocorrências por tipo de construção

Tipo de construção	Nº total de ocorrências
Construção simples	728
Construção perifrástica aspectual	99
Construção perifrástica modal	60
Construção verbal complexa	87
Construção nominal	124
Construção DP	2
Total	1.100

Fonte: Elaboração própria.

4.2.1 Programa estatístico

No que diz respeito ao tratamento dos dados, foi decidido utilizar um programa estatístico para auxiliar no estabelecimento das relações entre as variáveis de análise. O programa escolhido foi o RStudio, um software de uso livre que oferece as ferramentas necessárias para criar gráficos e realizar cálculos estatísticos. Embora nossos objetivos principais não busquem resultados em termos de quantificação de dados, senão sua descrição, consideramos importante utilizar um programa estatístico para estabelecer melhores associações entre as etiquetas aplicadas para a descrição sintática de cada uma das ocorrências analisadas. Escolher o RStudio se justifica porque se trata do software com o qual temos mais familiaridade, além de ser um programa que permite realizar cálculos sem limite de variáveis. Como o RStudio funciona a partir de uma linguagem de programação, foi necessário criar etiquetas marcadas diretamente na amostra, primeiro no Microsoft Word, para, depois, organizá-las em arquivos de Excel e, então, conseguir processar de modo correto os dados.

Partindo dessa exigência do programa, decidimos organizar de modo separado os fatores de análise em dois grupos: (i) um para a codificação das características gerais de cada um dos dados; (i) e outro para a codificação da descrição sintática (que se deriva do primeiro grupo). Nesse sentido, realizamos a codificação dos 1.100 dados associando símbolos linguísticos a cada fator levado em consideração na análise e colocando-os entre colchetes angulares após a CF, em letras minúsculas, com separação por vírgulas e sem espaço – elementos necessários para o processamento dos dados no programa estatístico.

Esses símbolos linguísticos foram escritos na amostra retomando os passos e algumas etiquetas definidas em Godoy Roa (2017). Cada uma das etiquetas identifica as variáveis dependentes e independentes na análise. Como já explicamos, elas foram divididas em dois grupos de fatores, que, relacionados, contribuem para a descrição da estrutura sintática das construções, da presença de variabilidade e do tipo de variabilidade encontrada na amostra. A seguir, detalhamos as variáveis de controle para a análise sintática da amostra (seção 4.2.2), bem como a definição das etiquetas para a codificação dos dados e os grupos de fatores considerados (seção 4.2.2.1).

4.2.2 Variáveis de controle para a análise sintática das CFs selecionadas

Como o objetivo desta pesquisa é descrever caminhos de variabilidade de duas CFs – *tirar la toalla e poner el grito en el cielo* –, nossa primeira análise consistiu em realizar um minucioso exame sintático dos dados, indicando nas etiquetas as características e cada um dos elementos que, posteriormente, permitiriam estabelecer relações entre redes intraconstrucionais que possibilitam a variabilidade. Cabe ressaltar que, para a criação das etiquetas, optamos por definir uma etapa metodológica no sentido de, como pesquisadora, fazer perguntas metodológicas aos dados.

Assim, realizamos a codificação dos dados inserindo primeiro a etiqueta das variáveis independentes, a “construção fraseológica” (V1) e o “tipo de construção” (V2), definidas a partir da teoria estatística tradicional. Essas duas etiquetas foram recuperadas de Godoy Roa (2017). O Quadro 6, a seguir, descreve a codificação da V1, que responde à pergunta metodológica: qual é a construção fraseológica da ocorrência?

Quadro 6 – Codificação da variável “construção fraseológica” (V1)

Construção fraseológica	Ocorrências
tt – <i>tirar la loalla</i>	<i>El Barça tiró la toalla <tt> ante un rival disminuido que supo remontar un gol.</i>
pg – <i>poner el grito en el cielo</i>	<i>La oposición pone el grito en el cielo <pg> porque la conducta del jefe de Gobierno corrobora sus peores temores.</i>

Fonte: Adaptado de Godoy Roa (2017, p. 107).

Respondendo a essa pergunta, foi colocada a etiqueta <tt> para a CF *tirar la toalla* e <pg> para *poner el grito en el cielo*. Trata-se da primeira etiqueta que aparece no primeiro grupo de fatores. O Quadro 7, adiante, mostra nossa segunda variável independente,

constituída pelos cinco tipos de construção mencionados em parágrafos anteriores, que também correspondem a uma série de etiquetas retomadas de Godoy Roa (2017, p. 107): <cs> para **construção simples**; <cpm> para **construção perifrástica modal**; <cpa> para **construção perifrástica aspectual**; e <cvc> para **construção verbal complexa**. Nessa etapa, foi adicionada a etiqueta <cdp> para **construção dp**, que identifica os dados que omitem o núcleo verbal da CF. Trata-se da primeira etiqueta do segundo grupo de fatores.

Quadro 7 – Codificação da variável “tipo de construção” (V2)

Tipo de construção	Ocorrências
cs – construção simples	<i>Si este disco no funciona, tiro la toalla. <cs></i>
cn – construção nominal	<i>Pues en todo caso el único perjudicado en pagar los platos rotos <cn> ha sido el pueblo.</i>
cpa – construção perifrástica aspectual	<i>Da lugar a que los defensores de vivir con lo nuestro empiecen a poner el grito en el cielo <cpa>, esgrimiendo los tradicionales argumentos.</i>
cpm – construção perifrástica modal	<i>Lo mismo puede hablarle hasta por los codos <cpm> que darle una buena trompada.</i>
cvc – construção verbal complexa	<i>Mientras los indicadores económicos que se publican no hacen más que echar leña al fuego <cvc> de la confusión.</i>
cdp – construção dp	<i>La secuencia detallaba el momento en que la esposa descubre la infidelidad del marido y en lugar de achantarse le pone las cosas claras y el grito en el cielo <cdp>.</i>

Fonte: Adaptado de Godoy Roa (2017, p. 108).

Decidimos retomar as etiquetas e estabelecer o tipo de construção porque se trata de uma variável diretamente relacionada à forma do verbo, que se refere por exemplo a quando o verbo aparece conjugado ou dentro de uma perífrase. É uma classificação que auxilia na análise, já que mostra o tipo de estrutura verbal com que se está lidando. Isso se deve ao fato de que uma construção simples pode apresentar menos complexidade sintática em comparação com uma construção verbal complexa.

Uma vez identificadas as duas variáveis independentes, passamos a codificar as variáveis dependentes, analisadas em dois grupos de fatores, os quais explicamos nas próximas seções.

4.2.2.1 Grupos de fatores

Após a identificação e codificação das variáveis independentes, que respondem às perguntas metodológicas “qual é a construção fraseológica?” e “qual é o tipo de construção?”,

fizemos a atribuição de códigos sobre as variáveis dependentes, que foram divididas em dois grupos.

O Grupo 1 diz respeito às características gerais dos dados. Trata-se de características transversais às duas CFs, que mostram a presença ou não de variabilidade. É o grupo de fatores cujas etiquetas nos dizem se estamos diante de um dado que não apresenta a estrutura esperada: *tirar la toalla e poner el grito en el cielo*. Assim e de acordo com os objetivos desta tese, selecionamos, para o primeiro grupo, símbolos linguísticos que representassem cada um dos pontos em que se quer observar a variabilidade e que correspondem aos critérios estabelecidos para a caracterização do objeto, proporcionados pela teoria fraseológica, os quais recuperamos a seguir:

- a) Inalterabilidade da ordem dos componentes.
- b) Invariabilidade de alguma categoria gramatical⁴¹.
- c) Imodificabilidade do inventário dos componentes.
- d) Insubstituibilidade dos elementos componentes.

Nesse sentido, o primeiro grupo de fatores responde a perguntas metodológicas em cada um dos níveis em que se inserem os critérios mencionados: qual é a ordem dos componentes da ocorrência? É a ordem esperada ou ela está modificada? Qual é o núcleo verbal utilizado? É o verbo esperado ou está modificado? Qual é o material lexical utilizado? É o material lexical esperado ou está modificado? Há mais material lexical dentro da estrutura da CF?

No agrupamento entre colchetes, a variável “ordem dos componentes” aparece depois da identificação da construção fraseológica. Como podemos observar nos exemplos do Quadro 8, adiante, a etiqueta <oe> representa que a ordem dos componentes da ocorrência está na ordem esperada. Isso significa que, para a CF *tirar la toalla*, o dado deve aparecer na ordem [Verbo + DP], enquanto para a CF *poner el grito en el cielo* a ordem esperada é [Verbo + DP + PP]. Caso a ocorrência apresente uma ordem diferente, ela é codificada com a etiqueta <om>: “ordem modificada”.

⁴¹ Na análise deste critério, optamos por não incluir a categoria gramatical da flexão de tempo verbal.

Quadro 8 – Codificação da variável “ordem dos componentes” (V3)

Ordem dos componentes	Ocorrências
oe – ordem esperada	<i>Otros vecinos pusieron el grito en el cielo <pg,oe> y la exaltación creció ante la amenaza de aquel que representaba autoridad.</i>
om – ordem modificada	<i>No obstante, el grito en el cielo lo habían puesto los padres, <pg,om> unos panaderos italianos, que habiendo llegado en la miseria a Venezuela se habían enriquecido trabaja</i>

Fonte: Elaboração própria.

Seguido da etiqueta da variável 3, foi colocada a etiqueta que indica se o núcleo verbal da CF é o esperado (*tirar* ou *poner*) ou se há modificações, seja pela inserção de outro verbo ou pela sua omissão. Assim, temos as etiquetas <ve> (“verbo esperado”) e <vm> (“verbo modificado”), de acordo com o Quadro 9:

Quadro 9 – Codificação da variável “núcleo verbal” (V4)

Núcleo verbal	Ocorrências
ve – verbo esperado	<i>Aunque todo parecía perdido, científicos e ingenieros no tiraron la toalla. <tt,oe,ve></i>
vm – verbo modificado	<i>Incumple, porque en un solo día quieren hacer hasta 4 bailes y los dueños de negocios están con el grito al cielo. <pg,oe,vm></i>

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 10, a seguir, ilustra a última etiqueta que aparece codificada no Grupo 1 de fatores, a qual indica se o material lexical presente na ocorrência é o esperado, <mate>, ou se ele sofreu alguma modificação, <matm>. É importante ressaltar que, tanto na codificação do verbo utilizado quanto do material lexical, considera-se modificação a troca de material, a inserção de material não esperado e/ou a omissão de algum dos componentes lexicais.

Quadro 10 – Codificação da variável “material lexical utilizado” (V5)

Material lexical utilizado	Ocorrências
mate – material lexical esperado	<i>¿Durante este tiempo en Medellín ha pensado tirar la toalla? <tt,oe,ve,mate></i>
matm – material lexical modificado	<i>Eso no supone que el PSC tire de antemano la toalla <tt,oe,ve,matm></i>

Fonte: Elaboração própria.

Após o trabalho em torno das quatro variáveis do Grupo 1, realizamos a codificação do Grupo 2, o qual corresponde aos fatores que descrevem a sintaxe de cada um dos dados, cujas etiquetas explicaremos nos próximos parágrafos.

O Grupo 2 de fatores inicia com a codificação da variável independente “tipo de construção”, já explicada no Quadro 7. Seu objetivo é identificar de que modo se dá a sintaxe dos dados, indicando, no caso de modificações em algum dos fatores do Grupo 1, em que parte da estrutura foi identificada tal modificação/variabilidade. Nesse sentido, as etiquetas respondem à descrição da estrutura, proporcionando uma resposta sobre o verbo e o material lexical utilizado dentro do contexto de uso da ocorrência, em uma associação entre símbolos linguísticos e as categorias gramaticais presentes na totalidade da CF, principalmente aquelas que fazem parte do núcleo verbal, além de descrever as posições sintáticas preenchidas na posição à esquerda do verbo.

Um dos cuidados metodológicos estabelecidos nesta etapa da pesquisa foi esmiuçar a estrutura sintática dos dados em unidades mínimas, desde a posição à esquerda do verbo até o complemento que pertence à CF. Para ilustrar essa etapa metodológica, apresentamos uma ocorrência completa da CF *tirar la toalla*, encontrada no CORPES, com sua análise e codificação:

- (10) *Casi todo el mundo me dice no tires la toalla*, <tt,ve,oe,mate> <cs,[DP-VP-neg],VPmovtirar,DPlatoalla> <ESP> *sigue empujando, el campeonato no está acabado, pero yo no pienso en el campeonato, pienso en ganar las próximas carreras* (CORPES; España: 2011).

Como podemos ver, foi colocada a codificação de cada grupo de fatores após a construção fraseológica. Para o segundo grupo, temos a identificação do tipo de construção (<cs>, “construção simples”) e, logo depois, entre colchetes e separados por traço, agrupamos a descrição do sintagma que aparece à esquerda do núcleo verbal da CF: *el mundo me dice* ([DP-VP-neg]). Foi fundamental realizar essa descrição como uma primeira aproximação aos dados, para entender como as ocorrências estavam configuradas e também como, em todo o contexto, o objeto aparecia. Optamos por agrupar as posições à esquerda, já que a quantidade varia muito a depender do contexto. Não se trata de uma informação crucial para esta pesquisa, mas é um cuidado importante para entender o comportamento do fenômeno e também contribui para levantar inferências⁴².

Graças a esse cuidado na etapa de análise, percebemos que as CFs podem aparecer em contextos sintáticos que vão do mais simples ao mais complexo, o que representou um grande desafio, pois, em alguns casos, não ficava claro de que modo deveríamos indicar esse

⁴² Cabe destacar que essa representação da posição à esquerda não é detalhada nos quadros que ilustram as etiquetas, porque, como mencionado, não é um fator relevante para os resultados.

ponto de partida da descrição. Isso nos ajudou a definir que, embora essa posição à esquerda – a qual, para fins de tratamento dos dados no RStudio, decidimos codificar como [X1] – seja importantíssima para descrever o fenômeno no seu contexto de uso, ela não seria considerada uma variável de análise, porque percebemos que a variabilidade que se busca observar e descrever está dentro da própria construção, iniciada no verbo.

Assim, no que tange à codificação da variável “verbo utilizado”, foram criadas etiquetas para cada um dos verbos encontrados em cada uma das CFs, conforme apresentamos nos Quadros 11 e 12, adiante.

O Quadro 11 mostra as etiquetas que foram utilizadas para codificar o núcleo verbal das ocorrências da CF *tirar la toalla*. Optamos por colocar, na etiqueta, a indicação de sintagma verbal (VP), o tipo de verbo (**movimento**) e o verbo. Sobre este último, escrevemos as etiquetas <**tirar**> para *tirar*, <**arro**> para *arrojar*, <**lanz**> para *lanzar*, <**bot**> para *botar* e <**colg**> para *colgar*.

Quadro 11 – Codificação da variável “verbo utilizado” na CF *tirar la toalla* (V6)

Verbo utilizado	Ocorrências
VPmovtirar – Verbo movimento <i>tirar</i>	<i>La adquisición del hábito de pronunciación es un proceso en el que no debemos olvidar que la práctica juega un papel muy importante, que debemos motivar a los alumnos/as para que no tiren la toalla</i> <tt,ve,oe,mate> <cs,[PP-neg],VPmovtirar> antes de conseguirlo.
VPmovarro – Verbo movimento <i>arrojar</i>	Si arrojaba la toalla <tt,vm,oe,mate> <cs,[condic],VPmovarro> antes de tiempo -pues tarde o temprano, se decía, tendré que optar entre arrojarla o arrojarme yo por el balcón-.
VPmovlanz – Verbo movimento <i>lanzar</i>	Dado que el primer grupo de directivos veía imposible que Laporta se inmolase, decidieron lanzar la toalla. <tt,vm,oe,mate> <cpa,[VPaspec],VPmovlanz>
VPmovbot – Verbo movimento <i>botar</i>	Yo creo que es culpa de los años. Un día de estos botaré la toalla para siempre. <tt,vm,oe,mate> <cs,[DP-PP],VPmovbot>
VPmovcolg – Verbo movimento <i>colgar</i>	es él, el inmundo, con sus gafas redondas, sus rulitos tirabuzón, su aire de cuarentón que se niega a colgar la toalla, <tt,vm,oe,mate> <cvc,[VP],VPmovcolg> el que le da la clave del fenómeno

Fonte: Elaboração própria.

No Quadro 12, vemos a codificação dessa variável para a CF *poner el grito en el cielo*, que também recebeu a etiqueta <VP> para indicar o início do sintagma verbal e <mov>, para sinalizar verbos de movimento. No caso dessa construção fraseológica, as etiquetas de indicação de verbos foram <poner> para *poner*, <peg> para *pegar*, <lanz> para

lanzar, <ech> para *echar* e <est> para *estar*. Devido a exigências do programa estatístico, foi criada também a etiqueta <VPsem>, para registrar os casos de ausência de núcleo verbal.

Quadro 12 – Codificação da variável “verbo utilizado” na CF *poner el grito en el cielo* (V7)

Verbo utilizado	Ocorrências
VPmovponer – Verbo movimento <i>poner</i>	<i>Martín Carlos Sánchez Bocanegra no tiene duda: “Hay que poner el grito en el cielo. <pg,ve,oe,mate> <cpm,VPmodal,VPmovponer></i>
VPmovpeg – Verbo movimento <i>pegar</i>	<i>Delfina pegaría el grito al cielo <pg,vm,oe,matm> <cs,DPsimples,VPmovpeg> al ver que el estricto orden que ha dispuesto en tan breve espacio.</i>
VPmovPlanz – Verbo movimento <i>lanzar</i>	<i>Este impreso insiste en que estas clases privilegiadas son las que han lanzado el grito en el cielo, <pg,vm,oe,mate> <cs,DPcomplejo,VP,CP,VPmovlanz> acusando al legislador que intenta reformar las instituciones sociales.</i>
VPmovalz – Verbo movimento <i>alzar</i>	<i>Predisuestos siempre contra sus vecinos de abajo, los ecuatorianos alzan el grito al cielo <pg,vm,oe,matm> <cs,DPsimples,VPmovalzar></i>
VPmovdar – Verbo movimento <i>dar</i>	<i>Los “barretistas” dieron el grito al cielo <pg,vm,oe,matm> <cs,DPsimples,VPmovdar> y comenzaron a condenar a Recalde por su decisión</i>
VPmovlev – Verbo movimento <i>levantar</i>	<i>todos comprenden que la ley persiga la divulgación de intimididades contra la voluntad de los particulares afectados, pero levantarían el grito al cielo <pg,vm,oe,matm> <cs,conj,VPmovlevantar> si se atreviese a restringir la divulgación de asuntos semejantes</i>
VPmovele – Verbo movimento <i>elevantar</i>	<i>El señor Brun parece ser hombre importante social y políticamente (dicen que fue oficial mayor de la alcaldesa Gaby Candia) y por supuesto eleva el grito al cielo. <pg,vm,oe,matm> <cs,locadv,VPmovelevar></i>
VPmovech – Verbo movimento <i>echar</i>	<i>a mí me han dado diez días para trabajar y si a Uruguay le han dado más de veinte, no voy a echar el grito al cielo”. <pg,vm,oe,matm> <cs,neg,VPmovech></i>
VPest – Verbo <i>estar</i>	<i>quieren hacer hasta 4 bailes”, y “y los dueños de negocios están con el grito al cielo”. <pg,vm,oe,matm> <cs,DPsimples,VPest></i>
VPsem – Verbo omitido	<i>hasta ahora la ciencia no ha puesto ni siquiera la primera piedra para la comprensión del fenómeno que causa tanto mal. El grito en cielo, <pg,vm,oe,mate> <cdp,sem,VPsem> el rechazo, la bronca y la incomprensión están en la calle.</i>

Fonte: Elaboração própria.

É importante mencionar que essa variável do segundo grupo de fatores se correlaciona à variável “núcleo verbal” do primeiro. No Grupo 1, indicamos se o verbo é o esperado ou se está modificado e, no Grupo 2, especificamos qual é o verbo utilizado.

Logo após a indicação do verbo utilizado, foi colocada a etiqueta correspondente à variável [X2] (V8), que sinaliza a presença de material lexical “extra” dentro da estrutura da construção fraseológica. Esse tipo de material foi descrito em termos de categoria gramatical.

Devido a exigências do programa estatístico, criamos a etiqueta <sem> para ser colocada depois do verbo quando a CF segue com sua estrutura esperada e não apresenta inserção de material lexical. A codificação dessa variável é igual para as duas CFs e, para ilustrá-la, apresentamos no Quadro 13 uma ocorrência de cada construção fraseológica:

Quadro 13 – Codificação da variável “[X2]” (V8)

Material lexical extra	Ocorrências
<i>Tirar la toalla</i>	<i>Por lo que me quedo con la moraleja de que no hay que tirar nunca la toalla.</i> <tt,ve,oe, matm > <cpm,neg,VPmodal,VPmovtirar, fre >
<i>Poner el grito en el cielo</i>	<i>Bild Zeitung ponía ayer el grito en el cielo,</i> <pg,ve,oe, matm > <cs,DP,VPmovponer, loc > <i>con gigantescos titulares en primera plana.</i>

Fonte: Elaboração própria.

Como a maioria dos dados encontrados nessa posição sintática corresponde a advérbios, decidimos que para indicá-los seria pertinente recuperar a representação de complementos adverbiais (CA) que já utilizamos em Godoy Roa (2017), proposta originalmente por Oliveira (2010), conforme Quadro 14:

Quadro 14 – Representação dos complementos adverbiais

Complemento adverbial	Exemplos
dur – CA de duração	<i>En, durante e para,</i> seguidos de um sintagma nominal quantificado, <i>desde, desde...hasta, hasta, de...a, de ahora en adelante, a partir de, entre,</i> entre outros.
loc – CA de localização	<i>A las tres, en este momento, ayer, el año pasado, hoy, ayer, ahora,</i> entre outros.
fas – CA de fase	<i>Ya, todavía, todavía no, ya no,</i> entre outros.
fre – CA de frequência	<i>Siempre, muchas veces, a veces, nunca, frecuentemente, raramente, a menudo,</i> entre outros.
neg – Negação	<i>No, ni.</i>
cpos – Conector de posterioridade	<i>Después.</i>
cant – Conector de anterioridade	<i>Antes.</i>
csmt – Conector de simultaneidade	<i>Cuando, mientras, al.</i>

Fonte: Extraído de Oliveira (2010, p. 185).

Concluindo o segundo grupo de fatores, realizamos a codificação da variável que especifica qual é o tipo de material lexical utilizado em cada dado das CFs. Entendemos como “material lexical utilizado” o léxico que aparece nos sintagmas depois do núcleo verbal e que faz parte da estrutura esperada de cada uma das construções fraseológicas. No caso da CF *tirar la toalla*, o material lexical codificado foi [*la toalla*], [*el guante*] e [*la esponja*], de acordo com o Quadro 15:

Quadro 15 – Codificação da variável “material lexical utilizado” na CF *tirar la toalla* (V8)

Material lexical utilizado	Ocorrências
DPelguante	<i>Si la candidatura de Romney no endereza el vuelo en los próximos días, alguno podría arrojar el guante en los idus de marzo.</i> <tt,vm,oe,matm> <cpm,DP,VPmodal,VPmovarro,[sem],DPel guante>
DPlaesponja	<i>Si contrataron a Riquelme para resolver el caso quiere decir que ya tiraron la esponja con los abogados.</i> <tt,ve,oe,matm> <cs,fas,VPmovtirar,[sem],DPlaesponja>
DPlatoalla	<i>El 4 de mayo, Karame tiró la toalla,</i> <tt,ve,oe,mate> <cs,DPsimples,VPmovtirar,[sem],DPlatoalla> <i>pero, en un insólito gusto por la legalidad, el presidente Gemayel no aceptó su dimisión</i>

Fonte: Elaboração própria.

No caso da CF *poner el grito en el cielo*, foi considerada toda a estrutura preposicional, então criamos etiquetas para o sintagma [*el grito*], para as preposições [*en*] e [*a*] e para o sintagma [*el cielo*]. Para efeitos da rodada estatística, esses três elementos foram identificados como “material1”, “material2” e “material3”, respectivamente, conforme ilustrado no Quadro 16:

Quadro 16 – Codificação da variável “material lexical utilizado” na CF *poner el grito en el cielo* (V9)

Material lexical utilizado	Ocorrências
ADJgrito	<i>Los que a mano tenemos una pluma, una cámara o un micrófono, hemos puesto nuestro grito en el cielo,</i> <pg,ve,oe,matm><cs,sem,VPmovponer,ADJgrito,[sem],PPen,DPelcielo> <i>nuestra queja en el papel, nuestro dolor en las imágenes. ¿Y ahora qué?</i>
DPelgrito	<i>Los padres ni pusieron el grito en el cielo</i> <pg,ve,oe,mate> <cs,DP,neg,VPmovponer,DPelgrito,[sem],PPen,DPelcielo> <i>como hubo sospechado doña Bárbara.</i>
DPungrito	<i>Al Madrid alguien le pone un grito en el cielo</i> <pg,ve,oe,matm> <cs,DP,VPmovponer,DPungrito,[sem],PPen,DPelcielo>.
PPa	<i>Y le hizo caso a un carnicero del Mercadito cercano, del que no tardó en quedar encinta. Cuando Luciano supo aquello, pegó el grito al cielo.</i> <pg,vm,oe,matm> <cs,CP,DP,VP,adj,VPmovpegar,DPelgrito,[sem],PPa,DPelcielo>
PPen	<i>la oposición pone el grito en el cielo</i> <pg,ve,oe,mate> <cs,DPsimples,VPmovponer,DPelgrito,[sem],PPen,DPelcielo> <i>porque la conducta del jefe de Gobierno corrobora sus peores temores</i>
DPelcielo	<i>¿Cien pesos cada uno? Para ti no será mucho, pero Raúl y mis papás pusieron el grito en el cielo.</i> <pg,ve,oe,mate> <cs,DP,VPmovponer,DPelgrito,[sem],PPen,DPelcielo>

Fonte: Elaboração própria.

Por último, em direção à finalização da seção sobre o tratamento de dados e a análise em *corpora*, apresentamos, no Quadro 17, a representação da codificação da etiqueta que

corresponde à localização geográfica do dado. Essa etiqueta foi criada como um elemento para ajudar a levantar inferências e comparações durante uma análise, não sendo uma variável controlada.

Quadro 17 – Codificação dos países

Países	
ARG – Argentina	MEX – México
BOL – Bolívia	NIC – Nicarágua
CHI – Chile	PAN – Panamá
COL – Colômbia	PAR – Paraguai
COS – Costa Rica	PER – Peru
CUB – Cuba	PUE – Porto Rico
ECU – Equador	REP – República Dominicana
ESP – Espanha	SAL – Salvador
GUA – Guatemala	URU – Uruguai
GUI – Guiné Equatorial	USA – Estados Unidos
HON – Honduras	VZL – Venezuela

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos ver no Quadro 17, há etiquetas para 22 países, entre os quais estão os Estados Unidos. Cabe observar que, nesses casos, trata-se de ocorrências encontradas em jornais em espanhol, publicados sobretudo em Miami. Nessa cidade, existe uma alta população que tem o espanhol como língua materna ou de herança⁴³.

4.3 DESENHO DOS TESTES DE ACEITABILIDADE E CLOZE

Procurando observar quando falantes nativos do espanhol aceitam a variação nas CFs, decidimos aplicar instrumentos cognitivos capazes de proporcionar informações suficientes para refletir e levantar inferências que permitam contrastar os resultados da análise da amostra em *corpora*.

Assim, desenhamos dois testes de aceitabilidade gramatical, para observar como os falantes reagem a mudanças nas estruturas das CFs em análise, além de conhecer se as características oferecidas pelas teorias se sustentam no uso, proporcionando ferramentas para a descrição gramatical do fenômeno fraseológico. Levando em conta que “julgamentos de grau de aceitabilidade de novas expressões estão fortemente baseados na similaridade com sequências frequentes e convencionizadas” (BYBEE, 2016, p. 102), o instrumento contribui

⁴³ Segundo dados publicados pelo Instituto Cervantes, no *Anuario “El español en el mundo”* (2020), a população hispana é de mais de 62,3 milhões de pessoas, sendo os estados do sudeste do país os que têm a maior concentração.

para refletir sobre o papel dos domínios cognitivos no surgimento de novas CFs criadas a partir de uma base mais frequente. É importante mencionar que, dentro da perspectiva adotada,

a gramaticalidade ou agramaticalidade é concebida em termos relativos e não absolutos, estabelecendo graus de aceitabilidade e reconhecendo a importância do contexto no discernimento dessa questão. Os julgamentos de aceitabilidade são apoiados empiricamente não apenas pelos julgamentos introspectivos de falantes nativos, mas também por dados linguísticos reais extraídos de *corpora*, bem como dados obtidos de experimentos psicolinguísticos (GONZÁLVEZ-GARCÍA, 2016, p. 257, tradução nossa⁴⁴).

Nesse sentido, a aplicação dos testes busca oferecer insumos para responder à pergunta de pesquisa 3: “Considerando ser plausível contestar a fixação como uma característica indispensável de uma CF, fundamentada na Linguística Cognitiva, em que tipo de variação/mudança é maior o grau de aceitabilidade por parte de falantes nativos?”.

Foram convidados a participar nativos da língua espanhola, não pertencentes à área de Letras, oriundos de duas regiões dialetais hispânicas: Rio da Prata e Andina. No que diz respeito às variáveis extralinguísticas, julgamos pertinente desenhar o perfil do participante delimitando os seguintes fatores: (i) país; (ii) idade; (iii) sexo; e (iv) proficiência em alguma língua estrangeira⁴⁵.

Sobre o país do informante, limitamos a participação de modo a contemplar falantes de países representativos de cada uma das regiões dialetais mencionadas: Argentina e Colômbia. No que tange à idade, optou-se por não estabelecer faixas etárias, já que essa informação foi solicitada apenas como insumo para levantar inferências. A delimitação de faixa etária não responde a nenhum dos nossos objetivos e, portanto, não foi controlada. Entretanto, participam do instrumento indivíduos adultos, devido ao fator “escolaridade”: selecionamos pessoas com estudos de nível superior em andamento ou já concluídos, sem fazer distinção.

⁴⁴ “La gramaticalidad o agramaticalidad se concibe en términos relativos, en lugar de términos absolutos, estableciéndose grados de aceptabilidad y reconociéndose la importancia del contexto a la hora de discernir esta cuestión. Los juicios de aceptabilidad se sustentan empíricamente no solo en los juicios introspectivos de hablantes nativos, sino también en función de datos lingüísticos reales extraídos de corpus, así como de datos obtenidos a partir de la experimentación psicolingüística”.

⁴⁵ Embora o sexo e a competência comunicativa em línguas estrangeiras apareçam listados entre os fatores, eles foram analisados de modo secundário.

Imagem 5 – Testes de aceitabilidade e Cloze: coleta de dados do perfil do participante

Recolección de datos lingüísticos

Investigación: Usos del español

Investigadores:
 Dr.ª. Leandra Cristina de Oliveira (UFSC/DLLE/PPGLg/CEEMO)
 M.ª. María Alejandra Godoy Roa (UFSC/DLLE/PPGLg/CEEMO)

www.ufsc.br
www.lle.cce.ufsc.br
www.ppglin.posgrad.ufsc.br
www.ceemo.ufsc.br



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Datos del hablante

Pais de origen *

Colombia
 Argentina

Edad

Sua resposta _____

Sexo *

Femenino
 Masculino
 Otro

Fonte: Elaboração própria.

Assim, criamos um teste⁴⁶ com as duas CFs selecionadas para esta pesquisa. O instrumento foi elaborado a partir dos dados em *corpora* que mostraram variabilidade em alguma das variantes mapeadas no inventário apresentado na Figura 1, anteriormente. Exemplificamos, no Quadro 18 a seguir, alguns dos dados que serviram de base para a elaboração do instrumento, mostrando uma comparação da forma esperada da CF e da realização das suas variantes:

⁴⁶ O teste foi criado na ferramenta Google Forms, que permite a elaboração de formulários para a coleta de dados e oferece a opção de selecionar alternativas, a qual, no momento, é suficiente para alcançar nossos objetivos.

Quadro 18 – Comparação de construções fraseológicas com variabilidade

CF esperada	CF com variabilidade
<i>El Barça tiró la toalla ante un rival disminuido que supo remontar un gol.</i>	<i>La consigna es no arrojar nunca la toalla.</i> <i>De que Suárez, que atraviesa una situación de auténtico stress; en esos días, decida el lanzamiento de la toalla, lo que deshaciendo la metáfora boxística implica el abandono del sillón presidencial.</i>
<i>La oposición pone el grito en el cielo porque la conducta del jefe de Gobierno corrobora sus peores temores.</i>	<i>El tema de los informantes por ejemplo, que se puso tanto el grito en el cielo por eso.</i>
	<i>El primero en sospechar y pegar el grito en el cielo fue el bodeguero Arcadio Pandoca.</i>
	<i>No obstante, el grito en el cielo lo habían puesto los padres, unos panaderos italianos, que, habiendo llegado en la miseria a Venezuela, se habían enriquecido trabajando.</i>

Fonte: Elaboração própria.

A partir da análise realizada e observando essas variações, decidimos que o instrumento poderia ser composto de duas partes: um teste de aceitabilidade e um teste de Cloze, que descrevemos nas próximas seções.

4.3.1 Teste de aceitabilidade

Com a elaboração do teste, buscamos testar a aceitabilidade das variantes usuais internas das duas CFs. Para cada uma das perguntas, levamos em conta a seguinte divisão das variantes:

- **Variantes léxicas:** compoendo alguma das variações nos componentes nominal, verbal, adjetival e/ou adverbial.
- **Variantes morfossintáticas:** compoendo variação preposicional, no artigo, de número, derivativa e/ou quantitativa. Neste tipo de variantes, consideramos as variações que a CF pode ter em relação à ordem e ao número de componentes, isto é, a ordem sintática padrão e se a construção fraseológica aceita ou não a inserção de qualquer tipo de material lexical dentro da unidade sintática. A variação morfossintática do tipo flexiva não foi considerada como fator para a escolha das ocorrências.

Formulamos o teste de aceitabilidade com dez perguntas, cinco para cada CF, a partir das ocorrências extraídas dos *corpora*, que reproduzidas nos Quadros 19 e 20:

Quadro 19 – Teste de aceitabilidade: ocorrências selecionadas da CF *tirar la toalla*

Ocorrência	Tipo de variante
<i>En fin, allá se las arreglen ellos con sus vidas tristes y sus ilusiones vacuas. Yo, a lo mío. Viéndolos me siento contento de que me saliera cara y de no haber tirado la toalla. Yo soy de los que lo quieren TODO.</i>	Sem variante
<i>Había sido un pionero en el campo de la publicidad en España, pero arrojó la toalla muy temprano; en realidad, César había llegado a la agencia más o menos en sustitución de Constantino, cosa que a éste no pareció importarle.</i>	Variante lexical verbal
<i>Por el brillo que veo en sus ojos, algo me dice que papá prepara el escenario para alguno de sus trucos con final sorpresa, pero estoy demasiado cansada para seguirle el juego. Él continúa con la mano tendida. No es de los que tiran fácilmente la toalla. Yo tampoco.</i>	Variante sintática – Inserção de material lexical
<i>Por ahora son sólo susurros. Si la candidatura de Romney no endereza el vuelo en los próximos días, alguno podría arrojar el guante en los idus de marzo.</i>	Variante lexical verbal e nominal
<i>Nosotros nunca lo hemos dejado de ayudar. Al contrario, en algún momento pudimos tirar la esponja, pero seguimos encima suyo. De hecho, pese a que el reglamento establece que el hipódromo y el sindicato deben ponerse con el 50% cada uno para la rehabilitación, en este caso específico sólo nosotros hemos cubierto los gastos, poniendo mucho dinero.</i>	Variante lexical nominal

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 20 – Teste de aceitabilidade: ocorrências selecionadas da CF *poner el grito en el cielo*

Ocorrência	Tipo de variante
<i>Se les fue la mano y el amante recurrió a la justicia. Si Paula acaba en la cárcel, la gente del toro -y especialmente los gitanos- pondrán el grito en el cielo. Serán gritos perdidos porque la justicia no entiende de honores mancillados.</i>	Sem variante
<i>el tema de los informantes por ejemplo, que se puso tanto el grito en el cielo por eso... los informantes toda la vida existieron en la Aduana, los utilizaron todos, la policía, el ejército, todos...</i>	Variante sintática – Inserção de material lexical
<i>pese a su interés por desarrollar la rivera sur del Mediterráneo, bastaron los argumentos de un grupo de presión agrícola para que España pusiera ayer el grito en el cielo por 500 kilos de tomate concentrado.</i>	Variante morfossintática
<i>Este impreso insiste en que estas clases privilegiadas son las que han lanzado el grito en el cielo, acusando al legislador que intenta reformar las instituciones sociales.</i>	Variante lexical verbal
<i>No obstante, el grito en el cielo lo habían puesto los padres, unos panaderos italianos, que, habiendo llegado en la miseria a Venezuela, se habían enriquecido trabajando</i>	Variante sintática – Ordem dos componentes

Fonte: Elaboração própria.

No que tange às etapas seguidas para a elaboração e a apresentação do teste ao participante, fizemos, primeiramente, uma introdução às questões, de modo que a pessoa respondesse às perguntas levando em conta aquilo que buscávamos observar. Assim, antes do questionário, apresentamos um enunciado que orienta o informante a selecionar uma alternativa considerando o uso cotidiano que ele realiza da língua espanhola e, também, prestando atenção às expressões entre aspas, que são as construções fraseológicas (ver Imagem 6, adiante).

Nessa primeira parte do teste, o participante julga o grau de aceitabilidade de algumas ocorrências/sentenças que contêm CFs de alta frequência na língua espanhola, extraídas dos *corpora*. Como vemos na Imagem 6, para oferecer graus de aceitabilidade o informante podia escolher uma entre três opções de resposta: (i) *Me suena natural y así lo uso*; (ii) *Me suena natural, pero no lo uso*; e (iii) *No me suena natural*.

Imagem 6 – Teste de aceitabilidade: exemplo de pergunta

Considere el uso de la lengua española, preste atención a las expresiones «entre comillas» y seleccione una alternativa.

Descrição (opcional)

1. En fin, allá se las arreglen ellos con sus vidas tristes y sus ilusiones vacuas. Yo, a lo mío. Viéndolos me siento contento de que me saliera cara y de «no haber tirado la toalla». Yo soy de los que lo quieren TODO.

Me suena natural y así lo uso.

Me suena natural, pero no lo uso.

No me suena natural.

Fonte: Elaboração própria.

Com essas três alternativas, buscamos verificar em que medida os diferentes tipos de variabilidade podem ser considerados naturais ou não naturais. O espectro da gramaticalidade é aquilo que soa natural ao falante nativo da língua, mesmo que ele não utilize aquela forma. Assim, a escala de aceitabilidade começa com aquilo que é natural e faz parte do uso cotidiano do participante (*Me suena natural y así lo uso*), tendo como segunda opção o reconhecimento de que a informação é gramatical, mesmo que a pessoa não utilize aquela

forma (*Me suena natural, pero no lo uso*) e, por último, a alternativa que representa uma rejeição da CF (*No me suena natural*).

Cabe mencionar que o fato de o falante sinalizar a não naturalidade da ocorrência não significa que ela não possa ser produzida ou que não “exista” na língua em uso, mas pode representar uma menor frequência, determinada por fatores extralinguísticos⁴⁷. No entanto, inferimos que, por se tratar de um questionário que contrasta diferentes variantes das CFs, os participantes podem se sentir inclinados a selecionar a alternativa que estiver mais perto daquilo que eles consideram ser uma forma “canônica” ou “certa” de utilizar a língua.

Após responder às perguntas do teste de aceitabilidade, o participante avança para a segunda etapa do questionário, sobre a qual discorreremos a seguir.

4.3.2 Teste de Cloze

Na segunda parte do instrumento, o participante deve preencher a frase selecionando a opção que contenha uma CF de alta frequência. São oferecidas quatro alternativas e uma delas é a construção que encontramos nos *corpora*, além de uma opção aberta, permitindo que o informante preencha de modo diferente caso ele considere que nenhuma das respostas proporcionadas se encaixa, satisfatoriamente, no espaço em branco.

Comumente, o Teste de Cloze é utilizado para testar a compreensão leitora e tem, como método, a eliminação de palavras ou sequências completas dentro de um contexto mais amplo, para que o participante preencha selecionando uma resposta entre as opções dadas. Com a aplicação do referido teste, buscamos estabelecer uma ligação entre os dados encontrados nos *corpora* e a reação dos informantes, ou seja, a intenção é observar se nativos da língua espanhola se expressariam com as mesmas formas que apareceram nos *corpora*, considerando CFs e contextos específicos.

⁴⁷ Vale retomar, aqui, o princípio da marcação, que está vinculado à frequência e apresenta três critérios principais para uma distinção entre categorias marcadas e não marcadas. O primeiro se refere à complexidade estrutural: estruturas marcadas tendem a ser mais complexas. O segundo critério trata da distribuição da frequência: estruturas marcadas tendem a ser menos frequentes. O terceiro critério aborda a complexidade cognitiva: estruturas marcadas tendem a ser mais complexas, cognitivamente (CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2003; GIVÓN, 1995). Em outras palavras, o princípio da marcação mostra que, quanto menos frequente uma estrutura é (ou uma determinada CF com variabilidade), mais marcada ela é e, conseqüentemente, precisa de mais tempo de processamento cognitivo, causando um possível estranhamento ou rejeição por parte do ouvinte. Isso ocorre porque se trata de estruturas linguísticas que o uso já fixou na língua e que funcionam de modo praticamente automático, sem exigir um esforço mental (MALDONADO, 2016, p. 215).

Para visualizar como essa correspondência aconteceria, decidimos começar a segunda parte do teste orientando o participante a considerar o uso da língua espanhola e selecionar a alternativa que, na sua opinião, se ajusta ao contexto dado para preencher a lacuna (ver Imagem 7, mais adiante). Durante a aplicação do teste-piloto, foram recebidos comentários sobre a impossibilidade de responder algo diferente das alternativas oferecidas nessa parte do questionário, então decidimos inserir a opção “outro” para que o participante pudesse preencher a lacuna livremente. Por outro lado, essa escolha implica riscos de desvios, como de fato ocorreu: obtivemos respostas que saíram dos contextos idiomáticos.

A seguir, apresentamos os Quadros 21 e 22, com as ocorrências selecionadas para o questionário: dez no total, cinco para cada construção fraseológica (*tirar la toalla e poner el grito en el cielo*).

Quadro 21 – Teste de Cloze: ocorrências selecionadas da CF *tirar la toalla*

Ocorrência	Tipo de variante
<i>Cuando le queda apenas un año de presidencia, Obama dijo ser consciente de que esta será una de las tareas que dejará pendientes. Aun así, insistió, no se puede tirar la toalla.</i>	Sem variante
<i>Y me da la sensación de que el Gobierno ha decidido, ha arrojado la toalla en el sentido de conseguir un sector industrial razonablemente competitivo</i>	Variante lexical verbal
<i>Ahora, mucho tiempo después de aquel relevo, era el propio Hermenegildo quien arrojaba la toalla y se desentendía del proyecto. Cuando hojeé el material en la terraza de la pensión, comprendí inmediatamente.</i>	Variante lexical verbal
<i>La verdad es que las compañías de seguro nunca quieren pagar los seguros; podría decirse que toda la publicidad que hacen es engañosa, porque en el momento en que uno las necesita tratan de escapar por cualquier medio de sus obligaciones. Si contrataron a Riquelme para resolver el caso quiere decir que ya tiraron la esponja con los abogados.</i>	Variante lexical nominal
<i>El grupo disidente esperaba que Laporta fuese el único sacrificado, pero esto era del todo inviable porque junto al presidente el resto de sus directivos más cercanos estaban dispuestos a seguirle dentro o fuera del club. Dado que el primer grupo de directivos veía imposible que Laporta se inmolará, decidieron lanzar la toalla.</i>	Variante lexical nominal

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 22 – Teste de Cloze: ocorrências selecionadas da CF *poner el grito en el cielo*

Ocorrência	Tipo de variante
- <i>¿Qué te parece que tiene? -preguntó.</i> - <i>La verdad es que no lo sé. Se queja de un dolor abdominal que no es típico, pero luego la exploración es un tanto discordante. Tiene el abdomen muy blando; sin embargo, cuando te vas a la palpación de los puntos apendiculares, pone el grito en el cielo -contestó el residente que, evidentemente, no tenía muy clara la patología por la que había acudido la paciente</i>	Sem variante
<i>Por eso estoy aquí en la esquina. El viejo pegó el grito al cielo cuando del hocico de puerco de mi hermana brotó el chisme de lo que había hecho en el colegio. En realidad ya mamá lo sabía, pues la Directora había telefonado la misma tarde.</i>	Variante lexical verbal
<i>¡No puedo con lo que tengo encima, y viene usted ahora a echarme todo el peso de sus sandeces! - Pero ¿quieren ustedes apostar una cosa buena a que si la sociedad llegara a dar, en esos trances, una prueba de buen sentido, habían de poner los dolientes el grito en el cielo? ¿Adónde vamos a parar? ¿Qué es esto?</i>	Variante morfossintática – Inserção de sintagma nominal
<i>Los creyentes que aquellas horas andaban haciendo lo que otros habían olvidado, pusieron con todas sus fuerzas el grito en el cielo, despertando hasta los más dormilones, que abandonaron presurosos sus camas para concurrir a la función.</i>	Variante morfossintática – Inserção de sintagma preposicional
<i>Cuando las otras compañías norteamericanas tuvieron conciencia de la jugada, pusieron, como es lógico, el grito en el cielo y acusaron de intrigante a la Pan American, pues pretendía utilizar como base de partida San Francisco.</i>	Variante sintática – Inserção de sintagma

Fonte: Elaboração própria.

Vemos, nos quadros, que os dados selecionados são de diversas realizações das construções em análise. Escolhemos dados que representassem os diferentes tipos de variantes encontradas nos *corpora*, como por exemplo a variante interna de tipo lexical verbal. Esta última é a que apresenta troca do núcleo verbal da CF e foi o tipo de variabilidade mais frequente nos *corpora* que consultamos. Assim, podemos observar ocorrências com os verbos *arrojar* e *lanzar* como variantes lexicais verbais da CF *tirar la toalla*, enquanto *pegar* para a CF *poner el grito en el cielo*. Para ilustrar como o participante deveria fornecer informações a partir do questionário, apresentamos a Imagem 7:

Imagem 7 – Teste de Cloze: exemplo de sentença a ser preenchida

Considere el uso de la lengua española en los ejemplos presentados a continuación y elija la alternativa que usted considera se ajusta al contexto dado.

1. Cuando le queda apenas un año de presidencia, Obama dijo ser consciente de que esta será una de las tareas que dejará pendientes. Aun así, insistió, no _____ . "Que sea difícil no es excusa para no intentarlo", dijo. *

"se puede tirar la toalla"

"se puede todavía tirar la toalla"

"se puede tirar todavía la toalla"

"se puede arrojar la toalla"

Otro: _____

Fonte: Elaboração própria.

A segunda variante que consideramos importante contemplar no teste foi a variante interna de ordem sintática, pois ela evidencia a possibilidade de inserir material lexical no meio da construção e, também, separá-la (sintaticamente) por meio de vírgulas. Os dados em *corpora* que apresentaram esse tipo de variante com mais frequência foram os de *poner el grito en el cielo*, razão pela qual o teste tinha três opções dessa variante em tal CF, um número diferente em comparação com *tirar la toalla*. Destacamos que, tendo em vista o objetivo de levantar inferências sobre os dados em *corpora*, decidimos não criar perguntas e limitar o conteúdo dos testes àquilo que encontramos nos *corpora*.

Em suma, podemos observar que tanto o teste de aceitabilidade quanto o Teste de Cloze contribuem para o entendimento do fenômeno em estudo: se um dado com variabilidade aparece nos *corpora*, significa que ele já faz parte do uso frequente da língua, sendo considerado gramatical dentro do contexto idiomático e, portanto, em princípio, não deveria ser rejeitado pelos participantes nos testes. Contudo, sabemos que cada uma das partes que constitui nossa amostra tem características diferentes, pois as ocorrências em *corpora* são dados reais coletados de diferentes fontes, enquanto os testes representam a reação de determinados indivíduos sobre os usos linguísticos específicos, o que pode resultar na diferença entre o que os falantes utilizam quando não estão sendo “testados” e aquilo que eles acreditam que empregam quando devem responder a um questionário.

Neste capítulo, explicamos cada uma das escolhas e cuidados metodológicos que levamos em conta para a realização da pesquisa. A seguir, no Capítulo 5, descrevemos o comportamento da variabilidade nas CF estudadas.

5 DESCRIÇÃO E REPRESENTAÇÃO DAS CFS EM ANÁLISE: UM OLHAR SOBRE A VARIABILIDADE

Os capítulos anteriores ofereceram um panorama sobre nosso objeto de estudo a partir de duas visões com premissas teóricas distintas, mas com pontos em comum que, em diálogo, auxiliam a entender o comportamento do fenômeno idiomático na língua em uso. No presente capítulo, apresentamos a análise da presença de variabilidade na amostra detalhada no Capítulo 4. A intenção é alcançar o objetivo de descrever caminhos de variabilidade nas CFs do espanhol *tirar la toalla e poner el grito en el cielo*, analisando os dados da amostra nos níveis morfológico, sintático e lexical, a partir da identificação de ocorrências com variação nos *corpora*.

É oportuno ressaltar que todas as variáveis contribuíram para a análise dos dados caso a caso. Além disso, por se tratar de uma análise realizada na perspectiva cognitivista, foram consideradas todas as ocorrências que identificamos terem sido utilizadas dentro do contexto idiomático da CF. Essa consideração se justifica pelo fato de que a variabilidade encontrada, independentemente de ser significativa ou não, aponta para habilidades de processamento e mecanismos cognitivos acionados na língua em uso. Nesse ponto, é importante recordar que, embora apresentemos tabelas com frequência de ocorrência, esse fator não é totalmente determinante para nossa pesquisa, uma vez que nosso interesse recai sobre a presença da variabilidade dentro da estrutura de cada uma das CFs, bem como a observação comparativa de duas estruturas idiomáticas diferentes – a saber: [VP + SN] e [VP + SN + SPREP].

Com essas considerações apontadas, passamos a explicar a organização interna do capítulo, dedicado à quantificação, descrição e representação da variabilidade nas duas CFs selecionadas, todas nos contextos idiomáticos esperados. Assim, buscamos observar como os mecanismos cognitivos presentes no processamento da linguagem licenciam modificações e alterações no uso das CFs, abrindo campo para pensar na propriedade da fixação e não flexibilidade mais como uma tendência, não como um uso obrigatório e cristalizado, previamente estabelecido de cada construção.

O presente capítulo contém três seções organizadas buscando traçar o processo de análise de um modo detalhado, do geral ao particular, para responder às perguntas de pesquisa. Na seção 5.1, trazemos considerações gerais da análise, além de resultados globais observados nas duas CFs e da explicação sobre as características do fenômeno a partir de cada

uma das perspectivas teóricas, retomando o debate construído no Capítulo 3 (seção 3.4, principalmente). Na seção 5.2, descrevemos o comportamento de cada CF, organizando, em subseções, os resultados obtidos dos dados em *corpora* e os resultados dos testes de aceitabilidade aplicados (seções 5.2.1 e 5.2.2). Cabe destacar que se trata do mesmo processo para as duas CFs, tanto nas análises realizadas e no tratamento dos dados da amostra em *corpora* quanto no questionário aplicado a 73 participantes hispanofalantes. Decidimos mostrar os resultados de modo separado para detalhar o comportamento de cada uma das CFs e, depois, estabelecer uma comparação entre elas. Por fim, dedicamos a seção 5.3 a observações finais da análise, respondendo às perguntas de pesquisa e testando nossas hipóteses.

5.1 VISÃO GLOBAL DOS RESULTADOS

Nesta seção, trazemos algumas considerações gerais da análise mostrando resultados globais da frequência de ocorrência do primeiro grupo de fatores examinados nas duas CFs. Conforme mencionado no Capítulo 4, do total de ocorrências analisadas na amostra de *corpora*, encontramos a presença de algum tipo de variabilidade em 202 dados (somando os dados das duas CFs). A distribuição do total de ocorrências é apresentada na Tabela 5, que recuperamos a seguir:

Tabela 5 – Número total de ocorrências por construção fraseológica

Construção fraseológica	Nº total de ocorrências	Nº de ocorrências sem variabilidade	Nº de ocorrências com variabilidade
<i>Tirar la toalla</i>	639	494	145
<i>Poner el grito en el cielo</i>	461	404	57
Total	1.100 (100%)	898 (81,64%)	202 (18,36%)

Fonte: Elaboração própria.

Como é possível observar na Tabela 5, o número de ocorrências em que foi identificado algum tipo de variabilidade corresponde a 18,36% do total dos dados da amostra em *corpora*. Um percentual de 81,64% dos dados corresponde à estrutura esperada da construção, sem nenhum tipo de variabilidade além daquela que codifica o tempo verbal

necessário para a produção gramatical da expressão⁴⁸. Em geral, na maioria dos dados analisados e que apresentaram variabilidade, esta última foi identificada no inventário dos componentes no nível lexical, com a adição de advérbios principalmente entre o núcleo verbal da construção e seu complemento, tal como ilustrado anteriormente na Figura 5 e como passaremos a detalhar nas próximas seções.

No que tange à distribuição e ao número de respostas obtidas por falantes nativos da língua espanhola nos testes aplicados, apresentamos a Tabela 7 a seguir, na qual podemos observar que a maioria das respostas (57,5%) corresponde a julgamentos realizados por hispanofalantes da variedade colombiana. Vemos, também, que a maioria informou ter conhecimento de alguma língua estrangeira em qualquer nível: 85,5% dessas pessoas têm conhecimentos sobre a língua inglesa. Neste espaço dedicado a uma visão global, também decidimos recuperar informações acerca dos participantes do instrumento para caracterizar os resultados apresentados durante o capítulo. No entanto, advertimos que a distribuição dos participantes não é determinante para nossa análise, sendo uma ferramenta para levantar algumas inferências.

Tabela 7 – Distribuição dos dados dos participantes nos testes aplicados

Variável		Nº de participantes
País	Colômbia	42 (57,5%)
	Argentina	31 (42,5%)
Conhecimento em língua estrangeira	Sim	62 (84,9%)
	Não	11 (15,1%)
Língua estrangeira	Inglês	53 (85,5%)
	Português	19 (30,6%)
	Outra	23 (37,1%)

Fonte: Elaboração própria.

Uma vez apresentadas as informações macro sobre os dados da amostra, apresentamos a Tabela 8, com a distribuição do primeiro grupo de fatores de análise em termos de organização da estrutura sintática encontrada nos dados. Descrevemos essa

⁴⁸ Como mencionado no capítulo introdutório, este trabalho é um desdobramento de pesquisas anteriores. O comportamento da variação no uso das CFs em Tempo e Aspecto verbal é uma questão já respondida em Godoy Roa (2017).

primeira parte a partir de “esperado vs. modificado” nas três variáveis consideradas – “ordem dos componentes”, “verbo utilizado” e “material lexical utilizado” –, resultando na presença de oito tipos de estrutura: (i) estrutura com as três variáveis dentro do esperado; (ii) estrutura com ordem modificada; (iii) estrutura com verbo modificado; (iv) estrutura com ordem e verbo modificados; (v) estrutura com material lexical modificado; (vi) estrutura com ordem e material lexical modificados; (vii) estrutura com verbo e material lexical modificados; e, por fim, (viii) estrutura com as três variáveis modificadas. A distribuição da frequência de ocorrência é apresentada a seguir:

Tabela 8 – Total de combinações sintáticas encontradas na análise

Ordem dos componentes	Verbo	Material lexical	Frequência
Ordem esperada <oe>	Verbo esperado <ve>	Material lexical esperado <mate>	898 (81,64%)
Ordem modificada <om>	Verbo esperado <ve>	Material lexical esperado <mate>	0 (0%)
Ordem esperada <oe>	Verbo modificado <vm>	Material lexical esperado <mate>	134 (12,19%)
Ordem modificada <om>	Verbo modificado <vm>	Material lexical esperado <mate>	1 (0,09%)
Ordem esperada <oe>	Verbo esperado <ve>	Material lexical modificado <matm>	25 (2,27%)
Ordem modificada <om>	Verbo esperado <ve>	Material lexical modificado <matm>	1 (0,09%)
Ordem esperada <oe>	Verbo modificado <vm>	Material lexical modificado <matm>	40 (3,63%)
Ordem modificada <om>	Verbo modificado <vm>	Material lexical modificado <matm>	1 (0,09%)
Total			1.100 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar, em correspondência com a Tabela 5, 81,64% dos dados apresentam a ordem dos componentes esperada, assim como utilizam o verbo e o material lexical esperados. A combinação com maior presença de variabilidade (12,19%) foi aquela em que existiu variação apenas no uso do verbo empregado, mas a ordem dos componentes e o material lexical aparecem como o esperado; enquanto apenas 3,63% dos dados apresentaram modificação tanto no verbo quanto no material lexical. Observemos os exemplos de (11) a (13), que ilustram essas três situações de combinações sintáticas:

- (11) *Es muy extraño que no emitan ninguna señal, -admitía Al Dickinson, el miembro de la Junta de Seguridad en el Transporte que supervisa las pesquisas-. Estamos preocupados. Pero no vamos a tirar la toalla <tt,oe,ve,mate> (CREA; España: 1996).*

- (12) *Y es que si bien a ningún colombiano le molesta que le bajen los impuestos, sí podría **pegar el grito en el cielo** <pg,oe,vm,matm> (CREA; Colombia: 1997).*
- (13) *El reaprendizaje varía en función del área del cerebro dañada y las habilidades afectadas. La consigna es no **arrojar nunca la toalla** <tt,oe,vm,matm> (CREA; España: 1996).*

No dado em (12), temos um caso da CF *poner el grito en el cielo* em que há modificação no verbo utilizado. A ocorrência mostra o uso do verbo [*pegar*] no lugar de [*poner*], mas ela mantém a ordem de componentes e o inventário de material lexical, [*el grito en el cielo*], esperados. O exemplo em (13) é da CF *tirar la toalla*. Nele, vemos que há modificação do verbo utilizado, [*arrojar*] por [*tirar*], e inserção do material lexical [*nunca*] entre o verbo e o complemento.

Nessa direção, as Tabelas 9, 10 e 11, adiante, trazem o número de ocorrências distribuído segundo o tipo de variabilidade de cada uma das variáveis do primeiro grupo de fatores. Em outras palavras, diferentemente da Tabela 8, que mostrou as combinações das variáveis tal como foram encontradas nos dados em *corpora*, as três tabelas a seguir mostram cada variável de modo separado.

Tabela 9 – Ordem esperada vs. modificada

Ordem dos componentes	Frequência
Ordem esperada <oe>	1.097 (99,73%)
Ordem modificada <om>	3 (0,27%)
Total	1.100 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Como é possível ver, no que tange à ordem dos componentes, a amostra total em *corpora* mostrou apenas três dados, evidenciando que as duas CFs não apresentam uma tendência de uso que altere a ordem esperada. Já no que se refere ao uso do verbo, a Tabela 10 mostra que sua modificação é mais frequente, sendo 16% dos dados da amostra.

Tabela 10 – Verbo esperado vs. modificado

Verbo	Frequência
Verbo esperado <ve>	924 (84%)
Verbo modificado <vm>	176 (16%)
Total	1.100 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Por sua vez, a Tabela 11 mostra que a variabilidade no material lexical é de 6,1%. Vale ressaltar que essa variabilidade no material lexical, em linhas gerais, pode se referir tanto à troca ou modificação de alguma parte do inventário de componentes quanto à inserção de material lexical em algum lugar da estrutura interna da construção.

Tabela 11 – Material lexical esperado vs. modificado

Material lexical	Frequência
Material lexical esperado <mate>	1.033 (93,9%)
Material lexical modificado <matm>	67 (6,1%)
Total	1.100 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Um outro ponto que consideramos pertinente trazer neste momento é o resultado da frequência da codificação dos países encontrados nos dados. Embora a localização geográfica da ocorrência não seja um fator de análise, trouxemos as frequências como um modo de caracterizar as informações e mostrar que a maioria dos dados analisados faz parte da variedade peninsular (62,4%), seguida pelas variedades da Argentina (7,1%) e da Colômbia (5,6%), conforme apresentado na Tabela 12. Esse fato é interessante porque, como vimos na Tabela 7, os testes de aceitabilidade e de Cloze foram respondidos por hispanofalantes da Argentina e da Colômbia.

Tabela 12 – Distribuição de países nos dados em *corpora*

País	Frequência
ARG	78 (7,1%)
BOL	9 (1%)
CHI	32 (2,9%)
COL	62

	(5,6%)
COS	14 (1,2%)
CUB	18 (1,6%)
ECU	10 (10%)
ESP	687 (62,4%)
GUA	10 (10%)
GUI	1 (0,1%)
HON	11 (1%)
MEX	46 (4,2%)
NIC	6 (0,5%)
PAN	5 (0,4%)
PAR	9 (0,8%)
PER	22 (2%)
PUE	14 (1,3%)
REP	13 (1,2%)
SAL	8 (0,7%)
URU	11 (1%)
USA	4 (0,3%)
VZL	28 (2,5%)
SEM ⁴⁹	2 (0,2%)
Total	1.100 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

O total de ocorrências analisadas das duas CFs mostrou uma baixa frequência de variabilidade. Porém, o fato de ter presença de algum tipo de variação já coloca em evidência que não há, nas CFs da nossa amostra, a fixação categórica na sua estrutura interna. Isso

⁴⁹ “Sem país atribuído à CF no *corpus*”.

significa que são estruturas não cristalizadas e, portanto, elas ainda possuem características esquemáticas.

Nesta seção, buscamos oferecer um olhar macro para o primeiro grupo de fatores considerado, observando os resultados combinados da descrição sintática realizada na amostra em *corpora* das duas CFs. Como vimos, codificamos três variáveis e a que apresentou mais variabilidade foi o tipo de verbo utilizado, ou seja, as duas construções fraseológicas licenciam, no uso, a troca do núcleo verbal esperado. Nas seções dedicadas à descrição sintática de cada uma das CFs, veremos quais foram os verbos mais frequentes e as possíveis relações entre eles. Os resultados dos testes de aceitabilidade e de Cloze são apresentados nas seções 5.2.1 e 5.2.2.

5.1.1 Características das unidades fraseológicas na amostra em *corpora*

A análise na presente seção pretende responder à pergunta de pesquisa sobre como as características apresentadas pela Fraseologia se sustentam na análise do uso. Assim, retomamos os critérios da teoria antes de seguir com os dados:

- a) Inalterabilidade da ordem dos componentes.
- b) Invariabilidade de alguma categoria gramatical⁵⁰.
- c) Imodificabilidade do inventário dos componentes.
- d) Insubstituibilidade dos elementos componentes.

Os critérios citados são fundamentais para demonstrar o que a teoria fraseológica descreve como a característica da fixação, da qual depende o fator idiomático de determinada unidade. A seguir, na Tabela 13, apresentamos o número de dados com variabilidade encontrados nas CFs, no que diz respeito a cada um dos critérios:

⁵⁰ Conforme mencionado anteriormente, para a análise deste critério optamos por não incluir a categoria gramatical da flexão de tempo verbal, já que as perguntas sobre esse tipo de variação foram analisadas e respondidas no trabalho de 2017.

Tabela 13 – Ocorrências com variabilidade das CFs em análise

Critério	Nº de dados encontrados	Exemplo
Inalterabilidade da ordem dos componentes	3	<i>No obstante, el grito en el cielo lo habían puesto los padres, unos panaderos italianos, que habiendo llegado en la miseria a Venezuela se habían enriquecido trabaja</i>
Invariabilidade de alguma categoria gramatical	17	<i>Los que a mano tenemos una pluma, una cámara o un micrófono, hemos puesto nuestro grito en el cielo, nuestra queja en el papel, nuestro dolor en las imágenes. ¿Y ahora qué?</i>
Imodificabilidade do inventário dos componentes	31	<i>Yo trato de transmitir en forma absolutamente transparente lo que era normal en la Aduana; el tema de los informantes por ejemplo, que se puso tanto el grito en el cielo por eso... los informantes toda la vida existieron en la Aduana</i>
Insubstituibilidade dos elementos componentes	176	<i>Este impreso insiste en que estas clases privilegiadas son las que han lanzado el grito en el cielo, acusando al legislador que intenta reformar las instituciones sociales.</i>

Fonte: Elaboração própria.

Cabe ressaltar que, entre os dados encontrados, alguns apresentaram mais de um tipo de variação. Um exemplo é a variação dos elementos componentes – com a substituição do verbo principal –, mais a variação de alguma categoria gramatical, como no dado em (14), no qual a CF é realizada com a substituição do verbo [poner] por [pegar], além da modificação da preposição esperada: [en] por [a].

- (14) *Uno **pegó el grito al cielo**; el otro hizo acopio de la fe que hasta entonces le había faltado. Y se levantó como un resorte para alentar y creer en pos de un empate urgente (CORPES; Costa Rica: 2008).*

A Tabela 13 indica que, no uso real da língua, há diversas modificações de uma CF padrão. Como pudemos observar, cada um dos critérios da fixação tem evidências de ocorrência na língua espanhola, sem interferir em nenhum momento no sentido idiomático da expressão na tabela exemplificada. No caso da CF *tirar la toalla*, encontramos variação significativa, mas não com uma alta frequência, como a trazida no dado em (15):

- (15) *La verdad es que las compañías de seguro nunca quieren pagar los seguros; podría decirse que toda la publicidad que hacen es engañosa, porque en el momento en que uno las necesita tratan de escapar por cualquier medio de sus obligaciones. Si contrataron a Riquelme para resolver el caso quiere decir que ya **tiraron la esponja** con los abogados. (CORPES; Chile: 2010).*

Vemos que o dado é realizado com uma modificação não esperada no sintagma nominal da CF principal, [*la toalla*], apresentando [*la esponja*] na mesma função, tanto sintática quanto semântica dentro da estrutura. Isso demonstra, mais uma vez, as possibilidades de mudanças e variações a partir de uma unidade principal, sem alterar seu significado idiomático.

5.1.2 Características dos idiomatismos na amostra em *corpora*

Esta seção pretende exemplificar, a partir da análise, como as características dos idiomatismos se manifestam na amostra, considerando a abordagem da Linguística Cognitiva. Os critérios trazidos à discussão teórica já estabelecem um diálogo entre a teoria e o uso desse tipo de construção. Para facilitar, reproduzimos os critérios a seguir:

- a) Critério da não flexibilidade.
- b) Critério da figuração.
- c) Critério da proverbialidade.
- d) Critério da informalidade.

A partir do diálogo teórico, consideramos que, sobre o uso dos idiomatismos, os critérios sinalizados de (a) a (d) se sustentam. A não flexibilidade é considerada uma característica que toma uma estrutura de base e que pode sofrer modificações, conforme já demonstrado ao longo do texto. Pudemos observar que o fato de apresentar uma sintaxe restrita não impede a variação. Essa estrutura mais esquemática é tomada como base para ser reproduzida de forma convencionalizada, conservando sempre a figuração de cada uma das CFs em análise.

No que tange à CF *tirar la toalla*, os dados analisados mostram variabilidade dentro do critério da não flexibilidade. Em suma, as ocorrências permitem observar o seguinte:

- Trocas no verbo principal por verbos que se encontram dentro do mesmo campo semântico.
- Trocas no sintagma nominal [*la toalla*] por outro sintagma com as mesmas características sintáticas.

- Inserção de material lexical, principalmente advérbio, que contribui para a construção em termos de significado. Ele intensifica a intenção do falante.
- Mais de uma variabilidade em uma mesma construção.

Assim, temos o seguinte panorama de dados das duas CFs, *tirar la toalla* e *poner el grito en el cielo*:

Tabela 14 – Tipos de variabilidade nas CFs analisadas

Tipo de variabilidade	Nº de ocorrências	Exemplos
Trocas no verbo principal	141	[<i>arrojar</i>], [<i>lanzar</i>] [<i>pegar</i>] e [<i>lanzar</i>]
Trocas no sintagma nominal	3	[<i>el guante</i>] e [<i>la esponja</i>]
Inserção de material lexical com verbo esperado	22	[<i>tirar definitivamente la toalla</i>] e [<i>ayer</i>]
Mais de uma variabilidade	12	[<i>arrojar nunca la toalla</i>]

Fonte: Elaboração própria.

5.2 DESCRREVENDO AS CFS DA AMOSTRA À LUZ DA PERSPECTIVA COGNITIVO-CONSTRUCIONAL

Após a apresentação do panorama de análise, considerando os fatores estudados nas duas CFs e mostrando como as características e os critérios proporcionados pelas duas teorias se manifestam no uso real da língua, passamos à descrição sintático-semântica. Iniciaremos pela quantificação das frequências de cada uma das variáveis na amostra em *corpora*, complementando nossa análise com a representação esquemática das ocorrências em relação à variabilidade e expondo o grau de aceitabilidade dos falantes sobre a variação.

5.2.1 Variabilidade de *tirar la toalla* e *poner el grito en el cielo*

Em espanhol e português, a expressão *tirar la toalla*, “jogar a toalha”, é utilizada para expressar desistência. No seu contexto original, trata-se de uma ação no âmbito dos esportes de combate, principalmente o boxe: quando um boxeador está no seu limite de resistência e não tem mais condições físicas de continuar, o treinador pode jogar uma toalha para cima – a qual deve cair dentro do ringue – como pedido para que o juiz interrompa a luta, finalizando e preservando o atleta de sofrer lesões graves.

Essa situação específica do boxe que fornece o significado da construção – e que poderia ser considerado o significado enciclopédico a partir do qual a expressão é conceptualizada e categorizada – se expande, metaforicamente, a partir do domínio-fonte em que “jogar a toalha” é “abandonar a luta dentro do ringue” para diversos contextos de uso nos quais, por sua vez, “jogar a toalha” é “abandonar uma meta, objetivo ou situação”. Cabe mencionar que dentro do domínio-fonte existe uma divisão entre quem joga a toalha e quem está efetivamente na luta, enquanto no domínio-alvo a mesma entidade sofre o cansaço e desiste da situação. Também é interessante observar como essa construção pode aparecer em contextos que ficam entre o literal e o idiomático, tal como exemplificamos em (16):

- (16) *Al ver que se le venían encima, más que asustado, Carlos se sintió súbitamente deprimido, con ganas de tirar la toalla, sorprendido únicamente de que los golpes sonaran pero no dolieran, deseando sólo dejarse ir lejos de estridencias y luces, dejarse ir aguas abajo, hacia la acogedora profundidad donde todo estaba en calma (CORPES; España: 2003).*

O dado anterior apresenta a relação de uma situação em que a CF é utilizada dentro de uma construção nominal: alguém está com vontade de “jogar a toalha” em um contexto no qual é surpreendido a pancadas. No contexto da ocorrência, parece que estamos diante de um uso idiomático da construção, embora não se tenha clareza total e possa se tratar de um contexto mais literal.

Outra consideração que emerge ao refletir sobre a CF dentro de contextos idiomáticos é que, ao utilizar a expressão, é mais fácil recuperar um contexto literal. Se pensarmos em uma imagem mental, é possível que ela nos remeta a uma imagem dentro do contexto do boxe ou uma imagem que materialize o movimento de “jogar” (“lançar”). Isso sugere que os falantes mantêm uma interpretação literal baseada nos significados concretos da sentença e da sua representação figurada.

Nos bancos de dados consultados, a CF *tirar la toalla* é a que apresenta maior frequência de ocorrência. Como mencionamos no Capítulo 4, obtivemos um total de 639 ocorrências para essa construção fraseológica. A Tabela 15 mostra a distribuição do número de dados na amostra em *corpora*:

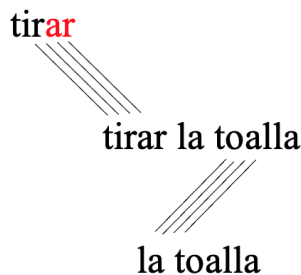
Tabela 15 – Distribuição da CF *tirar la toalla* nos corpora

Corpus	CF <i>tirar la toalla</i>
<i>Corpus del Español</i> (Universidade Brigham Young)	13 (2,04%)
<i>Corpus del Español del Siglo XIX</i> (CORPES)	376 (58,84%)
<i>Corpus de Referencia del Español Actual</i> (CREA)	250 (39,12%)
Total	639 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Do total de 639, encontramos que 77,4% (ver Tabela 16, mais adiante) das ocorrências analisadas apareceram nos seus contextos de uso seguindo a estrutura esperada, ou seja, a maioria dos dados não apresenta alteração na ordem dos componentes, utilizando o verbo e o material lexical previstos. A combinação esperada, representada pelas etiquetas <oe,ve,mate>, corresponderia à construção apresentada na Figura 9, em que a ordem segue a estrutura [VP + SN]. O verbo e o sintagma nominal esperados são [*tirar*] e [*la toalla*], respectivamente. Essa estrutura é representada na figura a seguir, que ilustra a relação estabelecida entre os componentes da construção, que, presentes de modo isolado no léxico mental, unem-se (para formar a construção).

Figura 9 – Relação da CF *tirar la toalla* com seus componentes lexicais e gramaticais



Fonte: Elaboração própria.

A partir da análise, consideramos relevante observar as combinações sintáticas que apareceram na amostra de dados, com a intenção de ver a possibilidade de estabelecer inter-relações entre os tipos de variação na CF. Observemos a Tabela 16, que mostra essas combinações para a construção fraseológica *tirar la toalla*:

Tabela 16 – Combinações sintáticas encontradas na análise da CF *tirar la toalla*

Ordem dos componentes	Verbo	Material lexical	Frequência
Ordem esperada <oe>	Verbo esperado <ve>	Material lexical esperado <mate>	494 (77,4%)
Ordem modificada <om>	Verbo esperado <ve>	Material lexical esperado <mate>	0 (0%)
Ordem esperada <oe>	Verbo modificado <vm>	Material lexical esperado <mate>	124 (19,4%)
Ordem modificada <om>	Verbo modificado <vm>	Material lexical esperado <mate>	1 (0,1%)
Ordem esperada <oe>	Verbo esperado <ve>	Material lexical modificado <matm>	8 (1,3%)
Ordem modificada <om>	Verbo esperado <ve>	Material lexical modificado <matm>	0 (0%)
Ordem esperada <oe>	Verbo modificado <vm>	Material lexical modificado <matm>	11 (1,7%)
Ordem modificada <om>	Verbo modificado <vm>	Material lexical modificado <matm>	1 (0,1%)
Total			639 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

A tabela aponta que 22,6% das ocorrências analisadas apresentaram algum tipo de variabilidade, principalmente no que se refere à troca ou modificação do núcleo verbal da CF. Nesse sentido, como vemos na Tabela 17, encontramos que em 21,4% das ocorrências foi utilizado um verbo diferente do esperado: [*tirar*].

Tabela 17 – Verbo esperado vs. modificado na análise da CF *tirar la toalla*

Verbo	Frequência
Verbo esperado <ve>	502 (78,6%)
Verbo modificado <vm>	137 (21,4%)
Total	639 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

O total de 21,4% das ocorrências com “verbo modificado” se distribui no uso de quatro verbos, a saber: [*lanzar*], [*arrojar*], [*botar*] e [*colgar*]. Na Tabela 18, vemos que, entre os quatro verbos, a modificação mais frequente no núcleo verbal é [*arrojar*]. Observemos a frequência em cada um dos verbos aparece na amostra:

Tabela 18 – Verbo utilizado nas ocorrências da CF *tirar la toalla*

Verbo utilizado	Frequência
Verbo <i>arrojar</i> <VPmovarro>	123 (19,3%)
Verbo <i>botar</i> <VPmovbot>	3 (0,5%)
Verbo <i>colgar</i> <VPmovcolg>	1 (0,1%)
Verno <i>lanzar</i> <VPmovlanzar>	2 (1,3%)
Verbo <i>tirar</i> <VPmoptirar>	509 (79,8%)
Total	638 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

É importante explicar que o total de dados apresentado na tabela é de 638 devido à presença da seguinte ocorrência:

- (17) *Los dos amigos imaginan una estrategia de aproximación a otros barones e, incluso, se plantean una alternativa para el caso, siempre improbable, de que Suárez, que atraviesa una situación de auténtico stress; en esos días, **decida el lanzamiento de la toalla**, lo que deshaciendo la metáfora boxística implica el abandono del sillón presidencial (CREA; España: 1981).*

A ocorrência em (17) mostra vários tipos de variabilidade no uso da CF. Em primeiro lugar, existe uma modificação na estrutura esperada da construção, já que o dado não segue a estrutura [VP + SN], senão uma estrutura [VP + SN + SPREP], na qual o significado idiomático recai sobre o sintagma [*el lanzamiento de la toalla*]. Nesse sentido, essa ocorrência não poderia ser considerada uma locução verbal e, portanto, não seria contemplada na quantificação da Tabela 18. Contudo, pelo fato de sofrer uma modificação no núcleo verbal, o dado faz parte da quantificação total da Tabela 17.

Nessa direção de análise, podemos relacionar os resultados da variável que corresponde à ordem dos componentes, a qual apresentou somente duas ocorrências. Essa informação nos permite afirmar que a CF *tirar la toalla* não tem tendência a licenciar alteração na ordem dos seus componentes:

Tabela 19 – Ordem esperada vs. modificada na análise da CF *tirar la toalla*

Ordem	Frequência
Ordem esperada <oe>	637 (99,6%)
Ordem modificada <om>	2 (0,4%)
Total	639 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

No que tange ao material lexical, a Tabela 20 mostra que 3,1% das ocorrências apresentaram algum tipo de modificação. Cabe recordar que, sobre essa variável, estamos considerando tanto a modificação de algum elemento componente do sintagma [*la toalla*] quanto a inserção de material lexical extra na construção.

Tabela 20 – Material lexical esperado vs. modificado na análise da CF *tirar la toalla*

Material lexical	Frequência
Material lexical esperado <mate>	619 (96,9%)
Material lexical modificado <matm>	20 (3,1%)
Total	639 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

O número de ocorrências com modificação no material lexical da CF também não é representativo. Entretanto, como já foi mencionado, nosso interesse recai em observar a variação, então optamos por organizar na Tabela 21 o “material lexical 1”, que corresponde ao material lexical utilizado ao modificar o componente [*la toalla*] da CF.

Tabela 21 – Material lexical nas ocorrências da CF *tirar la toalla*

Material lexical 1	Frequência
DPelguante	1 (0,1%)
DPlaesponja	2 (0,3%)
DPlatoalla	636 (99,6%)
Total	639 (100%)

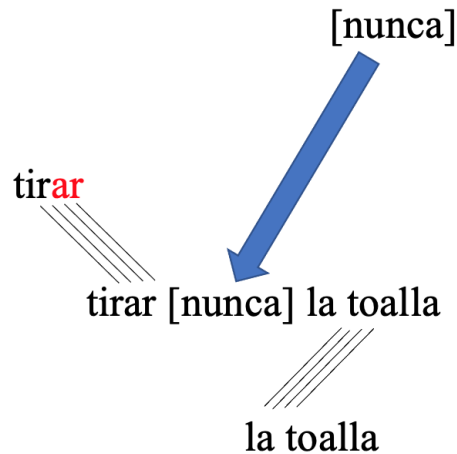
Fonte: Elaboração própria.

Vemos que as trocas no material lexical que faz parte da estrutura da construção são [*el guante*], com uma ocorrência, e [*la esponja*], com duas, mostrando que também existe uma

tendência a não modificar essa parte da CF. Porém, quando ela é alterada pelos *chunks* mencionados, não há perda do sentido idiomático de desistência.

Como parte da descrição sintática realizada na análise de dados, identificamos a presença de material lexical dentro sequência sintática da construção. Na Figura 10, apresentamos uma representação de como esse material lexical extra se insere na construção esperada, já representada anteriormente na Figura 9. A inserção do advérbio *nunca* é indicada através da seta em azul, como modo de diferenciar a contribuição que o material extra traz para a ocorrência, diferentemente das linhas que representam a conexão direta entre os componentes lexicais da CF e a construção como um todo.

Figura 10 – Relação dos componentes com variabilidade de material lexical na CF *tirar la toalla*



Fonte: Elaboração própria.

Esse material extra identificado não compromete o sentido idiomático de nenhuma ocorrência. Pelo contrário: ele contribui para intensificar a intenção do falante, que decide colocar com mais frequência advérbios como os que quantificamos na Tabela 22, adiante. É importante recordar que, na codificação dessa variável, recuperamos as etiquetas utilizadas em Godoy Roa (2017) e Oliveira (2010). Além disso, “[sem]” indica a ausência de inserção de material lexical.

Tabela 22 – Material extra encontrado na análise da CF *tirar la toalla*

Material lexical extra	Frequência
[adv]	4 (0,7%)
[cant]	1 (0,1%)
[DP]	1 (0,1%)
[fre]	7 (1,2%)
[loc]	1 (0,1%)
[locadv]	3 (0,5%)
[PP]	1 (0,1%)
[sem]	621 (97,2%)
Total	639 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

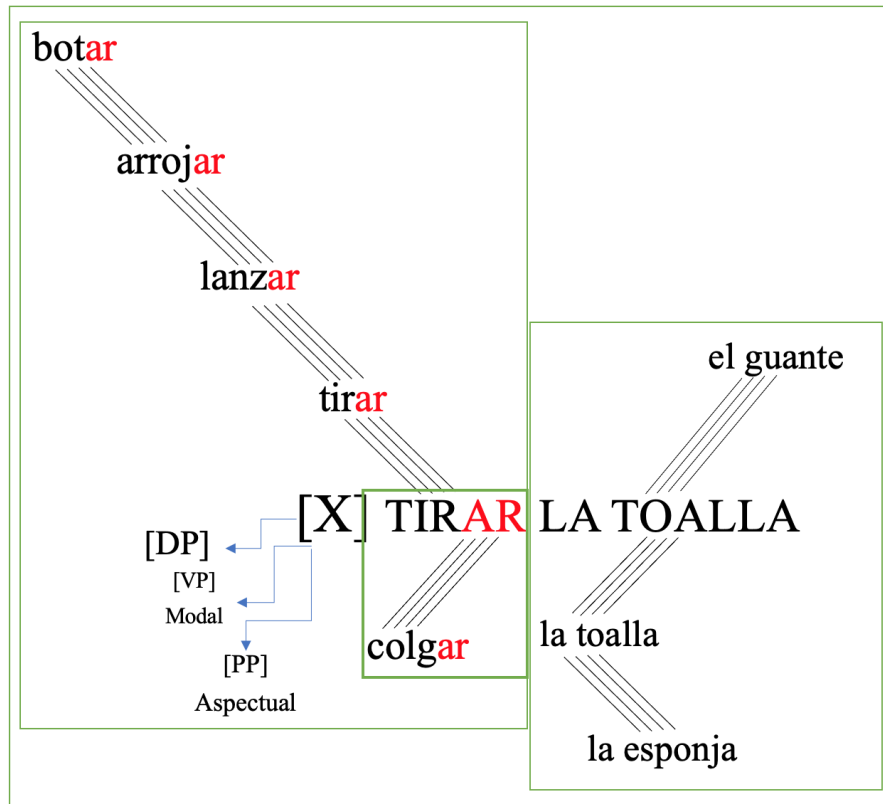
Observamos, na tabela, que a inserção de material lexical mais recorrente é a de complemento adverbial de frequência, tal como vemos no exemplo em (18):

- (18) *Mensajes prácticos para nosotros: primero, la vida está llena de fracasos, de batallas perdidas, de heridas que no cicatrizan y, por eso, no hemos de **arrojar nunca la toalla**; segundo, hemos de sentirnos siempre profetas débiles (CORPES; España: 2003).*

É interessante perceber que a CF licencia a inserção de material lexical na sua estrutura e, como podemos visualizar na Tabela 22, 2,6% correspondem a advérbios e locuções adverbiais. No entanto, existe uma tendência de uso dessa CF sem modificar o número de componentes que ela tem. Licenciado o material lexical não tem relação com variar em algum outro fator: a modificação do núcleo verbal, por exemplo, não implica aumento ou diminuição da inserção de material lexical.

Os fatores elencados até aqui mostram que a presença de variabilidade na CF *tirar la toalla* pode se apresentar tanto na ordem dos componentes quanto na modificação do verbo utilizado e do material lexical de complemento da construção. Sabemos, através dos resultados obtidos em Godoy Roa (2017), que essa CF licencia a variação morfológica na flexão do núcleo verbal em construções simples, havendo uma preferência pelo uso do presente e do pretérito perfeito simples. Podemos observar o panorama de variação na Figura 11:

Figura 11 – Relação da CF *tirar la toalla* com componentes lexicais e gramaticais possíveis



Fonte: Elaboração própria.

Trata-se de uma representação da CF *tirar la toalla* considerando seus componentes centrais e periféricos, de acordo com aquilo que encontramos ao longo da amostra em *corpora*. A figura, como um todo, é parte da nossa proposta para entender, de um modo mais esquemático e visual, as possibilidades que o grupo de dados mostrou para ocupar os lugares dentro da estrutura [VP + SN]. É importante destacar duas questões relevantes: (i) a rede de relações estabelecida entre as palavras que nas ocorrências apareceram ocupando cada posição da estrutura da construção (rede representada pelas linhas na cor preta); e (ii) a delimitação dos quatro *chunks* internos da estrutura (sinalizados por quadrados na cor verde). Na figura, temos a delimitação de um *chunk* maior que corresponde à CF completa [VP (*tirar*) SN (*la toalla*)], o *chunk* do [VP (*tirar*)] e o *chunk* do [SN (*la toalla*)].

No caso do sintagma verbal, vimos, tanto na descrição dos dados nas tabelas apresentadas quanto na Figura 11, que há cinco verbos possíveis, entre eles [*tirar*], que é o mais frequente para ocupar a posição de núcleo verbal da locução. Uma questão que emerge ao observar os verbos que apareceram nas ocorrências substituindo o verbo [*tirar*] diz respeito

ao papel que a semântica tem nessa troca. Na Figura 11, podemos observar que há quatro verbos na parte de cima – [*tirar*], [*lanzar*], [*arrojar*] e [*botar*] – e um na parte de baixo – [*colgar*]. Decidimos separar este último porque, embora todos os verbos presentes sejam de movimento, a semântica dos quatro primeiros não é exatamente a mesma que a de *colgar*.

No caso do primeiro grupo, delimitado na parte superior da figura, as relações de sinonímia mantêm a imagem mental que, dentro da CF, remete ao contexto literal que deu origem à expressão idiomática, além de serem verbos que implicam o movimento de um objeto que inicia uma trajetória como consequência de um impulso exercido sobre ele. No caso de *colgar* (“pendurar”), delimitado na parte inferior da figura, existe uma diferença pois não se trata de um movimento que implique força ou impulso sobre o objeto. No entanto, podemos pensar que a contribuição desse item lexical para compor a construção com o sentido idiomático *colgar la toalla* é seu significado de “abandonar uma profissão”. Assim, ele é utilizado em construções como *colgar los hábitos*, que se refere ao momento em que uma pessoa deixa a vida religiosa para se dedicar a alguma outra coisa. Nessa lógica, é possível pensar que essa construção é o resultado de um processo de analogia entre as ideias “abandonar uma profissão” e “desistir de alguma situação”.

Por sua vez, o último grupo delimitado no esquema da Figura 11 é o que corresponde à posição de complemento do verbo da construção, que pode ser relacionado em duas partes. Uma é [*el guante*], “a luva”, colocada na parte superior da figura, uma realização do complemento do verbo que parece estar associada ao contexto que dá origem ao significado idiomático da CF: o ringue de boxe. Já o segundo grupo, constituído por [*la toalla*], “a toalha”, e [*la esponja*], “a esponja”, pode ser interpretado considerando dois tipos de *frames*: podemos pensar em um *frame* associado ao contexto do boxe e outro associado ao contexto de banho. Em um primeiro momento, condizente com a realização da CF do exemplo em (15), no qual é utilizada a frase *quiere decir que ya tiraron la esponja con los abogados*, podemos acionar o *frame* do banho e, com base nesse *frame* de referência, estabelecer a relação de uso de “a esponja” no lugar de “a toalha”. Entretanto, alguém com mais conhecimento em esportes pode acionar o contexto do boxe ao ouvir “jogar a esponja”, já que a esponja utilizada para refrescar o atleta durante a luta também pode ser jogada no ringue para pedir que a luta seja encerrada. Porém, por ser mais visível para o juiz, a toalha é utilizada com mais frequência.

Ainda sobre a Figura 11, temos a sinalização de [X], que corresponde à posição à esquerda do verbo. Na descrição dos dados, identificamos e podemos definir que se trata de

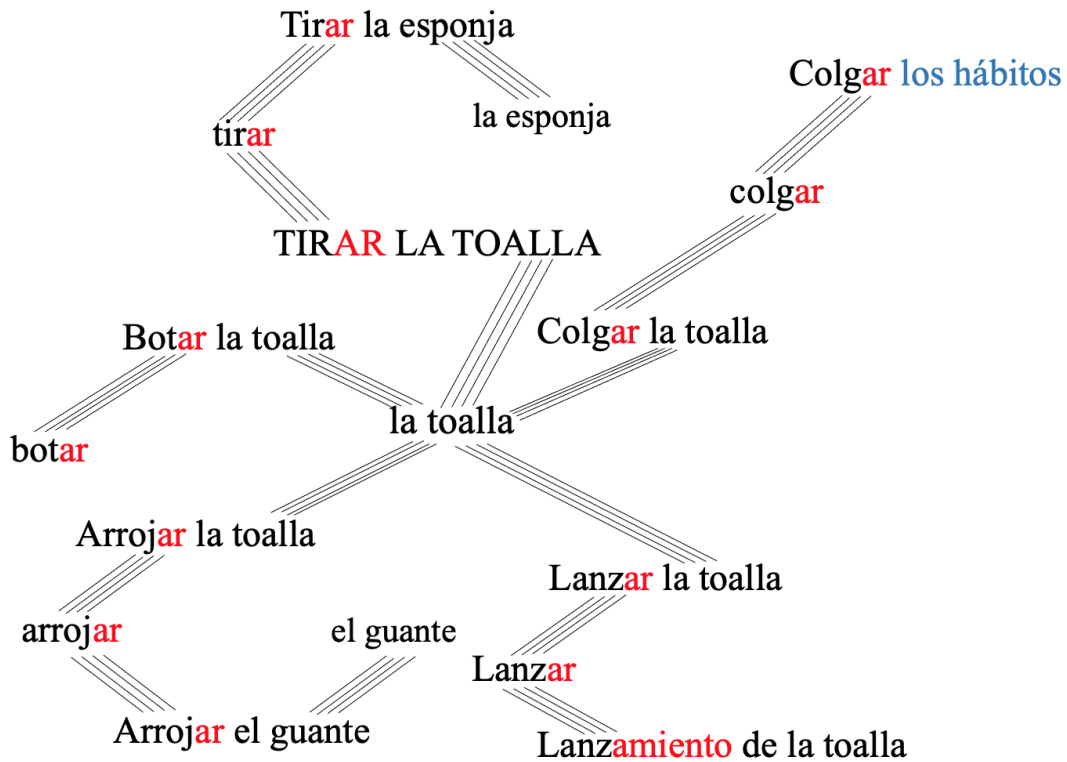
uma posição que não faz parte da construção em si. É uma posição que pode ser preenchida por diversos itens lexicais ou outras construções de maior complexidade. Buscando oferecer uma descrição esquemática, decidimos resumir na figura as mais frequentes, com sintagmas nominais simples (um sujeito como [*El Barça*]) e sintagmas aspectuais (como [*A punto de*]) ou modais ([*quiere*]).

Após essas reflexões sobre a organização da esquematicidade da CF *tirar la toalla*, apresentamos a Figura 12, mais adiante, como proposta para analisar a rede de relações entre as construções encontradas nos dados. Fizemos a análise representada na figura considerando cadeias de palavras, buscando evidências das conexões lexicais que há entre as sequências de *chunks*, em que as expressões vão sendo realizadas na língua em uso. Tomamos como ponto central da rede o sintagma [*la toalla*], que, como vimos na quantificação estatística dos dados, é o *chunk* mais frequente, a partir do qual vão sendo formadas diferentes ocorrências. A representação busca evidenciar as ligações lexicais, que, segundo Bybee (2016), podem ter maior ou menor força de associação, de acordo com certos fatores que podem influenciar a manutenção dessas conexões.

Assim, com base na Figura 12, temos que o *chunk* [*la toalla*] contribui para a formação das construções com *tirar la toalla* – a ocorrência mais frequente encontrada na nossa amostra –, *botar la toalla*, *arrojar la toalla*, *lanzar la toalla* e *colgar la toalla*. Vemos que o *chunk* [*tirar*], além de ajudar na formação da ocorrência mais frequente, contribui para *tirar la esponja*, localizada na parte superior da figura. No mesmo raciocínio, [*arrojar*] contribui para a formação de *arrojar el guante* e [*lanzar*] para *lanzamiento de la toalla*, ocorrência representada na parte inferior direita da figura e que mostra uma realização da CF com um núcleo diferente, já que há substantivação do verbo: [*lanzar* → *lanzamiento*].

Considerando a relação que há entre as redes de construções, decidimos complementar a Figura 12, que mostra a relação de redes entre as ocorrências encontradas nos *corpora*, incluindo a construção *colgar los hábitos*, que, conforme explicado anteriormente, tem uma conexão com o significado idiomático de *tirar la toalla*.

Figura 12 – Rede de construções da variabilidade da CF *tirar la toalla* no nível lexical

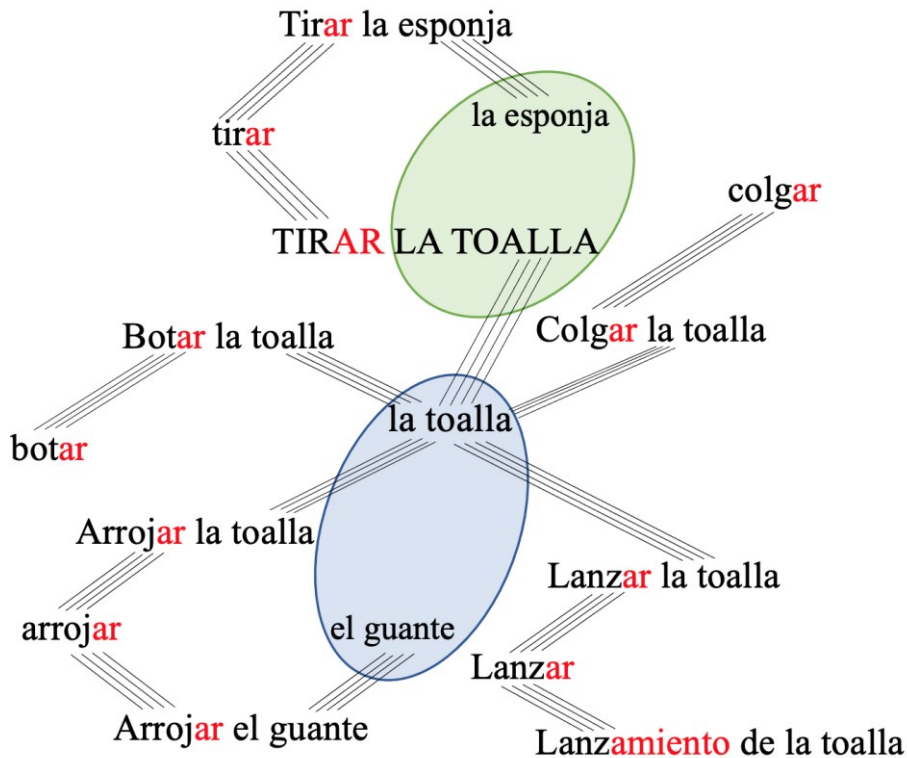


Fonte: Elaboração própria.

A partir das frequências de ocorrência expostas nas Tabelas 16 a 22, sendo a combinação <oe,ve,mate> a mais frequente, verifica-se que a construção representada na Figura 9 é a que tem um maior grau de sedimentação (*entrenchment*).

Por meio do estabelecimento dessas relações associativas entre construções, podemos observar que os novos enunciados da mesma CF, criados principalmente através do processo de analogia, ainda mantêm o significado idiomático da construção fraseológica mais sedimentada. Em outras palavras, estamos diante de uma variabilidade de uma CF que, nas suas diversas realizações, ainda é estruturada dentro da mesma representação mental.

Figura 13 – Relação entre a variabilidade dos componentes da CF *tirar la toalla*



Fonte: Elaboração própria.

Como mencionado em parágrafos anteriores, entre as relações observadas encontramos a que pode ser estabelecida entre os *chunks* que preenchem a posição de complemento direto da CF. Como podemos ver na Figura 13, existe uma relação entre [*la toalla*] e [*el guante*], a qual é indicada por meio de um círculo na cor azul, buscando evidenciar que a ocorrência dentro do contexto idiomático dos *chunks* mencionados não ocorre de modo aleatório, mas pela relação que há entre o contexto que deu origem ao sentido figurado da CF. Além disso, estabelecemos a representação da relação entre os *chunks* [*la toalla*] e [*la esponja*], indicada na figura com um círculo na cor verde.

Após a descrição sintático-construcional dessa primeira CF, apresentamos a Tabela 23 adiante, que trata das ocorrências distribuídas por países, informações proporcionadas pelos *corpora* e que, embora não sejam um fator direto de análise, consideramos interessante trazê-las como dados complementares. Na tabela, podemos ver que 11,1% correspondem às variedades da região Andina, 2,8% às variedades da região do Rio da Prata e 73,2% à variedade peninsular (Espanha).

Tabela 23 – Distribuição dos países nas ocorrências da CF *tirar la toalla*

País	Frequência
ARG	15 (2,3%)
BOL	4 (0,6%)
CHI	15 (2,3%)
COL	27 (4,2%)
COS	6 (0,9%)
CUB	7 (1,1%)
ECU	8 (1,3%)
ESP	468 (73,2%)
GUA	5 (0,8%)
HON	6 (0,9%)
MEX	17 (2,7%)
NIC	5 (0,8%)
PAN	2 (0,3%)
PAR	2 (0,3%)
PER	9 (1,4%)
PUE	6 (0,9%)
REP	5 (0,8%)
SAL	5 (0,8%)
SEM ⁵¹	2 (0,3%)
URU	1 (0,2%)
USA	1 (0,2%)
VZL	23 (3,6%)
Total	639 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

⁵¹ “Sem país atribuído à CF no *corpus*”.

Uma vez detalhados os caminhos e as relações de variabilidade na CF *tirar la toalla*, dedicamos os próximos parágrafos à descrição da construção fraseológica *poner el grito en el cielo*.

Para protestar com indignação ou para dizer que alguém protesta com indignação diante de uma situação geralmente injusta, temos, em espanhol, dentro do nosso leque de expressões idiomáticas, a CF *poner el grito en el cielo*. Seu equivalente no português brasileiro pode ser “colocar a boca no trombone”. Ao utilizar a expressão, o falante busca fazer uma denúncia ou reclamar, enfatizando uma reação que, de tão intensa, poderia chegar até o céu.

Embora não haja fontes que permitam rastrear a origem da expressão, é possível relacionar seu sentido à ideia de *clamar al cielo*, que tem uma origem religiosa. Aquele que clama ou pede alguma coisa ao céu, a Deus, faz isso por algum motivo de injustiça ou dor, para que seja exercida uma certa “justiça divina”. Esse contexto aparece em passagens bíblicas, como por exemplo em Êxodo 14:10, em que os israelitas ficaram apavorados ao ver um exército marchando contra eles e gritaram, em direção ao céu, pedindo a ajuda de Deus.

Além disso, a expansão metafórica da CF pode ser pensada a partir das metáforas orientacionais, que, segundo Lakoff e Johnson (1980, p. 14), organizam conceitos em relação a uma orientação espacial, como ACIMA-ABAIXO. Essas orientações surgem da relação do corpo com o ambiente físico. No caso da metáfora ACIMA-ABAIXO, nosso conhecimento enciclopédico nos proporciona a informação de que, em culturas estabelecidas a partir de conceitos religiosos, Deus está ACIMA, no céu, em contraposição ao inferno, que estaria ABAIXO. Essa base física, que implica uma expansão cognitiva através do espaço, leva-nos a referenciar a posição ou postura voltada para cima da pessoa que está pedindo ajuda ou denunciando alguma injustiça, associando ACIMA com ALTO, que, por sua vez, pode ser ligado a VOLUME.

São interessantes as reflexões que surgem quando pensamos a CF em termos de imagem mental, já que, como não temos uma origem de contexto literal para recuperar, a ideia dessa representação é mais abstrata. Outro ponto interessante que observamos durante a análise sintática dessa CF é que, diferentemente de *tirar la toalla*, encontramos ocorrências em que existe a omissão do núcleo verbal, mas não há perda do conteúdo idiomático, conforme exemplificamos em (19):

- (19) *El mundo lleva milenios vertiendo lágrimas por ellos y hasta ahora la ciencia no ha puesto ni siquiera la primera piedra para la comprensión del fenómeno que causa tanto mal. El grito en el cielo, el rechazo, la bronca y la incomprensión están en la calle, mientras en casa de los familiares del enfermo reina la desolación (CORPES; Guinea Ecuatorial: 2001).*

Em termos gerais, analisamos 461 ocorrências da CF *poner el grito en el cielo* na amostra em *corpora*, cuja distribuição apresentamos na Tabela 24:

Tabela 24 – Distribuição da CF *poner el grito en el cielo* nos *corpora*

<i>Corpus</i>	CF <i>poner el grito en el cielo</i>
<i>Corpus del Español</i> (Universidade Brigham Young)	41 (8,90%)
<i>Corpus del Español del Siglo XIX</i> (CORPES)	225 (48,80%)
<i>Corpus de Referencia del Español Actual</i> (CREA)	195 (42,30%)
Total	461 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Do total de 461 dados, encontramos que 87,6% fazem parte de contextos em que a CF é utilizada dentro da estrutura [VP + SN + PP], sem alteração na ordem dos componentes, nem modificação do verbo [*poner*] ou do material lexical esperado: [*el grito en el cielo*]. Assim, como vemos na Tabela 25, a combinação representada pela sequência de etiquetas <oe,ve,mate> obteve uma alta frequência de ocorrência nos dados em *corpora*, com apenas 12,4% de dados que apresentaram algum tipo de variabilidade.

Tabela 25 – Combinações sintáticas encontradas na análise da CF *poner el grito en el cielo*

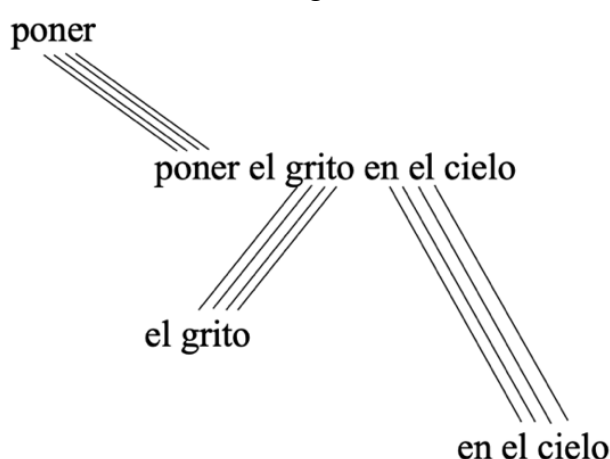
Ordem dos componentes	Verbo	Material lexical	Frequência
Ordem esperada <oe>	Verbo esperado <ve>	Material lexical esperado <mate>	404 (87,6%)
Ordem modificada <om>	Verbo esperado <ve>	Material lexical esperado <mate>	0 (0%)
Ordem esperada <oe>	Verbo modificado <vm>	Material lexical esperado <mate>	10 (2,2%)
Ordem modificada <om>	Verbo modificado <vm>	Material lexical esperado <mate>	0 (0%)
Ordem esperada <oe>	Verbo esperado <ve>	Material lexical modificado <matm>	17 (3,7%)
Ordem modificada <om>	Verbo esperado <ve>	Material lexical modificado <matm>	1 (0,2%)
Ordem esperada <oe>	Verbo modificado <vm>	Material lexical modificado <matm>	29 (6,3%)
Ordem modificada <om>	Verbo modificado <vm>	Material lexical modificado <matm>	0 (0%)

Total	461 (100%)
--------------	-----------------------

Fonte: Elaboração própria.

Conforme já mencionamos no Capítulo 3, a sequência esperada da CF *poner el grito en el cielo* foi organizada na Figura 5, que reproduzimos a seguir:

Figura 5 – Relação do idiomatismo *poner el grito en el cielo* com seus componentes lexicais e gramaticais



Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 25, apresentada anteriormente, permite ver que a combinação que mais apresentou variabilidade na amostra em *corpora* foi <oe,vm,matm>, que se refere a modificações no verbo e no material lexical utilizado na ocorrência. Assim, temos que em 8,7% foi utilizado um verbo diferente do esperado: [*poner*].

Tabela 26 – Verbo esperado vs. modificado na análise da CF *poner el grito en el cielo*

Verbo	Frequência
Verbo esperado <ve>	421 (91,3%)
Verbo modificado <vm>	40 (8,7%)
Total	461 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

A frequência da modificação no núcleo verbal da construção fraseológica é apresentada na Tabela 26, enquanto a Tabela 27, a seguir, mostra que o verbo [*poner*] é o mais frequente, podendo ser modificado pelos verbos de movimento [*alzar*], [*dar*], [*levantar*], [*echar*], [*elevantar*], [*lanzar*], [*pegar*] e, às vezes, por [*estar*].

Tabela 27 – Verbo utilizado nas ocorrências da CF *poner el grito en el cielo*

Verbo utilizado	Frequência
Verbo <i>estar</i> <VPestar>	1 (0,2%)
Verbo <i>alzar</i> <VPmovalzar>	1 (0,2%)
Verbo <i>dar</i> <VPmovdar>	1 (0,2%)
Verbo <i> echar</i> <VPmovechar>	1 (0,2%)
Verbo <i>elevar</i> <VPmovelevar>	1 (0,2%)
Verbo <i>lanzar</i> <VPmovlanzar>	4 (0,86%)
Verbo <i>levantar</i> <VPmovlevantar>	3 (0,6%)
Verbo <i>pegar</i> <VPmovpegar>	26 (5,6%)
Verbo <i>poner</i> <VPmovponer>	420 (91,1%)
Sem verbo <VPsem>	2 (0,4%)
Total	460 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Como mencionado anteriormente, observamos que essa CF licencia a omissão do verbo na sua realização dentro do contexto idiomático, fato que encontramos em duas ocorrências: em (19), apresentada anteriormente, e em (20), a seguir:

- (20) *La rabia de la española no se hizo esperar, en especial cuando una sonrisa burlona dio por sentado que con su estatura jamás podría dar réplica y bronca a Depardieu (la secuencia detallaba el momento en que la esposa descubre la infidelidad del marido y en lugar de achantarse le pone las cosas claras y **el grito en el cielo**) (CORPES; España: 2012).*

Vemos, nos exemplos em (19) e (20), que a omissão do verbo não compromete o sentido idiomático dentro do contexto da ocorrência, já que o sintagma [*el grito en el cielo*] pode estar compartilhando o verbo [*poner*] com o sintagma anterior [*las cosas claras*], sendo um caso de elipse verbal.

Tabela 28 – Ordem esperada vs. modificada na análise da CF *poner el grito en el cielo*

Ordem dos componentes	Frequência
Ordem esperada <oe>	460 (99,7%)
Ordem modificada <om>	1 (0,3%)
Total	461 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Sobre a variável da ordem dos componentes da CF, cujos resultados de frequência podem ser vistos na Tabela 28, encontramos na nossa amostra em *corpora* apenas um dado com a ordem modificada. A ocorrência inverte a ordem da estrutura [VP + SN + SPREP] para [SN + SPREP + VP], sem comprometer o significado idiomático: Trazemos em (21) a ocorrência:

- (21) *Lo que para un muchacho normal hubiera sido un suceso normal, era para mi amigo una tragedia. Viviendo como vivía Hepewē con mis padres, en una urbanización de clase media alta, entre niñas sifrinas y la mayor parte bien blanquitas, terminó como era de esperarse enamorado de una muchacha rubia. La muchacha había sido muy decente, lo trataba como un amigo, aunque sin ir más allá. No obstante, el grito en el cielo lo habían puesto los padres, unos panaderos italianos, que habiendo llegado en la miseria a Venezuela habían enriquecido trabajando (CORPES; Venezuela: 2004).*

No que tange ao material lexical, por ser uma CF com uma estrutura mais ampla, decidimos observar cada parte da estrutura [SN + SPREP]. Em geral, encontramos que 10,4% das ocorrências apresentaram algum tipo de variação nessa variável. A Tabela 29 apresenta a frequência do material lexical esperado vs. modificado:

Tabela 29 – Material lexical esperado vs. modificado na análise da CF *poner el grito en el cielo*

Material lexical	Frequência
Material lexical esperado <mate>	413 (89,6%)
Material lexical modificado <matm>	48 (10,4%)
Total	461 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

O número de ocorrências com o material lexical modificado não é muito representativo. No entanto, considerando que também temos o interesse de fechar a lente

sobre a variabilidade, encontramos que o sintagma [*el grito*] apareceu em quatro ocorrências com modificações no artigo [*el*], por adjetivos possessivos como [*nuestro*], [*tu*] e [*su*], conforme a Tabela 30:

Tabela 30 – Material lexical nas ocorrências da CF *poner el grito en el cielo*

Material lexical 1	Frequência
ADJgrito	3 (0,6%)
DPelgrito	456 (98,9%)
DPungrito	1 (0,2%)
Total	460 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Olhando para o uso da preposição no sintagma [*en el cielo*], vemos que, de acordo com a Tabela 31, adiante, 7% das ocorrências utilizam a preposição [*a*] no lugar de [*en*]. Na análise, não encontramos nenhuma relação entre a troca do núcleo verbal e influências sobre essa mudança na preposição. Trata-se de uma alteração que aparece tanto no uso de [*poner*] quanto no de [*pegar*], verbos mais frequentes dentro dos *corpora*. No que tange ao sintagma nominal [*el cielo*], não encontramos variabilidade.

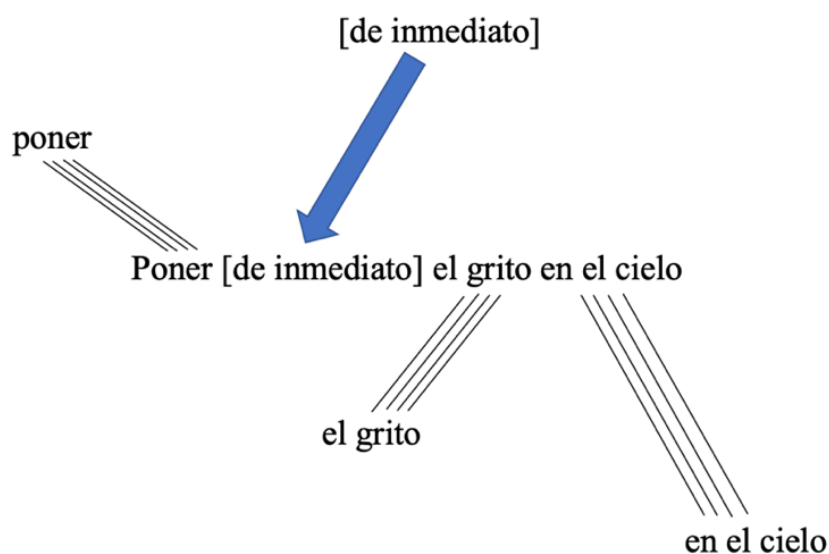
Tabela 31 – Material lexical dentro do [SPREP] da CF *poner el grito en el cielo*

Material lexical 2	Frequência
PPa	32 (7%)
PPen	428 (93%)
Material lexical 3	Frequência
Dpelcielo	461 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Na análise, observamos que, em 2,6% das ocorrências, há inserção de material lexical entre o núcleo verbal da construção e seu complemento. A seguir, recuperamos a Figura 6, que busca ilustrar a relação dos componentes da CF com essa possibilidade de inserção de material lexical. A figura representa que a ocorrência da CF é formada pela combinação de quatro *chunks* previamente armazenados na memória. O fato de esses *chunks* existirem permite que se abra um “espaço” a ser preenchido com uma locução adverbial que cumpra uma função intensificadora no discurso.

Figura 6 – Relação de componentes em uma ocorrência de *poner el grito en el cielo*



Fonte: Elaboração própria.

O material extra que aparece inserido na estrutura da CF não compromete a função idiomática da construção no contexto de uso, mesmo quando se trata de *chunks* mais complexos do que uma palavra. Melhor explicitando, encontramos ocorrências em que, assim como representado na Figura 6, o núcleo verbal da CF foi separado por orações maiores, sem que isso gerasse perda do conteúdo metafórico. Para ilustrar, observemos os exemplos em (22) e (23):

- (22) *Cuando las otras compañías norteamericanas tuvieron conciencia de la jugada, **pusieron, como es lógico, el grito en el cielo** y acusaron de intrigante a la Pan American, pues pretendía utilizar como base de partida San Francisco (CREA; España: 1991).*
- (23) *Los creyentes que aquellas horas andaban haciendo lo que otros habían olvidado, **pusieron con todas sus fuerzas el grito en el cielo**, despertando hasta los más dormilones, que abandonaron presurosos sus camas para concurrir a la función (CREA; Colombia: 1988).*

Em (22), vemos que a estrutura [VP + SN + SPREP] não segue essa ordem, sendo “interrompida” por uma construção maior que, entre vírgulas, pretende cumprir a função de esclarecer a obviedade da reação contida na CF. Assim, temos como resultado uma estrutura [VP + [CP] + SN + SPREP]. Em (23), por outro lado, há inserção de um sintagma preposicional sem o uso de vírgulas. Nesse caso, a construção inserida pretende enfatizar a reação de *poner el grito en el cielo*. Podemos afirmar que essa CF apresentou mais

possibilidades de material lexical de diferentes categorias gramaticais, licenciando a inserção desde itens lexicais simples, tais como adjetivos ou advérbios, até sintagmas maiores, como os que vimos nos exemplos em (22) e (23). Na Tabela 32, trazemos a codificação da variável, que mostra de modo detalhado o material encontrado ao longo da amostra:

Tabela 32 – Material extra encontrado na CF *poner el grito en el cielo*

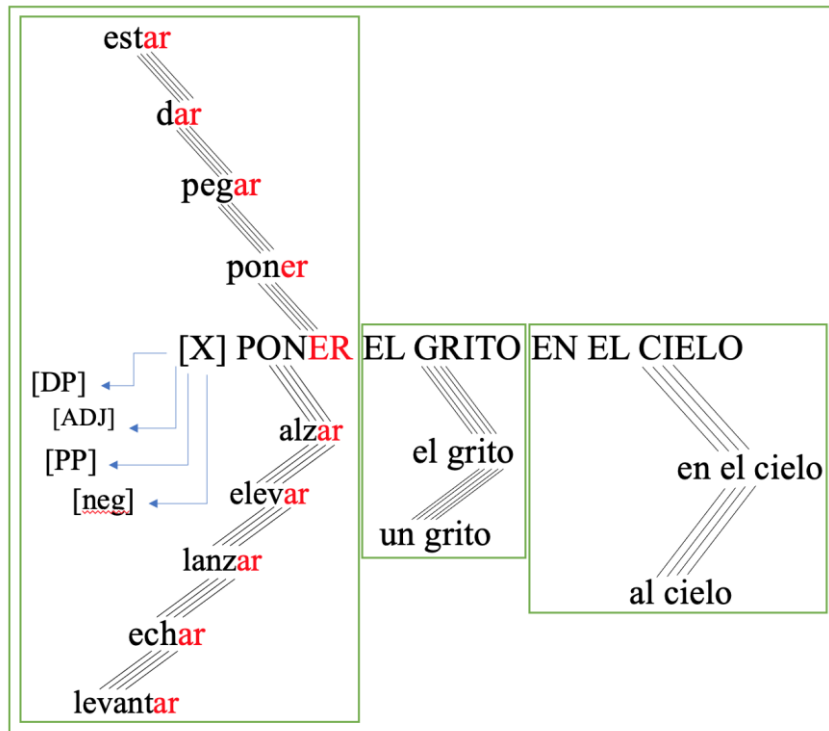
Material lexical extra	Frequência
[adj]	2 (0,4%)
[adv]	2 (0,4%)
[CP-VP-DP]	1 (0,2%)
[DP]	2 (0,4%)
[loc]	3 (0,6%)
[PP-adj-adj-DP]	1 (0,2%)
[PP]	1 (0,2%)
[sem]	448 (97%)
Total	460 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Embora possamos observar que a CF *poner el grito en el cielo* licencia a variabilidade no inventário de componentes e permita a inserção de material lexical após o núcleo verbal da construção, vemos, na Tabela 32, que existe uma tendência a utilizar essa construção com sua estrutura esperada.

Até aqui, trouxemos de modo detalhado os fatores de análise que foram quantificados na amostra em *corpora*, observando que existe uma tendência a utilizar a CF dentro do esperado, mas também a possibilidade de fazer modificações que não comprometam o sentido idiomático da construção. O panorama de variação é apresentado na Figura 14:

Figura 14 – Relação da CF *poner el grito en el cielo* com componentes lexicais e gramaticais possíveis



Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar na Figura 14 e como já foi mencionado nesta seção de análise, a CF *poner el grito en el cielo* pode ser dividida em três *chunks*, sinalizados nos quadros em verde, que correspondem à estrutura sintática da construção. Com a figura, buscamos representar duas relações principais: (i) a rede de construções que ocupam, no nível lexical, a posição em cada parte da estrutura construcional (rede sinalizada por linhas que conectam a relação entre *chunks*); e (ii) uma delimitação dos *chunks* internos da estrutura, em quatro quadrados verdes que indicam cada um dos *chunks*, considerando um *chunk* maior, que corresponde à CF já formada – *poner el grito en el cielo* – e três *chunks* internos da estrutura – *chunk* [*Poner* - VP], *chunk* [*el grito* - SN] e *chunk* [*en el cielo* - SPREP].

No caso da posição ocupada por um núcleo verbal, encontramos três tipos de relações semânticas entre os verbos que podem ser utilizados dentro da construção mantendo o significado idiomático de “denunciar com veemência alguma situação”. Como já vimos na quantificação das frequências de ocorrências dos dados, a análise do uso nos mostrou que há possibilidade de empregar a CF com nove verbos diferentes. O mais frequente é o verbo “pôr”, [*poner*], seguido por “colar”, [*pegar*]. Outros verbos que podem aparecer dentro do contexto metafórico e que expressam movimento são [*dar*], [*alzar*], [*elevantar*], [*lanzar*], [*echar*]

e [*levantar*]. O único verbo encontrado nos nossos dados e que não é de movimento foi [*estar*].

Ao olhar para os verbos possíveis na realização do uso idiomático da construção, percebemos que há um grupo de verbos que não parecem expressar relação de sinonímia entre eles – *poner*, *pegar* e *dar* – e outro grupo que estabelece uma relação de movimento causado – *alzar*, *elevar*, *lanzar*, *echar* e *levantar* – sobre “o grito”, marcando sua trajetória para cima. Parece que, no caso dos verbos *elevar*, *alzar* e *levantar*, existe uma referência à possível origem da CF, conservando esse “clamor” que, dentro da religião, é direcionado ao céu. É possível observar essa referência no exemplo em (24), adiante, no qual estamos diante de um contexto em que podemos interpretar o dado como uma forte reclamação, feita pelo Equador, por ter havido no Peru um aumento das forças armadas militares. Podemos interpretar que, no contexto de uso, a CF ocorre como uma súplica de ajuda ou, também, como uma manifestação de medo sobre esse aumento de militares.

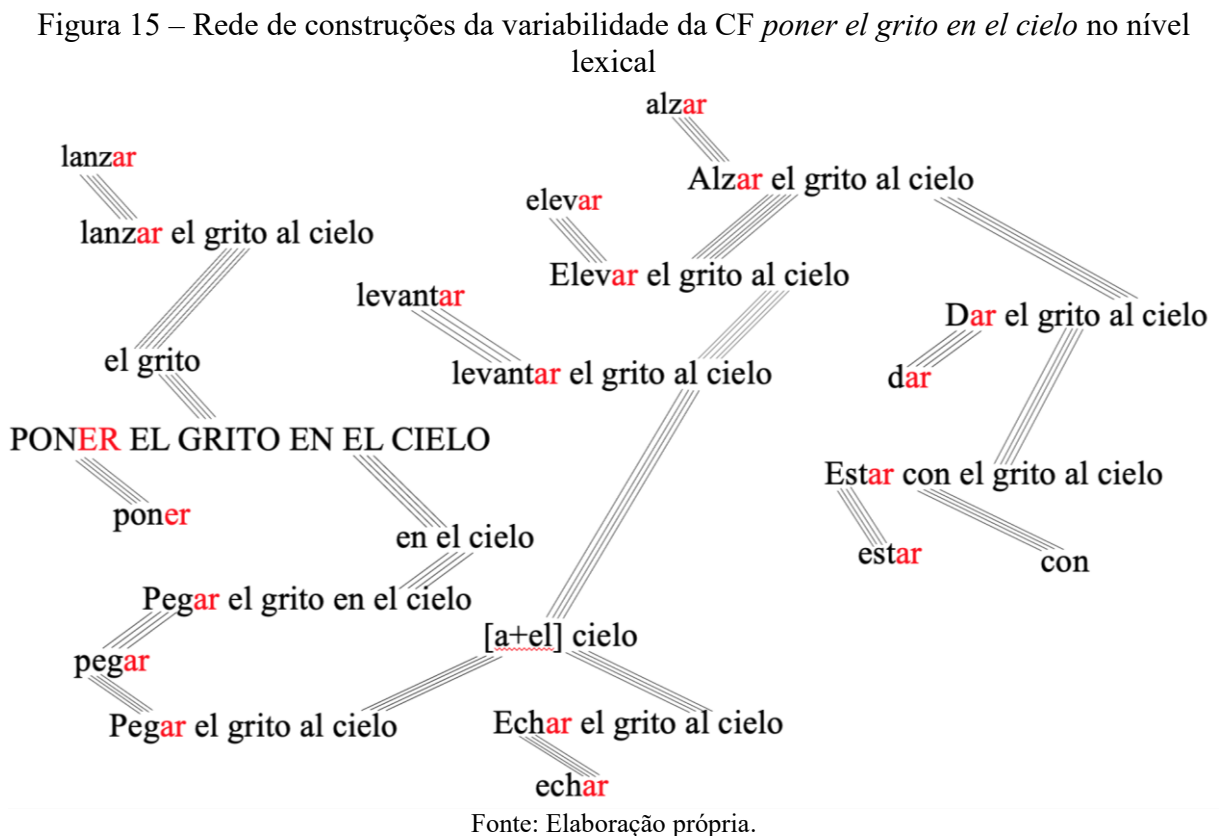
- (24) *Predisuestos siempre contra sus vecinos de abajo, los ecuatorianos **alzan el grito al cielo** porque el Perú ha aumentado su poderío bélico con 12 aviones MIG-29; pero antes de revelarse esta compra un diario peruano había denunciado la movilización de tropas ecuatorianas hacia la conflictiva frontera (CREA; Bolivia: 1996).*

É interessante observar que, embora essa CF tenha menos tendência ao uso da variabilidade, ela apresenta um número considerável de verbos diferentes em que pode ser utilizada. Assim, poderíamos pensar que a geração de variantes da construção pode ser influenciada por processos de analogia e associação entre *chunks* que, de algum modo, buscam colocar uma imagem mental na expressão, mais específica, o que nos leva a considerar que a escolha do verbo possa ser o resultado do desejo, por parte do falante, de enfatizar algo mediante esse sentido figurado da CF.

Sobre as possibilidades de variação apresentadas nos dados, no que se refere ao *chunk* [*el grito*] e ao *chunk* [*en el cielo*], vimos, na análise da frequência de uso, que se trata de uma variabilidade que se apresenta nas categorias gramaticais de artigo e preposição, não havendo variação lexical. Esse fato nos permite afirmar que o falante pode fazer essas modificações como parte das necessidades discursivas, mas que não há caminhos de variabilidade que permitam expandir os elementos utilizados dentro da CF. Nesse sentido, *poner el grito en el cielo* seria uma construção fraseológica parcialmente saturada, que, esquematicamente, teria apenas a posição do verbo, de algum modo, aberta, podendo ser considerado o elemento variável da construção.

A seguir, com o intuito de mostrar como estamos entendendo os caminhos de variabilidade em termos de redes de construções, apresentamos a Figura 15, em que traçamos as relações entre *chunks* construcionais que vão sendo formados a partir de uma construção central, determinada como centro por ser a mais frequente, o que ao longo desta seção decidimos chamar de “construção de estrutura esperada”. A Figura 15 mostra que a estrutura mais complexa dessa construção implica uma dificuldade maior ao ser representada em termos de rede de construções, além de permitir ver com clareza o panorama de verbos encontrados na amostra, que representou uma maior variabilidade em contraposição com a variabilidade dos outros componentes da estrutura.

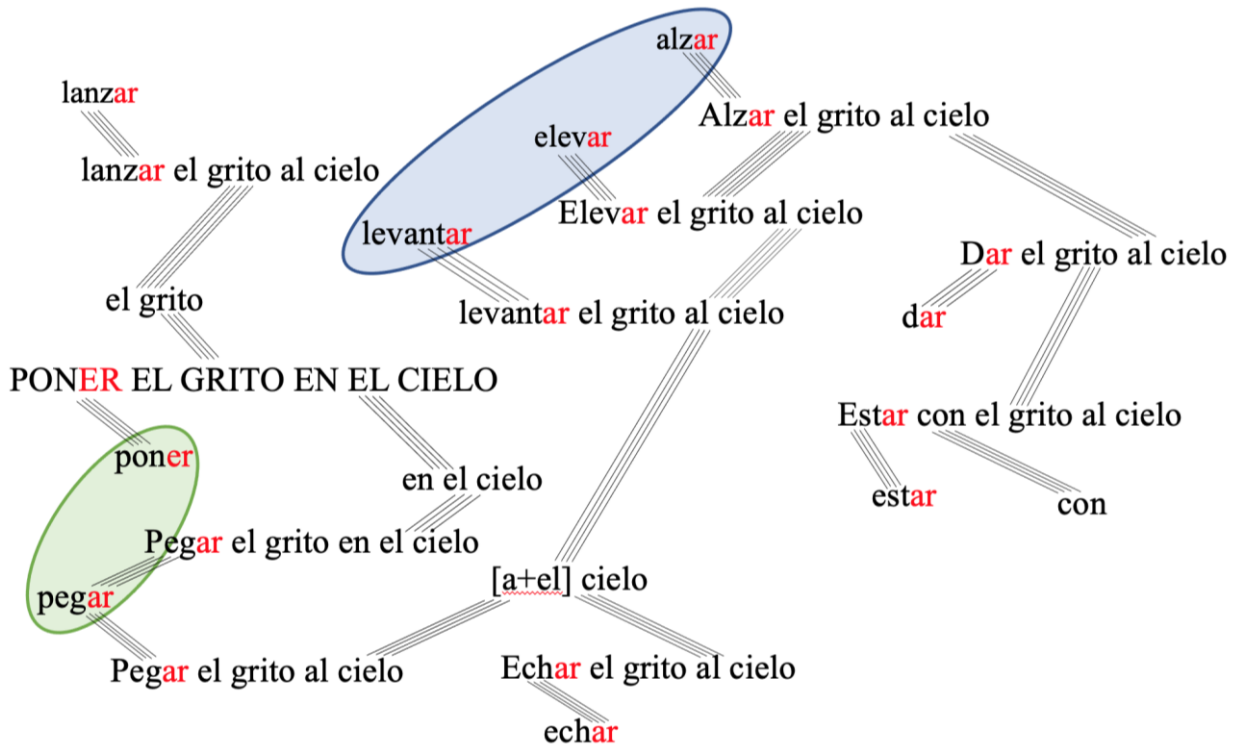
Seria possível afirmar, a partir dos resultados das frequências já mostrados nas Tabelas 29 a 32, que os *chunks* [el grito] e [en el cielo] são os itens que estabelecem a força de associação entre as construções encontradas na nossa amostra, pois não apresentaram variabilidade.



Estabelecer essas relações entre redes de construções nos permite observar que, no caso da CF analisada nesta seção, há instanciações periféricas, contextos de uso que não ocorrem com muita frequência, mas que estão ligados à construção mais sedimentada, a mais

convencionalizada, que, a partir de uma *casilla*, estabelece fatores de compatibilidade de traços semânticos em situações de semelhança, que contribuem para a formação de enunciados modificados em apenas uma parte da estrutura. Essa relação pode ser representada através de círculos, tal como propomos na Figura 16, que relacionam os verbos *levantar*, *alzar* e *elevantar* (círculo na cor azul) e *poner* e *pegar* (círculo na cor verde).

Figura 16 – Relação entre a variabilidade dos componentes da CF *poner el grito en el cielo*



A descrição sintático-construcional da segunda CF em análise mostra que existe um alto grau de sedimentação (*entrenchment*) na estrutura esperada, com pouquíssima presença de variabilidade. Porém, também é possível observar uma variabilidade no núcleo verbal bastante diversa nas ocorrências dos *corpora*. Recuperamos, aqui, as informações sobre a localização geográfica codificada nos dados. A Tabela 33, adiante, expõe que a amostra em *corpora* foi formada por ocorrências da variedade peninsular (47,5%), de variedades que fazem parte da região Andina (13%) e da variedade da região do Rio da Prata (17,4%).

Tabela 33 – Distribuição dos países nas ocorrências da CF *poner el grito en el cielo*

País	Frequência
ARG	63 (13,7%)
BOL	5 (1,1%)
CHI	17 (3,7%)
COL	35 (7,6%)
COS	8 (1,7%)
CUB	11 (2,4%)
ECU	2 (0,4%)
ESP	219 (47,5%)
GUA	5 (1,1%)
GUI	1 (0,2%)
HON	5 (1,1%)
MEX	29 (6,3%)
NIC	1 (0,2%)
PAN	3 (0,7%)
PAR	7 (1,5%)
PER	13 (2,8%)
PUE	8 (1,7%)
REP	8 (1,7%)
SAL	3 (0,7%)
URU	10 (2,2%)
USA	3 (0,7%)
VZL	5 (1,1%)
Total	461 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

5.2.2 Grau de aceitabilidade por parte de falantes

Conforme mencionado no início deste capítulo, também trazemos os resultados dos testes aplicados sobre as duas CFs escolhidas. Convém recordar que a aplicação de tal instrumento busca responder à seguinte pergunta:

- (iii) Considerando ser plausível contestar a fixação como uma característica indispensável de uma CF, fundamentada na Linguística Cognitiva, em que tipo de variação/mudança é maior o grau de aceitabilidade por parte de falantes?

A seguir, apresentamos os resultados do teste de aceitabilidade (Tabelas de 34 a 38) e do Teste de Cloze (Tabelas de 39 a 43). Conforme a seção 4.3 desta tese, em que explicamos o desenho e a aplicação dos testes, consideramos a opção *Me suena natural, pero no lo uso* uma manifestação de aceitabilidade. A ideia é que o reconhecimento da naturalidade de uma expressão implica que o participante, mesmo sem utilizá-la no seu dia a dia, reconhece a existência do uso de tal construção na língua.

Tabela 34 – Aceitabilidade de uso da CF *tirar la toalla* com sua estrutura esperada

1. *En fin, allá se las arreglen ellos con sus vidas tristes y sus ilusiones vacuas. Yo, a lo mío. Viéndolos me siento contento de que me saliera cara y de «no haber tirado la toalla». Yo soy de los que lo quieren TODO.*

Alternativa selecionada pelo participante	Número de respostas
<i>Me suena natural y así lo uso</i>	31 (42,5%)
<i>Me suena natural, pero no lo uso</i>	33 (45,2%)
<i>No me suena natural</i>	9 (13,3%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 34, temos a primeira pergunta do formulário, que corresponde ao uso mais frequente da CF encontrado na amostra de dados em *corpora*. Podemos observar que a construção *no haber tirado la toalla* teve 87,7% de aceitabilidade entre os participantes, sendo 42,5% para *Me suena natural y así lo uso* e 45,2% para a opção que se refere à aceitabilidade da ocorrência, mesmo quando ela não reflete o uso pessoal do informante: *Me suena natural, pero no lo uso*. Assim, verifica-se que a ocorrência tem um alto grau de

aceitabilidade, o que estaria em concordância com sua alta frequência nos *corpora* que consultamos. Esse grau de aceitabilidade corresponde em 50% a respostas proporcionadas por hispanofalantes colombianos. Sobre o grau de rejeição da ocorrência, observamos que se trata de 13,3% (nove participantes) do total das respostas, sendo 7,4% informantes da Colômbia e 5,9% da Argentina.

Tabela 35 – Aceitabilidade de uso com variabilidade no verbo principal da CF *tirar la toalla*

2. *Había sido un pionero en el campo de la publicidad en España, pero «arrojó la toalla» muy temprano; en realidad, César había llegado a la agencia más o menos en sustitución de Constantino, cosa que a éste no pareció importarle.*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
<i>Me suena natural y así lo uso</i>	16 (21,9%)
<i>Me suena natural, pero no lo uso</i>	28 (38,4%)
<i>No me suena natural</i>	29 (39,7%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 35, por sua vez, mostra um dos usos com variabilidade da CF encontrados nos dados em *corpora*. Na ocorrência apresentada aos participantes, há uma troca do verbo principal, [*tirar*], pelo sinônimo [*arrojar*]. Sobre essa ocorrência, a reação dos participantes se inclinou mais à aceitação da variabilidade, com um total de 60,3% para alguma das opções com *Me suena natural* – 24 respostas foram de colombianos e 20 de argentinos. No que tange aos 39,7% de rejeição, 26,5% das respostas foram de participantes da Colômbia, enquanto 13,2% da Argentina.

Tabela 36 – Aceitabilidade de uso com variabilidade no inventário de componentes da CF *tirar la toalla*

3. *Por el brillo que veo en sus ojos, algo me dice que papá prepara el escenario para alguno de sus trucos con final sorpresa, pero estoy demasiado cansada para seguirle el juego. Él continúa con la mano tendida. No es de los que «tiran fácilmente la toalla». Yo tampoco.*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
<i>Me suena natural y así lo uso</i>	45 (61,6%)
<i>Me suena natural, pero no lo uso</i>	28 (38,4%)
<i>No me suena natural</i>	0 (0%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

O dado trazido na Tabela 36 apresenta uma realização da CF com o verbo mais frequente, mas com a inserção do material lexical [*fácilmente*] entre o verbo e o sintagma nominal que funciona complemento na estrutura. Vemos que 100% dos participantes responderam com as alternativas que representam a aceitação da modificação na estrutura da construção, sem que isso representasse a perda do conteúdo idiomático no contexto proporcionado. Em outras palavras, os resultados da aceitabilidade mostram que não há rejeição, por parte desses falantes nativos, sobre a inserção de outros componentes na base da estrutura construcional quando ela está com o verbo [*tirar*].

Tabela 37 – Aceitabilidade de uso com mais de um tipo de variabilidade no inventário de componentes da CF *tirar la toalla*

4. *Por ahora son sólo susurros. Si la candidatura de Romney no endereza el vuelo en los próximos días, alguno «podría arrojar el guante» en los idus de marzo.*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
<i>Me suena natural y así lo uso</i>	4 (5,5%)
<i>Me suena natural, pero no lo uso</i>	15 (20,5%)
<i>No me suena natural</i>	54 (74%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

O dado da Tabela 37 foi selecionado por apresentar uma variabilidade que não esperávamos encontrar na amostra em *corpora*. A CF parece ter as características de uma construção associada, se não fosse pelo fato de conservar a estrutura sintática básica [verbo + sintagma nominal] e o sentido idiomático completo de “desistir”. Na ocorrência apresentada aos participantes, [*tirar*] é trocado por um verbo do mesmo campo semântico: [*arrojar*]. Além disso, o sintagma nominal [*la toalla*] é substituído por [*el guante*]. Esta última mudança pode ser explicada considerando que tanto “a toalha” quanto “a luva” continuam pertencendo ao mesmo campo pragmático do boxe. Essa transferência ou expansão de significados através da analogia não foi aceita pela maioria dos participantes do teste, pois apenas 30% sinalizaram a naturalidade do uso dentro do contexto oferecido. Esse resultado no grau de aceitabilidade – e a própria ocorrência, como dissemos – não havia sido previsto inicialmente, razão pela qual nos surpreendeu observar que 5,5% dos informantes – três da Argentina e um da Colômbia – não apenas reconheceram a ocorrência como natural, mas indicaram que ela corresponde à opção que reflete seu uso. Cabe destacar que se trata de uma ocorrência da região peninsular.

Nesse sentido, poderíamos pensar que a variação da CF não está atrelada a um fator sociolinguístico.

Na Tabela 38, como último dado da primeira parte do instrumento, foi apresentada aos participantes uma ocorrência do Chile com variabilidade no sintagma nominal [*la toalla*], o qual é trocado por [*la esponja*]. Novamente, estamos diante de uma ocorrência não esperada e que não apresentou frequência de uso suficiente nos *corpora*, além de não ter sido percebida como natural por 90,4% dos participantes. Ressaltamos que, assim como no caso da ocorrência anterior, o fato de 9,6% dos participantes – quatro da Colômbia e três da Argentina – terem selecionado a alternativa que reconhece a naturalidade do uso da construção é um resultado inesperado, pois se trata de uma ocorrência com baixa frequência nos *corpora*.

Tabela 38 – Aceitabilidade de uso com variabilidade no inventário de componentes do complemento da CF *tirar la toalla*

5. *Nosotros nunca lo hemos dejado de ayudar. Al contrario, en algún momento «pudimos tirar la esponja», pero seguimos encima suyo. De hecho, pese a que el reglamento establece que el hipódromo y el sindicato deben ponerse con el 50% cada uno para la rehabilitación, en este caso específico sólo nosotros hemos cubierto los gastos, poniendo mucho dinero.*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
<i>Me suena natural y así lo uso</i>	0 (0%)
<i>Me suena natural, pero no lo uso</i>	7 (9,6%)
<i>No me suena natural</i>	66 (90,4%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

A aceitabilidade das ocorrências apresentadas nas Tabelas 37 e 38 pode ser explicada considerando que, devido ao contexto em que elas estão inseridas, os participantes conseguem inferir a relação do significado de “desistir”, ativando esse contexto idiomático em um enunciado novo, reconhecendo a idiomaticidade e, então, considerando um uso válido, sem rejeitá-lo. Através de um processo de analogia, os informantes podem ter estabelecido uma semelhança com a construção mais convencionalizada (semelhança proporcionada pelo contexto).

No que tange ao Teste de Cloze, segunda parte do instrumento aplicado, foi pedido aos participantes que selecionassem uma opção para preencher a lacuna com a construção que considerassem que mais se ajustava ao contexto oferecido. Com esse teste, buscávamos observar, principalmente em ocorrências que nos *corpora* apresentaram algum tipo de

variabilidade, se os informantes iriam selecionar a alternativa original do contexto ou outra que se aproximasse da construção mais convencionalizada. Cabe sinalizar que, nessa parte do questionário, os participantes também tiveram a opção “outro” (opção aberta) para oferecer alguma informação caso as alternativas proporcionadas não fossem consideradas convenientes.

Tabela 39 – Contexto 1: Teste de Cloze para a CF *tirar la toalla*

1. *Cuando le queda apenas un año de presidencia, Obama dijo ser consciente de que esta será una de las tareas que dejará pendientes. Aun así, insistió, no _____ . “Que sea difícil no es excusa para no intentarlo”, dijo.*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
(a) <i>se puede tirar la toalla</i>	55 (75,3%)
(b) <i>se puede todavía tirar la toalla</i>	5 (6,8%)
(c) <i>se puede tirar todavía la toalla</i>	10 (13,7%)
(d) <i>se puede arrojar la toalla</i>	2 (2,7%)
(e) <i>Otro: se puede tirar la toalla todavía</i>	1 (1,4%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 39 mostra que 16,4% dos participantes sinalizaram alternativas com algum tipo de variabilidade na construção – opções em (c) e (d) –, enquanto 75,3% escolheram a alternativa em (a), que é de fato a construção original que aparece na ocorrência do *corpus*. Também tivemos uma resposta que propõe o uso do advérbio “ainda” [*todavía*] dentro do contexto, porém, não inserido dentro da estrutura da construção, nem entre a estrutura da perífrase modal, mas no final da CF.

Tabela 40 – Contexto 2: Teste de Cloze para a CF *tirar la toalla*

2. *Y me da la sensación de que el Gobierno ha decidido, _____ en el sentido de conseguir un sector industrial razonablemente competitivo.*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
(a) <i>ha tirado la toalla</i>	66 (90,4%)
(b) <i>ha arrojado la toalla</i>	2 (2,7%)
(c) <i>ha lanzado la toalla</i>	1 (1,4%)
(d) <i>Otro: tiró la toalla</i>	4 (5,5%)

Total	73 (100%)
--------------	----------------------

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 40, apresentamos uma ocorrência interessante que encontramos no *corpus*, um dado da oralidade: uma entrevista em um canal de televisão da Espanha, em que o falante realiza a enunciação pausada, corrigindo, talvez, a intencionalidade de dizer *ha decidido tirar la toalla* por *tiró la toalla*. O uso da construção que aparece na ocorrência no *corpus* é a alternativa em (b), selecionada por apenas 2,7% dos participantes. Nesse contexto, obtivemos também a opção *tiró la toalla* por 5,5% dos participantes, alternativa que se aproxima do uso mais convencionalizado da construção. Ainda que não faça parte dos nossos objetivos de pesquisa, é interessante observar que esses 5,5% optaram por não escolher a alternativa no pretérito perfeito composto do verbo [*tirar*] e responderam com o verbo no pretérito perfeito simples, tempo verbal que, como foi observado em Godoy Roa (2017), é de fato o mais frequente no uso dessa CF.

Tabela 41 – Contexto 3: Teste de Cloze para a CF *tirar la toalla*

3. *Ahora, mucho tiempo después de aquel relevo, era el propio Hermenegildo quien _____ y se desentendía del proyecto. Cuando hojeé el material en la terraza de la pensión, comprendí inmediatamente.*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
(a) <i>arrojaba la toalla</i>	8 (11,1%)
(b) <i>tiraba la toalla</i>	63 (87,5%)
(c) <i>lanzaba la toalla</i>	0 (0%)
(d) <i>Otro: había arrojado la toalla</i>	1 (1,4%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Como terceiro contexto de uso, apresentamos aos participantes a ocorrência trazida na Tabela 41, que no *corpus* aparece com a construção *arrojaba la toalla*, posicionada na alternativa em (a), que foi escolhida por 11,1% dos informantes. Assim, vemos que, novamente, a maioria optou pela realização da construção com o verbo da CF mais convencionalizada.

Observamos, na tabela, que a maioria dos participantes, 87,7%, escolheu marcar a alternativa que contém o sintagma nominal esperado da CF. Nenhum informante considerou

que a realização da CF com *[la esponja]* fosse a melhor opção, que correspondia ao dado original extraído do *corpus*. No entanto, para nossa surpresa, 6,8% dos participantes selecionaram a alternativa que considera a variabilidade do sintagma nominal da construção, aceitando e utilizando a modificação de *[la toalla]* por *[el guante]*. Embora seja um percentual baixo, é um resultado que nos chama a atenção, porque entre as alternativas foi apresentada uma opção que continha o uso mais convencionalizado da construção.

Tabela 42 – Contexto 4: Teste de Cloze para a CF *tirar la toalla*

4. *La verdad es que las compañías de seguro nunca quieren pagar los seguros; podría decirse que toda la publicidad que hacen es engañosa, porque en el momento en que uno las necesita tratan de escapar por cualquier medio de sus obligaciones. Si contrataron a Riquelme para resolver el caso quiere decir que _____ con los abogados.*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
(a) <i>tiraron la toalla</i>	64 (87,7%)
(b) <i>tiraron la esponja</i>	0 (0%)
(c) <i>tiraron el guante</i>	5 (6,8%)
(d) <i>Otro</i>	4 (5,6%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

É importante mencionar que, nas respostas desse dado, 5,6% dos participantes selecionaram a alternativa “outro”, preenchendo a lacuna com itens lexicais fora do contexto idiomático e manifestando não terem compreendido este último.

Tabela 43 – Contexto 5: Teste de Cloze para a CF *tirar la toalla*

5. *El grupo disidente esperaba que Laporta fuese el único sacrificado, pero esto era del todo inviable porque junto al presidente el resto de sus directivos más cercanos estaban dispuestos a seguirle dentro o fuera del club. Dado que el primer grupo de directivos veía imposible que Laporta se inmolase, decidieron _____*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
(a) <i>tirar la toalla</i>	68 (93,2%)
(b) <i>lanzar la toalla</i>	2 (2,7%)
(c) <i>lanzar rápido la toalla</i>	2 (2,7%)
(d) <i>Otro</i>	1 (1,4%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Na ocorrência do Contexto 5, apresentada na Tabela 43, a maioria dos participantes, 93,2%, selecionou a opção com o verbo [*tirar*], enquanto 5,4% optaram por uma alternativa com variabilidade no verbo principal: [*lanzar la toalla*] e [*lanzar rápido la toalla*]. A opção com *lanzar la toalla* é a que contém a sentença extraída do *corpus*. Nesse contexto, obtivemos também outra resposta, que sai totalmente do contexto idiomático.

Os dados analisados demonstram que os hispanofalantes das variedades da Colômbia e da Argentina tendem a preferir o uso da construção central *tirar la toalla*. Os resultados dos cinco contextos de uso apresentados aos participantes no questionário mostram que a alternativa contendo essa construção foi a mais selecionada. Nessa direção, pudemos observar que os informantes julgaram como natural as opções que não tinham a presença de variabilidade no sintagma nominal [*la toalla*], rejeitando, em maior grau, as alternativas com os sintagmas [*el guante*] e [*la esponja*]. Entretanto, também foi observado que os falantes tendem a aceitar mudanças no núcleo verbal da CF. Concluímos que, no que tange ao uso da CF *tirar la toalla*, a aceitabilidade da variação caminha em direção à construção que está mais sedimentada na cognição, a saber: o uso do verbo *tirar* com o complemento *la toalla* – sedimentação já discutida a partir da alta frequência de ocorrência nos dados em *corpora*. Esses resultados vão na mesma direção dos resultados obtidos por Godoy Roa (2017), já que foi possível observar que o maior grau de aceitabilidade dessa CF se dá em construções simples.

Dedicamos os próximos parágrafos à apresentação dos resultados dos testes aplicados da CF *poner el grito en el cielo*. Nas Tabelas 44 a 48, o leitor encontrará os resultados dos testes de aceitabilidade e, nas Tabelas 49 a 53, os resultados do Teste de Cloze. Cabe recordar que, como mencionamos no início deste capítulo, trata-se do mesmo questionário aplicado para a CF *tirar la toalla*, mas decidimos trazer os resultados de modo separado.

A primeira ocorrência da construção fraseológica *tirar la toalla* apresentada aos participantes foi aquela que continha a estrutura esperada. Os resultados do grau de aceitabilidade também foram os esperados, já que 95,9% dos informantes selecionaram uma das opções que se refere à naturalidade da ocorrência. A Tabela 44, adiante, mostra esses resultados e permite ver que 63% reconheceram que utilizam a construção na forma [*pondrán el grito en el cielo*], tal como é empregada dentro do contexto apresentado. O alto grau de aceitabilidade está em concordância com as informações proporcionadas pela quantificação

dos dados em *corpora*. A rejeição da ocorrência foi manifestada por 4,1% dos participantes, todos da variedade colombiana.

Tabela 44 – Aceitabilidade de uso da estrutura esperada da CF *poner el grito en el cielo*
6. *Se les fue la mano y el amante recurrió a la justicia. Si Paula acaba en la cárcel, la gente del toro -y especialmente los gitanos- «pondrán el grito en el cielo». Serán gritos perdidos porque la justicia no entiende de honores mancillados.*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
<i>Me suena natural y así lo uso</i>	46 (63%)
<i>Me suena natural, pero no lo uso</i>	24 (32,9%)
<i>No me suena natural</i>	3 (4,1%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 45, a seguir, apresenta os resultados da aceitabilidade de uma ocorrência com variabilidade no inventário de componentes da CF. A ocorrência traz a inserção do advérbio [*tanto*] entre o verbo e o complemento da construção fraseológica – inserção que foi aceita por 60,3% dos participantes e rejeitada por 39,7%. O grau de aceitabilidade foi maior em hispanofalantes da Colômbia, enquanto a rejeição ficou dividida entre as duas variedades consultadas.

Tabela 45 – Aceitabilidade de uso com variabilidade no inventário de componentes da CF
poner el grito en el cielo

7. *El tema de los informantes, por ejemplo, que se «puso tanto el grito en el cielo por eso...» los informantes toda la vida existieron en la Aduana, los utilizaron todos, la policía, el ejército, todos...*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
<i>Me suena natural y así lo uso</i>	21 (28,8%)
<i>Me suena natural, pero no lo uso</i>	23 (31,5%)
<i>No me suena natural</i>	29 (39,7%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

É interessante elencar esses resultados com os do dado apresentado na Tabela 46, adiante, que também apresenta aos participantes uma ocorrência com inserção de material lexical na mesma posição que o dado anterior.

Tabela 46 – Aceitabilidade de uso com variabilidade no inventário de componentes da CF *poner el grito en el cielo*

8. *Pese a su interés por desarrollar la rivera sur del Mediterráneo, bastaron los argumentos de un grupo de presión agrícola para que España «pusiera ayer el grito en el cielo» por 500 kilos de tomate concentrado.*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
<i>Me suena natural y así lo uso</i>	33 (45,2%)
<i>Me suena natural, pero no lo uso</i>	29 (39,7%)
<i>No me suena natural</i>	11 (15,1%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

O dado apresentado aos participantes tem o mesmo tipo de variabilidade que o da Tabela 45, com uma inserção de material lexical, [*ayer*], entre o verbo e o complemento da construção. É interessante observar que esse tipo de inserção foi mais aceito do que a de [*tanto*]: 84,9% dos informantes selecionaram uma das alternativas que mostra que a ocorrência foi aceita. A opção *Me suena natural y así lo uso* obteve 45,2% em contraste com 28,8% no dado anterior, com respostas distribuídas entre as duas variedades do espanhol representadas no questionário. Observamos que o número de participantes colombianos que selecionaram essa alternativa foi menor, em comparação com aqueles que escolheram a mesma opção no dado com inserção do advérbio [*tanto*].

Referente ao tipo de variabilidade na modificação do núcleo verbal da CF, foi apresentada aos participantes a ocorrência que trazemos na tabela a seguir:

Tabela 47 – Aceitabilidade de uso com variabilidade no verbo principal da CF *poner el grito en el cielo*

9. *Este impreso insiste en que estas clases privilegiadas son las que «han lanzado el grito en el cielo», acusando al legislador que intenta reformar las instituciones sociales.*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
<i>Me suena natural y así lo uso</i>	11 (15,1%)
<i>Me suena natural, pero no lo uso</i>	23 (21,5%)
<i>No me suena natural</i>	39 (53,4%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Vemos que, para 53,4% dos informantes, a troca do verbo [poner] por [lanzar] não gera aceitabilidade dentro do contexto oferecido e, além disso, 36,6% julgaram como natural a modificação realizada.

Na Tabela 48, adiante, apresentamos uma ocorrência dos *corpora* que, embora tenha aparecido apenas uma vez (entre 461 dados), consideramos relevante registrar, pois mostra que a CF licencia a alteração na ordem esperada dos componentes, colocando primeiro o complemento da CF e depois o verbo. Como se trata de uma ocorrência não esperada, decidimos testar sua aceitabilidade no questionário.

Tabela 48 – Aceitabilidade de uso com variabilidade na ordem dos componentes da CF *poner el grito en el cielo*

10. No obstante, «el grito en el cielo lo habían puesto» los padres, unos panaderos italianos, que, habiendo llegado en la miseria a Venezuela, se habían enriquecido trabajando.	
Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
<i>Me suena natural y así lo uso</i>	27 (37%)
<i>Me suena natural, pero no lo uso</i>	30 (41,1%)
<i>No me suena natural</i>	16 (21,9%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

É possível observar que o dado é realizado com uma variabilidade na ordem esperada dos constituintes, invertendo a sintaxe e resultando na ocorrência *el grito en el cielo lo habían puesto*. Essa inversão na ordem tem como consequência o uso de material lexical novo: o pronome complemento [lo], que cumpre a função de retomar [*el grito en el cielo*]. Os resultados do teste de aceitabilidade representam um fator interessante do dado, já que o número total de respostas está dividido nas três alternativas. Vemos que 37% consideraram que, mesmo com variabilidade na ordem sintática esperada, a ocorrência é natural e reflete o uso dos falantes da língua, enquanto 41,1% informaram que a ocorrência é natural, mas não representa seu uso pessoal. Assim, temos 78,1% de aceitação da mudança apresentada na CF.

Os aspectos analisados e apresentados nas Tabelas 44 a 48 permitem ver que a aceitabilidade da CF *poner el grito en el cielo* não ocorre na mesma direção para todas as variáveis, já que a troca do verbo foi altamente rejeitada. Essa rejeição pode ser ligada ao verbo em si, o que pode ter ocasionado não apenas um estranhamento por parte do falante,

mas também perda na interpretação idiomática da construção (e, conseqüentemente, ter levado à rejeição).

Passamos a observar os resultados do Teste de Cloze, recordando que o objetivo dessa parte do questionário era observar se os participantes iriam preencher a lacuna da ocorrência com a alternativa que continha a construção original encontrada nos dados em *corpora*.

A Tabela 49 apresenta o primeiro contexto da CF *poner el grito en el cielo*. Como alternativas os falantes tinham: uma construção com o verbo mais frequente, [*poner*], e duas com um verbo associado, [*pegar*]. A opção com o verbo da estrutura esperada foi a mais selecionada, com 82,2% das respostas, enquanto a mais escolhida entre as alternativas com variabilidade foi a última, com 12,3% das respostas. A opção que apresentava mais variabilidade obteve 4,1% das respostas e é a que foi encontrada no dado extraído do *corpus*. Vemos que 94,5% dos participantes optaram pelas opções que utilizam a preposição [*en*].

Tabela 49 – Contexto 1: Teste de Cloze para a CF *poner el grito en el cielo*

6. Por eso estoy aquí en la esquina. El viejo _____ cuando del hocico de puerco de mi hermana brotó el chisme de lo que había hecho en el colegio. En realidad ya mamá lo sabía, pues la Directora había telefonado la misma tarde.	
Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
(a) puso el grito en el cielo	60 (82,2%)
(b) pegó el grito al cielo	3 (4,1%)
(c) pegó el grito en el cielo	9 (12,3%)
(d) Otro: “La primera y la tercera suenan bien”	1 (1,4%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

O segundo contexto da CF que oferecemos aos participantes, apresentado na Tabela 50, adiante, mostra que 75,3% selecionaram a opção com a estrutura esperada da construção fraseológica, sem nenhum tipo de variabilidade. Entre as opções com alguma alteração na ordem sintática da CF, a alternativa em (c) foi a que teve mais frequência, sendo aquela que contém a estrutura que completa o contexto do *corpus*. Sobre esse contexto de uso, quatro participantes optaram por sinalizar outra opção, preenchendo a lacuna da ocorrência com uma troca do núcleo verbal, [*pegar*], mas mantendo a estrutura esperada da construção.

Tabela 50 – Contexto 2: Teste de Cloze para a CF *poner el grito en el cielo*

7. *¡No puedo con lo que tengo encima, y viene usted ahora a echarme todo el peso de sus sandeces! Pero ¿quieren ustedes apostar una cosa buena a que si la sociedad llegara a dar, en esos trances, una prueba de buen sentido, _____? ¿Adónde vamos a parar? ¿Qué es esto?*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
(a) <i>habían de pegar los dolientes el grito en el cielo</i>	4 (5,5%)
(b) <i>los dolientes pondrían el grito en el cielo</i>	55 (75,3%)
(c) <i>habían de poner los dolientes el grito en el cielo</i>	10 (13,7%)
(d) <i>Otro: los dolientes pegarían el grito en el cielo</i>	3 (4,1%)
(e) <i>Otro: hubieran puesto el grito en el cielo</i>	1 (1,4%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Na ocorrência organizada na Tabela 51, adiante, observamos que 87,7% das respostas foram para a alternativa que contém a construção de estrutura esperada da CF, que corresponde ao texto original do dado. 6,9% dos participantes optaram por alternativas que continham sentenças com algum tipo de variabilidade, seja no verbo ou na preposição. É interessante notar que também obtivemos como sugestão a omissão do verbo, embora não seja a única resposta nesse sentido, já que – e talvez devido ao contexto da ocorrência – quatro informantes responderam com opções literais, como “gritar de dor”.

Tabela 51 – Contexto 3. Teste de Cloze para a CF *poner el grito en el cielo*

8. - *¿Qué te parece que tiene? -preguntó. - La verdad es que no lo sé. Se queja de un dolor abdominal que no es típico, pero luego la exploración es un tanto discordante. Tiene el abdomen muy blando; sin embargo, cuando te vas a la palpación de los puntos apendiculares, _____ -contestó el residente que, evidentemente, no tenía muy clara la patología por la que había acudido la paciente.*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
(a) <i>pone el grito en el cielo</i>	64 (87,7%)
(b) <i>lanza el grito en el cielo</i>	1 (1,4%)
(c) <i>pone el grito al cielo</i>	3 (4,1%)
(d) <i>Otro: grita al cielo</i>	1 (1,4%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

O caso na Tabela 52 apresenta, também, uma preferência por parte dos informantes pela forma e estrutura sintática que consideramos como a esperada: 39,7% selecionaram uma opção contendo esse parâmetro. A opção que contém a CF com elementos lexicais separando o verbo do complemento foi escolhida por 26% dos participantes, alternativa com a estrutura extraída do texto original da ocorrência. Outras respostas se direcionaram mais à codificação do tempo verbal, mas ainda mantiveram o verbo esperado. Para esse contexto, obtivemos, ainda, duas respostas fora do contexto idiomático.

Tabela 52 – Contexto 4: Teste de Cloze para a CF *poner el grito en el cielo*

9. *Los creyentes que aquellas horas andaban haciendo lo que otros habían olvidado, _____, despertando hasta los más dormilones, que abandonaron presurosos sus camas para concurrir a la función.*

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
(a) <i>ponen el grito en el cielo</i>	20 (27,4%)
(b) <i>pusieron con todas sus fuerzas el grito en el cielo</i>	19 (26%)
(c) <i>pusieron el grito en el cielo con todas sus fuerzas</i>	29 (39,7%)
(d) <i>Otro: poner el grito en el cielo</i>	1 (1,4%)
(e) <i>Otro: pusieron el grito en el cielo</i>	1 (1,4%)
(f) <i>Otro: ponían el grito en el cielo</i>	1 (1,4%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

O último contexto da CF *poner el grito en el cielo* é um dado selecionado pelo fato de apresentar uma composição sintática interessante. A alternativa que corresponde ao original é *pusieron, como es lógico, el grito en el cielo*, uma estrutura que insere uma locução no meio da CF, entre vírgulas. Observamos, na Tabela 53, que essa opção foi julgada como adequada por apenas 19,2% dos participantes. A maioria – 49,3% – se inclinou pela alternativa que não insere material lexical, nem considera a locução antes ou depois da realização da CF.

Tabela 53 – Contexto 5: Teste de Cloze para a CF *poner el grito en el cielo*

10. Cuando las otras compañías norteamericanas tuvieron conciencia de la jugada, _____ y acusaron de intrigante a la Pan American, pues pretendía utilizar como base de partida San Francisco.

Alternativa seleccionada pelo participante	Número de respostas
(a) pusieron el grito en el cielo	36 (49,3%)
(b) como es lógico, pusieron el grito en el cielo	21 (28,8%)
(c) pusieron, como es lógico, el grito en el cielo	14 (19,2%)
(d) Otro: lógicamente pusieron el grito en el cielo	1 (1,4%)
Total	73 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Os dados proporcionados pelos resultados dos testes mostram que os falantes tendem a aceitar em maior grau as ocorrências que utilizam a estrutura esperada da CF: [VP + SN + SPREP]. Além disso, os falantes tendem a aceitar modificações no núcleo verbal da CF, mas não a inserção de material lexical dentro da estrutura do *chunk*.

Ao longo deste capítulo, apresentamos os resultados da análise da amostra de dados constituída em duas partes: ocorrências encontradas em três *corpora* do espanhol; e resultados de dois testes aplicados a hispanofalantes da Argentina e da Colômbia.

Vimos, nas seções dedicadas à análise de cada uma das CFs, a frequência de ocorrência da variabilidade nos dados da amostra e a percepção de falantes sobre essas mudanças nas construções fraseológicas. Nossa análise de dados permite comprovar o uso de construções diferentes, que resultam da expansão de significado de uma construção central, para serem utilizadas nos mesmos contextos de uso, com o mesmo significado, evidenciando que sua variabilidade não implica perda do conteúdo idiomático, mas caminhos de variação que aparecem devido à intervenção de processos cognitivos, tais como a categorização, a analogia e a associação transmodal.

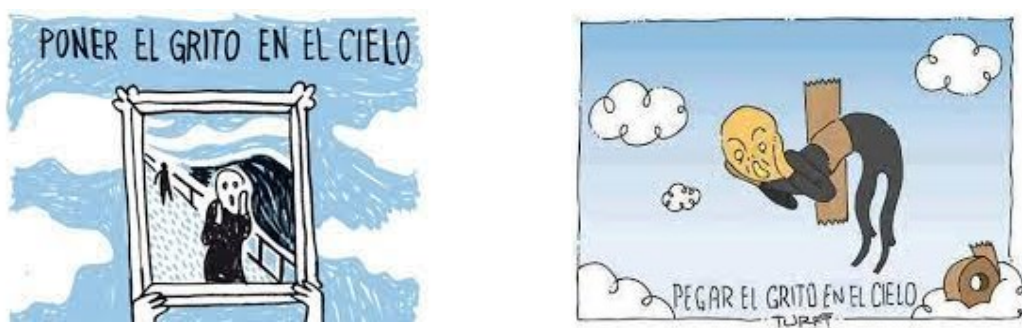
Ao comparar os comportamentos da CF *tirar la toalla* e da CF *poner el grito en el cielo*, podemos observar diferenças entre elas que, de algum modo, podem ser o resultado de um processo de convencionalização diferente, por causa da natureza da origem das duas construções fraseológicas. Enquanto *tirar la toalla* surge a partir de um contexto prático de uso – um esporte –, *poner el grito en el cielo* tem uma origem mais corpórea. É interessante comentar, nesse ponto, que uma rápida busca na internet (Google Imagens) oferece resultados como os seguintes:

Imagem 8 – Resultados de busca no Google Imagens para a CF *tirar la toalla*



Fonte: Extraído de Empodera (2017) e Blog 20 Minutos (2012).

Imagem 9 – Resultados de busca no Google Imagens para a CF *poner el grito en el cielo*



Fonte: Extraído do Blog Manualidades y Más (2016).

Como vemos, as imagens que aparecem na busca nos permitem vislumbrar um pouco a representação mental de cada uma das CFs em análise. Por um lado, a busca retorna uma imagem literal do contexto do boxe, origem a partir da qual se transfere um significado idiomático de desistência para outras situações (Imagem 8). Também vemos a imagem da toalha, do treinador e do boxeador derrotado no ringue. Por outro lado, a busca da segunda CF em análise retorna imagens que, ao tentarem mostrar a construção fraseológica em termos literais, resultam em memes, os quais, inclusive, representam de modo diferente a CF com [poner] e a CF com [pegar] (Imagem 9). Esse fator pode ajudar na interpretação de que a CF *poner el grito en el cielo* está mais avançada no caminho de convencionalização do que a CF *tirar la toalla*.

Os dados analisados mostram que, como já antecipado em Godoy Roa (2017), existe uma tendência de uso a partir da qual podemos entender a convencionalização ou institucionalização de cada uma das CFs. Durante a análise, identificamos que o maior grau de variabilidade se dá no âmbito lexical, dentro do núcleo verbal da construção, já que nas duas CFs o verbo utilizado é aquilo que apresenta mais variação.

A CF *tirar la toalla* tem mais frequência de ocorrência e mais presença de variabilidade na amostra dos *corpora*, comportamento que estaria corroborando a premissa da Gramática de Construções. Segundo esta última, sobre a relação entre a frequência e a esquematicidade de uma construção, quanto mais frequente uma construção é na língua, mais produtiva ela é, tendo, portanto, mais esquematicidade (DOBROVOL'SKIJ, 2016). No entanto, a variabilidade nessa CF não teve um alto grau de aceitabilidade por parte dos falantes.

Por sua vez, a CF *poner el grito en el cielo* é menos frequente nos dados em *corpora* e apresenta menos variabilidade – em termos da teoria fraseológica, ela seria classificada como uma unidade fraseológica fixa –, sendo que os falantes expressaram um maior grau de aceitabilidade da variação em âmbito sintático e lexical, além ser uma CF que apresenta um maior grau de idiomaticidade.

Assim, é possível concluir que a CF *poner el grito en el cielo* é a que mais se aproxima do protótipo de idiomatismo definido por Corpas Pastor (1997, p. 112), que considera que, quanto maior o grau de idiomaticidade e maior o grau de “fixação”, mais prototípica será a construção. Nesse sentido, vemos que *poner el grito en el cielo* estaria mais próxima do protótipo em comparação com *tirar la toalla*, embora as duas sejam idiomatismos não cristalizados e, portanto, construções fraseológicas.

5.3 RESPONDENDO ÀS PERGUNTAS E TESTANDO AS HIPÓTESES

Com base nas discussões apresentadas neste capítulo, julgamos pertinente abrir um espaço para responder às perguntas de pesquisa e testar as hipóteses lançadas no início da investigação, as quais reproduzimos a seguir:

Pergunta I – Entre as características apresentadas pela Fraseologia ao descrever as unidades fraseológicas – fixação, institucionalização e idiomaticidade –, quais se sustentam na análise do uso?

Hipótese – A característica da fixação não se sustenta na análise do uso, já que, como apontado por estudos anteriores dedicados à observação temporal e aspectual (GODOY ROA, 2017; OLIVEIRA; GODOY ROA, 2020), as construções fraseológicas apresentam variabilidade no nível morfológico e sintático sem comprometer o significado idiomático.

Resposta – A discussão apresentada a partir da análise em *corpora* e a codificação das ocorrências corroboram que há presença de variabilidade em âmbito morfológico, sintático e lexical. Essa variabilidade não resulta em perda de sentido idiomático nas CF analisadas. Confirmamos que, como apontado por Godoy Roa (2017), as construções fraseológicas licenciam a variação nos três níveis, incluindo alterações na ordem dos componentes e substituições de material lexical. Nesse sentido, podemos concluir que, conforme discutido nos dados em (20), (21), (22) e (23), a fixação como característica categórica do fenômeno idiomático não se sustenta no uso e a institucionalização poderia ser pensada como uma tendência (de uso), mais do que algo específico e obrigatório. Cabe recordar alguns pontos: o dado em (20) apresenta omissão do núcleo verbal da CF; o dado em (21) é uma ocorrência que inverte a ordem dos componentes esperados; o dado em (22) separa os *chunks* internos da CF com a inserção de material lexical utilizando vírgulas; e o dado em (23) insere um sintagma preposicional entre o verbo e o complemento. A seguir, reproduzimos os dados:

- (20) *La rabia de la española no se hizo esperar, en especial cuando una sonrisa burlona dio por sentado que con su estatura jamás podría dar réplica y bronca a Depardieu (la secuencia detallaba el momento en que la esposa descubre la infidelidad del marido y en lugar de achantarse le pone las cosas claras y **el grito en el cielo**). (CORPES; España: 2012)*
- (21) *Lo que para un muchacho normal hubiera sido un suceso normal, era para mi amigo una tragedia. Viviendo como vivía Hepewë con mis padres, en una urbanización de clase media alta, entre niñas sifrinas y la mayor parte bien blanquitas, terminó como era de esperarse enamorado de una muchacha rubia. La muchacha había sido muy decente, lo trataba como un amigo, aunque sin ir más allá. No obstante, **el grito en el cielo lo habían puesto los padres**, unos panaderos italianos, que habiendo llegado en la miseria a Venezuela habían enriquecido trabajando. (CORPES; Venezuela: 2004)*
- (22) *Cuando las otras compañías norteamericanas tuvieron conciencia de la jugada, **pusieron, como es lógico, el grito en el cielo** y acusaron de intrigante a la Pan American, pues pretendía utilizar como base de partida San Francisco. (CREA; España: 1991)*
- (23) *Los creyentes que aquellas horas andaban haciendo lo que otros habían olvidado, **pusieron con todas sus fuerzas el grito en el cielo**, despertando hasta los más dormilones, que abandonaron presurosos sus camas para concurrir a la función. (CREA; Colombia: 1988)*

Pergunta II – Levando em conta o fato de que a corrente cognitivista nasce do desejo de dar um lugar para os idiomatismos na gramática das línguas e, também, sabendo que é a partir da sua análise que surgem as diversas Gramáticas da Construção, como explicar a presença de

variabilidade no fenômeno fraseológico à luz de uma abordagem cognitivo-construcional baseada no uso?

Hipótese – Considerando estudos sobre construções fraseológicas da língua inglesa (LANGLOTZ, 2006; WULFF, 2008), acreditamos que exista variabilidade nas CFs porque esse tipo de estrutura faz parte de um emaranhado de redes e, como tal, é possível que os falantes estabeleçam relações entre os domínios cognitivos – explicados em Bybee (2016) –, tendo como resultado a ocorrência de variabilidade na estrutura básica da construção.

Resposta – A codificação dos fatores de análise dos dados nos *corpora* nos permitiu identificar cada um dos tipos de variabilidade que, embora não apresentem uma alta frequência, podem ser encontrados no uso das CFs com variação. A partir desse fato, foi possível confirmar que a variabilidade das CFs é estabelecida pela existência de um *continuum* intraconstrucional, que, através de um emaranhado de redes, possibilita formar relações entre as construções com variabilidade identificadas em cada uma das CFs analisadas. Ao encontrar os itens e componentes variáveis, identificamos os *chunks* internos de cada construção e realizamos uma proposta de representação para cada uma das CF, descrevendo os caminhos pelos quais é estabelecida a relação entre redes intraconstrucionais, para, assim, identificar que os processos cognitivos de corporização, categorização, analogia, memória, associação e *chunking* são ativados na mente dos falantes quando eles utilizam as CFs, o que resulta em construções fraseológicas com presença de variabilidade na sua estrutura.

Pergunta III – Considerando ser plausível contestar a fixação como uma característica indispensável de uma CF, fundamentada na Linguística Cognitiva, em que tipo de variação/mudança é maior o grau de aceitabilidade por parte de falantes nativos?

Hipótese – Em direção às duas hipóteses anteriores, esperamos observar, por meio da aplicação de um teste de aceitabilidade gramatical, o tipo de variabilidade/mudanças admitido por falantes nativos de dois países da América Latina – Colômbia e Argentina – na estrutura básica e institucionalizada de duas construções fraseológicas do espanhol (*tirar la toalla* e *poner el grito en el cielo*). Com base nos resultados publicados em Godoy Roa (2017) e Oliveira e Godoy Roa (2020), conjectura-se que sejam aceitas mudanças no nível lexical (troca

e/ou inserção de material lexical fora da estrutura base da CF), morfológico (Tempo e Aspecto verbal) e sintático (possibilidade de inversão ou alteração na ordem dos componentes da CF), concluindo, assim, que a fixação desse tipo de estrutura da língua não é uma propriedade absoluta, mas uma qualidade relativa.

Resposta – A terceira hipótese é parcialmente confirmada. A fixação, de fato, não é uma propriedade absoluta, mas uma qualidade relativa presente no uso desse tipo de construção. No entanto, encontramos uma tendência de uso que se direciona a uma estrutura específica em cada uma das CFs, que é a mais frequente nos dados dos *corpora* e a que tem um maior grau de aceitabilidade por parte dos falantes. Ou seja, a tendência de uso e de aceitabilidade se direciona ao uso das CFs nas suas formas *tirar la toalla* e *poner el grito en el cielo*. Embora os resultados dos testes aplicados tenham mostrado que os participantes aceitam mudanças no nível lexical, principalmente no que tange à troca do núcleo verbal da construção, ao confrontar as frequências identificamos que a aceitabilidade das ocorrências com a CF na estrutura, ordem e material lexical esperados teve um maior grau de aceitabilidade, em comparação com as ocorrências modificadas em algum dos níveis considerados na análise. No entanto, constatamos que a inserção de material lexical logo após o verbo foi a variação que mais teve aceitabilidade por parte dos falantes. Isso provavelmente se deve ao fato de que a inserção apresentada aos informantes é realizada com advérbios ou locuções adverbiais entre o *chunk* verbal e o *chunk* complemento das construções. Cabe recordar que a variação no nível morfológico foi respondida em trabalhos anteriores (GODOY ROA, 2017; OLIVEIRA, GODOY ROA, 2020), os quais, analisando a frequência de ocorrência das CFs em construções simples, constataram a tendência de uso das CFs *tirar la toalla* e *poner el grito en el cielo* no pretérito perfeito simples e no presente de indicativo.

Pergunta IV – Que convergências e/ou divergências é possível estabelecer entre os campos acionados – a Fraseologia e a Linguística Cognitiva –, em relação ao comportamento gramatical do fenômeno em estudo?

Hipótese – Por considerarmos dois campos teóricos distintos, as divergências entre a Fraseologia e a Linguística Cognitiva não são uma hipótese, senão uma obviedade. Contudo, esperamos que no debate teórico alguns pontos de confluência sejam identificados, tais como o conceito de *casillas vacías* (CORPAS PASTOR, 2003), que está presente em alguns estudos

fraseológicos e sustenta a ideia de construção gramatical dentro da Gramática de Construções (GOLDBERG, 2006).

Resposta – Conforme as discussões apresentadas no Capítulo 3 – especificamente na seção 3.4 –, corroboramos que há pontos de confluências nos dois campos acionados, principalmente no que se refere à concepção do fenômeno. Embora a Linguística Cognitiva prefira não ser categórica ao abordar a não flexibilidade do fenômeno, há uma concepção de sintaxe restrita. De acordo com as considerações resumidas no Quadro 4, a LC descreve que se trata de estruturas que aparecem, com frequência, em um número restrito de construções, enquanto a Fraseologia é mais categórica e define que a fixação consiste em não existirem possibilidades de alterar, modificar ou substituir o número e o inventário dos componentes das estruturas. As Figuras 7 e 8, que ilustram a inter-relação entre a Fraseologia e a Gramática de Construções, bem como o *continuum* entre o léxico e a gramática, buscaram estabelecer essas convergências conceituais. Concluímos que, mesmo quando as CFs não são construções altamente produtivas, esquemáticas e abstratas nas línguas, elas têm certas posições lexicalizadas que, dentro da sua estrutura sintática, apresentam algumas posições abertas, espaços ou *casillas*, os quais devem ser preenchidos com componentes léxicos que compartilhem traços semânticos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o fenômeno idiomático parece, às vezes, navegar por caminhos saturados de percepções, comparações e descrições sobre a particularidade do seu funcionamento e dos seus significados. Não é por acaso que esse fenômeno vem despertando o interesse de pesquisadores e linguistas desde a década de 1980. Os idiomatismos são, para os não especialistas, pura “sabedoria popular” e carregam histórias, imaginários de mundo e proporcionam uma relação indissolúvel entre língua e cultura. Para alguns, são considerados parte do patrimônio cultural imaterial de uma comunidade. Em comunidades que conservam a tradição oral como principal manifestação de herança, os idiomatismos são (entre outras coisas) matéria de aprendizado e são transferidos de geração em geração, compilando e transmitindo as experiências acumuladas sobre o mundo e normas sociais, morais e até religiosas.

Os mais cristalizados, os refrães, são suficientes em si mesmos, têm independência sintática, significação plena e não precisam de outras unidades da língua para terem sentido quando são falados. A única coisa de que eles precisam é o contexto de uso. No entanto, refrães que não variam – como *aunque la mona se vista de seda, mona se queda* – são apenas uma parte do enorme universo fraseológico. Locuções, colocações, fórmulas rotineiras e parêmiatas pertencem a esse grande mundo e, tal como afirmaram Fillmore, Kay e O’Connor, Lakoff e os precursores da Linguística Cognitiva, a gramática de uma língua pode ser pensada em termos de idiomatidade, pois os significados que o fenômeno idiomático traz estão no nosso dia a dia e em tudo o que falamos.

Nosso interesse em desenvolver esta pesquisa tem como ponto de partida a curiosidade de perceber essa presença idiomática na linguagem. Nosso percurso começou em 2015 e, sete anos depois, temos uma certeza: o tema não se esgota.

Retomando nossas principais descobertas, decidimos fazer uma ampla introdução no Capítulo 1, buscando apresentar nosso histórico de pesquisa e o caminho já percorrido. Nesse espaço, trouxemos os resultados sobre a frequência de uso de cinco CFs do espanhol em termos de Tempo e Aspecto verbal, a partir dos resultados da pesquisa de mestrado, que mostraram uma preferência em construções simples pelo uso de cinco construções fraseológicas – *tirar la toalla, poner el grito en el cielo, echar leña al fuego, hablar por los codos e pagar los platos rotos* – no pretérito perfeito simples e no presente do indicativo, além de uma tendência à variabilidade no Aspecto verbal. Nesse sentido, aquela primeira

pesquisa nos permitiu verificar a sensibilidade e, também, as licenças e as restrições na morfologia verbal e no contexto aspectual. Isso nos fez questionar a característica da fixação desse tipo de estrutura. Os resultados da pesquisa de 2017 abriram novas perguntas sobre como a fixação deveria ser entendida, sobre o caminho de cristalização de uma CF e, principalmente, sobre a própria mudança presente no uso de algumas ocorrências que, na época, encontramos na amostra (GODOY ROA, 2017).

Com essa curiosidade já instalada, tratamos de entender um pouco mais sobre a história da Fraseologia e estudos realizados no âmbito da disciplina. Buscando aproximar o leitor ao objeto e aos conceitos de fixação e idiomaticidade, trouxemos, no Capítulo 2, informações sobre a história e o panorama de estudos fraseológicos, descrevendo os trabalhos fundadores da Fraseologia espanhola e também as características e os critérios estabelecidos pela teoria ao longo dos anos. Problematizamos, nesse capítulo, a presença da variabilidade e o contexto das variantes fraseológicas, realizando alguns testes sobre os critérios e as características estabelecidos na Fraseologia, a partir de dados reais de uso. Ao longo da discussão proposta nesse capítulo, notamos que a Fraseologia reconhece a possibilidade de variação, então reposicionamos a lente e buscamos averiguar o porquê e também os caminhos pelos quais se direciona essa variabilidade.

O Capítulo 2 também permite observar que existem campos, dentro da teoria fraseológica, que reconhecem a necessidade de novas ferramentas e abordagens para ajudar a explicar o comportamento do fenômeno, em uma concepção que reconheça que estamos diante de uma estrutura da língua que apresenta elementos lexicais fixos, mas também espaços abertos a serem preenchidos, no uso, por itens lexicais livres (CORPAS PASTOR; MENA MARTÍNEZ, 2003; CORPAS PASTOR, 2021; LANGLOTZ, 2006; WULFF, 2008; 2013; entre outros).

Com esses elementos em mente, decidimos recorrer à corrente da Linguística Cognitiva como um paradigma de análise, para responder às perguntas que surgiram durante a pesquisa. Assim, chegamos ao entendimento de que elementos conceituais, como a categorização, a organização de significados, as relações de analogia e associação, bem como elementos da metáfora conceptual, poderiam nos ajudar a entender melhor o comportamento do fenômeno idiomático nos nossos dados. Esses temas são expostos no Capítulo 3, que também traz conceitos da Gramática de Construções, além de uma seção comparativa dos dois campos teóricos acionados, sem perder de vista que, no nosso caso, a Fraseologia é um plano de fundo que serve para contextualizar o objeto e realizar problematizações na análise.

Assim, encontramos, na concepção cognitivo-construcional da linguagem, meios sólidos para explicar a variabilidade, as irregularidades e os significados composicionais das duas CFs selecionadas. Seguindo o caminho de diversos autores (WULFF, 2008; LANGLOTZ, 2006; FELLBAUM, 2019; CORPAS PASTOR, 2021), adotar essa perspectiva nos proporcionou as ferramentas necessárias para analisar os dados, mostrando os caminhos de variabilidade e as conexões entre as variantes de cada construção fraseológica, bem como as diferenças na sua estrutura, frequência, distribuição dessa variabilidade e sua produtividade.

Entendemos que uma das principais contribuições desta pesquisa para o campo é a combinação de duas amostras de análise: os dados extraídos dos *corpora*; e os resultados de dois testes de julgamento gramatical aplicados a hispanofalantes da Argentina e da Colômbia. Dedicamos o Capítulo 4 à descrição de todos os cuidados metodológicos que tivemos na constituição da amostra, no tratamento dos dados e na delimitação das categorias de análise, definidas a partir dos tipos de variantes descritos no Capítulo 2 (variante lexical verbal: troca de verbo; variante lexical nominal: troca de DP; variante morfossintática: inserção de material lexical; e variante sintática: alteração ordem dos componentes).

Por fim, no Capítulo 5, discorremos sobre a descrição e a representação da estrutura das CFs *tirar la toalla* e *poner el grito en el cielo*, bem como os caminhos de variabilidade, trazendo a quantificação dos dados em termos de esperado *vs.* modificado e analisando a frequência de uso (com ênfase na variabilidade). O modelo e a metodologia de análise que adotamos nos proporcionou ferramentas suficientes para evidenciar, a partir de uma amostra baseada no uso, que o comportamento das construções fraseológicas não é aleatório, diferentemente do que afirmava a tradição gerativista. Existe uma tendência de uso que licencia algumas modificações estruturais, tais como a troca/substituição do núcleo verbal da CF e a inserção de material lexical, principalmente advérbios dentro da estrutura da construção. Essa tendência evidencia que as CFs em análise têm uma estrutura interna: elas são formadas por *chunks* internos que se conectam e se unem para dar lugar a um *chunk* maior, o qual carrega um significado idiomático. No caso da CF *tirar la toalla*, encontramos os *chunks* [VP - *tirar*], com presença de variabilidade na substituição do verbo por *chunks* como [VP - *arrojar*] ou [VP - *lanzar*], além de o [DP - *la toalla*] ser trocado por *chunks* como [DP - *la esponja*] ou [DP - *el guante*]. No que tange à CF *poner el grito en el cielo*, identificamos os *chunks* [VP - *poner*], núcleo verbal que apresentou uma ampla variabilidade nos dados da amostra, sendo substituído por nove verbos diferentes, entre os quais [VP -

pegar], [VP - *alzar*] e [VP - *levantar*]. Os *chunks* que complementam o verbo, [DP - *el grito*] e [PP - *en el cielo*], não apresentaram variabilidade.

Além da análise da amostra nos *corpora*, recorremos a um questionário, que nos permitiu vislumbrar um caminho de aceitabilidade por parte de falantes nativos da língua espanhola. Optamos por aplicar um teste de aceitabilidade e o Teste de Cloze a hispanofalantes que não fossem especialistas em questões de língua/literatura, considerando que nativos não familiarizados com análises da linguagem poderiam nos ajudar a observar a idiomaticidade e o comportamento das CFs, não como iniciativas conscientes, mas como um fenômeno perpetuado de modo inconsciente pela comunidade de falantes em geral. Os resultados dos testes mostraram que existe uma maior tendência a aceitar o uso esperado das duas CFs (uso de maior frequência de ocorrência nos dados em *corpora*) e, conseqüentemente, o uso mais sedimentado. É importante destacar que o menor grau de aceitabilidade das ocorrências com variação não significou uma rejeição.

A análise nos levou a perceber que o uso dominante de alguns padrões pode corresponder ao nível de adequação a contextos recorrentes. Por esse motivo, os padrões mais produtivos têm um maior nível de sedimentação. Assim, não surpreende que a frequência de ocorrência nos *corpora* coincida com os processos de aceitabilidade por parte dos falantes aos quais aplicamos os testes.

A partir da análise, chegamos à conclusão de que as construções fraseológicas representam tendências de uso, padrões sintáticos que, ao mesmo tempo, podem funcionar como elementos léxicos. Em outras palavras, entender as CFs como unidades lexicais não deve ser determinado por seu padrão sintático, mas pelo fato de o significado subjacente ser um significado léxico: a CF *tirar la toalla* significa “desistir”, enquanto a CF *poner el grito en cielo* se refere a “protestar”.

Os caminhos de variabilidade descritos ao longo desta tese evidenciam que as CFs licenciam modificações que não resultam em construções e significados diferentes, mas em uma nova combinação de palavras expandida na cognição a partir da interação de dois componentes semânticos: (i) o significado da construção e dos verbos; e (ii) os itens lexicais que participam da construção.

Em suma, a presente tese é uma tentativa de contribuir para o debate sobre a representação e a variação dos idiomatismos em uma perspectiva cognitivo-construcional. Ao focarmos na estrutura, nas características de duas CF do espanhol e nas suas relações com processos cognitivos gerais, fizemos uma contribuição para a noção de linguagem como

construção e como uma ferramenta para avançar no entendimento sobre o modo como o fenômeno fraseológico reflete estruturas da cognição, buscando direcionar novas pesquisas para a aplicação de tais respostas ao ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, especialmente da língua espanhola.

Nesse panorama, o presente trabalho traz à tona aspectos da variabilidade fraseológica que poderiam delimitar um campo de estudo em direção a uma “Fraseologia Cognitiva”, estabelecendo hierarquias dentro de um conhecimento fraseológico de nível geral. Nesse sentido e admitindo que o universo do fenômeno idiomático ainda tem muitas coisas por descobrir – e que, como mencionamos em parágrafos anteriores, não se trata de um tema esgotado –, apresentamos alguns possíveis desdobramentos para estudos futuros:

- Ampliar a amostra das duas CFs analisadas de modo a contemplar o uso atual da linguagem em redes sociais (Twitter ou Instagram, por exemplo), a fim de observar se são mantidas as tendências estabelecidas nesta tese.
- Expandir o modelo de análise desta tese às CFs *echar leña al fuego*, *hablar por los codos* e *pagar los platos rotos*, construções também analisadas em termos de Tempo e Aspecto verbal em Godoy Roa (2017).
- Examinar o fenômeno das CFs à luz de teorias da gramaticalização e lexicalização, buscando respostas sobre o processo de mudança considerando a convencionalização e a sedimentação (*entrenchment*) de construções fraseológicas.
- Analisar o processamento da sedimentação (*entrenchment*) dessas construções para entender como e em que medida tal processo se relaciona à convencionalização. Além disso, investigar a relação da sedimentação e da variabilidade com o custo de processamento, associando essas reflexões ao princípio da marcação.
- Realizar estudos de revisões sistemáticas sobre o fenômeno em diferentes línguas para estabelecer comparações metodológicas.

REFERÊNCIAS

- Alarcos Llorach, E. (2000). **Gramática de la lengua española**. Madrid: ESPASA, 2000.
- ALBANO, C. S. **La variación en los tiempos verbales en la variedad neutral del doblaje al español de la película Río**. Trabalho de conclusão de curso. Centro de Comunicação e Expressão. Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- ALVARADO ORTEGA, M. Sobre el concepto de variación fraseológica. *In: ELUA*, n. 22, 2008, p. 9-21.
- BALSILIEMKE, P. **Da sieht die Welt schon anders aus**. Phraseologismen in der Anzeigenwerbung Modifikation und Funktion in Text-Bild-Beziehungen. Hohengehren: Schneider Verlag, 2001.
- BATES, E. *et al.* Innateness and emergentism. *In: W. Bechtel & G. Graham (Eds.). A companion to cognitive science*. Oxford: Blackwell, 1998, p. 590-601.
- BECKHAUSER, A. S. **A frequência de uso de locuções idiomáticas em livros didáticos de espanhol como língua estrangeira: uma pesquisa com base em corpus**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2014.
- BLOG 20 MINUTOS. **¿Cuál es el origen de la expresión ‘tirar la toalla’?** 2012. Disponível em: <https://blogs.20minutos.es/yaestaellistoquetodolosabe/cual-es-el-origen-de-la-expresion-tirar-la-toalla/>. Acesso: set., 2020.
- BLOG MANUALIDADES Y MÁS. **Entretenimiento**. 2016. Disponível em: <http://mmorales22.blogspot.com/2016/03/entretenimiento.html>. Acesso: set., 2020.
- BURGER, H. Idiom and metaphor: Their relation in theory and text. *In: P. D'urc'o (Ed.). EUROPHRAS '97*. Phraseology and paremiology. Bratislava: Akadémia PZ, 1998, p. 30-36.
- BUTLER, C.; GONZÁLVEZ-GARCÍA, F. La Lingüística Cognitiva y el Funcionalismo. *In: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. (Orgs.). Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2016, p. 349-374.
- BYBEE, J. The Emergent Lexicon. *CLS 34: The Panels*, 1998, p. 421-435.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. *In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (Eds.). The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *In: Language*, n. 82, 2006, p. 711-733.
- BYBEE, J. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press.

BYBEE, J. Markedness: Iconicity, Economy, and Frequency. *In*: SONG, J. J. (Ed.) **The Oxford Handbook of Linguistic Typology**, 2010, p. 131-147. Disponível em: <http://www.unm.edu/~jbybee/downloads/Bybee2010Markedness.pdf>. Acesso: ago., 2015.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CARVALHO RIOS, T. As expressões idiomáticas no ensino de espanhol como língua estrangeira. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 13, n. 2, p. 393-418, jul./dez, 2009.

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: C.S.I.C., 1950.

COLADO, G. D. **Fraseología del español en la enseñanza del ELE**: caracterización general y principios metodológicos, con especial atención a los somatismos. Memoria de Máster. Universidad Complutense de Madrid. 2004.

CORPAS PASTOR, G. **Un estudio paralelo de los sistemas fraseológicos del inglés y del español**. Tese de Doutorado. Málaga: Universidad Complutense de Madrid, 1994.

CORPAS PASTOR, G. Discoursal Functions of Proverbs: A Corpus-based Study. **Estudios ingleses de la Universidad Complutense**, ISSN 1133-0392, n. 3, 1995, p. 101-110

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

CORPAS PASTOR, G. Criterios generales de la clasificación del universo fraseológico de las lenguas, con ejemplos en español y en inglés. *In*: ALVAR EZQUERRA, M.; CORPAS PASTOR, G. (Coords.). **Diccionarios, frases, palabras**. Málaga: Servicio de Publicaciones de la Universidad, 1998, p. 157-187.

CORPAS PASTOR, G. Corrientes actuales de la investigación fraseológica en Europa. Euskera: Euskaltzaindiaren lan eta agiriak = Trabajos y actas de la Real Academia de la Lengua Vasca = Travaux et actes de l'Academie de la Langue basque, ISSN 0210-1564, **Liburukia 46**, n. 1, 2001, p. 21-49.

CORPAS PASTOR, G. Constructional idioms of 'insanity' in English and Spanish: A corpus-based study. *In*: **Lingua**. International review of general linguistics. No. 254, 2021, p. 1-20.

CORPAS PASTOR, G.; MENA MARTÍNEZ, F. Aproximación a la variabilidad fraseológica de las lenguas alemana, inglesa y española. *In*: **ELUA**, n. 17, 2003, p. 181-201.

COSERIU, E. **Principios de semántica estructural**. Madrid: Gredos, 1977

COSTA, J. **Sgt. Pepper-s Lonely Hearts Club Band, dos Beatles, no contexto brasileiro**: um estudo de caso sobre as estratégias de tradução das expressões idiomáticas. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

CROFT, W.; CRUSE, A. **Lingüística Cognitiva**. Madrid: Akal, 2008.

CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Ariel, 1999.

CUNHA, M. A. F. da; COSTA, M. A.; CEZÁRIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29-55.

DIESSEL, H. **The Grammar Network**. How Linguistic Structure is Shaped by Language Use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DOBROVOL'SKIJ, D. Fraseología y Gramática de Construcciones. **Language Design: Journal of Theoretical and Experimental Linguistics**, ISSN-e 1139-4218, n. 18, 2016, p. 71-106.

DOBROVOL'SKIJ, D. On some specific features of conventional figurative language. **Studies in Psychology = Estudios de Psicología**, ISSN 0210-9395, ISSN-e 1579-3699, v. 42, n. 2, 2021, p. 373-398.

DOBROVOL'SKIJ, D.; PIIRAINEN, E. Conventional figurative language theory and idiom motivation. **Lenguaje figurado y competencia interlingüística. Lenguaje figurado y competencia interlingüística (I): Aspectos teóricos**, ISBN 978-84-9045-691-0, 2018, p. 1-12.

EMPODERA. **Talent Search: El Momento en el que quieres “tirar la toalla”**. 2017. Disponível em: <https://www.empodera.cl/talent-search-el-momento-en-el-que-quieres-tirar-la-toalla/>. Acesso: set., 2020.

FELLBAUM, C. How flexible are idioms? A corpus-based study. **Linguistics**, 57 (4), 2019.

FÉREZ, P. C. La semántica conceptual. *In*: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. (Orgs.). **Lingüística Cognitiva**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2016, p. 189-211.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2014.

FILLMORE, C. J. Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction. **Proceedings of the 11th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 1985, p. 73-86.

FILLMORE, C. J. Grammatical Construction Theory and the Familiar Dichotomies. **North-Holland Linguistic Series: Linguistic Variations**, v. 54, 1989, p. 17-38.

FILLMORE, C., KAY, P., O'CONNOR, M. C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The case of Let Alone. *In*: **Language**, v. 64, n. 3, 1988, p. 501-538.

FLEISCHER, W. **Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache**. Leipzig: VEB Bibliographisches Institut Leipzig, 1982.

GARCÍA BENITO, A. Expresiones idiomáticas: el problema de las variantes. *In*: **Interlingüística**, 1997, n. 6, p. 47-52.

- GARCÍA-PAGE, M. Propiedades lingüísticas del refrán (I). **Epos: Revista de filología**, ISSN 0213-201X, n. 6, 1990, p. 499-510
- GARCÍA-PAGE, M. Fraseologismos oracionales. **Contextos**, n. 25-26, 1995, p. 79-92.
- GARCÍA-PAGE, M. Variantes morfológicas y unidades fraseológicas. **Revista Paremia**, n. 8, 1999, Madrid, p. 225-230.
- GARCÍA-PAGE, M. ¿Son las expresiones fijas expresiones fijas? **Revista Moenia**, n. 7, 2001, Madrid, p. 165-197.
- GARCÍA-PAGE, M. Esquemas sintácticos de formación de locuciones adverbiales. **Revista Moenia**, n. 13, 2007, p. 121-144.
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. Tense, aspect and modality I: functional organization. *In: Syntax – an introduction*. V. 1. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001, p. 285-335.
- GLÄSER, R. Syntaktische und semantische Aspekte der Klassifizierung von Phraseologismen. *In: A. Neubert (Ed.). Zur lexikalischen Semantik des Englischen*. Berlin: Akademie, 1978, p. 78-98.
- GLÄSER, R. A Plea for Phraseo-Stylistics' *In: D. Kastovsky y A. Szwedek (Eds.). Linguistics across Historical and Geographical Boundaries 1*. Linguistic Theory and Historical Linguistics. Berlin, New York, Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1986, p. 41- 52.
- GLÄSER, R. The Stylistic Potential of Phraseological Units in the Light of Genre Analysis. *In: A. P. Cowie (Ed.). Phraseology. Theory, Analysis and Applications*. Oxford: Clarendon Press, 1998, p. 125-143.
- GODOY ROA, M. A. **Estudo do tempo e do aspecto no uso de Construções Fraseológicas do espanhol: um olhar para a frequência com base em corpora**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
- GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. London: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. *In: Trends in Cognitive Sciences*. V. 7, n. 5, 2003, p. 219-224.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work: the nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.
- GONZÁLVEZ-GARCÍA, F. La(s) gramática(s) de construcciones. *In: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. (Orgs.). Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2016, p. 249-280.

- GROSS, M. Sur les déterminants dans les expressions figées. **Langages**, 79, 1985, p. 89-117.
- GROSS, M. Lexique-grammaire et adverbos: deux exemples. **Revue québécoise de linguistique**, 15, 2, 1986, p. 209-311.
- GROSS, M. **Les expressions figées en français**: noms composés et autres locutions. Gap-Paris: Ophrys, 1996.
- HEALEY, A. English idioms. **Kivung**, 1/2, 1986, p. 71-108.
- IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. **Linguística Cognitiva**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2016.
- IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. Lingüística Cognitiva: origen, principios y tendencias. *In*: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. (Orgs.). **Lingüística Cognitiva**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2016, p. 13-38.
- ISACENKO, A. V. Morphologie, syntaxe et phraséologie. *In*: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 7, 1948, p. 17-32.
- JOHNSON, M. **The body in the mind**: The bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. **The invariance hypothesis**: is abstract reason based on image-schemas. *In*: **Cognitive Linguistics**, 1-1, 1990, p. 39-74.
- LAKOFF, G. Mapping the brain's metaphor circuitry: metaphorical thought in everyday reason. *In*: **Frontiers in human Neuroscience**, v. 8, 2014, p. 1-14.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; TURNER, M. **More Than Cool Reason**: A Field Guide to Poetic Metaphor. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar**. Volume I: Theoretical Prerequisites. Standford: Standford University Press. 1987.
- LANGACKER, R. **Concept, Image, and Symbol**. The Cognitive Basis of Grammar. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991.
- LANGACKER, R. **Grammar and conceptualization**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.

LANGACKER, R. Why a mind is necessary: Conceptualization, grammar, and linguistic semantics. *In*: ALBERTAZZI, L. (Ed.). **Meaning and cognition: A multidisciplinary approach** (p. 25-38). Amsterdam: John Benjamins, 2000.

LANGACKER, R. Constructions in cognitive grammar. **English Linguistics**, 20, 2003, p. 41-83.

LANGACKER, R. **Cognitive Grammar**. A basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. Cognitive (construction) grammar. **Cognitive Linguistics**, 20 (1), 2009, p. 167-176.

LANGLOTZ, A. Cognitive principles of idiom variation – idioms as complex linguistic categories. **Studi Italiani di Linguistica Teorica e Applicata**, 2, 2001, p. 289-302.

LANGLOTZ, A. **Idiomatic Creativity: A cognitive-linguistic model of idiom-representation and idiom-variation in English**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006.

LIPSCHITZ, E. La nature sémanto-structurelle des phraséologismes analytiques verbaux. **Cahiers de lexicologie**, I, 38, 1981, p. 35-44.

MAKKAI, A. **Idiom structure in English**. The Hague: Mouton, 1972.

MALDONADO, R. La gramática cognitiva. *In*: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. (Orgs.). **Lingüística Cognitiva**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2016, p. 213-247.

MENA MARTÍNEZ, F. 2002. **La desautomatización de las paremias inglesas por sustitución: un estudio cognitivo**. Tesis doctoral. Universidad de Murcia, 2002. ISBN 84-8371-324-1.

MENA MARTÍNEZ, F. En torno al concepto de desautomatización fraseológica: aspectos básicos. **Tonos digital: Revista de estudios filológicos**, n. 5, ISSN-e 1577-6921, 2003.

MOON, R. **Fixed expressions and idioms in English**. A corpus-based approach. Oxford: Clarendon Press, 1998.

MORILLAS, J. M. M. Observaciones sobre lenguaje, signos y proyecciones simbólicas. **Alfinge: Revista de filología**, n 9, ISSN 0213-1854, 1997, p. 247-256.

NAVARRO, C. **Didáctica de las unidades fraseológicas**. Cultura e intercultura en la enseñanza de español como lengua extranjera. 2005. Disponível em <http://www.ub.es/filhis/culturele/cnavarro.html>. Acesso: out., 2019.

NOIMANN, A. **Um olhar sobre os fraseologismos (locuções) em um dicionário bilingüe escolar espanhol-português/português-espanhol**. Dissertação de Mestrado em Letras. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

NUNBERG, G. **The Pragmatics of Reference**. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1978.

NUNBERG, G.; SAG, I. A.; WASOW, T. Idioms. *In: Language*, v. 70, n. 3, 1994, p. 491-538.

OLIVEIRA, L. C. de. **Estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto no espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes**. Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

OLIVEIRA, L. C. de; GODOY ROA, M. A. De la fraseología a una perspectiva cognitivista centrada en el uso: un debate sobre variabilidad y fijación. **Rev. Estud. Ling.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 331-358, 2020.

PALM, CH. **Phraseologie**. Eine Einführung. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1995.

PAWLEY, A. Phraseology, linguistics and the dictionary. **International Journal of Lexicography**, v. 14, n. 2, 1998, p. 122-134.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. Para una didáctica de las unidades fraseológicas. **Lingüística para el siglo XXI: III Congreso**, v. 2, 1999, ISBN 84-7800-946-9, p. 1235-1242.

PERAMOS SOLER, N.; BATISTA RODRÍGUEZ, J. Unidades fraseológicas y variación. Ogiya. **Revista electrónica de estudios hispánicos**, n. 3, 2008, p. 43-52.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Linguística funcional, linguística cognitiva e gramática de construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. **Revista Linguística**, v. 16, n. Especial Comemorativo, 2020, p. 595-621.

QUINTERO, M. **Colombianadas**. Colombian English Dictionary. Bogotá: Editorial Planeta Colombiana S.A. 2012.

ROOS, E. Kontrastive Überlegungen zur deutschen, englischen, und französischen Idiomatik. **Sprache und Literatur in Wissenschaft und Unterricht**, 16/56, 1985, p. 74-80.

ROOS, E. Idioms. *In: DIRVEN, R; PUTSEYS, Y. (Eds.). A User's Grammar of English: Word, Sentence, Text, Interaction*. Frankfurt am Main, Bern, New York y Paris: Peter Lang, 1989, p. 215-241.

RUIZ GURILLO, L. Algunas consideraciones sobre las estrategias de aprendizaje en la fraseología del español como lengua extranjera. **Problemas y métodos en la enseñanza del español como lengua extranjera: actas del IV Congreso Internacional de ASELE** (Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera), 1994, ISBN 84-7143-498-9, p. 141-152.

RUIZ GURILLO, L. **El español coloquial y su fraseología: los sintagmas prepositivos fraseológicos y su incidencia funcional**. Tesis doctoral dirigida por Antonio Briz Gómez (dir. tes.). Universitat de València. 1995.

- RUIZ GURILLO, L. **Sobre la fraseología coloquial: corpus e investigación.** El español, lengua internacional (1492-1992). Coord. por Francisco Gutiérrez Díez, ISBN 84-605-5063-X, 1996, p. 493-498.
- RUIZ GURILLO, L. **Aspectos de Fraseología teórica española.** Valencia, Universita, 1997.
- RUIZ GURILLO, L. **Fraseología para la ironía en español.** Estructuras léxicas y estructura del léxico. Coord. por Azucena Palacios; Elena de Miguel Aparicio (aut.), Ana Serradilla Castaño (aut.), 2006, ISBN 978-3-631-55002-1, 2006, p. 129-148.
- RUIZ GURILLO, L. Interrelaciones entre gramaticalización y fraseología en español. **Revista de filología española.** 2010, p. 173-194.
- SÁNCHEZ, M. Explorando la definición real de los fraseologismos. **Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación**, v. 24, 2005, p. 47-73.
- SANCHO, P. **Introducció a la fraseologia.** Aplicació al valencià coloquial. València: Denes, 1999.
- SCHINDLER, F. **Das Sprichwort im heutigen Tschechischen.** Empirische Untersuchung und semantische Beschreibung. München: Otto Sagner, 1993.
- SCHMID, H. **Entrenchment and the psychology of language learning: how we reorganize and adapt linguistic knowledge.** Washington, D.C.: American Psychological Association, 2017.
- TÓTHNÉ-LITOVKINA, A. The Use of Proverbs in Contemporary Hungarian Society. A Study of National Identity among Hungarians of Tolna County through Proverbs. **S-European Journal for Semiotic Studies**, 4, 1992, p. 289-316.
- VALENZUELA, J.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; HILFERTY, J. La semántica cognitiva. *In*: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. (Orgs.). **Lingüística Cognitiva.** Barcelona: Anthropos Editorial, 2016, p. 41-68.
- VIGARA TAUSTE, A. M. Aspectos pragmático-discursivos del uso de expresiones fosilizadas en el español hablado. *In*: WOTJAK, B. (Ed.). **Estudios de fraseología y fraseografía del español actual.** Vervuert: Lingüística Iberoamericana, 1998, p. 97-127.
- VRANIC, G. **Hablar por los codos.** Frases para un español cotidiano. Madrid: Edelsa, 2004.
- XATARA, C.; RIVA, H.; RIOS, T. As dificuldades na tradução de idiomatismos. **Cadernos de Tradução.** Florianópolis: NUT, 2001, v. 8, p. 183-194.
- WOTJAK, B. **Verbale Phraseolexeme in System und Text.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1992.
- WULFF, S. **Rethinking Idiomaticity.** A Usage-based Approach. Continuum: London and New York, 2008.

WULFF, S. Words and idioms. *In*: HOFFMANN, T. H., TROUSDALE, G. (Eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford and New York: Oxford University Press, 2013, p. 274-289.

ZAMORA MUÑOZ, P. La Gramática de las construcciones: nuevas unidades fraseológicas y su traducción italiano-español. **Enfoques actuales para la traducción fraseológica y paremiológica**: ámbitos, recursos y modalidades. Coord. por Germán Conde Tarrío, Pedro Mogorrón Huerta, David Prieto García-Seco, ISBN 978-84-608-1507-5, 2015, p. 23-34.

ZULUAGA OSPINA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt a. M.: Verlag Peter D. Lang, 1980.